

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS(MESTRADO)

NADDIA MARIA ROCHA ALVES

**OS MANUSCRITOS DE DONA AGMAR DOS SANTOS, PRIMEIRA
PROFESSORA MUNICIPAL DE MARINGÁ-PR: PROPOSTA DE ESTUDO SOB O
OLHAR DA CRÍTICA GENÉTICA**

MARINGÁ – PR
2025

NADDIA MARIA ROCHA ALVES

**OS MANUSCRITOS DE DONA AGMAR DOS SANTOS, PRIMEIRA
PROFESSORA MUNICIPAL DE MARINGÁ-PR: PROPOSTA DE ESTUDO SOB O
OLHAR DA CRÍTICA GENÉTICA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, linha de pesquisa: **Descrição Linguística**.

Orientador: Prof. Dr. Hércius Batista Pereira

MARINGÁ – PR
2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

A474m

Alves, Naddia Maria Rocha

Os manuscritos de Dona Agmar dos Santos, primeira professora municipal de Maringá-PR : proposta de estudo sob o olhar da crítica genética / Naddia Maria Rocha Alves. -- Maringá, PR, 2025.

262 f. : il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Hércius Batista Pereira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Crítica genética - Linguística. 2. Transcrição semidiplomática. 3. Educação maringaense - Pioneira Agmar dos Santos. 4. Manuscritos - Pioneira Agmar dos Santos. I. Pereira, Hércius Batista, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

NADDIA MARIA ROCHA ALVES

**OS MANUSCRITOS DE DONA AGMAR DOS SANTOS, PRIMEIRA
PROFESSORA MUNICIPAL DE MARINGÁ-PR: UMA PROPOSTA DE ESTUDO
SOB O OLHAR DA CRÍTICA GENÉTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em Maringá, **01 de julho de 2025**.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **HELCIUS BATISTA PEREIRA**
Data: 02/07/2025 14:48:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hércius Batista Pereira
Presidente da Banca (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIO BRANDAO SILVA**
Data: 09/07/2025 10:09:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Flávio Brandão Silva
Membro Titular (UEM/PLE)

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO MODOLO**
Data: 02/07/2025 22:28:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Módolo
**Membro Titular Externo (USP -
São Paulo/SP)**

A todos que estiveram
junto a mim e, de alguma
forma, ofereceram-me
apoio.

Agradecimentos

A jornada até aqui foi marcada por desafios, superações e muitas mãos estendidas. É impossível chegar a este momento sem reconhecer e agradecer a cada uma das pessoas — e também aos sentimentos e experiências — que fizeram parte desse processo.

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder sabedoria e discernimento nos momentos em que duvidei de mim mesma, quando me senti incapaz de seguir adiante.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Hércius Batista Pereira, a quem sou profundamente grata pela orientação atenciosa, paciente e acolhedora, além da forma como tornou esse percurso mais leve e possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), meu sincero agradecimento pelo financiamento que tornou viável o desenvolvimento desta pesquisa.

À banca examinadora, composta pelos professores Dr. Marcelo Módolo e Dr. Flávio Brandão, agradeço pelas contribuições valiosas durante a qualificação, que foram essenciais para a construção de um trabalho mais sólido e comprometido com a excelência.

Ao Ted, meu melhor amigo de quatro patas, que chegou para completar meus dias com amor incondicional e presença bagunceira, mas transformadora.

Agradeço à minha mãe, por suas palavras sempre acolhedoras e por ser meu porto seguro.

Ao meu pai, que, com suas palavras "agridoces", também teve sua forma única de me apoiar.

Aos meus irmãos, por estarem ao meu lado com suas risadas, provocações e companhia indispensável, que tornaram a caminhada mais leve e divertida.

Não posso deixar de mencionar a minha professora de Língua Portuguesa do ensino médio, Gisa, e os docentes da graduação, que foram inspirações

fundamentais na minha formação e no meu desejo de seguir adiante na vida acadêmica.

Aos colegas da pós-graduação, que dividiram comigo momentos intensos, partilhas sinceras, angústias e conversas profundas sobre temas tão caros à nossa trajetória.

Ao Elias, pela receptividade e ajuda constante durante as pesquisas na Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá.

Ao meu amigo Gustavo, que me acompanhou desde a graduação, tornou tantos processos mais simples e, com paciência, respondeu às minhas incontáveis perguntas.

Ao meu psicólogo Luis Carlos, por me ajudar a me compreender e a buscar, com mais clareza e coragem, a essência de quem realmente sou.

À família da professora Agmar, pela receptividade e carinho comigo e com este trabalho.

E, por fim, reconheço minha trajetória. Apesar das dúvidas, mantive-me firme e cheguei até aqui — o que já é, em si, uma conquista relevante.

Resumo

A Crítica genética nasceu da necessidade de explorar e elucidar os processos criativos que fundamentam uma obra, a fim de compreender os procedimentos de sua produção e, assim, entender seu desenvolvimento. Esta pesquisa, portanto, dedica-se a um estudo crítico genético de dois manuscritos, *O Caderninho de Memórias* e *O Livro de Pontos e Reuniões*, escritos por Agmar dos Santos, a primeira professora da zona rural nomeada pelo município de Maringá - Paraná, em 1953. A professora, ao se transferir de Apucarana para Maringá, em 1952, entendeu por bem alfabetizar as crianças dos moradores dos arredores de seu rancho, iniciando um trabalho informal que resultaria, em 1953, na construção da Escola Municipal Bandeirante, na Serraria Camponês. Além de estudar os processos de gênese desses documentos, cuja publicação nunca foi realizada, este trabalho proporcionou uma edição genética dos manuscritos. Como fundamentação teórica, a pesquisa se apoiou em Grésillon (2007), Biasi (2010), Salles (2008) e Pino e Zular (2007). Como perspectiva metodológica, nosso estudo é de cunho analítico-descritivo, abrangendo uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Como dossiê da gênese, além dos manuscritos mencionados anteriormente, incorporamos duas entrevistas concedidas pela professora no âmbito do Projeto Memória. No acervo de jornais locais do Patrimônio Histórico Municipal de Maringá, foi realizada uma pesquisa de notícias, reportagens e entrevistas que tematizam sobre a vida da professora, so

bre a escola que dirigiu e na qual lecionou, de modo que outros textos foram incorporados ao dossiê a fim de entender as motivações que levaram a professora a escrever os manuscritos, bem como compreender quem foi Agmar dos Santos e qual sua relevância para o município e educação de Maringá. O estudo contou, ainda, com contextualização realizada por pesquisa histórica do período, como Luz (1999a; 1999b), Amaro e Rodrigues (1999) e Tait (1999). Além da análise crítico-genética do documento, esta pesquisa permitiu compreender os processos de gênese do *Caderninho de Memórias* e do *Livro de Pontos e Reuniões* de Agmar dos Santos, dois manuscritos elaborados com objetivos distintos. *O Caderninho de Memórias* constitui um relato autobiográfico visando narrar a trajetória docente da autora, enquanto *O Livro de Pontos e Reuniões* funcionou como instrumento de apoio pedagógico para o trabalho cotidiano em sala de aula. A análise conjunta desses manuscritos contribui para elucidar a relevância da professora para o município de Maringá, notadamente como figura pioneira na educação local.

Palavras-chave: Crítica genética. Edição genética. Os manuscritos de Agmar dos Santos. Transcrição semidiplomática. A pioneira da educação maringaense.

Abstract

Genetic Criticism emerged from the need to explore and elucidate the creative processes underlying a work to understand the procedures involved in its production and, consequently, its development. This research, therefore, is dedicated to a genetic-critical study of two manuscripts, *O Caderninho de Memórias* and *O Livro de Pontos e Reuniões*, written by Agmar dos Santos. The author was the first teacher appointed by the municipality of Maringá, Paraná, to work in a rural area in 1953. Upon moving from Apucarana to Maringá in 1952, the teacher took the initiative to teach literacy to the children of local families near her ranch, starting an informal educational effort that led, in 1953, to the establishment of the *Escola Municipal Bandeirante* in Serraria Camponês. In addition to analyzing the genesis processes of these documents, which have never been published, this research also produced a genetic edition of the manuscripts. The theoretical framework is based on the works of Grésillon (2007), Biasi (2010), Salles (2008), and Pino and Zular (2007). Methodologically, the study adopts an analytical-descriptive approach, combining both quantitative and qualitative research. The genetic dossier comprises the manuscripts, as mentioned above, and two interviews given by the teacher as part of a project called *Projeto Memória*. Furthermore, a survey of local newspapers from the Historical Heritage Archive of Maringá was conducted to collect news articles, reports, and interviews concerning the teacher's life, the school she managed, and where she taught. These materials were incorporated into the dossier to better understand the motivations behind the creation of the manuscripts, as well as to explore who Agmar dos Santos was and her significance to the municipality and education in Maringá. Historical contextualization was provided by period studies, including works by Luz (1999a; 1999b), Amaro and Rodrigues (1999), and Tait (1999). Beyond the genetic-critical analysis of the documents, this research enabled a deeper understanding of the genesis processes of *O Caderninho de Memórias* and *O Livro de Pontos e Reuniões* by Agmar dos Santos, two manuscripts produced with different objectives. *O Caderninho de Memórias* is an autobiographical account aimed at narrating the author's teaching journey, whereas *O Livro de Pontos e Reuniões* served as a pedagogical support tool for daily classroom activities. The joint analysis of these manuscripts sheds light on the teacher's importance to the city of Maringá, especially as a pioneering figure in local education.

Keywords: Genetic Criticism. Genetic edition. The manuscripts of Agmar dos Santos. Semi-diplomatic transcription. Pioneer of education in Maringá.

Sumário

Introdução	15
Capítulo 1 - A Crítica genética	18
1.1 O surgimento da Crítica genética e o seu objeto	18
1.2 O dossiê da gênese	21
1.2.1 Os manuscritos	22
1.2.2 Os processos de escritura e as fases genéticas	25
1.2.3 A transcrição e os estudos de práticas de escrita	28
1.2.4 Edição genéticas	32
1.2.5 Extensão da Crítica genética: análise a gêneros não literários	36
Capítulo 2 - A educação maringaense e a professora Agmar dos Santos	39
2.1 Um pouco de História de Maringá	39
2.1.1 Um pouco de História da educação maringaense	41
2.2 A professora Agmar dos Santos e seu papel nos primórdios da educação maringaense	45
Capítulo 3 - Metodologia	49
3.1. O dossiê da gênese do Caderninho de Memórias e do Livro de Pontos e Reuniões de Dona Agmar dos Santos.	50
3.2 Procedimentos para transcrição	57
3.3 Procedimentos para análise dos textos: os aspectos mais gerais dos manuscritos	58
3.4 Procedimentos para análise dos textos: análise dos desvios não corrigidos e das revisões	58
3.5 Procedimentos para análise das abreviaturas	60
3.6 Contextualização sócio-histórica	60
3.7 A pesquisa e sua abordagem metodológica	61
Capítulo 4 - Análise e interpretação dos manuscritos de Dona Agmar dos Santos	62
4.1 O Caderninho de Memórias da Dona Agmar dos Santos	62
4.1.1 Questões de datação no Caderninho de Memórias	62
4.1.2 Aspectos físicos e estruturais do Caderninho de Memórias	63
4.1.3 As temáticas abordadas em O Caderninho de Memórias	70
4.1.4 A edição de O Caderninho de Memórias	73
4.1.5 Os desvios revisados do Caderninho de Memórias	132
4.1.6 Os desvios não revisados do Caderninho de Memórias	136
4.1.7 As abreviaturas do Caderninho de Memórias	143
4.2 O Livro de Pontos e Reuniões	145
4.2.1 Questões de datação do Livro de Pontos e reuniões	145
4.2.2 Aspectos físicos e estruturais do Livro de Pontos e Reuniões	148
4.2.3 As temáticas abordadas em O Livro de Pontos e Reuniões	154
4.1.4 A edição de O Livro de Pontos e Reuniões	160
4.2.5 Desvios revisados por Dona Agmar no Livro de Pontos e Reuniões	245
4.2.6 Desvios não revisados do Livro de Pontos e Reuniões	252

4.2.7 As abreviaturas do Livro de Pontos e Reuniões	258
Considerações finais	261
Referências	263

Lista de Figuras

Figura 1: Recorte da entrevista transcrita da Professora Agmar dos Santos, disponível no livro Depoimento de Professoras Pioneiras de Maringá.....	22
Figura 2: Reprodução do fólio 3 do Caderninho de Memórias.....	24
Figura 3: Reprodução do fólio 3 do Livro de Pontos e Reuniões.....	25
Figura 4: Reprodução do fólio 4 do Caderninho de Memórias.....	26
Figura 5: Reprodução do fólio 27 do Livro de Pontos e Reuniões.....	27
Figura 6: Reprodução do fólio 6 do Caderninho de Memórias.....	31
Figura 7: Reprodução do fólio 4 do Livro de Pontos e Reuniões.....	33
Figura 8: Professora Agmar dos Santos.....	47
Figura 9: Capa do Caderninho de Memórias da professora Agmar dos Santos.....	49
Figura 10: Capa do Livro de Pontos e Reuniões da professora Agmar dos Santos.....	50
Figura 11: Ficha de cadastro de pioneira da professora Agmar dos Santos.	52
Figura 12: Certificado de cursos da professora Agmar dos Santos.....	53
Figura 13: Holerite de Dona Agmar.....	54
Figura 14: Datação no fólio 3 do Caderninho de Memórias da professora Agmar dos Santos.....	60
Figura 15: Datação no fólio 45 do Caderninho de Memórias da professora Agmar dos Santos.....	61
Figura 16: Reprodução parcial do fólio 3 do Caderninho de Memórias....	62
Figura 17: Reprodução do fólio 4 do Caderninho de Memórias.....	63
Figura 18: Recorte do fólio reto do 41.....	64
Figura 19: Hino a Maringá do Caderninho de Memórias.....	65
Figura 20: Hino da despedida do Caderninho de Memórias.....	66
Figura 21: Material anexado ao Caderninho de Memórias de Dona Agmar dos Santos: adorno verde e amarelo.....	67
Figura 22: Material anexado ao Caderninho de Memórias de Dona Agmar dos Santos: depósito.....	67
Figura 23: Reprodução parcial do fólio 8 do Caderninho de Memórias....	69
Figura 24: Trecho em que professora demonstra afeto pelos alunos do Caderninho de Memórias da professora Agmar dos Santos.....	70
Figura 25: Recorte do fólio 3 do Livro de Pontos e Reuniões.....	143
Figura 26: Recorte do fólio 7 do Livro de Pontos e Reuniões.....	143
Figura 27: Recorte do fólio 11 do Livro de Pontos e Reuniões.....	144
Figura 28: Recorte do fólio 25 do Livro de Pontos e Reuniões - datação de novembro de 1965.....	144
Figura 29: Fólio 28 do Livro de Pontos e Reuniões.....	145
Figura 30: Recorte do fólio 29 do Livro de Pontos e Reuniões.....	145

Figura 31: Recorte do fólio 4 do Livro de Pontos e Reuniões.....	147
Figura 32: Recorte do fólio 20 do Livro de Pontos e Reuniões.....	147
Figura 33: Fólio 7 - exemplo de plano de aula.....	148
Figura 34: Fólio 25 - exemplo de ata de reunião escolar.....	149
Figura 35: Representação do fólio 29 - exemplo de controle de presença de alunos.....	150
Figura 36: Representação do fólio 23 - solicitação de apoio para a não reprovação do filho de Dona Agmar.....	151
Figura 37: Representação do fólio 1 - exemplo de notas fragmentadas.....	152
Figura 38: Recorte do fólio 4 - exemplo de Planejamento de Língua Portuguesa no Livro de Pontos e Reuniões.....	153
Figura 39: Representação do fólio 22 - exemplo de planejamento de Matemática no Livro de Pontos e Reuniões.....	154
Figura 40: Representação do fólio 20 - exemplo de planejamento de Ciências Naturais.....	155
Figura 41: Recorte do fólio 17 - exemplo de menção a planejamento de História do Brasil.....	156
Figura 42: Recorte do fólio 15 - exemplo de planejamento de Geografia no Livro de Pontos e Reuniões.....	156
Figura 43: Recorte do fólio 27 - menção à aula de Educação Física no Livro de Pontos e Reuniões.....	157
Figura 44: Recorte do fólio 27- menção à aula de Canto no Livro de Pontos e Reuniões.....	157
Figura 45: Recorte do fólio 6 - menção à aula de Desenho no Livro de Pontos e Reuniões.....	157

Lista de tabelas

Tabela 1: Desvios revisados em O Caderninho de Memórias.....	130
Tabela 2: Desvios não revisados.....	134
Tabela 3: Frequência das abreviaturas encontradas no Caderninho de Memórias.....	141
Tabela 4: Desvios revisados - Livro de Pontos e Reuniões.....	243
Tabela 5: Desvios não revisados - Livro de Pontos e Reuniões.....	250
Tabela 6: Frequência das abreviaturas encontradas no Livro de Pontos e Reuniões.....	256

Lista de quadros

Quadro 1: Desvios revisados - Caderninho de Memórias.....	132
Quadro 2: Desvios não revisados - Caderninho de Memórias.....	137
Quadro 3: Desvios revisados do Livro de Pontos e Reuniões.....	245
Quadro 4: Desvios não revisados do Livro de Pontos e Reuniões....	252

Introdução

Dar a ver e reconstituir o processo de criação de um manuscrito que nunca fora estudado antes é abrir uma janela para o passado. É uma oportunidade de compreender mais do que o texto em si como produto estático, mas de acessar dados sobre as intencionalidades daquele que escreveu e de seu contexto sócio-histórico. A Crítica genética, abordagem teórica escolhida para a pesquisa que fizemos, valoriza o processo de retextualização para acessar a gênese do texto:

Esse novo olhar implica, senão uma escolha, no mínimo preferências: as da produção sobre o produto, da escritura sobre o escrito, da textualização sobre o texto, do múltiplo sobre o único, do possível sobre o finito, do virtual sobre o *ne varietur*, do dinâmico sobre o estático, da operação sobre o *opus*, da gênese sobre a estrutura, da enunciação sobre o enunciado, da força da escrita sobre a forma do impresso (Grésillon, 2007, p. 19).

Partindo desse aporte, propomo-nos a transcrever e analisar dois manuscritos de Agmar dos Santos, a primeira professora e servidora pública da área rural do município de Maringá-PR, que iniciou sua carreira docente nessa cidade em 1952. O primeiro deles, originalmente sem título, denominaremos *Caderninho de Memórias de Dona Agmar* e que se trata, em linhas gerais, de uma curta narrativa autobiográfica da autora. Nesse documento, a professora registrou vivências relacionadas à docência, bem como questões de sua vida pessoal, o que justifica a escolha do título. O segundo apresenta o título de *Livro de Pontos e Reuniões*, foi criado para o planejamento de práticas em sala de aula e para o registro de procedimentos escolares da professora na escola em que atuava também como diretora.

O objetivo geral desta dissertação é o de produzir um estudo de caráter filológico e linguístico dos manuscritos, produzidos por Dona Agmar, e contribuir, por meio disso, para o resgate de sua memória. Como objetivos específicos, o trabalho que realizamos pretendeu:

- 1) Propor uma edição dos textos, com transcrição que preserve as características que evidenciem a gênese do documento.
- 2) Realizar um estudo crítico dos dois materiais que mapeie aspectos de sua gênese.

- 3) Formular uma interpretação sobre a natureza dos manuscritos e as motivações da autora ao produzi-los.

Para realizar a presente pesquisa, constituímos um *dossiê da gênese*¹ que, além dos manuscritos acima descritos, foi composto por: entrevistas concedidas pela professora, documentos pessoais da autora e notícias sobre ela. Todos esses materiais foram coletados no acervo do Patrimônio Histórico de Maringá-PR.

Resgatar a memória de Dona Agmar dos Santos, tão relevante para os primórdios da educação básica em Maringá-PR, é “contribuir para a compreensão da transformação da sociedade [maringaense], ressaltando aspectos da vida social, do dia a dia, da estrutura familiar e das angústias humanas” (Tait, 1999, p.355). Pareceu-nos, ao definir o escopo de nossa pesquisa, que focalizar a produção de uma mulher negra tão relevante para os primórdios da educação básica maringaense é uma tarefa fundamental nos dias de hoje. Segundo Tait (1999, p. 356), “[...] em Maringá, sempre o homem sai como um herói desbravador, tanto que a Prefeitura Municipal de Maringá começou o cadastramento de mulheres pioneiras somente a partir de 1986”. Ou seja, apenas quando a cidade estava a completar quarenta anos é que o poder público passou a considerar a possibilidade de cultivar a memória das mulheres que foram relevantes para a sua formação. Passados mais de trinta anos desse primeiro passo, as mulheres, em especial as que não pertenceram às grandes famílias da elite maringaense, ainda não ganharam o destaque merecido. Basta caminhar pela cidade para perceber que ruas e avenidas homenageiam majoritariamente “pioneiros”, e não “pioneiras”². Recuperar os escritos de Dona Agmar dos Santos é, assim, de certo modo, lutar para que esse quadro se altere, razão pela qual consideramos urgente o tema desta dissertação.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 1, discorreremos sobre os contornos da Crítica genética, a abordagem teórica que escolhemos para estudar e dar tratamento editorial aos manuscritos; no capítulo 2, dedicamo-nos a contextualizar melhor o objeto de nossa pesquisa, apresentando ao leitor um quadro sobre a formação de Maringá e as informações que coletamos sobre a vida de Dona Agmar dos Santos e sua importância na educação

¹ No âmbito dos estudos críticos genéticos um *dossiê da gênese* é constituído por todo material que pode revelar a gênese de um texto, o que vai além dos manuscritos e rascunhos autógrafos.

² Não encontramos trabalhos que houvessem avaliado quantitativamente essa nossa afirmação.

maringaense; no capítulo 3, explicitamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa; no capítulo 4, apresentamos a proposta de edição que fizemos para dar a ver ao *Caderninho de Memórias* e ao *Livro dos Pontos e Reuniões* e os principais resultados da análise que fizemos dos dados que revelam aspectos da gênese dos manuscritos aqui focalizados; por fim, no capítulo de considerações finais, buscamos apresentar a valorização da história da educação maringaense mediante a reconstrução dos manuscritos e ressaltar a importância da professora, visando dar visibilidade à sua trajetória e seu legado. Cabe ainda destacar que algumas transcrições foram inseridas ao longo do texto com o propósito de exemplificar aspectos teórico-metodológicos da pesquisa.

Capítulo 1 - A Crítica genética

Neste capítulo, procuraremos explicar alguns dos conceitos lançados à mão pelas pesquisas baseadas em Crítica genética. Iniciaremos pelo surgimento da Crítica genética e seu objeto de estudo, logo passaremos ao dossiê da gênese; depois, discorreremos sobre os manuscritos, em seguida, abordaremos os processos de escritura e as fases genéticas. Na sequência, faremos uma reflexão sobre os processos de transcrição; e, por fim, abordaremos sobre a tipologia das edições genéticas.

1.1 O surgimento da Crítica genética e o seu objeto

Em Paris, no ano de 1968, os estudantes protestaram contra o processo de ingresso às universidades, uma vez que o ensino superior não era acessível a todos, o que restringia as possibilidades de ascensão social a um pequeno grupo da sociedade. O movimento ganhou voz e evoluiu para mudanças em outros campos da vida social, de modo que sindicatos e estudantes passaram a pedir por uma transformação radical da sociedade. Esses acontecimentos tiveram consequências significativas na produção intelectual, que passou a avaliar criticamente o capitalismo e a produção de ciência, originando o que se conheceu como pós-estruturalismo dos anos 1970 (Pino e Zular, 2007, p. 7). Na Crítica literária, o Estruturalismo passou, desde o início do Século XX, a centrar seus estudos nos contornos do texto “[...] em detrimento do estudo do autor, das condições sociais ou de qualquer outro elemento externo (Pino e Zular, 2007, p. 8). Essa concepção de análise seria colocada em xeque ainda, em 1968, quando um grupo de pesquisadores, em Paris, teve acesso aos manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine. Esse conjunto documental reunia diversas cópias de um mesmo manuscrito, frequentemente com versões divergentes de um mesmo trecho, o que tornava evidente a instabilidade textual da obra. Essa condição representava uma novidade não apenas para os estudos literários estruturalistas — baseados na noção de um texto fixo e na busca por uma versão autorizada —, mas também para a própria filologia, que se via desafiada a rever seus métodos diante da instabilidade textual e da multiplicidade de variantes. Diante desse impasse, os pesquisadores vislumbraram a possibilidade de aplicar ao material a abordagem estruturalista, sem,

contudo, perder de vista que um texto requer, antes de tudo, movimento — não podendo ser concebido como um objeto estático. Assim, surgiu a Crítica genética, que combinou a abordagem estruturalista com uma análise que não abria mão da historicidade e das transformações dos objetos textuais, resultando em uma perspectiva diferente da corrente estrutural, mais aberta e dinâmica aos estudos dos textos (Pino e Zular, p. 11). Essa nova abordagem se estabeleceu passando a considerar, então, o manuscrito como testemunho da gênese das obras, algo então original para o campo dos estudos literários.

Em 1982, por iniciativa de Louis Hay e Almuth Grésillon, criou-se uma equipe de estudiosos que visava pesquisar, explorar e aditar manuscritos de Heine recém-chegados à Biblioteca Nacional da França. Surgia o *Institut des Textes et Manuscrits Modernes* (ITEM), que se tornaria um centro de pesquisa relevante para o desenvolvimento da nova área de investigação ali surgida (Pino e Zular, p.12).

Já no Brasil, a Crítica genética foi introduzida por Philippe Léon Marie Ghislain Willemart, professor da USP que, em 1985, iniciou seus estudos sobre os manuscritos de Gustave Flaubert, sob orientação de Jean Bellemin-Noël. Na sequência, esse professor começou a ministrar um curso na pós-graduação sobre o tema. A partir disso, organizou-se o *I Colóquio de Crítica Textual: o Manuscrito Moderno e as Edições*. Nesse colóquio, criou-se a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), que vem organizando, com periodicidade, encontros internacionais que reúnem os pesquisadores da área (Pino e Zular, 2007, p. 13).

Mas qual é objeto desse novo campo de pesquisa, quais os seus objetivos? Para Grésillon (2007), a Crítica genética busca compreender a evolução de uma obra literária ao longo de seu processo de criação, funcionando como uma espécie de memória de sua origem. Trata-se de um método que revela tanto o corpo quanto o processo da escrita, permitindo a formulação de hipóteses sobre as operações envolvidas na produção textual. A autora destaca que esse olhar não se limita ao resultado final da obra, mas que valoriza todas as suas fases, da produção à estrutura, a fim de conceber a escrita como uma atividade em constante movimento.

Ao se deparar com os processos criativos da obra, torna-se possível entender quais as motivações que estavam subjacentes à sua criação. Nesse sentido, Salles (2008) argumenta que, ao acompanhar os percursos de construção artística e narrar suas histórias, independentemente da abordagem adotada, rompe-se com a ideia de que a criação está ligada ao inexplicável. A linguista destaca que, ao adentrar o

universo do processo criador, é possível desvendar, pouco a pouco, as camadas da mente em criação, compreendendo-as de forma mais clara. Os vestígios deixados pelo artista revelam-se, assim, como a materialização de um processo em contínua transformação.

O objetivo principal da Crítica genética é “[...] tornar disponível, acessível e legível os documentos autógrafos que não passam, num primeiro momento, de peças de arquivos, mas que ao mesmo tempo contribuíram para a elaboração de um texto e serve de testemunhas materiais de uma dinâmica criadora” (Grésillon, 2007, p.19). Assim, dá-se relevância à gênese dos textos, antes encobertos pela forma final publicada.

No campo da Crítica genética, os manuscritos ocupam um papel central como documentos que registram o percurso da criação de uma obra. Nesse contexto, Biasi (2010) observa que esses materiais, cuja quantidade e tipo variam conforme o autor, época e obra, revelam uma história particular, ao passo que evidenciam o que ocorreu entre a escrita inicial, suas correções e a versão final que é publicada.

Os manuscritos podem revelar fatos relevantes sobre a obra em uma nova perspectiva. “A Crítica genética propõe-se a renovar o conhecimento dos textos à luz de seus manuscritos, deslocando a interrogação crítica do autor para o escritor, do escrito para a escritura, da estrutura para o processo, da obra para a gênese” (Biasi, 2010, p.13).

Assim, visa-se analisar os processos de criação de uma obra, averiguando toda sua transformação e desenvolvimento do texto. Essa perspectiva, nesse viés, “[...] surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros desse seu percurso deixados pelo artista” (Salles, 2008, p. 19) e permite compreender como um(a) autor(a) construiu seu trabalho ao longo do tempo. Para Grésillon (2007, p.29), a abordagem pretende “[...] deixar ver, tornar disponível, acessível e legível os documentos que não passam de peças de arquivos, mas que contribuíram para a elaboração de um texto e servem de testemunhas materiais de uma dinâmica criadora”, permitindo a construção de hipóteses sobre o processo de escritura. Por meio dessa abordagem, pode-se observar a estrutura plena e viva de uma escritura em estado nascente, seu desenvolvimento, suas metamorfoses, a formação progressiva da obra (Biasi 2010, p. 10).

1.2 O dossiê da gênese

Como já dissemos, a Crítica genética é uma abordagem da análise textual que visa estudar o processo de criação de uma obra e entender como foi desenvolvida, criada e modificada ao longo do tempo. Para realizar essas tarefas, o crítico genético não se limita a analisar somente textos autógrafos usados como base para a produção final do escritor, mas também considera qualquer objeto que revele as motivações e os contornos da criação textual.

Ao conjunto total de documentos e materiais recolhidos para o estudo genético — cadernos de anotações e de notas produzidos pelo escritor, seus esboços e rascunhos, os manuscritos gerados, as entrevistas concedidas sobre o processo de criação, anotações em textos da biblioteca pessoal daquele que escreve etc. — denomina-se *dossiê da gênese*. (Pino e Zular, 2007, p. 136-137). Esses documentos são, em geral, conservados em instituições públicas ou privadas, cabendo ao pesquisador sua coleta e organização.

Desse modo, o dossiê da gênese é uma ferramenta fundamental para o trabalho do pesquisador crítico genético. Por meio desse material, poderá identificar tendências, padrões e escolhas feitas pelo escritor visando a construção de seu texto final.

Com o objetivo de ilustrar de forma mais precisa um dossiê da gênese, apresentamos, na Figura 1, um trecho da entrevista transcrita com Agmar dos Santos, que utilizamos na composição do dossiê nesta pesquisa:

Figura 1: Recorte da entrevista transcrita da Professora Agmar dos Santos, disponível no livro Depoimento de Professoras Pioneiras de Maringá

Agmar

Dois períodos. E também lecionei oito anos à noite. Fazia um durante o dia, e outro à noite. Em 1959, uma daquelas noites bem gostosas mesmo, meus alunos, mas era uma beleza, eu tinha trinta, trinta e tantos alunos, não me lembro mais, uns trinta, eu estava lecionando, dando um ditado. Você sabe naquele tempo, naquele ditado grande, e eu vi lá na estrada dois senhores, assim agachado. Já fazia quase uma hora. E já que eu terminei o ditado, falei com um dos alunos, Milton, o Gaito: -"Você vai lá na estrada, diz aqueles senhores que podem vir aqui na escolinha". O que é que tem? Vem fazer uma visita pra nós. Tá tudo bem? E aqueles senhores "levantou" e já veio. Quem que era? Você imagina? Era o Doutor João Paulino, e o Mário Manicardi. Ai, ele falou: - "Dona Agmar, é a senhora?". Falei: "sou". Falou: "E a eletricidade?". Falei: "Está aqui". Eu com minha lamparininha, e cada aluno com a sua, sabe? E ele olhou os cadernos de todos. Ali era mista. Era 1º, 2º, 3º e 4º ano, sabe? E aí, ele olhou um a um. Depois ele ficou ali, deu um diálogo pros alunos, conversou muito, e foi embora. No outro dia, dez horas da manhã, eu estava em casa, e já me chamaram: "Óia, uma professora do município estava lá e chegou: "O Dona Agmar, o Doutor João Paulino tá chamando a senhora." Eu vou depressa. Era ele, com um lâmpião Petromax. Me levou de presente, Doutor João Paulino Vieira Filho. Aquele homem que a gente muito deve mesmo, sabe? Aquele que ajudou mesmo, até na eletricidade pra uma escola, ele me ajudou, Doutor Paulino, um homem que muito me deu.

PM

Dona Agmar, durante a gestão do primeiro prefeito, a senhora teve o apoio, ganhou a escola, né? Havia preocupação com o material didático? Tinha material? Tinha recurso?

Fonte: Prefeitura do Município de Maringá - Secretaria de Cultura, Depoimento de Professoras Pioneiras de Maringá, 2018, p. 21.

1.2.1 Os manuscritos

Os manuscritos, como os que estudamos neste trabalho, podem ser acessados em seu formato físico ou em *fac-símile*. Entretanto as instituições que os guardam têm cada vez mais optado por disponibilizar o seu acesso em versões fac-símeis, disponibilizando em material fotocopiado ou digitalizado, o que minimiza os efeitos deteriorantes de seu manuseio e, de certo modo, facilita o acesso ao material de pesquisa.

A Crítica genética depende, em grande medida, do acesso aos manuscritos originais, ainda que em *fac-símile*, já que são eles que permitem uma análise mais detalhada do texto, a verificação de sua autenticidade, favorecendo a reconstrução da gênese de modo mais consistente. O acesso a esse material dá transparência às rasuras, às correções e às eventuais marcas que caracterizaram o processo de escrita realizado. Todavia, como em qualquer outra pesquisa, ainda que os originais estejam disponíveis, também haverá desafios e lacunas, exigindo dos especialistas um esforço para decifrar e transcrever o que não ficou registrado.

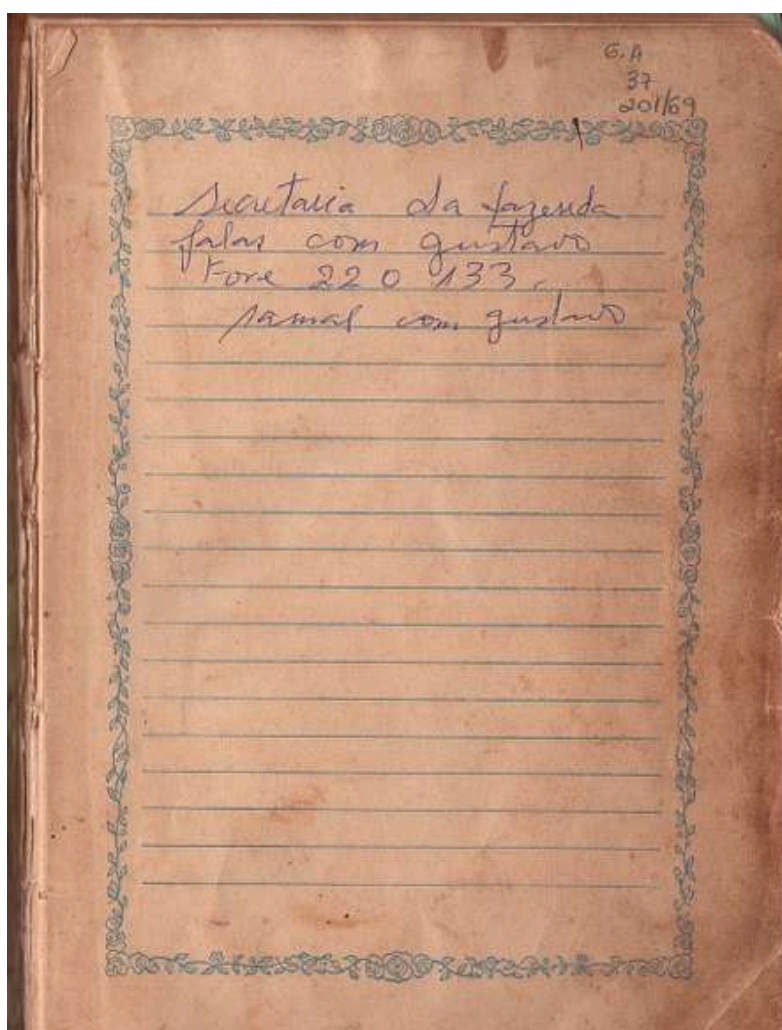
A análise de um manuscrito, do ponto de vista da Crítica genética, permite uma compreensão profunda das transformações da obra, revelando as intenções, hesitações e escolhas do autor. Isso requer paciência e atenção, uma vez que a escritura pode ser de difícil decifração, especialmente devido à presença de rasuras.

Ainda que um pesquisador, um especialista, se debruce no texto e tente esgotá-lo, “[...] o pesquisador nunca está verdadeiramente certo de deter a exaustividade dos traços escritos de uma gênese” (Grésillon, 2007, p.41). Por mais que se recolha um conjunto de evidências consistentes sobre o processo criativo, é provável que não se tenha certeza acerca das reais intenções do autor. Aliás, nunca se saberá se o material disponível, acessado pelo crítico genético, é, de fato, integral, se há no que foi acessado lacunas ou omissões.

O manuscrito é um objeto complexo que revela fatos importantes sobre o processo criativo do escritor, sobre o contexto histórico-cultural relacionado à produção realizada e sobre o texto, ao final produzido. É, pois, peça fundamental para o trabalho da Crítica genética.

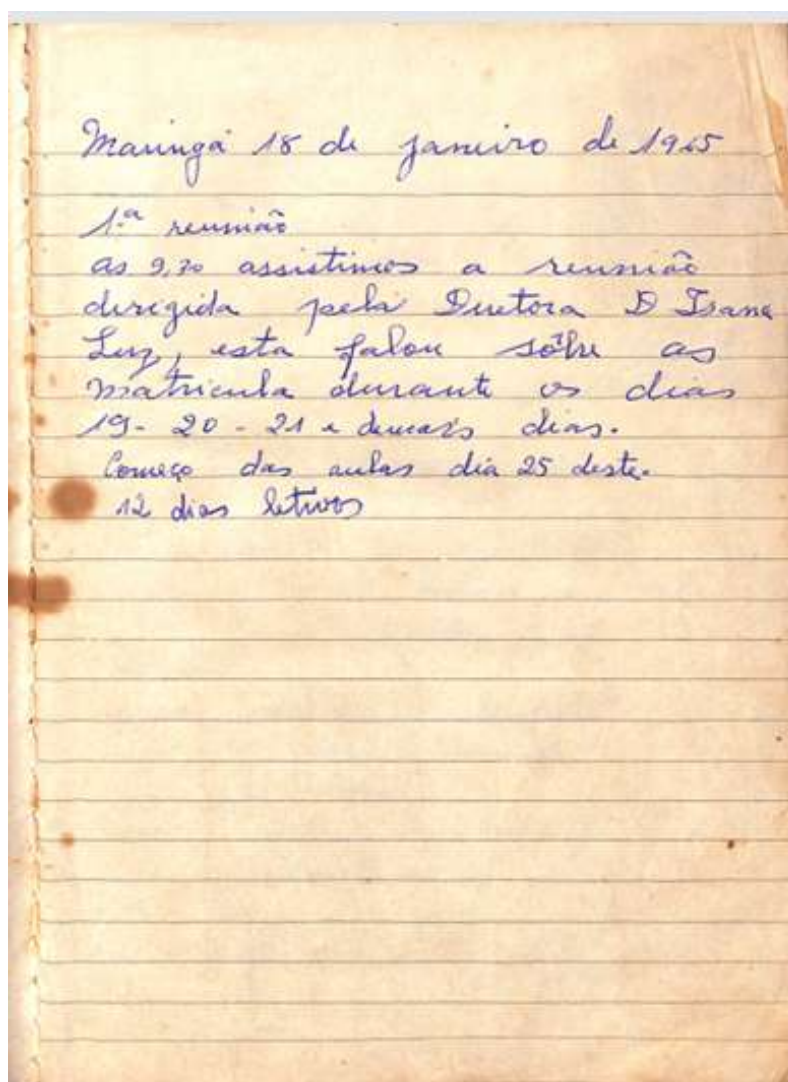
A seguir, apresentamos algumas amostras dos manuscritos aqui estudados, como forma de antecipar parte do material que compõe este estudo. Na Figura 2, vemos fólio de *O Caderninho de Memórias* e, na Figura 3, de *O Livro de Pontos e Reuniões*:

Figura 2: Reprodução do fôlio 3 do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Figura 3: Reprodução do fôlio 3 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

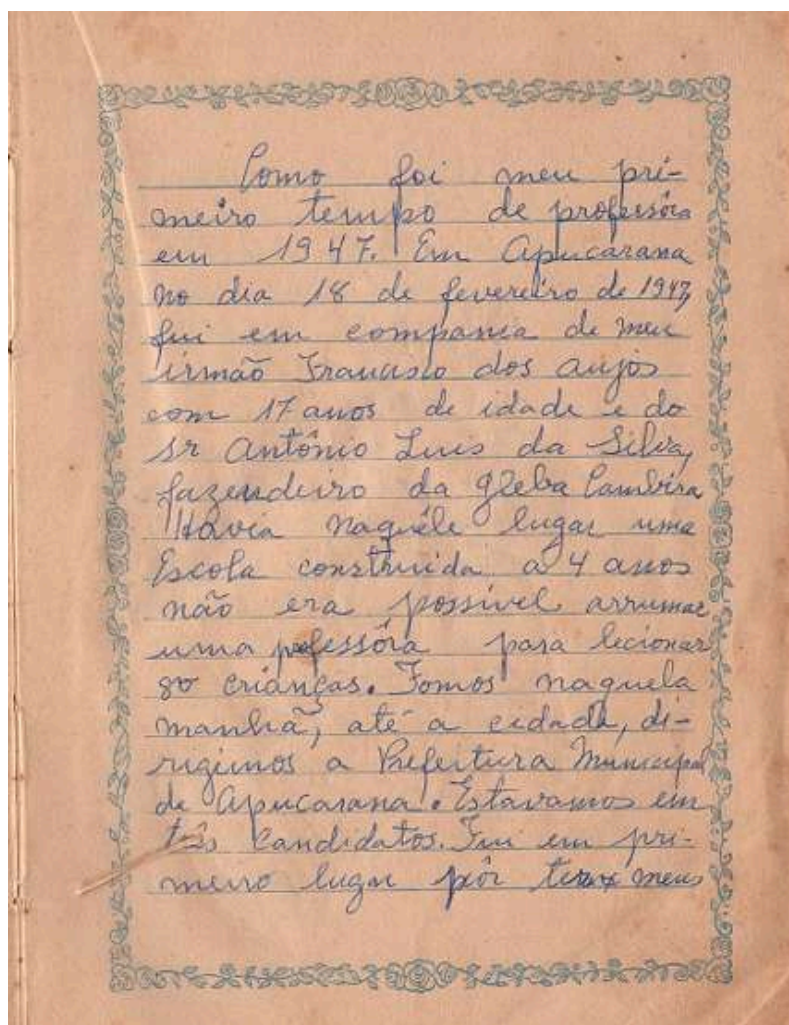
1.2.2 Os processos de escritura e as fases genéticas

De acordo com Biasi (2010, p.43), há dois tipos de escrituras. O primeiro é a denominada “estruturação redacional”, processo que evita uma programação inicial e que não se sustenta em nenhum esquema escrito prévio e desenvolve-se sucessivamente. Ambos os manuscritos da professora Agmar dos Santos seguem o processo de estruturação redacional.

No *Caderninho de Memórias* esse processo de escritura se torna ainda mais evidente, devido ao teor intimista do manuscrito e pela tipologia textual,

caracterizada por relatos de natureza pessoal que o aproximam do gênero diarístico, como também por não haver esboços nem anotações que precedem sua produção. Podemos conferir melhor na Figura 4, em que a professora relata lembranças de tempos em que era docente:

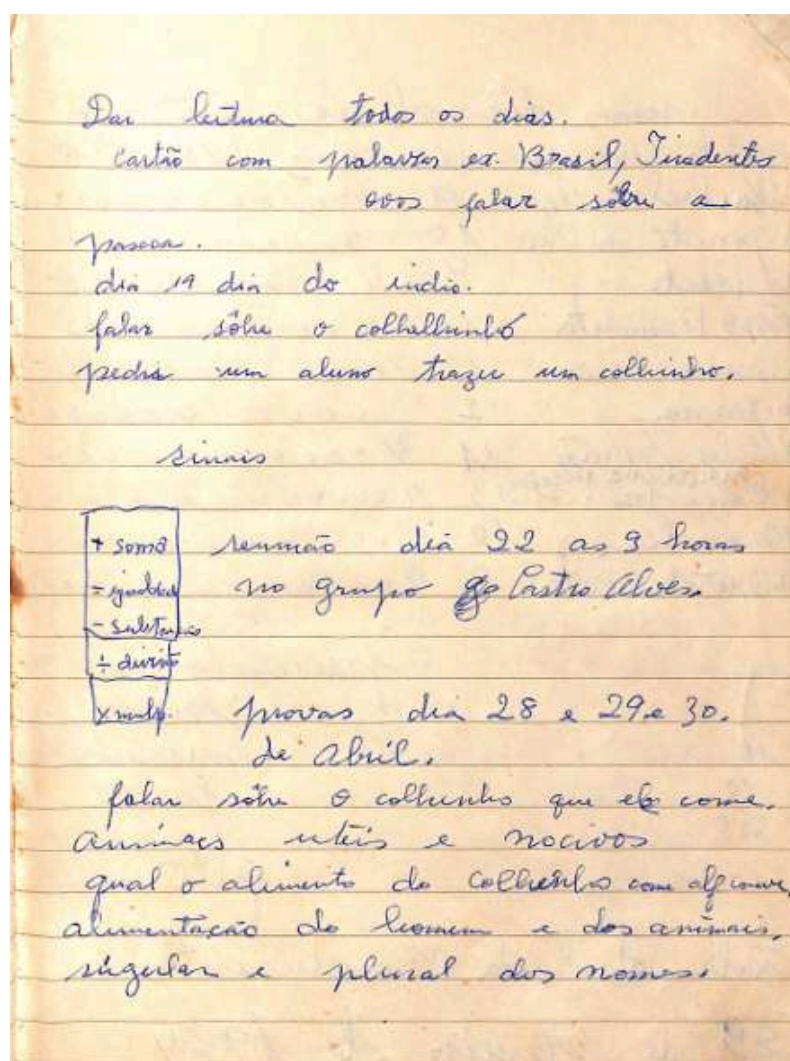
Figura 4: Reprodução do fólio 4 do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

No *Livro de Pontos e Reuniões*, apesar de sua finalidade institucional como instrumento de organização escolar, sua elaboração ocorreu de maneira não sistemática, caracterizando-se por uma escrita sucessiva e não planejada. Na Figura 5 é possível notar aspectos desse cunho:

Figura 5: Reprodução do fôlio 27 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Aspectos de uma escrita sucessiva e não planejada são evidenciados pela ausência de esboços preliminares que antecedam sua produção, bem como pela presença de rasuras e anotações pessoais intercaladas com registros de planejamentos de aulas, o que sugere uma utilização do livro de forma mais flexível e espontânea do que o previsto para um material de natureza institucional.

Em contraste com a “estruturação redacional”, o segundo tipo de escritura que Biasi (2010, p. 43) apresenta é chamado de “programação roteirizada”, que antecipa a textualização, lançando mão de roteiros, de esboços, de anotações e de pesquisas que têm a funcionalidade de preparar e organizar toda a escrita. Conforme demonstrado anteriormente, a tipologia de escritura em questão não se encontra representada nos manuscritos de Agmar dos Santos.

As fases genéticas, ou etapas do processo criativo, dizem respeito ao percurso seguido pelo escritor durante o processo de criação que são evidentes e que ocorrem com durações e importâncias relativas variáveis. Biasi (2010) apresenta quatro fases que são definidas por seus processos e funções operatórias que se iniciam para se realizar mediante documentos de gênese específicos: 1) *pré-redacional*: fase de planejamento e preparação antes da escrita de uma obra, que envolve pesquisa preliminar, definição de objetivos e público-alvo, estruturação do conteúdo e organização das ideias de escrita e programação de um roteiro/ plano de trabalho; 2) *redacional*: fase de escrita, caracterizada por documentação redacional, criação de um rascunho inicial, estruturação do texto, desenvolvimento do conteúdo, escolha de linguagem e estilo e momento das passagens a limpo corrigidas; 3) *pré-editorial*: fase de revisão e acabamento antes da edição final impressa, fase do acabamento, em que há revisão de todo conteúdo, a fim de garantir clareza e coerência, verificação de erros/ provas corrigidas, ajustes na estruturação e organização e últimas correções e preparação para a edição impressa; 4) *editorial*: fase de edição e finalização, nesta fase ocorrem revisões técnicas, correções de erros, ajustes finais e preparação para publicação ou disseminação da edição. Essas fases genéticas levam à compreensão do processo de criação de uma obra, desde o momento de sua concepção até a sua publicação.

1.2.3 A transcrição e os estudos de práticas de escrita

A transcrição de um manuscrito tem por objetivo tornar um material de acesso restrito mais acessível. Pino e Zular (2007, p. 138) afirmam que durante o processo de transcrição, o pesquisador mimetiza o escritor, passando por obstáculos semelhantes aos que ele enfrentou, criando o mesmo tipo de soluções e, assim, tendo uma visão mais clara dos movimentos de escritura.

O processo de transcrição de um manuscrito é um trabalho minucioso, o qual necessita de uma leitura delicada e detalhada, de um olhar atento ao material preciso que se encontra em suas mãos. Adotaremos a transcrição semidiplomática, de caráter conservador, que preserva as principais características do texto original — como seu conteúdo e suas rasuras —, por meio de uma edição genética. Grésillon (2007, p.169) alega que essa transcrição tem o poder de permitir que seja

facilmente lido o que outros tiveram o trabalho de decifrar e que, a partir de então, pode circular entre os especialistas.

Além disso, o objetivo de uma transcrição semidiplomática é reproduzir a totalidade do original mediante a leitura do editor, sem alterar o formato original, desde inadequações, croquis, desenhos, sublinhados etc., “não por meio de uma perfeição, mas sim pela perfectibilidade” (Grésillon, 2007, p.170). Ainda que contenham inadequações ortográficas, gramaticais ou de outros cunhos, a importância de uma transcrição é garantir a legibilidade do texto tornando-o mais acessível ao público interessado nesse documento. Durante esse processo, é recomendável que a transcrição seja acompanhada de um fac-símile do original, a fim de permitir a conferência com a fonte e assegurar a fidelidade do trabalho.

A análise das rasuras e processos de descontinuidade na escrita, como substituição, acréscimo e eliminação, revela os movimentos criativos e revisionais do autor, permitindo ao crítico genético compreender melhor a gênese do texto e os processos que levaram à sua forma final.

1.2.4 Edição genéticas

A Crítica genética procura registrar e compreender o processo de metamorfose dos manuscritos. Para isso, acaba por propor edições genéticas, uma abordagem que visa recuperar e analisar o processo de criação e os elementos relacionados à sua gênese. De acordo com Biasi (2010, p. 93), a Crítica genética se divide em duas abordagens principais, as *edições horizontais* e as *edições verticais*.

As edições *horizontais*, conforme Biasi (2010, p.94- 95), é uma pesquisa que se concentra em estudar um momento preciso ou delimitado do trabalho do escritor, sem se interessar pela reconstituição do processo de escritura geral, ou seja, sem procurar interpretar a sua totalidade. Isso significa que a *edição horizontal* não se centraliza no rascunho da obra, mas em momentos específicos de sua criação, seja uma fase de planejamento e roteiro inicial, uma fase de redação final e revisão seja uma fase de preparação e publicação. Nesses momentos, é possível selecionar e analisar documentos que oferecem uma visão contínua da criação. Esses documentos podem ser manuscritos de roteiros ou documentos preparatórios, dossiês documentais redacionais e até manuscritos pré-editoriais. Ainda, manuscritos de obras inéditas deixadas em estado de rascunho, versões não

concluídas de obras e manuscritos pessoais ou de notas de memórias privadas podem ser inéditos e oferecem uma visão única da prática intelectual do escritor. Conforme salienta Biasi (2010, p.101), a edição genética desses manuscritos pode sugerir a necessidade de uma transcrição diplomática para preservação e autenticação da obra autógrafa e de suas intervenções gráficas.

Já na *edição vertical*, a preocupação é reconstruir um trajeto genético da obra, revelando as suas etapas. Uma primeira possibilidade, nesse caso, seria dar a ver o percurso completo da gênese, evidenciando das suas fases iniciais até sua etapa mais definitiva, quando estaria pronta para ser publicada. Fala-se aí em *edições verticais integrais* (Biasi, 2010, p. 104).

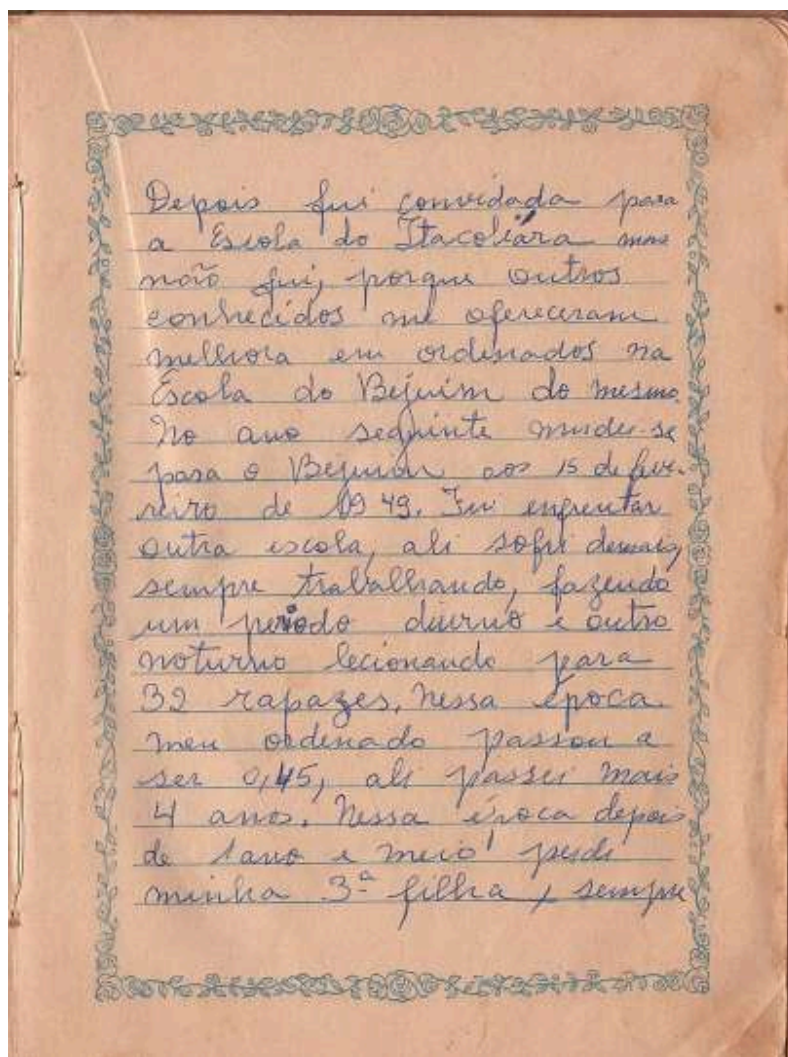
Entretanto, há também a possibilidade de edições *verticais parciais*, que permitem uma abordagem mais flexível e adaptável às complexidades dos dossiês genéticos. Essa abordagem se tornou necessária devido à complexidade e ao volume dos dossiês genéticos e se aplicam nas situações em que os manuscritos evidenciam um processo lacunar, por exemplo, ou que o editor tenha optado por evidenciar apenas uma parte do movimento genético retirado de um dossiê mais completo e volumoso.

A *edição vertical parcial*, de acordo com Biasi (2010, p. 106 -107), pode ser realizada de três maneiras distintas. Na primeira possibilidade, pode-se envolver a exploração integral de um dossiê genético lacunar, a permitir que uma visão valiosa do processo criativo do autor, ainda que o dossiê genético não esteja integralizado. Outra alternativa seria realizar uma seleção de um trecho específico dentro de um dossiê genético mais volumoso, quando esse é extenso e complexo. Por fim, pode-se focalizar apenas um segmento de pequena dimensão — uma página, um parágrafo ou uma frase — para um estudo da gênese mais detalhado de um fragmento específico do texto.

Esse estudo se concentra exclusivamente na edição *vertical*, cujo foco é, em conformidade com Biasi (2010, p. 104), interessar-se pelo encadeamento das fases que examina o dossiê genético de uma obra, analisando cronologicamente as fases de sua criação, transformação e evolução, para compreender sua gênese. A reconstituição desse processo de escritura permite que o pesquisador observe toda a movimentação escritural da obra, já que analisa os primeiros rastros escritos até suas últimas correções.

Dentro desse modelo de edição *vertical*, ainda há duas fórmulas, sendo: A) edição *cronológica*, fôlio por fôlio; B) edição *microsequencial*, fragmento por fragmento. Este estudo adotou a edição *cronológica* nos dois manuscritos da professora Agmar dos Santos. Como forma de representar esse tipo de organização editorial, apresentamos a Figura 6 e a transcrição 1 do *Caderninho de Memórias* e a Figura 7 e transcrição 2 do *Livro de Pontos e Reuniões* para melhor ilustrar:

Figura 6: Reprodução do fôlio 6 do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

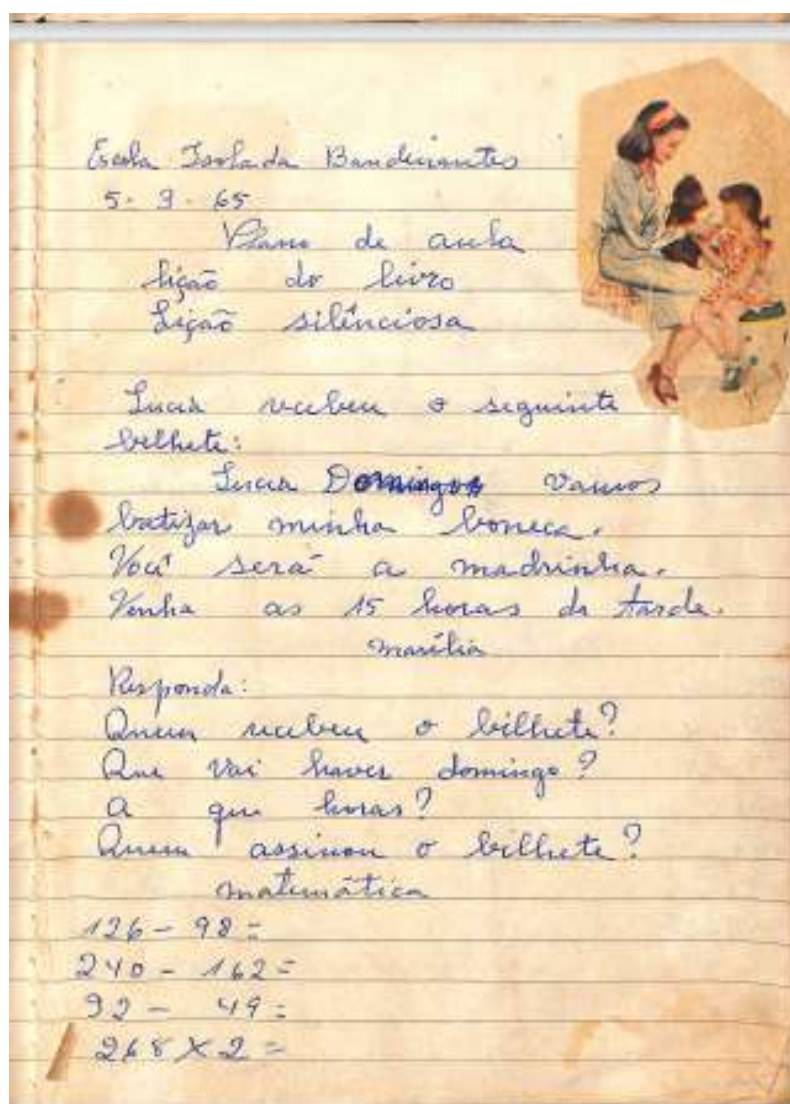
Transcrição 1: Transcrição do fôlio 9 do *Caderno de Memórias*.

	Depois fui convidada para a Escola do Itacoliára mas não fui, porque outros conhecidos me ofereceram
--	--

5	melhora em ordenados na Escola do Bejuim ³ do mesmo.
10	No ano seguinte mudei-se para o Bejuim aos 15 de fevereiro de 1949. Fui enfrentar outra escola, ali sofri demais, sempre trabalhando, fazendo um pe[r]íodo diurno e outro noturno lecionando para 32 rapazes. Nessa época meu ordenado passou a ser 0,[4]5, ali passei mais 4 anos. Nessa época depois de 1 ano e meio perdi minha 3ª filha, sempre
15	

Fonte: Autoria própria.

³ De acordo com pesquisas e com o site da Prefeitura Municipal de Cambira, era o nome de uma Estrada, Estrada do Benjoin
<<https://www.cambira.pr.gov.br/prefeitura-de-cambira-realiza-melhorias-na-estrada-do-benjoin/>>

Figura 7: Reprodução do fôlio 4 do *Livro de Pontos e Reuniões*

Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Transcrição 2: Transcrição do fôlio 28 do *Livro de Pontos e Reuniões*.

5	Escola Isolada Bandeirantes [colagem]⁴ 5 - 3 - 65 Plano de aula lição do livro Lição silenciosa Lucia recebeu o seguinte bilhete: Lucia D[omingo] vamos batizar minha boneca. Você será a madrinha.
10	

⁴ Ao lado direito superior da folha há uma colagem de uma figura de uma mulher com uma menina, dando-lhe algo de beber

15	Venha as 15 horas da tarde. Marília
20	Responda: Quem recebeu o bilhete? Que vai haver domingo? A que horas? Quem assinou o bilhete?
25	Matemática 126-98= 240-162= 92-49= 268x2=

Fonte: Autoria própria.

Assim, a edição *vertical*, por meio da organização cronológica, visa proporcionar uma visão estruturada das relações entre fólio por fólio e posições integrais dos manuscritos, respeitando as unidades da página. Essa abordagem metodológica permite notar o sistema de evolução textual e desenvolvimento das ideias mediante uma análise diacrônica, a fim de examinar, de forma detalhada, as modificações e tendências realizadas pelo autor e compreender o processo criativo do manuscrito, revelando toda sua complexidade.

1.2.5 Extensão da Crítica genética: análise a gêneros não literários

Ao se dedicar à análise de manuscritos escolares e pessoais de uma professora da zona rural, por meio de documentos que não se enquadram como obra literária e tampouco foram produzidos com intenção de publicação, esta pesquisa se insere na ampliação dos horizontes tradicionais da Crítica genética. Diferentemente dos estudos centrados na gênese de obras de autores consagrados, o foco aqui recai sobre a escrita cotidiana e localizada de uma mulher negra, educadora e pioneira do município de Maringá.

Poucos estudos se debruçam a escrituras de obras não literárias, como observa Camargo (2009, p, 29), ao afirmar que “só se costuma atribuir valor permanente aos arquivos de pessoas que alcançaram alguma expressão ou proeminência no mundo da política, da ciência, das artes, do direito, da filosofia ou

da literatura”. Nesse sentido, esta pesquisa busca valorizar formas de escrita frequentemente diferentes dos estudos tradicionais.

O objetivo central é compreender a gênese de dois manuscritos não literários, *O Caderninho de Memórias* e o *Livro de Pontos e Reuniões*, analisando os elementos recorrentes nesse processo — como as anotações pessoais, os temas abordados e os conteúdos registrados —, de modo a preservar e dar visibilidade a essas formas de escrita. Conforme aponta Calil (2012, p.4), documentos dessa natureza não têm por finalidade a avaliação estética dos textos, mas sim de procurar resgatar a escritura em sua dimensão inventiva, como a relação autoral entre aquele que escreve e o texto escrito.

A análise dessa relação entre autor e texto nos permite compreender o papel social desenhado por Dona Agmar dos Santos, evidenciado pela transitividade dos elementos linguísticos que se variam nos manuscritos, conforme os diferentes contextos de produção em que foram elaborados.

A reflexão da historiadora francesa Anne Zink, citada por Camargo (2009, p. 30), expande nosso olhar sobre os manuscritos que analisaremos. Quando Anne Zink destaca que “os mais preciosos são os documentos que não têm nenhum equivalente institucional, que não têm cópias em lugar algum, que informam sobre o que é exclusivamente privado”, chama atenção ao valor insubstituível dos registros pessoais da professora Agmar dos Santos, *O Caderninho de Memórias* e *O Livro de Pontos de Reuniões*. Tais documentos não foram produzidos em instituições oficiais, mas sim se encontram em formato original no Patrimônio Histórico Municipal de Maringá, registram práticas pedagógicas e experiências individuais que retratam uma escrita marcada por uma intimidade, pela subjetividade e vivência concreta em seu contexto.

A análise dos manuscritos exige um olhar atento ao seu contexto de produção, pois “os arquivos de pessoas devem ser tratados como arquivos, isto é, devem ficar ancorados ao contexto em que foram produzidos” (CAMARGO, 2009, p. 36)”. Assim, tentar interpretá-los a partir de sua utilidade atual compromete sua função probatória e sua representatividade. Quando se trata desses registros como arquivos, preserva-se sua densidade histórica e mostra-se respeito ao seu surgimento. De um mesmo modo, compreendê-los dentro de seus aspectos internos de sua produção é essencial para revelar a trajetória da professora Agmar.

Reconhecer o valor arquivístico dos manuscritos de Dona Agmar é assumir sua natureza funcional e contextual, compreendendo-os como registros autênticos de uma prática social concreta. Esses documentos se tornam preciosos não apenas por sua raridade inédita, porém por nos oferecer uma perspectiva singular sobre a história da educação e das práticas docentes em contextos desprivilegiados, além de revelar aspectos significativos da vida da pioneira. Embora suscetíveis às diversas interpretações, os manuscritos ocupam uma posição estável como evidências documentais, o que lhes confere relevância enquanto fonte e objeto de pesquisa, ampliando os horizontes da Crítica genética para além de estudos de autores consagrados e obras canônicas.

Capítulo 2 - A educação maringaense e a professora Agmar dos Santos

O presente capítulo tem por objetivo contribuir para uma melhor contextualização da produção dos manuscritos aqui estudados. Em um primeiro momento, discorreremos sobre a História da formação de Maringá e os eventos que atraíram a mineira Agmar dos Santos e seu marido para a região colonizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná (empresa que, em 1951, foi renomeada para Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná). Na sequência, propomo-nos a detalhar a vida da professora com especial atenção à sua carreira como docente e diretora de instituição escolar.

2.1 Um pouco de História de Maringá

Maringá é uma cidade localizada no noroeste do Paraná. Sua data de fundação oficial remete a 10 de maio de 1947, ano em que a cidade planejada pela Companhia de Terras Norte do Paraná passou a ser construída. Quase uma década antes, no entanto, em 1938, a região já vinha sendo ocupada, uma vez que essa empresa colonizadora⁵ — que havia adquirido do governo do Estado o direito de negociar terras e lotes urbanos das cidades que construiria no então chamado norte “novo” paranaense — vendia propriedades rurais. Desde essa época, formou-se ali um núcleo urbano, depois incorporado à área projetada da cidade. Luz (1999a, p.123) frisa que por suas condições favoráveis, como localização geográfica, topografia e clima favorável, Maringá tornou-se um dos principais núcleos urbanos fundado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Nessa etapa de colonização, o povoamento de Maringá foi iniciado em área constituída em área circunvizinha da região onde a cidade projetada nasceria. Na época, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná estimulou a vinda de moradores para essa área, a fim de se tornar um ponto de apoio para a futura cidade, que surgiria por ação planejada. Assim, os primeiros habitantes chegaram e construíram seus ranchos e cultivaram café, feijão, milho e arroz. Adquiriam seus terrenos da Companhia, que financiou o pagamento do lote em até quatro anos.

⁵ A Companhia também foi a responsável pela criação de outras cidades da região norte e noroeste do Paraná, dentre elas Londrina, Arapongas, Mandaguari, Umuarama e Cianorte.

Esses moradores, que depois seriam reconhecidos oficialmente pelo município como “pioneiros da cidade”, enfrentavam diversas dificuldades como a insegurança nas estradas e em suas casas, correndo o risco de serem até assaltados. Viviam em condições precárias, na *boca do sertão*, convivendo com a falta de assistência médica e de conforto (Luz, 1999a, p. 125-129).

Nesse núcleo inicial — mais tarde chamado de *Maringá Velho* — surgiram, em estruturas de madeira, as primeiras residências, lojas e hotéis. Tal formação ligava-se à zona rural, por meio de uma rua principal. Tratava-se de uma formação que concentrava alguma rede de comércio e serviços de uma cidade que apenas se esboçava.

Com o crescimento do patrimônio — ainda longe de tornar-se um município — muitos problemas tiveram que ser resolvidos pelos próprios moradores do local. Em 1947, surgiu, por exemplo, a primeira escola — a Escola Isolada do Maringá Velho —, após adaptar-se uma residência para que algumas professoras locais pudessem lecionar ali (Luz, 1999a, p. 132).

Já o início da Maringá planejada⁶ ocorreu com a demarcação da estação da estrada de ferro. Previu-se para a cidade um espaço de 600 alqueires, que seriam divididos bairros: residencial, residencial popular, industrial, operário, de armazém. O centro cívico foi alocado na região central da cidade em conexão com a estação rodoviária.

O primeiro terreno urbano da área planejada foi vendido pela Companhia em 6 de maio de 1947, consolidando o início da construção da cidade. Aos poucos a área do *Maringá Velho* se conectou ao *Maringá Novo* (Luz, 1999a, p. 135-140).

Em 1948, Maringá era administrativamente distrito de Mandaguari. E, em função do seu rápido crescimento, em 1948, a Prefeitura mandaguariense criou ali uma agência arrecadadora distrital, que logo foi substituída pela Subprefeitura. Foi somente em 1951, que Maringá se tornou um município independente, desmembrando-se de Mandaguari.

Como resultado da ação comercial da companhia colonizadora e do desenvolvimento econômico de Maringá, a formação da cidade implicou em um intenso fluxo migratório, atraindo pessoas oriundas de diversas partes do território nacional e, inclusive, de grupos de estrangeiros e seus descendentes brasileiros.

⁶ O projeto urbanístico da cidade coube ao engenheiro Jorge de Macedo Vieira, contratado pela empresa colonizadora.

Luz (1999b, p.149), a partir de dados de casamentos realizados entre 1944 e 1980 na microrregião de Maringá, conclui que o processo migratório atraiu especialmente paulistas (36,2% dos nubentes), paranaenses de outras regiões (33%), mineiros (13,6%), como Dona Agmar dos Santos, seguidos por migrantes de diversos Estados do Nordeste (Bahia, Pernambuco e Alagoas). Ao analisar apenas o grupo de nascidos em Minas Gerais, Luz aponta que com maior frequência se transferiram para a região até a década de 1960. Foi nesse movimento que a autora do *Caderninho de Memórias* e do *Livro de Pontos e Reuniões* e seu marido se transferiram primeiro para Apucarana e, depois, para Maringá, fato que exploraremos na seção 2.3. Antes disso, cumpre-nos discorrer um pouco sobre a História da educação maringaense.

2.1.1 Um pouco de História da educação maringaense

Nesta subseção, esboçaremos um quadro com fatos mais importantes da História da educação maringaense. Interessa-nos especialmente reconstituir os contornos históricos do período no qual a professora Agmar dos Santos atuou como professora e diretora de uma instituição escolar da zona rural de Maringá.

Em 1947, como mencionamos anteriormente, surgiu a primeira escola em Maringá, a Escola Isolada do Maringá Velho, localizada no núcleo não planejado da cidade. Essa escola foi erguida com recursos dos próprios moradores e comportava um total de 48 alunos. A partir dessa primeira instituição, aos poucos novas escolas foram surgindo na cidade na fase em que não havia se emancipado politicamente.

O ápice desse movimento de surgimento de prédios escolares se deu em 1953, na gestão do primeiro prefeito de Maringá emancipada, o Sr. Inocente Villanova Jr., quando 71 escolas municipais foram fundadas (Sanches, 2006).

Naqueles primeiros anos de formação da cidade, até as décadas de 1940-1950, a criação das escolas não se deu, de modo geral, como fruto de uma iniciativa do poder público municipal ou estadual. A princípio esse processo se deu mais por iniciativa de professoras e professores, muitas vezes de formação leiga, que transformavam algum cômodo de suas casas em sala de aula. Nesse período, não havia transporte escolar, nem merenda, nem serviços de limpeza; tudo isso era de responsabilidade de alunos e professores, esses últimos remunerados (nem sempre em dinheiro) pelo esforço dos pais e responsáveis pelos estudantes. É

justamente dessa forma que, como veremos com mais detalhes na próxima seção, Dona Agmar dos Santos começou a lecionar em Maringá, após receber convite de alguns pais. Após buscar apoio do poder público local, na administração de Inocente Villanova Jr. é que ela pôde ter sua escola construída, dando a ela o nome de Escola Municipal Bandeirantes, em 1953. Antes dessa iniciativa, aliás, os alunos dessa escola não recebiam o suporte educacional necessário, obrigando aqueles com mais recursos financeiros a se deslocarem para o "Maringá Velho" para estudar, enquanto outros simplesmente não tinham acesso à educação (Amaro; Rodrigues, 1999, p. 373). Foi, portanto, com a escola criada por obra de Dona Agmar dos Santos que o sistema municipal de ensino deu o seu primeiro passo.

Entretanto, esse passo não desembocou em um movimento de evolução crescente. Segundo Amaro e Rodrigues (1999, p. 375), se na gestão de Inocente Villanova Jr., os professores recebiam um salário fixo, que era pago regularmente, na segunda gestão administrativa, a de Américo Dias Ferraz, os docentes e demais servidores municipais passaram a não mais receber regularmente os seus devidos salários, sendo comum ficarem dias — e até meses — sem receber. Esse problema dos ordenados só foi resolvido na gestão posterior, já na década de 1960.

Além disso, se nos anos 60 realizou-se o primeiro concurso para professor da rede municipal de ensino, resultando na contratação de dez docentes, os processos de contratação posteriores passaram a ser realizados por meio do clientelismo político. Essa situação só foi interrompida em 1986, quando os concursos de seleção de docentes passaram a ser a regra (Amaro; Rodrigues, 1999, p.376).

Quanto ao plano curricular de ensino, a princípio não havia qualquer orientação e direcionamento centralizado. Os professores planejavam e ministravam suas aulas pelo que consideravam importante ensinar. Foi somente a partir de 1969 que a Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Social passou a elaborar um plano curricular único de ensino que foi sendo aprimorado por meio da Lei 5.692/71⁷ (Amaro e Rodrigues, 1999, p. 375). O *Livro de Pontos e Reuniões*, manuscrito produzido por Dona Agmar dos Santos, que aqui nos propomos a editar e estudar, é o resultado desse processo, no qual o docente, sem uma orientação oficial, definia os conteúdos que deveriam ser ministrados em sala de aula.

⁷ A Lei 5.692/71 foi uma legislação brasileira que estabeleceu diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus no país. Essa lei foi promulgada em 11 de agosto de 1971 e vigorou até ser revogada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96.

Ao longo da década de 1970, a organização dos complexos educacionais maringaenses avançou ainda mais, especialmente com a implantação da Lei 5.692/71 que se aplicou em primeiro lugar às escolas na zona urbana, sob a gestão estadual. Amaro e Rodrigues (1999, p.377) relatam que, simultaneamente a esse processo, o município passou também a investir na reorganização da educação rural, sob sua gestão, adequando os estabelecimentos de ensino municipais a essa legislação. Mediante os problemas educacionais que o município enfrentava, a Secretaria Municipal do Município concluiu que tais acontecimentos influenciam na queda da qualidade de ensino. A partir desse diagnóstico, criou uma equipe para supervisionar a implementação da lei, que propôs uma racionalização e otimização dos recursos escolares. Realizou-se, então, a reorganização da rede de ensino, promovendo a melhoria da infraestrutura, implementando treinamentos para os docentes e os técnicos-administrativos e, por fim, instituindo uma organização burocrática do ensino mais adequada. No início dos anos 1980, quando a Secretaria Municipal de Educação de Maringá concluiu a primeira fase desse processo, o ensino municipal de Maringá, naquela altura rural, apresentava-se mais organizado que o de outras cidades.

Em 1983, já havia uma rede municipal que atendia da pré-escola à 8ª série e as respectivas coordenações (no início denominadas de orientações) das áreas constitutivas do núcleo comum. Cada área assessorava os professores que formavam grupos pequenos, nos quais se deliberava acerca dos conteúdos e de como o mesmo seria trabalhado em sala de aula. Esses grupos recebiam das coordenações as orientações necessárias para realizarem o planejamento das atividades de ensino (Amaro; Rodrigues, 1999, p. 383).

Algumas transformações significativas na educação municipal de Maringá a partir daí. Inicialmente, no período de 1983 em diante, a educação municipal passou a atender, além da zona rural, os novos bairros da cidade. Nessa época, atendia desde a pré-escola até a 8ª série, oferecendo uma coordenação por série e por área. Com a expansão da rede, as reuniões e formações pedagógicas se tornaram ainda mais regulares: as reuniões de 1ª a 4ª série eram realizadas quinzenalmente e, logo, passaram a ser mais frequentes; já para a 5ª a 8ª série, as reuniões ocorriam dentro da carga horária semanal (Amaro; Rodrigues, 1999, p.381-387).

Essa tendência de desenvolvimento foi interrompida na década seguinte. Em 1990, a administração municipal se tornou liberal, no governo do prefeito Ricardo

Barros. Sem uma proposta pedagógica para o setor educacional, investiu-se em um grande marketing político que alardeava o que considerava a “ineficiência de ensino” e, de modo geral, de todas as instâncias do serviço público. A política implementada definiu que o principal objetivo a ser perseguido era a redução dos custos da máquina pública. O governo de Barros deu início à terceirização dos serviços públicos, que para o sistema de ensino municipal resultaria nas chamadas “Escolas Cooperativas”. A ideia era transferir a administração das escolas para grupos empresariais. Das vinte e três escolas municipais existentes em 1989, apenas sete permaneceram sob gestão total do poder público. As demais foram transferidas para sociedades-empresas, cujos sócios eram professores e técnicos da educação. Nesse modelo, a política liberal de Barros obrigava que 50% do corpo docente e da equipe de funcionários se tornassem sócios. A primeira escola a participar desse projeto foi justamente a recém criada a Escola Municipal Agmar dos Santos, que homenageou a autora dos manuscritos que aqui estudamos quando ela ainda estava viva. Como resultado dessa política, aconteceu uma demissão em massa do sistema de ensino municipal, que perdeu cerca de 500 funcionários (Amaro; Rodrigues, 1999, p. 387 - 385).

Tais servidores, convertidos em “sócios” perderam seus benefícios trabalhistas como a estabilidade no emprego, os salários, os planos de saúde e as licenças remuneradas. Os professores, conseqüentemente, tiveram de aumentar suas cargas horárias, tornando-as excessivas, atribuindo um grande prejuízo na qualidade de ensino, já que os profissionais estavam desmotivados, não tinham apoio pedagógico e trabalhavam em condições deficientes de infraestrutura e recursos didáticos. Essas condições criaram um ambiente desfavorável ao aprendizado, prejudicando o desenvolvimento intelectual e social dos alunos (Amaro e Rodrigues, 1999, p. 386-387).

Amaro e Rodrigues (1999) fazem a seguinte avaliação da política privatizante imposta por Ricardo Barros:

Embora essa realidade tenha existido por um curto período (1991-1992), desestruturou a Educação Municipal, que a partir de 1993 retomou o encaminhamento anterior a 1989, qual seja, a gestão pública, reabrindo concursos para a contratação, já que o quadro docente e técnico-administrativo havia sido esvaziado, não sendo suficiente para manter em funcionamento toda a rede municipal de educação (Amaro; Rodrigues, 1999, p. 387).

Com a eleição de Said Ferreira em 1992, então, a política educacional municipal retomou o rumo que vigorava até 1988, mantendo-se pública. A essa altura, a Dona Agmar dos Santos já estava aposentada desde meados dos anos 1980 e viveria até 1994. É sobre ela que discorreremos na próxima seção.

2.2 A professora Agmar dos Santos e seu papel nos primórdios da educação maringaense

Agmar dos Santos nasceu em 11 de novembro de 1923, em Cláudio-MG. Estudou até o 2.º ano ginasial, que possibilitava o exercício do ensino, em São João Del Rei, Minas Gerais. Lá, iniciou sua carreira como professora, lecionando dois anos em uma fazenda, com 20 anos, em 1942 e 1943, quando se casou e mudou-se para Apucarana, iniciando uma nova vida. Em 1947, iniciou sua carreira em 1946 como docente nomeada pelo município de Apucarana e permaneceu até agosto de 1952.

Em 1952, mudou-se para Maringá a convite de pais de alunos, proeminentes fazendeiros locais. Junto ao marido, adquiriu uma propriedade rural na Estrada Bandeirante, onde estabeleceu residência.

Em resposta à necessidade local, a professora relatou que moradores da região lhe ofereceram um espaço para ministrar aulas a crianças que não tinham acesso às duas únicas escolas existentes em Maringá, devido à distância. No dia 20 de setembro de 1952, ela iniciou suas atividades educacionais com recursos limitados: uma tábua, três mesas e dois bancos cedidos pelos pais dos alunos. Trinta e duas crianças foram matriculadas. Devido à falta de infraestrutura, as aulas eram realizadas no rancho da professora até a construção de um espaço adequado. A dedicação era integral, com aulas durante o período matutino, vespertino e noturno. A remuneração não era financeira; em vez disso, a comunidade contribuía com apoio mútuo, refletindo a solidariedade e o compromisso com a educação local.

Um marco significativo na vida de Agmar ocorreu em 4 de janeiro de 1953, quando o primeiro prefeito de Maringá, Inocente Villanova Júnior, junto a líderes locais, comprometeu-se a construir uma escola para atender às necessidades da comunidade. Em apenas quatro dias, em 8 de janeiro daquele mesmo ano, os materiais necessários chegaram e a construção teve início. Sem interrupção, a professora continuou lecionando enquanto a estrutura era erguida. Sua dedicação

foi oficialmente reconhecida em 15 de fevereiro de 1953, quando recebeu sua nomeação oficial⁸. Agmar dos Santos foi a primeira professora contratada pela rede municipal, fundando a primeira escola rural do município, conforme Caetano (2021, p. 56). Em 20 de abril de 1953, a escola foi oficialmente entregue à professora. Com o novo espaço, a educação ganhou estrutura: os alunos foram organizados em séries (1ª, 2ª e 3ª), permitindo um ensino mais estruturado. Essa escola rural, construída perto da residência da professora, refletia uma prática comum na época, garantindo acesso à educação sem necessidade de transporte.

Com a consolidação da escola, iniciou-se um processo sistemático de contratação de professoras, distribuídas por classe. Embora possuíssem formação básica em ensino fundamental, careciam de experiência prática em sala de aula. A professora Agmar dos Santos desempenhou um papel fundamental, pois segundo sua entrevista, era ela quem orientava e monitorava essas docentes iniciantes. Sob sua liderança, essas professoras emergentes desenvolveram habilidades pedagógicas, o que as qualificou para receberem nomeação oficial pela prefeitura. Antes da fundação da escola, Dona Agmar era a principal responsável pelas orientações educacionais.

Segundo os relatos da professora, as condições de ensino nos primórdios da Bandeirantes eram desafiadoras. Em aulas noturnas, Agmar utilizava lamparinas, e cada aluno tinha a sua em uma turma mista. Em 1959, João Paulino Vieira Filho, que na eleição seguinte se tornaria prefeito, visitou a escola e, percebendo as dificuldades das professoras, forneceu-lhe um lampião Petromax⁹.

Durante o mandato do primeiro prefeito, Inocente Villanova Júnior, Dona Agmar relatou que havia falta de recursos, mas materiais didáticos eram disponibilizados. Em alguns casos, precisava comprar materiais com seu próprio dinheiro, como giz. Na gestão do segundo prefeito, Américo Dias Ferraz, não havia pagamentos regulares. Vales eram emitidos esporadicamente para alguns professores durante quatro anos e os pais dos alunos ajudavam com materiais

⁸ Quando se olha os registros maringaenses, aparece como primeira professora a senhora Dirce Aguiar Maia, que foi a primeira professora de Maringá, porém era professora da rede estadual de ensino.

⁹ O lampião Petromax é um modelo de lampião pressurizado a querosene, criado na Alemanha no início do século XX, conhecido por sua potente luminosidade e resistência. Feito de metal e com globo de vidro, funciona com pressão de ar que leva o combustível a um manto incandescente, emitindo uma luz branca intensa. No Brasil, foi amplamente usado em áreas rurais antes da eletrificação, tornando-se símbolo da vida no interior e presença constante em contextos históricos e literários.

didáticos, circunstância que levou muitas professoras a abandonar a docência devido à ausência de remuneração. Na terceira gestão, de João Paulino, um mandato que marcou uma virada. A educação recebeu mais suporte e os salários foram regularizados¹⁰.

A trajetória da Escola Municipal Bandeirantes, liderada por Dona Agmar, sofreu uma transformação significativa em 1974. A aquisição do terreno da escola pela Conti Óleos¹¹, posteriormente adquirida pela Bunge Alimentos, marcou o fim de uma era. A instalação de indústrias na região levou ao fechamento daquela instituição de ensino. Durante sua existência, desde a organização até a sua limpeza eram realizadas pela professora e pelos alunos da instituição. Agmar lecionou na escola até 1974, entrando de licença para, em seguida, aposentar-se pelo município. Pelo Estado, ainda atuaria até 1986.

Segundo o depoimento concedido ao projeto Memória, disponível no acervo do Patrimônio Histórico de Maringá, em 1976, criou-se uma nova escola, com recursos da empresa norte-americana, localizada a aproximadamente 200 metros da antiga Escola Municipal Bandeirantes. Construída por um novo grupo, recebeu o nome de Ruy Alvino Alegretti, irmão da então Secretária da Cultura e do Turismo. Essa decisão foi desaprovada por Dona Agmar e pelas famílias dos alunos de sua antiga escola, como atesta o trecho a seguir dessa entrevista:

Existe uma escola que levou o nome de Rui Alvino Alegretti, mas aquela escola deveria ser dona Agmar.[...] Mais os alunos daquela escola [...] eles já quiseram duas ou três vezes fazer pedido, sabe? [...] Eles falaram: 'Dona Agmar, nós não aceitamos porque nós conhecemos a senhora. Nós vimos a luta da senhora. Nós como alunos e nossos pais como testemunhas. E por que colocaram o nome de outro que nós nem sabemos quem é?' (Maringá, 2018, p. 32)

Em 1979, foi homenageada pelo município, dois anos depois de sua aposentadoria municipal. Isso aconteceu na gestão do prefeito Silvio Barros que

¹⁰ Quatro anos de atraso salarial teriam sido quitados vinte dias após João Paulino assumir o seu cargo.

¹¹ Conti Óleos foi uma indústria instalada em Maringá durante as décadas de 1970 e 1980 e destacou-se como uma indústria de grande relevância, atuando no segmento de processamento de óleos vegetais. Sua atuação teve papel fundamental no fortalecimento do setor agroindustrial e no impulso ao desenvolvimento econômico e industrial da cidade. Posteriormente, as instalações da Conti Óleos foram incorporadas pela Bunge Alimentos, evidenciando a continuidade e a expansão das atividades industriais na região

realizou uma solenidade para honrar as contribuições de destacadas educadoras, entre elas a professora Agmar dos Santos, que recebeu uma placa comemorativa, oficializando seu título como "Primeira Professora de Maringá".

Em 1991, finalmente recebeu um reconhecimento mais à altura de seu legado. Naquele ano, inaugurou-se a Escola Municipal Professora Agmar dos Santos, localizada em bairro diferente onde a Escola Municipal Bandeirantes existiu. A homenagem foi realizada durante sua vida, precedendo seu falecimento em 1994.

A carreira de Dona Agmar dos Santos foi marcada por desafios financeiros persistentes. Mesmo após sua aposentadoria, o salário continuou insuficiente, reflexo de uma desvalorização crônica da profissão. A professora relatou nas entrevistas que concedeu que, além das responsabilidades docentes, exerceu papel de cuidadora, servente, enfermeira e educadora dentro de sua instituição de ensino.

Pouco ou praticamente nada é encontrado sobre a professora Agmar nos livros e em jornais que rememoram o passado de Maringá. Seu nome é citado pelos memorialistas Sanches (2006) e Reis (2004), que a apontam como pioneira da educação de Maringá. Aparece ao lado de outras figuras como, Dirce de Aguiar Maia, Stefania Moreno, Maria e Cidinha Balani, Neiva Camargo, Maria Pizzolato Maragno e Lucrecia Vareschi, professoras relevantes da fase inicial da cidade. Entretanto, não há informações sobre sua vida e sobre a sua luta pela educação maringaense.

Também não encontramos, nas incursões que fizemos na hemeroteca do Patrimônio Histórico do Município, que guarda as edições dos principais jornais maringaenses publicadas desde a década de 1950, qualquer menção relevante dela e de seu trabalho à frente da Escola Bandeirantes.

A obra que mais detalha sua trajetória foi publicada em 2018. Trata-se da transcrição de uma de suas entrevistas, que foi publicada em *Depoimentos de Professoras Pioneiras de Maringá*, que veio a público por obra da Secretaria de Cultura do Município. Ou seja, apenas mais recentemente, e de forma pontual, a professora vem sendo valorizada como deveria.

Para que possamos conhecer a autora dos manuscritos que estudamos, veja na Figura 8, a seguir, Dona Agmar:

Figura 8: Professora Agmar dos Santos



Fonte: Prefeitura do Município de Maringá - Secretaria de Cultura, Depoimento de Professoras Pioneiras de Maringá, 2018, p. 16.

Capítulo 3 - Metodologia

Nesta seção, evidenciaremos os procedimentos e métodos que lançamos mão para a pesquisa que realizamos sobre os manuscritos autógrafos da professora Agmar dos Santos, *O Caderninho de Memórias* e *O Livro de Pontos e Reuniões*.

Grésillon (2007, p. 48) observa que, ao se estudar um manuscrito, busca-se reconstruir um passado, e que a interpretação não deve se limitar à produção de uma edição aprimorada do texto, mas também contribuir para a elucidação do processo de escritura — isto é, para a compreensão das escolhas, hesitações, revisões e camadas sucessivas que compõem a gênese textual. Trata-se, portanto, de valorizar elementos que, com frequência, seriam negligenciados ou apagados por uma abordagem literária tradicional, centrada apenas no produto final da obra.

Nas seções adiante evidenciaremos a metodologia que aplicamos para realizar essa tarefa crítico-genética mencionada por Grésillon, ou seja — elucidar o

processo de escritura, no nosso caso realizado pela primeira professora municipal de Maringá-PR. Assim, nas seções seguintes, explicitaremos sobre o dossiê da gênese que constituímos; apresentaremos os critérios usados na transcrição que realizamos e, por fim, discorreremos sobre os procedimentos utilizados para análise e interpretação dos manuscritos.

3.1. O dossiê da gênese do *Caderninho de Memórias* e do *Livro de Pontos e Reuniões* de Dona Agmar dos Santos.

Para a elaboração deste trabalho, compomos um dossiê constituído inicialmente realizado com os manuscritos autógrafos de Dona Agmar dos Santos. O acesso a tal material foi realizado por meio de fac-símile digitalizado, disponibilizado pela Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá em formato de arquivo. Quando necessário, também tivemos contato com os originais guardados nessa mesma instituição.

O *Caderninho de Memórias*, cuja capa apresentamos na Figura 9, configura-se como um relato pessoal da professora. O material completo contém 47 fólios ao total, contando os fólios em branco e capa. Nele, Dona Agmar remonta sua trajetória como docente, iniciada em 1947. Além disso, dá notícias sobre os momentos mais marcantes da sua vida.

Figura 9: Capa do *Caderninho de Memórias* da professora Agmar dos Santos



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Sua leitura sugere se tratar de um texto de uso particular ou um registro de sua trajetória para ser deixada aos membros de sua família, não havendo qualquer indício de que pretendia publicá-lo. O tom pessoal do manuscrito é evidenciado pela presença de anotações de endereços de parentes e conhecidos, de trechos que se constituem como lembretes de serviços domésticos de suas auxiliares do lar, além da presença de recibos bancários. O material foi provavelmente escrito entre 1969 e 1970, como evidenciamos mais adiante no Capítulo 4 desta dissertação, dedicado à análise do material.

Já o *Livro de Pontos e Reuniões*, cuja capa apresentamos na Figura 10, contém 31 fólios ao total, contando a capa. Destas, há planejamentos de aula da professora, abordando temas de diferentes áreas do saber como a matemática, a língua portuguesa, as ciências naturais, o desenho, a educação física e o canto.

Figura 10: Capa do *Livro de Pontos e Reuniões* da professora Agmar dos Santos



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Os planejamentos de aula são relativos principalmente aos meses de março e abril do ano de 1965. O material apresenta ainda trechos com anotações realizadas em outras datas, lembretes, assuntos de reuniões e ocorrências escolares. Este manuscrito também deixa evidências de que era de uso pessoal de Dona Agmar, tendo sido utilizado para a sua própria organização das atividades escolares sob sua responsabilidade.

A esses dois manuscritos autógrafos, adicionamos outros documentos de acesso público no Patrimônio Histórico de Maringá. Nessa instituição, localizamos duas entrevistas concedidas por Dona Agmar, gravadas nos anos 1980/1990¹², uma

¹² As entrevistas foram gravadas no âmbito do Projeto Memória que em Maringá registrou o depoimento das figuras “pioneiras” do município.

delas transcrita e publicada, em obra intitulada *Depoimentos de professoras pioneiras de Maringá*. Em seu formato original, um desses depoimentos orais apresenta-se em formato de vídeo e tem duração de 30min54s, tendo sido gravado em março de 1989. Nesta entrevista, a professora conta toda sua trajetória desde o momento em que chegou à Maringá, em 1952, até o momento em que se aposentou. A outra gravação foi registrada em 22 de setembro de 1986 em áudio e dura 50min46s, abordando fatos da educação maringaense e a atuação da professora.

Além disso, incorporamos ao dossiê da gênese, as fichas de identificação do cadastro de pioneira de Dona Agmar no Patrimônio Histórico Municipal de Maringá (Figura 11), realizado pela própria professora na data de dia 20 de setembro de 1986. Também incluímos os documentos constantes da coleção Agmar dos Santos como certificado de um curso que a professora participou (Figura 12); e holerite (Figura 13).

A inclusão de documentos e registros diversificados no estudo da vida e obra de Dona Agmar revela uma estratégia metodológica fundamental. Ao ampliar o contexto por meio de entrevistas concedidas pela própria protagonista, obtém-se uma narrativa em primeira pessoa que ilumina aspectos cruciais de sua trajetória profissional e pessoal. Paralelamente, a diversificação das fontes, com a incorporação de fichas de identificação, certificados de cursos e holerites, proporciona uma visão ainda mais completa da vida e carreira da professora, revelando detalhes importantes que poderiam permanecer obscuros se considerados apenas os manuscritos.

Além disso, a reunião desses materiais possibilita uma análise mais abrangente da gênese do *Caderninho de Memórias* e do *Livro de Pontos e Reuniões*, permitindo entender as influências, contextos e condições que nortearam a produção textual de Agmar dos Santos. Tal compreensão é essencial para uma análise interpretativa de sua obra, dotando o pesquisador de ferramentas para uma leitura mais aprofundada e contextualizada dos textos. A autenticidade desses documentos oficiais e registros públicos do Patrimônio Histórico de Maringá confere validade e credibilidade à pesquisa, contextualizando historicamente a atuação de Dona Agmar na educação local.

No livro de registro do acervo geral da divisão de Patrimônio Histórico e Artístico Municipal da antiga Secretaria de Cultura e Turismo — hoje Secretaria

Municipal de Cultura — consta que o registro das doações desses documentos pessoais de Agmar dos Santos ocorreu entre os anos de 1989 e 1990, sem data precisa.

Figura 11: Ficha de cadastro de pioneira da professora Agmar dos Santos

CADASTRO Nº 14 - ENTREVISTA GRAVADA/TCMGO

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ
SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO
DIVISÃO DE CULTURA E TURISMO - SEÇÃO DE CULTURA
CADASTRO DE PIONEIROS
(LEI MUNICIPAL Nº 931 DE 03/07/72)

PIONEIRO

NOME: **AGMAR DOS SANTOS** *PP cad. 03*

DATA DO NASCIMENTO: **11/11/1925**

IDADE: *93*

NACIONALIDADE: **brasileira**

NATURAL DE: **Clonário**

ESTADO: **Minas Gerais**

ESTADO CIVIL: **casada**

PROFISSÃO: **professora**

CÉDULA DE IDENTIDADE: *101-200-010*

TÍTULO DE ELEITOR: **zona 3333**

ENDEREÇO ANTERIOR: **Rua do Ipo, 101 - Botafogo**

ENDEREÇO ATUAL: **Rua dos Ipo, 141 - Botafogo (antigo)**
Rua dos Tigre, 347 - Botafogo

PRIMEIRAS ATIVIDADES EM MARINGÁ

1ª professora admitida pelo 1º Prefeito, Inocente Villanova, de 1953 a 1976, em escola construída especialmente para ela lecionar

Nomeada pelo Estado em 25 de maio de 1958, trabalhou até 1986; hoje está aposentada.

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Maringá. Coleções Particulares. Agmar dos Santos. Pasta 6 "A". Ficha 037. Ficha de cadastro de pioneira.

Figura 12: Certificado de cursos da professora Agmar dos Santos

204/63



ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

CERTIFICADO

AGMAR DOS SANTOS

Freqüentou com assiduidade as aulas de Curso de

INTENSIVO DE FÉRIAS PARA PROFESSORES PRIMÁRIOS =

PROGRAMA EDUCACIONAL DE EMERGÊNCIA = REALIZADO

EM MARINGÁ DE 28 DE JANEIRO A 2 DE FEVEREIRO DE

1963

Curitiba, de de 196.....

A. M. Gesteira
Diretor do C.E.P.E.

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Maringá. Coleções Particulares. Agmar dos Santos. Pasta 6 "A". Ficha 037. Ficha de cadastro de pioneira.

Figura 13: Holerite de Dona Agmar

ESTADO DO PARANÁ
SEC. DO GOVERNO
DIRETORIA DA DESPESA FIXA

NOME
AGUIAR DOS SANTOS

13 403080944 10942
LOCAL DOTACÃO ANO MATRÍCULA

103 VENCIMENT 357700
251 SALÁRIO F 140000
497700

141 I P E MEN 14308
171 SFG DE VI 7500
21808

CONFINA E GUARDE - É O SEU DOCUMENTO

475842

DISCRIMINAÇÃO IMPORTÂNCIAS

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Maringá. Coleções Particulares. Agmar dos Santos. Pasta 6 "A". Ficha 037.

Ao longo de nossa pesquisa, tentamos incorporar matérias publicadas em jornais locais sobre a professora, que talvez existissem dada a relevância de Dona Agmar para os primórdios da educação maringaense. Contudo infelizmente não encontramos nenhum material relevante, nem mesmo nas edições comemorativas do aniversário de fundação nem em livros de memorialistas da cidade.

3.2 Procedimentos para transcrição

Partindo dos manuscritos, nosso material principal de pesquisa, realizamos uma transcrição que favorecesse uma edição genética. A transcrição dos manuscritos foi realizada com base nos critérios estabelecidos para edições semidiplomáticas por Cambraia et. al. (2005). Assim, seguiram-se as seguintes normas de transcrição:

- a) A transcrição foi conservadora;
 - b) abreviaturas foram desenvolvidas, dispondo em itálico as letras omitidas;
 - c) não foi estabelecida fronteira de palavras que foram escritas juntas, nem se introduziram hífen ou apóstrofo onde não houve;
 - d) sinais de pontuação do original foram mantidos fielmente;
 - e) a acentuação do original foi mantida fielmente;
 - f) a grafia do manuscrito foi sempre respeitada, mantendo as idiossincrasias da autora;
 - g) supressões feitas no original foram tachadas;
 - h) as intervenções do editor foram as mínimas possíveis;
 - i) letra ou palavra não legível foram indicadas, entre colchetes, como [ilegível];
 - j) palavras ou letras rasuradas foram indicadas entre colchetes
 - k) separação vocabular (intra e interlinear) foi reproduzida fielmente;
 - l) os sinais de separação de sílaba ou de linha foram mantidos;
 - m) paragrafação foi reproduzida fielmente;
 - n) a divisão de linhas do original foi preservada e as linhas na edição serão numeradas de 5 em 5, em margem externa;
 - o) a inserção de um novo sintagma foi informada entre os dígrafos < >, seguidos de: <↑> caso ocorresse na entrelinha superior e <↓> caso ocorresse na entrelinha inferior;
 - p) qualquer particularidade foi informada em nota;
 - q) a transcrição será paginada e identificada como R (reto, frente) e V (verso, atrás);
 - r) as operações matemáticas serão colocadas dentro de parênteses;
- A transcrição foi realizada de modo justaposta ao fac-símile, para que o leitor tenha acesso ao texto original e transcrito.

Por fim, quanto à legibilidade do material, por não estar corrompido, não houve grandes dificuldades para sua transcrição.

3.3 Procedimentos para análise dos textos: os aspectos mais gerais dos manuscritos

Para descrição dos aspectos mais gerais dos manuscritos analisados, investigaremos:

- a) A datação do(s) texto(s) dos manuscritos: sobre este ponto investigaremos as datas de produção dos textos de cada documento.
- b) A configuração física dos manuscritos: neste ponto, vamos descrever sua extensão em fólios e os aspectos físicos do suporte.
- c) A configuração textual dos manuscritos: aqui vamos investigar quais partes o manuscrito contém além da parte principal, ou seja, o relato pessoal (no caso do *Caderninho de Memórias*) e do planejamento de aulas e registro de reuniões (no caso do *Livro de Pontos e Reuniões*).
- d) A configuração temática dos manuscritos: aqui vão inventariar os principais assuntos abordados.

3.4 Procedimentos para análise dos textos: análise dos desvios não corrigidos e das revisões

O processo de produção de um texto escrito gera muito comumente usos que precisam ser revistos pelo autor. Os manuscritos de Dona Agmar dos Santos não são isentos desse processo que revelam um texto em movimento, evidenciando várias camadas textuais em um mesmo manuscrito. A autora realizou correções que ficaram registradas nesse processo de construção textual, deixando outros usos sem a adequação necessária caso pretendesse publicar tal material. Para analisar esses desvios — revisados ou não pela professora, apoiamo-nos em Blecua (1983). Ao abordar os erros que eram cometidos por um copista, esse autor sugere a seguinte classificação:

- 1) *erros por adição (adiectio)*: ocorrem quando um copista repete uma letra, uma sílaba ou uma ou mais frases. Esses erros podem ser: a) adição de um fonema; b) adição de uma sílaba por repetição; c) adição por repetição de uma palavra ou uma frase breve; d) adição por um sinônimo. O caso mais

comum nos dois manuscritos é a adição de letras nas palavras, como acontece no fôlio 12 do *Caderninho de Memórias*, em que a autora insere a vogal *a* para grafar *coraçõezinhos*, que ficou palavra *corac[a]õezinhos*;

- 2) *erros por omissão (detractatio)*: neste caso, omite-se uma letra, sílaba, palavra ou frases, sendo: a) omissão de um fonema ou de uma letra; b) omissão de uma sílaba ou uma palavra idêntica ou muito similar graficamente; c) omissão de uma palavra; d) omissão de uma frase ou de um verso inteiro. As omissões encontradas são em letras, uma vez que para analisar a omissão de uma palavra, frase ou verso só seria possível por meio de uma comparação com um manuscrito idêntico. Um exemplo que ilustra melhor é a palavra *fraços*, encontrada no fôlio 38 do *Livro de Pontos e Reuniões*, em que ocorre a omissão da vogal e para completude da palavra *frações*;
- 3) *erros por alteração de ordem (transmutatio)*: ocorrem por alteração de ordem, sejam: a) alteração de ordem de um fonema; b) alteração de ordem de palavras; c) alteração de ordem de versos e estrofes. Nos dois manuscritos analisados, encontramos apenas duas ocorrências de alteração de ordem, uma no *Caderninho de Memórias*, fôlio 12, *tua lembrança ~~querida~~, será! Uma lembrança querida*. A professora altera a ordem da palavra *querida*, a qual a desloca, ficando *tua lembrança, será! Uma lembrança querida*; e uma outra no *Livro de Pontos e Reuniões*, no fôlio 30, *E lá na floresta eu vi um colhinho assustado A olhar-me assustado -> E lá na floresta eu vi um coelhinho A olhar-me assustado*, a qual a alteração ocorre na palavra *assustado*.
- 4) *erros por substituição (immutatio)*: um dos mais complexos para Blecia (1983), são trocas de palavras frequentes, que podem ser: a) substituição de um fonema por atração de um que está próximo; b) substituição por atração de uma palavra igual na mesma perícope; c) substituição de uma palavra ou frase por outra da perícope mais próxima; d) substituição de fonemas por desconhecimento histórico do copista; e) substituição de uma palavra por outra similar frequente no uso e com grafemas quase idênticos; f) substituição de uma palavra ou frase por outra ao estabelecer mal o corte sintático; g) substituição de uma palavra por outra por atração do contexto, seja de uma passagem ou de toda a obra; h) substituição por sinônimos; i) substituição por antônimos; j) substituição por confusão de uma abreviatura com uma palavra sem abreviar; k) substituição por trivialização. As substituições ocorrem com

relativa frequência, sendo recorrentes os casos de substituição de letras, como em *esperan[c]a*, presente no *Caderninho de Memórias*, fôlio 87, substituindo letras parecidas ç e c.

Os manuscritos de Dona Agmar evidenciam marcas de alguma revisão, entretanto o material manteve usos que não passaram por qualquer procedimento de revisão. Em nosso trabalho de análise separamos esses dois fatos, realizando um levantamento de *desvios revisados e não corrigidos* pela autora nos dois manuscritos analisados. Em planilha eletrônica registramos tais ocorrências, registrando: sua localização no manuscrito (número do fôlio e indicação se reto (R) ou verso (V); o contexto no qual o uso se deu; o tipo de desvio ou revisão (se por adição, por substituição, por alteração ou por omissão; a indicação da hipótese do motivo pelo qual o erro/a revisão se deu; a classe de palavra na qual o erro/revisão aconteceu; o subsistema que está relacionado (fonético, morfológico, morfossintático, textual ou ortográfico¹³). As transcrições realizadas foram bastante relevantes para a identificação dos *desvios* e *revisões* do texto de Dona Agmar.

3.5 Procedimentos para análise das abreviaturas

Ainda, para compor nossa análise, fizemos das abreviaturas realizadas pela professora nos dois manuscritos. Todas as abreviaturas expandidas em nossas transcrições foram registradas com a anotação dos seguintes pontos: sua localização no texto (indicação do fôlio e se no reto (R) ou no verso (V)). Com esses registros, pudemos realizar uma frequência das abreviaturas realizadas, apontando as mais frequentes.

3.6 Contextualização sócio-histórica

Para contextualizar a produção dos manuscritos e compreender mais sobre sua autora e sobre as finalidades relacionadas à sua produção, buscamos o apoio de estudos acadêmicos realizados sobre a História de Maringá e sobre a educação maringaense.

¹³ O ortográfico evidentemente faz parte apenas da modalidade escrita da língua. Mantivemos a nomenclatura “desvios” na indicação dos erros ortográficos apenas para viabilizar as análises desses usos em conjunto com fenômenos linguísticos frutos de variação.

As entrevistas e documentos pessoais que compuseram o dossiê da gênese, descritas anteriormente, no item 2.1, foram utilizadas também como fontes para reconstituição da história de vida de Dona Agmar dos Santos.

3.7 A pesquisa e sua abordagem metodológica

Esta pesquisa é conduzida por um estudo analítico-descritivo, abrangendo qualificação e quantificação dos dois manuscritos escritos pela professora Agmar dos Santos, *O Caderninho de Memórias* e *O Livro de Pontos e Reuniões*.

A abordagem qualitativa busca compreender os fenômenos sociais e humanos com profundidade, explorando quem era a professora em sua singularidade e no meio social, bem como compreender as motivações que a levou a escrever os dois manuscritos. Já a pesquisa quantitativa busca mensurar e analisar as variações encontradas nos manuscritos, mediante uma transcrição semidiplomática. A coleta das variações nos manuscritos ficou agrupada em classificações de *desvios revisados* e *desvios não revisados* e também em uma interpretação das abreviaturas utilizadas pela professora em seu processo de escrita.

Para desenvolver nosso estudo analítico-descritivo, fizemos um levantamento de dados com variações de escrita encontradas nos manuscritos, a fim de compreender e interpretar sua gênese, olhando para as singularidades de Agmar dos Santos.

Reservamos o próximo capítulo para evidenciar a pesquisa analítica nesta etapa da pesquisa.

Capítulo 4 - Análise e interpretação dos manuscritos de Dona Agmar dos Santos

Neste capítulo, exploramos as características e os temas do *Caderninho de Memórias* e do *Livro de Pontos e Reuniões*, detalhando suas características físicas, sua estrutura e seu conteúdo. Além disso, analisamos as revisões e os *desvios* não corrigidos por Dona Agmar dos Santos. Por fim, tratamos das abreviaturas que o texto preservou e que optamos por expandir na transcrição que propomos.

Esta análise nos permitiu compreender melhor os dois documentos objeto de nosso estudo propondo uma interpretação de seus sentidos à luz da Crítica genética.

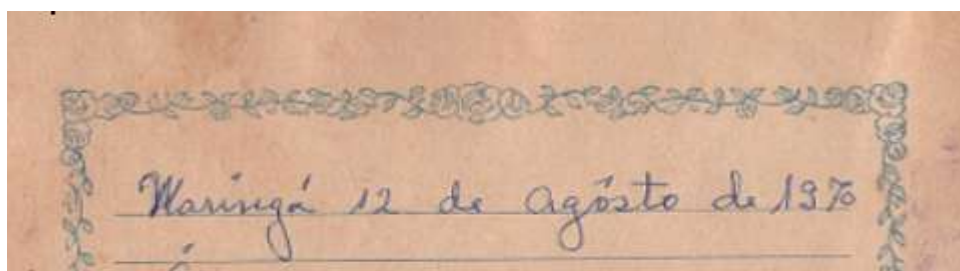
4.1 O *Caderninho de Memórias* da Dona Agmar dos Santos

Iniciaremos nossa análise analisando o *Caderninho de Memórias*. Nas próximas subseções, investigaremos a questão da sua datação, os seus aspectos físicos, suas temáticas, os desvios revisados e não corrigidos pela professora e a questão abreviaturas que encontramos no documento.

4.1.1 Questões de datação no *Caderninho de Memórias*

Se considerássemos a datação do documento registrada no Patrimônio Histórico de Maringá, o *Caderninho* dataria de 1969. Entretanto no manuscrito outras datas posteriores a essa aparecem. Assim, no fólio 3 do manuscrito, há a data de 12 de agosto de 1970, o que podemos ver em Figura 14, a seguir:

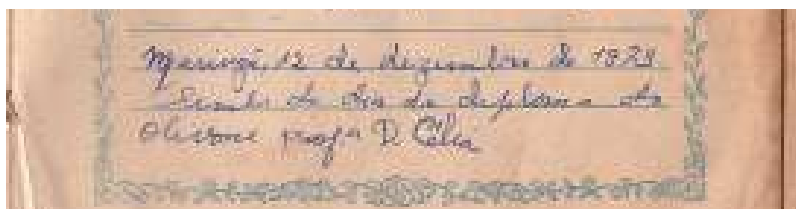
Figura 14: Datação no fólio 3 do *Caderninho de Memórias* da professora Agmar dos Santos



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Mais adiante, no reto do fôlio 45, constou-se a data de 12 de dezembro de 1973, em trecho no qual a professora transcreveu o *Hino de Maringá*. É o que podemos ver na Figura 15:

Figura 15: Datação no fôlio 45 do *Caderninho de Memórias* da professora Agmar dos Santos



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Aventamos, então, que, talvez, Dona Agmar tenha começado a escrever o manuscrito em 1969, avançando no processo de produção nos anos seguintes até pelo menos 12 de dezembro de 1973. Não é possível, porém, precisar se o processo se avançou para além dessa data, uma vez que nem todos os fôlios do documento possuem indicação de datação.

4.1.2 Aspectos físicos e estruturais do *Caderninho de Memórias*

Como mencionamos no capítulo metodológico, o *Caderninho de Memórias* não foi preenchido em sua totalidade por Dona Agmar dos Santos. Apenas 33 das suas 94 páginas foram utilizadas pela professora em sua produção textual, estando as demais em branco.

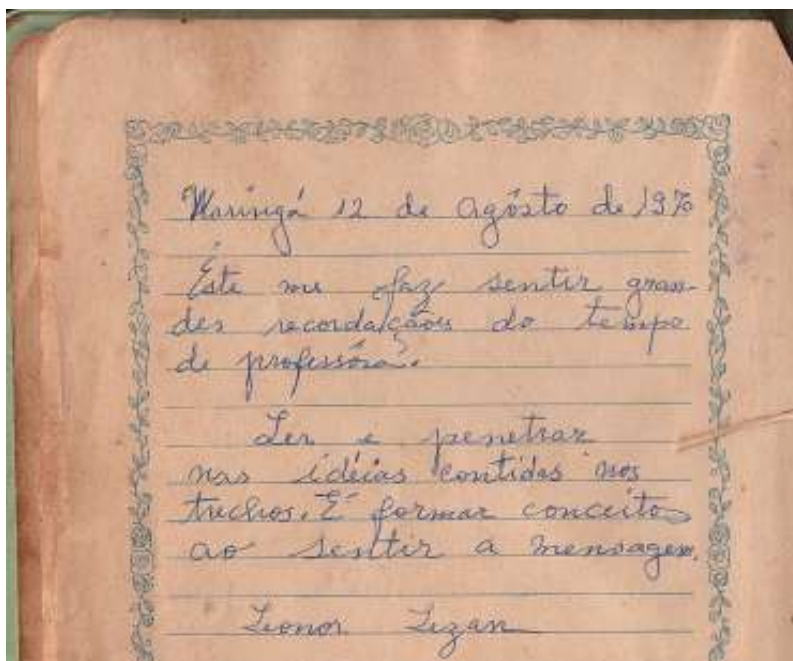
O *Caderninho de Memórias* possui 21,5 cm de altura e 15 cm de largura, as capas são rijas, sendo a dianteira plastificada e a traseira, de tecido, em cor verde. O tamanho da mancha gráfica do manuscrito é determinado pela margem, que mede 10 cm. Dessa forma, a professora utiliza a margem como referência para a sua organização espacial da escrita.

Nota-se que os fôlios do manuscrito apresentam manchas, estando alguns soltos, devido à ação do tempo. A margem nas páginas foi impressa com uma moldura, dando-nos a impressão de que era um modelo usado para diários nos anos 1950.

A escrita tem uma variação de instrumentos. Predominantemente os textos foram produzidos com uso de caneta esferográfica de cor vermelha e azul, mas também há partes com lápis.

Logo, no fólio 3, percebemos que o início da escrita do manuscrito remete a um sentimento de nostalgia. Nele, encontramos uma citação de Leonor Lezan, educadora e poetisa, contemporânea de Dona Agmar (Kubaski, 2012, sem página), que dispomos na Figura 16.

Figura 16: Reprodução parcial do fólio 3 do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

No fólio seguinte, reproduzido integralmente na Figura 17, há uma ilustração de sinos, realizada com lápis de cor pela professora Agmar dos Santos, funcionando como uma espécie de abertura para o *Caderninho*.

Figura 17: Reprodução do fólio 4 do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Como podemos ver acima, na Figura 17, o desenho remete aos que tipicamente aparecem em cadernos escolares do ensino básico. Criado com traços coloridos suaves, em uma representação na qual se nota uma borboleta em voo entre diversas flores delicadas e sinos. Na sequência, segue-se o que aparentemente é uma epígrafe, disposta no reto do fólio 4, com o seguinte teor: “Silêncio. O saber depende de seus esforços”.

A partir daí, os fólhos apresentam a narrativa memorialística de Dona Agmar. Esta estende-se até o número 13, ocupando sempre o reto e o verso, totalizando 18 páginas escritas.

Ao fim da narrativa, vê-se que o *Caderninho de Memórias* foi utilizado com outras finalidades pela professora. Observa-se a presença de anotações dispersas em páginas em branco, desvinculadas do texto principal. Abaixo, a Figura 18 oferece

um exemplo paradigmático: uma anotação relacionada à administração de serviços domésticos, especificamente a lavagem de roupas, registrada no verso do fólio 41:

Figura 18: Recorte do fólio reto do 41

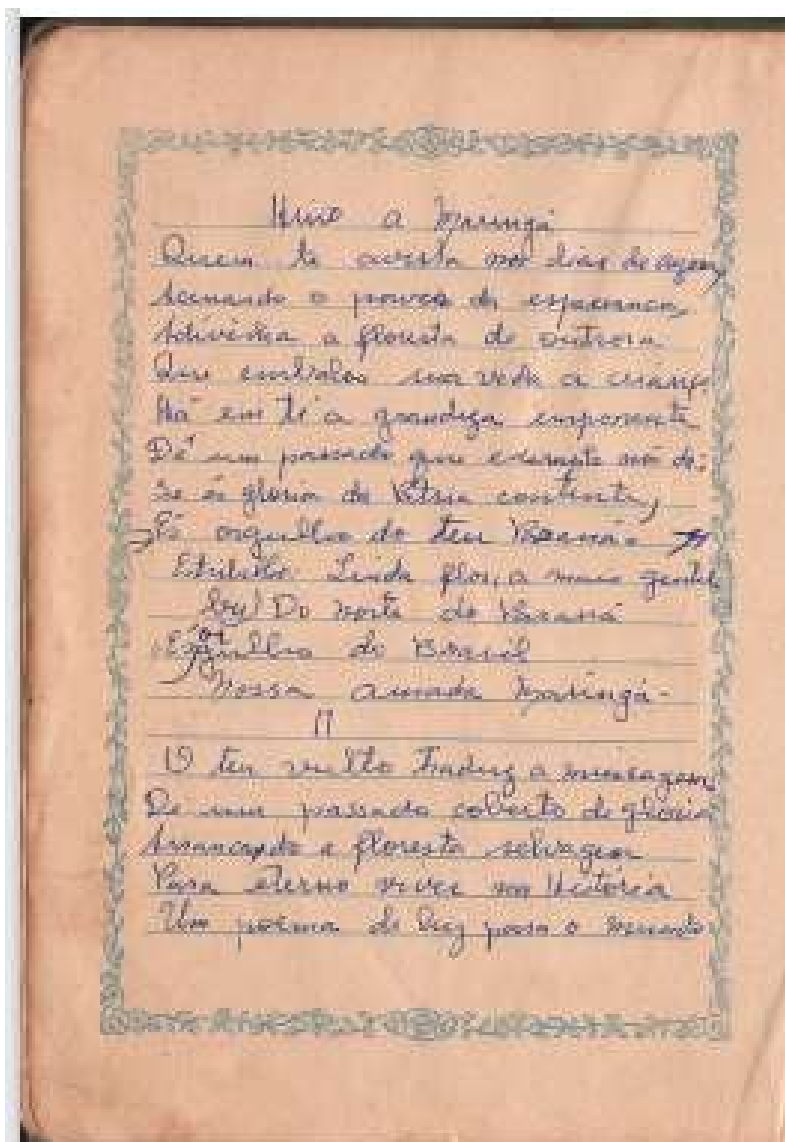


Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Essa anotação revela uma prática de registro sistemático, incluindo o nome da prestadora de serviços, datas de realização do serviço e controle financeiro, com destaque para a confirmação de pagamentos realizados.

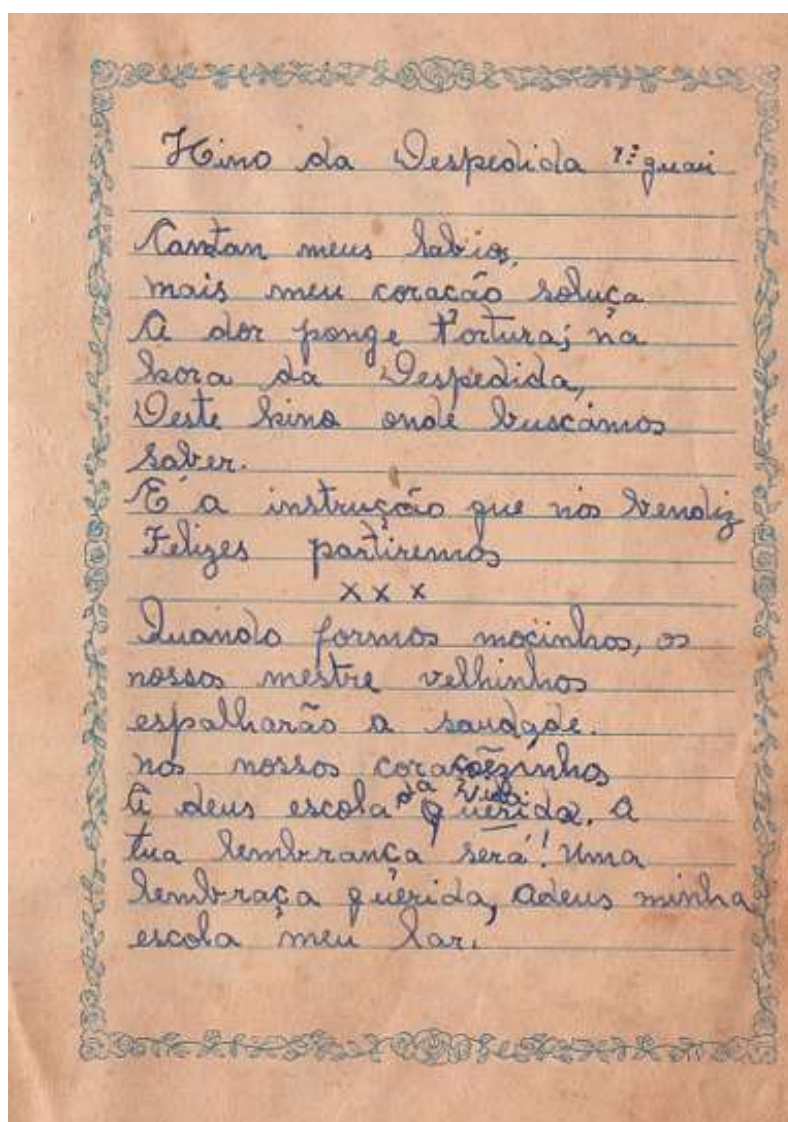
Além disso, o *Caderninho* contempla a transcrição de dois hinos: o de Maringá, (Figura 19) e o da Despedida¹⁴ (Figura 20), como podemos ver a seguir:

¹⁴ O Hino da despedida foi cantado pelos alunos da professora Agmar dos Santos durante a solenidade de entrega dos diplomas de conclusão do ensino fundamental, em 1959.

Figura 19: Hino a Maringá do *Caderninho de Memórias*

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

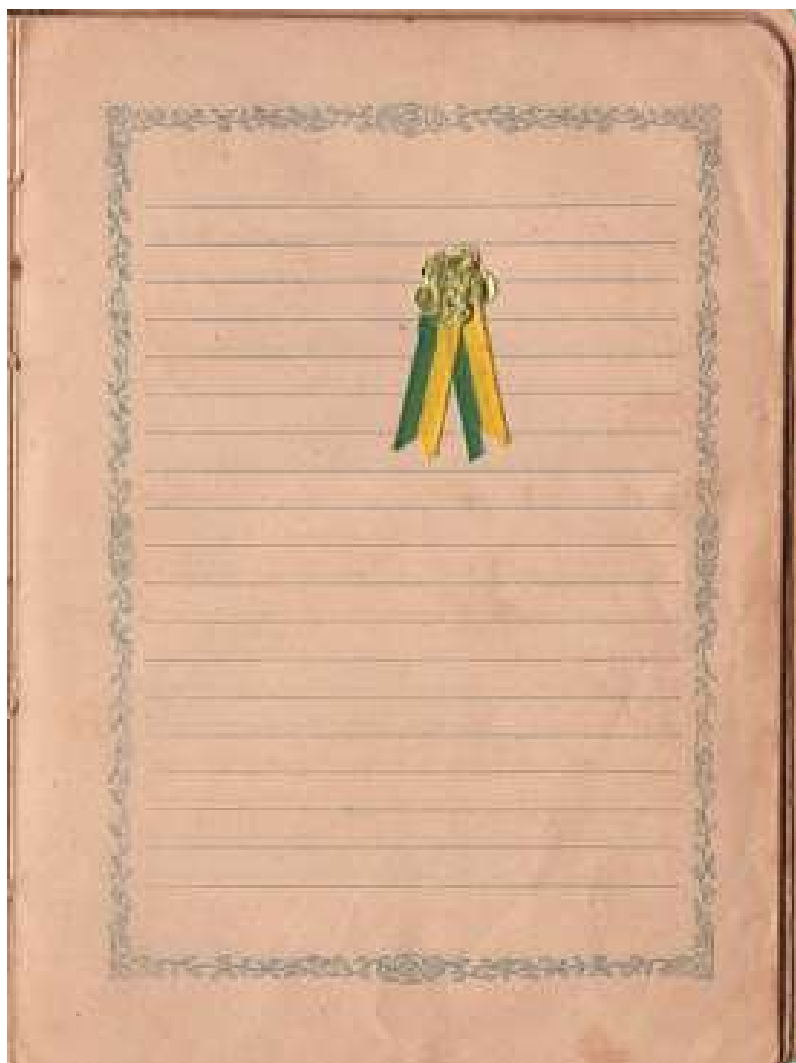
Figura 20: Hino da despedida do *Caderninho de Memórias*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Há ainda outros materiais extras, anexados ao manuscrito: um adorno verde e amarelo, aparentemente relacionado à comemoração de alguma data nacional, a qual foi impossível a identificação, pois não há data nem texto correspondente (Figura 21) e recibos bancários de pagamentos recebidos, em nome de seu filho, Paulo Aparecido dos Santos (Figura 22).

Figura 21: Material anexado ao *Caderninho de Memórias* de Dona Agmar dos Santos: adorno verde e amarelo



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Figura 22: Material anexado ao *Caderninho de Memórias* de Dona Agmar dos Santos: depósito



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Esses detalhes extras nos levam a perceber que Dona Agmar utilizou o *Caderninho de Memórias* para guarda de documentos e materiais de uso pessoal.

Por fim, para encerrar essa subseção, resta-nos fazer alguma observação sobre o estágio genético revelado pelo manuscrito. O *Caderninho de Memórias* parece não ter passado por muitas das etapas das fases genéticas previstas por Biasi (2010). Não encontramos evidências da existência de versões anteriores do texto, de rascunhos ou de esboços, apenas as correções no próprio texto, que evidenciam suas camadas textuais — assim, é possível ver ele sendo modificado, ajustado e construído em fases de escrita sobrepostas no manuscrito. O texto que chegou até nosso tempo parece ser peça única, talvez produzida pela professora sem que realizasse um trabalho de retextualização. Certo é que o manuscrito apresenta marcas de um trabalho de revisão, com rasuras que analisaremos na seção 4.1.3

Em conversa informal com familiares da professora, questionamos sobre as motivações para produção do *Caderninho*. Segundo nos foi informado, o documento teria sido um material pessoal da professora que pretendia ter sua história registrada para ser transmitida especialmente para os seus netos. A professora tinha o objetivo de mostrar aos seus netos os momentos mais marcantes de sua profissão e de sua vida. Sua intenção, segundo essa interpretação, não era a de divulgar ou publicar o material, mas sim de manter sua circulação no interior de sua família.

Feitas essas observações podemos passar à descrição mais detalhadas dos temas abordados no registro feito por Dona Agmar dos Santos.

4.1.3 As temáticas abordadas em O *Caderninho de Memórias*

Nesta seção vamos descrever os assuntos abordados no *Caderninho de Memórias*, concentrando-nos em seu texto principal: na narrativa memorialística que Dona Agmar produziu. Não abordaremos aqui os documentos extras que utilizamos para compor nosso dossiê da gênese, dado o seu caráter esporádico desses materiais.

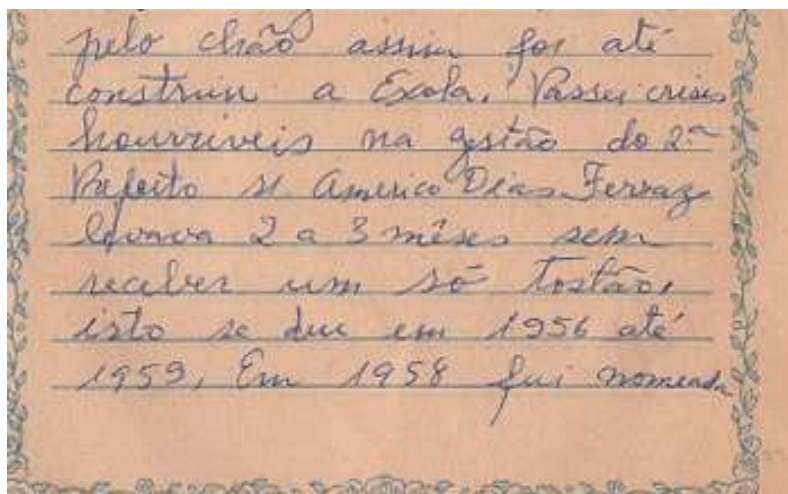
O *Caderninho de Memórias* aborda os momentos importantes da vida pessoal e profissional de Agmar dos Santos. A autora começa relatando sobre o seu tempo de professora no Paraná, iniciada em 18 de fevereiro de 1947, em Apucarana - PR.

Lá começou a trabalhar com muitos alunos, em dois períodos e com um salário que não lhe parecia suficiente.

Relata também a perda de 2 filhos e as dificuldades para se tornar mãe. Tais dramas tornaram, em sua avaliação, a sua luta ainda maior. Foi somente em 1951 que conseguiu se tornar mãe, com o nascimento de seu primeiro menino, Toninho, que segundo sua narrativa, trouxe-lhe muitas alegrias.

Dona Agmar conta a sua ida para Maringá- PR em 14 de setembro de 1952, bem como a sua atuação como professora de aulas particulares. Em seguida conta como, após a eleição do primeiro prefeito de Maringá, Inocente Villanova Jr., a pedido do pessoal que morava nas redondezas da propriedade em que ela morava, em 4 de janeiro de 1953, teria se iniciado a construção da Escola Bandeirantes, que teria ficado pronta após 90 dias do início das obras. Construída a escola, Dona Agmar teria ficado responsável por administrar o estabelecimento e contratar mais algumas professoras. Na avaliação da professora, instalada na escola, encontrou-se um ano de muito trabalho e com muitos alunos. Um tempo depois, de 1956 a 1959, a professora conta que enfrentou períodos de muitas dificuldades, uma vez que na gestão de Américo Dias Ferraz servidores da educação ficavam de 2 a 3 meses sem receber seus salários. Na Figura 23 apresentamos o desabafo da professora:

Figura 23: Reprodução parcial do fôlio 8 do *Caderninho de Memórias*



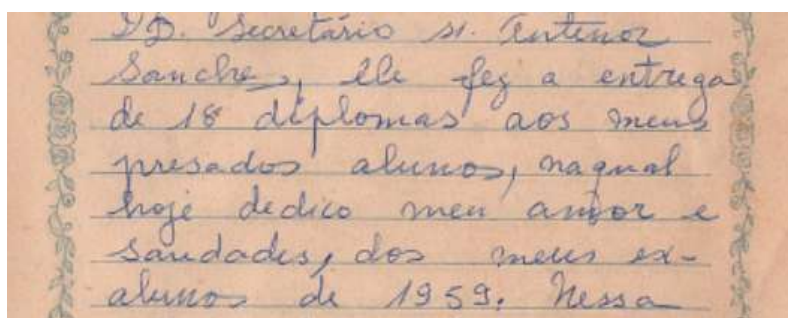
Fonte: Reprodução digitalizada pelo Patrimônio Histórico de Maringá.

Para conseguir uma maior estabilidade financeira, em 12 de março de 1958, a professora foi nomeada professora do Estado do Paraná, passando a atuar também em escola estadual.

A professora, no *Caderninho*, avalia o seu início de carreira como desafiador, marcado por salários modestos e até falta desse. Mesmo em meio aos percalços, revelou que sempre pôde contar com o respaldo da comunidade escolar, que a ajudava no sustento, por meio de doações, bem como as condições trabalhistas. Contudo, ao passar do tempo as condições salariais foram melhorando e, também, a escola foi se desenvolvendo de forma positiva.

O *Caderninho* revela também que a Dona Agmar considerava que as experiências compartilhadas com os alunos sempre foram boas, marcadas por esforços contínuos para uma promoção do aprendizado, sendo caracterizadas por um ambiente de muito respeito, admiração e incentivo por parte dos pais. É perceptível essa manifestação carinhosa da professora para com seus alunos, especialmente ao recordar um momento emocionante de entrega de diplomas, quando ela expressa que “hoje dedico meu amor e saudade, dos meus ex-alunos de 1959”, observável na Figura 24:

Figura 24: Trecho em que professora demonstra afeto pelos alunos do *Caderninho de Memórias* da professora Agmar dos Santos



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

À vista disso, notamos que O *Caderninho de Memórias* apresenta como temática a vida pessoal e profissional de Agmar dos Santos, com foco em sua carreira docente como professora da rede municipal de Maringá e também da rede estadual de ensino. Para além, é uma narrativa autobiográfica que destaca a dedicação e o amor da professora pelos seus alunos e pela profissão, incluindo os desafios e conquistas ao longo de sua carreira e momentos marcantes em sua vida

pessoal e profissional. Todos os elementos mencionados anteriormente contribuem para reforçar o caráter memorialístico do manuscrito, justificando, portanto, o título que lhe atribuímos.

Agora que já conhecemos com mais detalhes os tópicos do *Caderninho*, podemos passar a explorar o que revelam em termos de descontinuidade (Pino e Zular, 139). Para isso, nas próximas seções, analisaremos os gestos de revisão realizados por Dona Agmar e os usos não corrigidos pela professora.

4.1.4 A edição de *O Caderninho de Memórias*

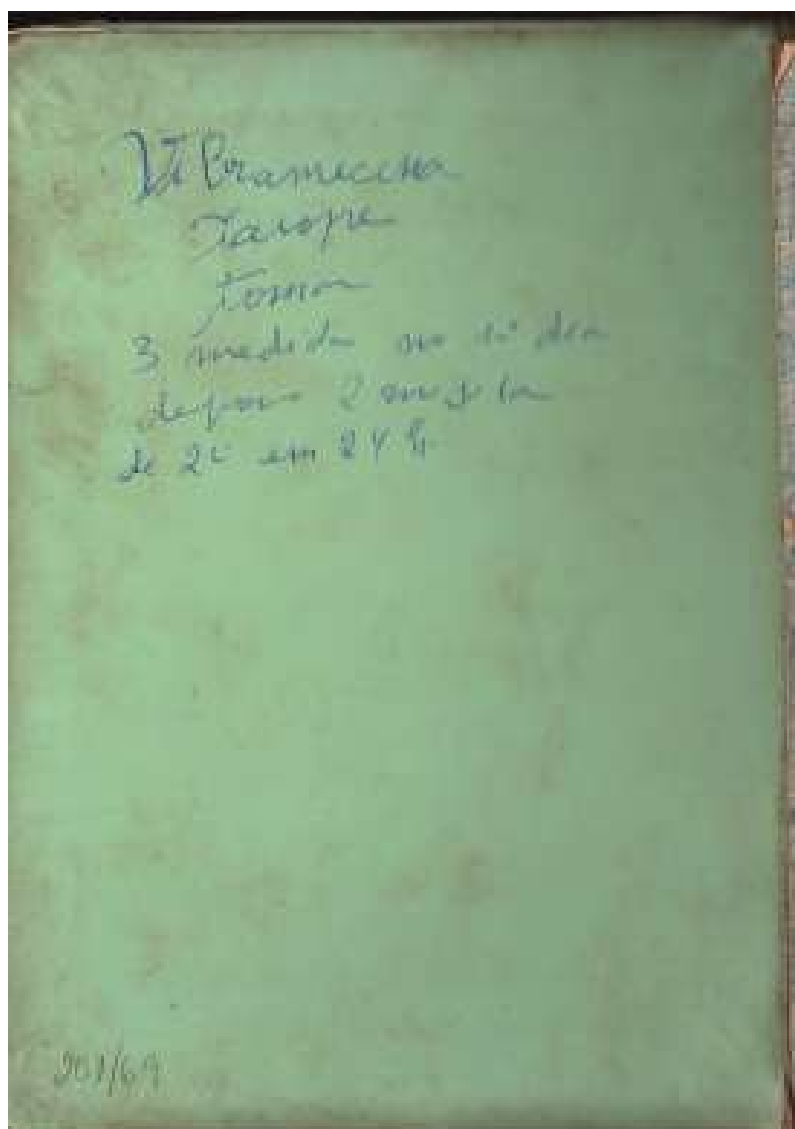
A edição que propomos se concentra em explorar a transcrição do *Caderninho de Memórias* da professora Agmar dos Santos. Nossa proposta configura-se como vertical porque imagina-se que o manuscrito não tenha outra versão. É provavelmente uma produção única que felizmente chegou até nós para que pudéssemos saber mais sobre Dona Agmar dos Santos e sua luta pelos primórdios da educação maringaense.

A nossa transcrição favorece uma edição genética, baseada nos critérios estabelecidos para edições semidiplomáticas por Cambraia et. al. (2005). Assim, seguiram-se as normas de transcrição apresentadas anteriormente, na metodologia.

Fólio 1 - R¹⁵

Fólio 1- V

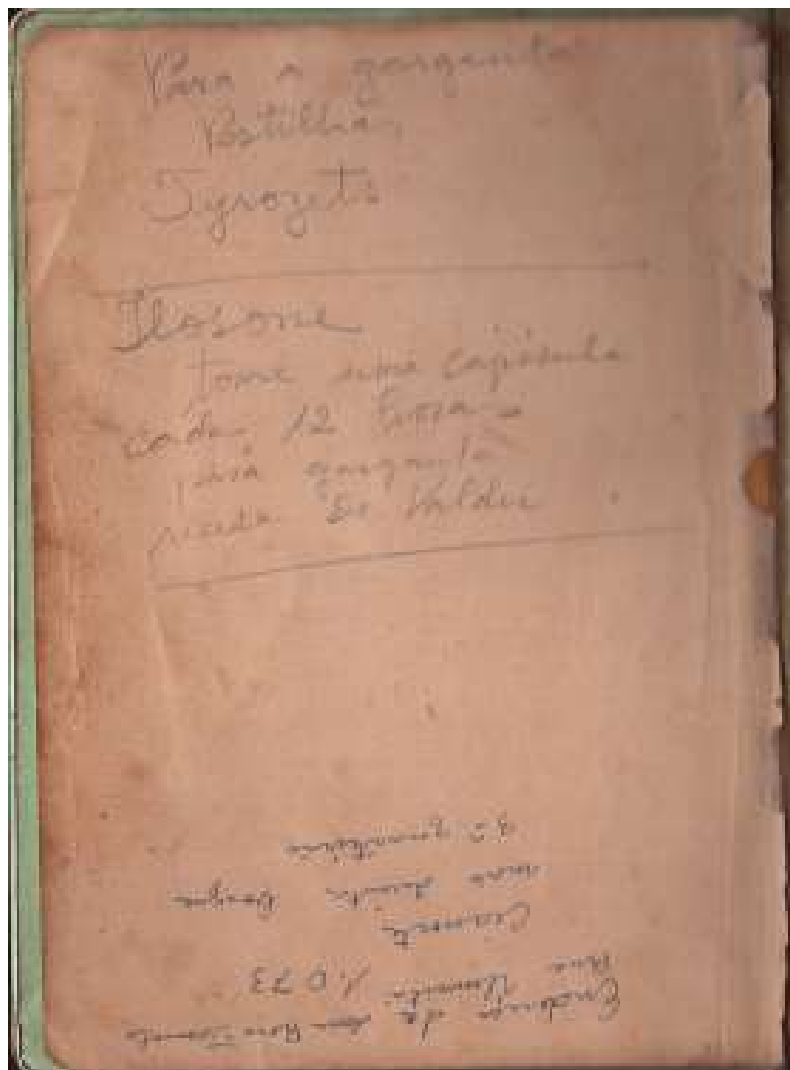
¹⁵ Após a numeração do fólio indicaremos se trata-se do reto (R) ou do vero (V).



5	Vibramicina xarope toma 3 medida no 1º dia depois 2 medida de 24 em 24 horas. 201/69 ¹⁶
---	--



Fólio 2 - V



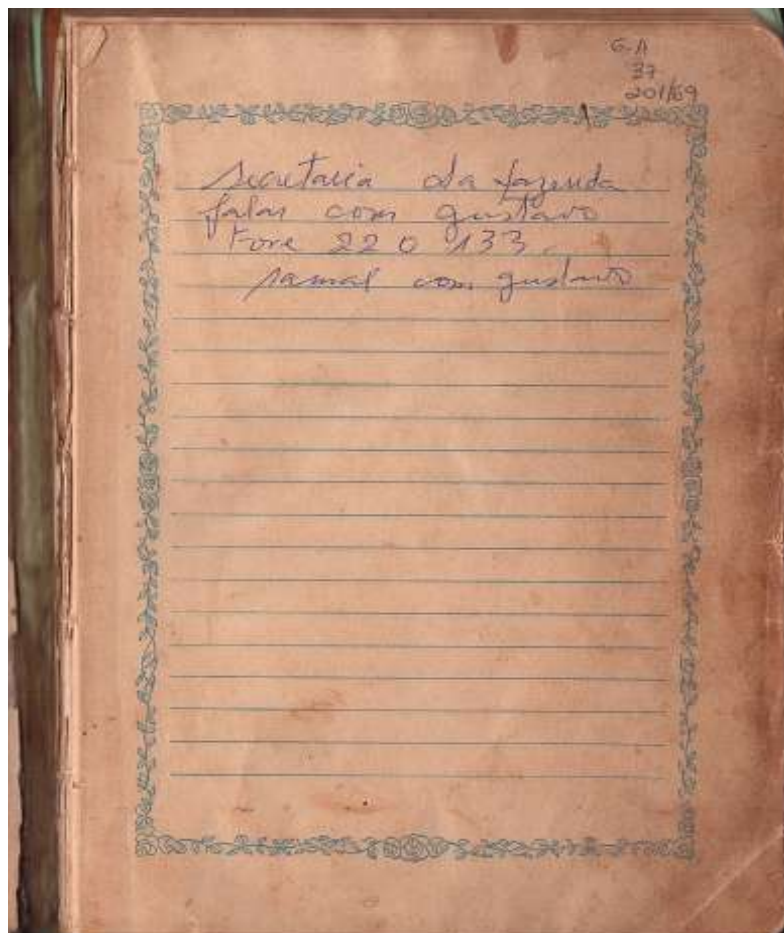
5	¹⁷ Para a garganta Pastilhas Tyrozets
10	Ilosone tome uma capsula Cada 12 horas para garganta receita Doutor Valdir
15	¹⁸ Endereço da dona Rosa Tomates Rua Humaitá 1.073 Cianorte mão direita bosque

¹⁷ Tinta de caneta preta

¹⁸ Tinta de caneta azul e texto invertido

	3ª quarterão
--	--------------

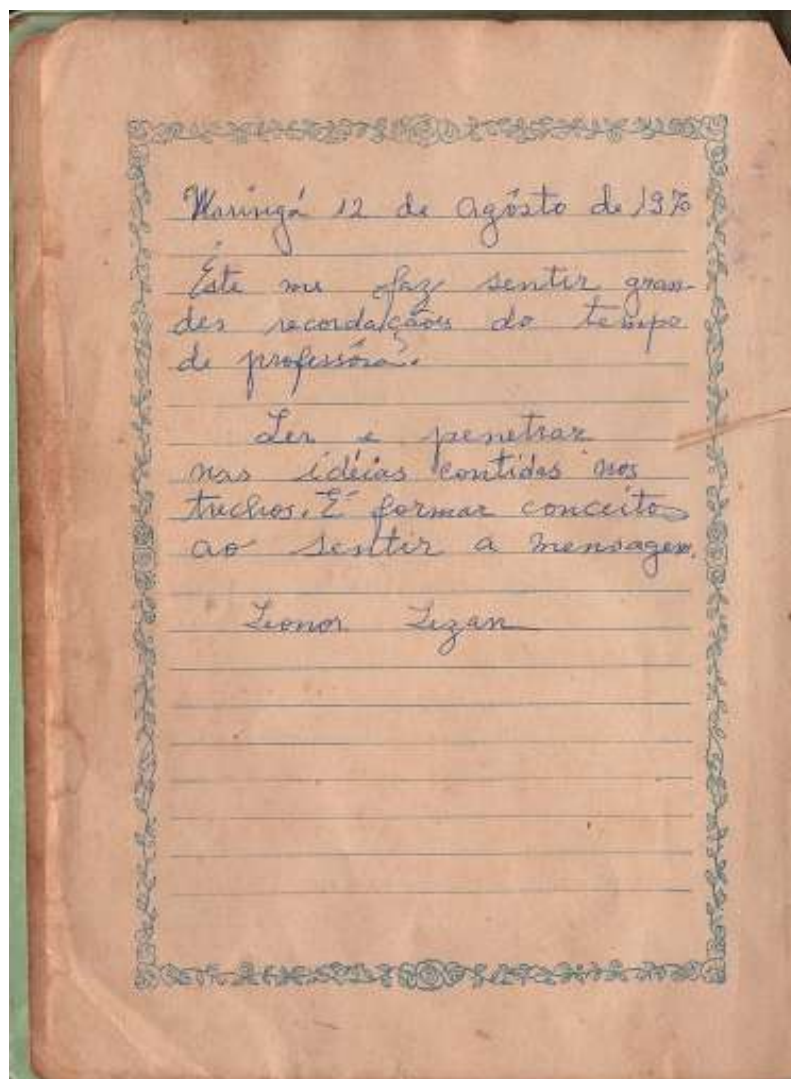
Fólio 3 - R



5	Secretaria da fazenda falar com Gustavo Fone 220 133. ramal com gustavo 6. A 37 201/69¹⁹
---	---

¹⁹ Anotação no canto superior direito do fólio com fins arquivísticos

Fólio 3 - V



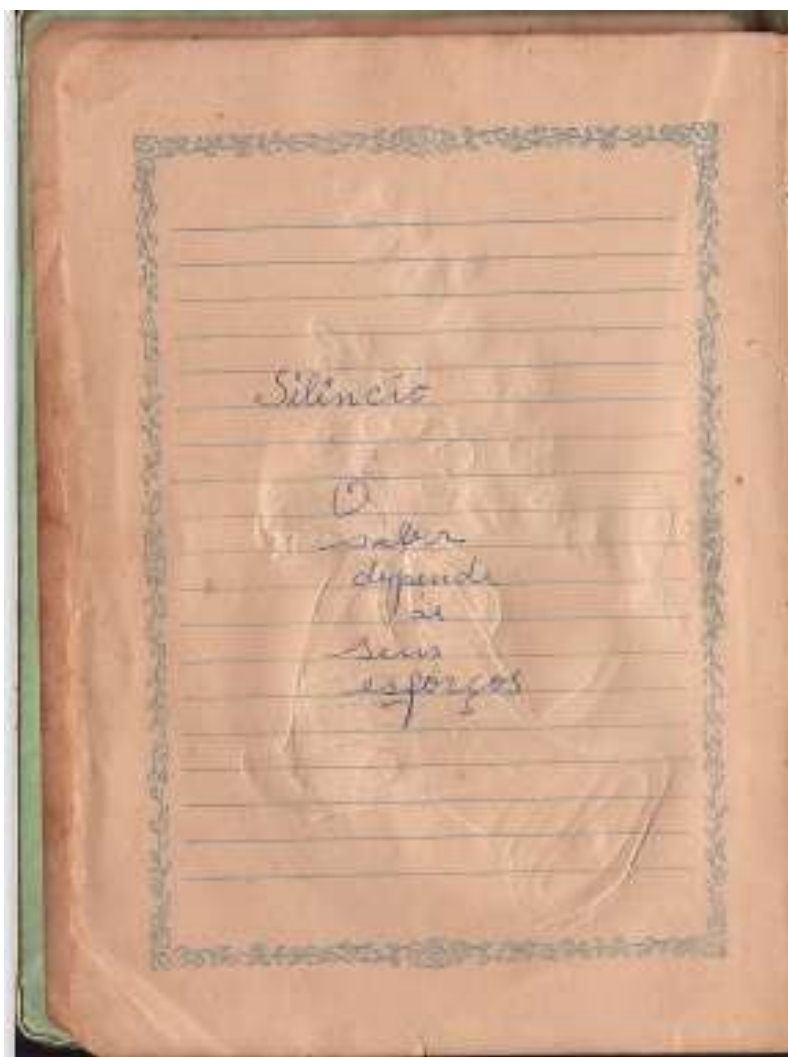
5	Maringá 12 de Agosto de 1970 Este me faz sentir grandes recordações do tempo de professora Ler e penetrar nas idéias contidas nos trechos. É formar conceitos ao sentir a mensagem. Leonor Lezan
---	--

Fólio 4- R



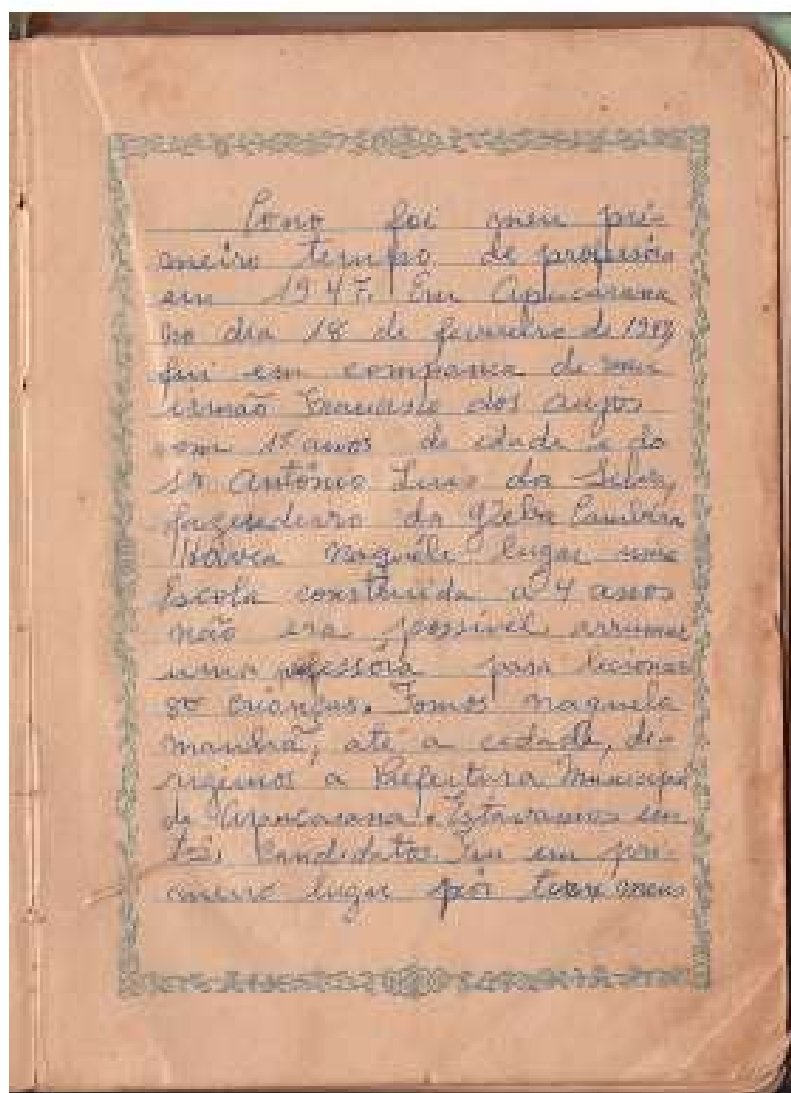
[ilustração de borboleta voando entre flores e sinos, produzidos à mão pela autora]

Fólio 4 - V



	Silêncio
5	O saber depende de seus esforços
10	

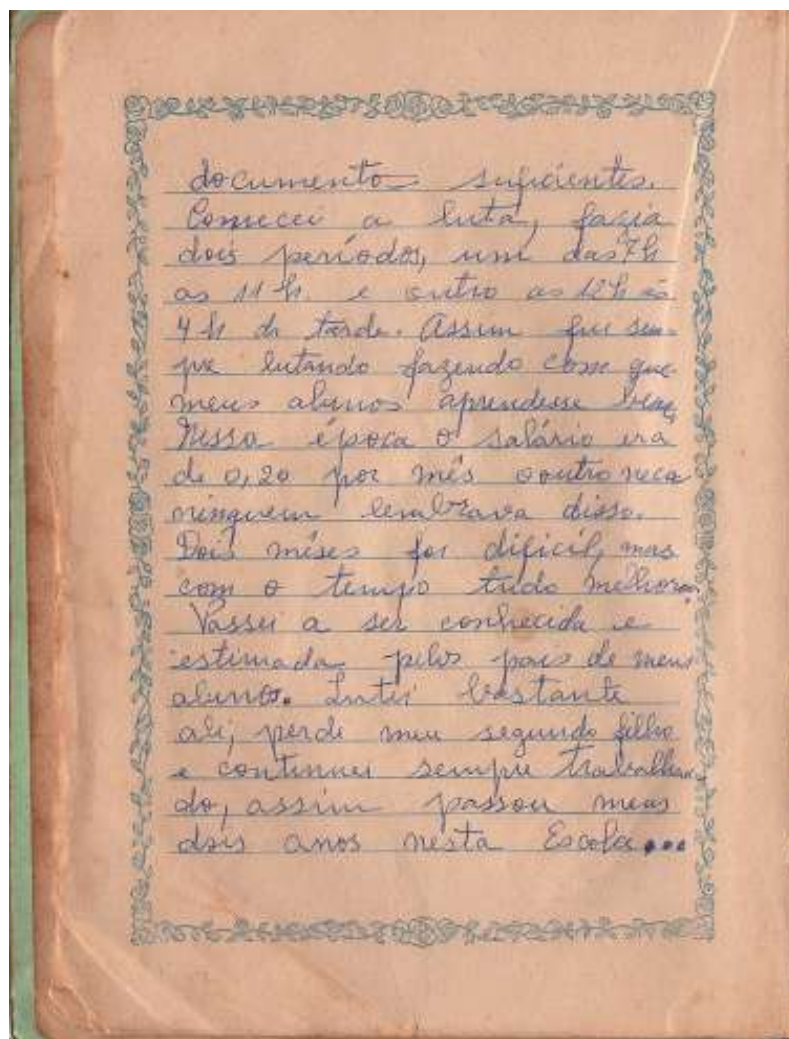
Fólio 5 - R



5	Como foi meu primeiro tempo de professora em 1947. Em Apucarana no dia 18 de fevereiro de 1947, fui em companhia de meu irmão Francisco dos Anjos com 17 anos de idade e do
10	Senhor Antônio Luis da Silva, fazendeiro da Gleba Cambira. Havia naquêlê lugar uma
15	Escola construida á 4 anos não era possível arrumar uma professora para lecionar 80 crianças. Fomos naquela

	manhã, até a cidade, dirigimos a Prefeitura Municipal de Apucarana. Estávamos em três candidatos. Fui em primeiro lugar pôr <terem> meus
--	--

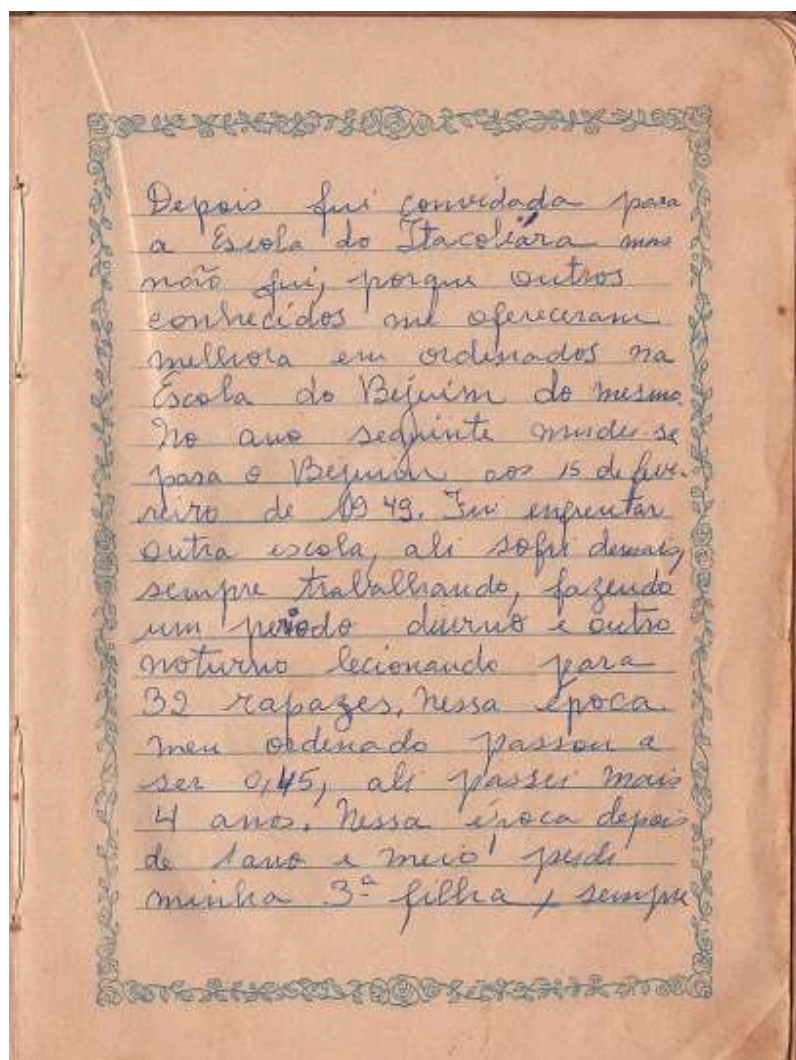
Fólio 5 - V



5	documentos suficientes. Comecei a luta, fazia dois períodos, um das 7 horas as 11 horas. e outro as 12 horas às 4 horas. da tarde. Assim fui sem- pre lutando fazendo com que meus alunos aprendesse bem. Nessa época o salário era
---	--

10	de 0,20 por mês o outro neca ninguem lembrava disso.
15	Dois meses foi difícil, mas com o tempo tudo melhorou. Passei a ser conhecida e estimulada pelos pais de meus alunos. Lutei bastante ali, perdi meu segundo filho e continuei sempre trabalhan- do, assim passou meus dois anos nesta Escola...

Fólio 6 - R

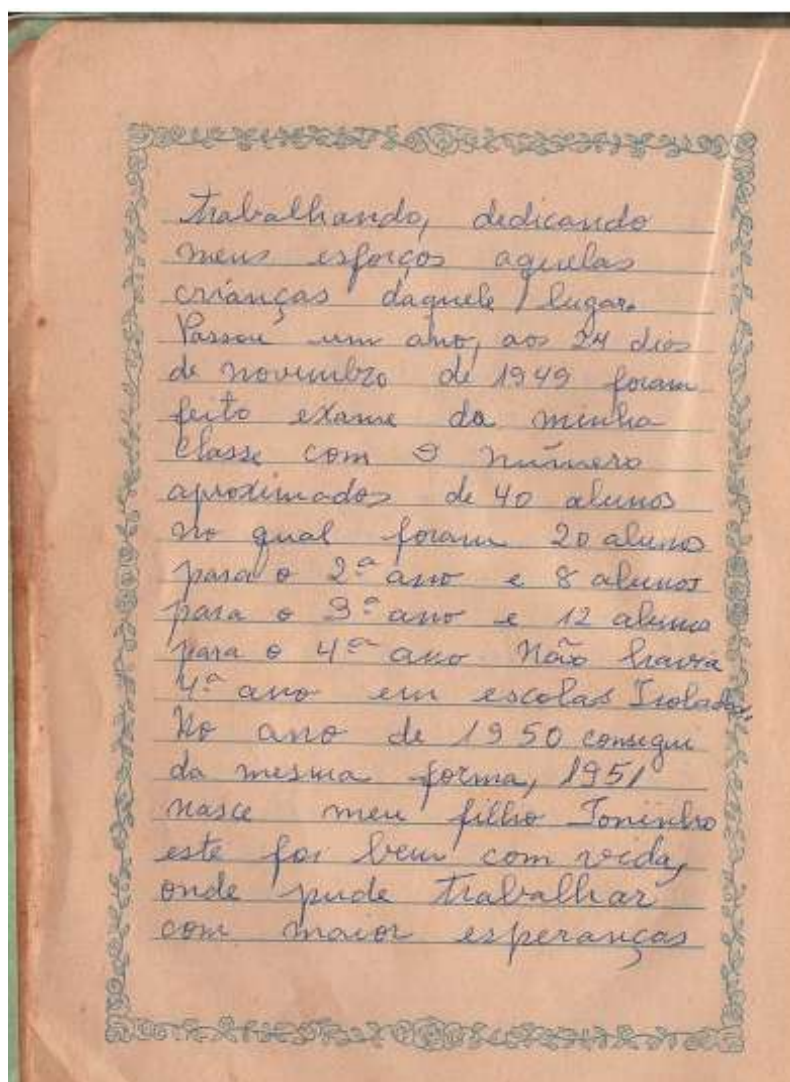


	Depois fui convidada para a Escola do Itacoliára mas
--	---

5	não fui, porque outros conhecidos me ofereceram melhora em ordenados na Escola do Bejuim ²⁰ do mesmo.
10	No ano seguinte mudei-se para o Bejuim aos 15 de fevereiro de 1949. Fui enfrentar outra escola, ali sofri demais, sempre trabalhando, fazendo um pe[rí]odo diurno e outro noturno lecionando para 32 rapazes. Nessa época meu ordenado passou a ser 0,[4]5, ali passei mais 4 anos. Nessa época depois de 1 ano e meio perdi minha 3ª filha, sempre
15	

²⁰ De acordo com pesquisas e com o site da Prefeitura Municipal de Cambira, era o nome de uma Estrada, Estrada do Benjoin
<<https://www.cambira.pr.gov.br/prefeitura-de-cambira-realiza-melhorias-na-estrada-do-benjoin/>>

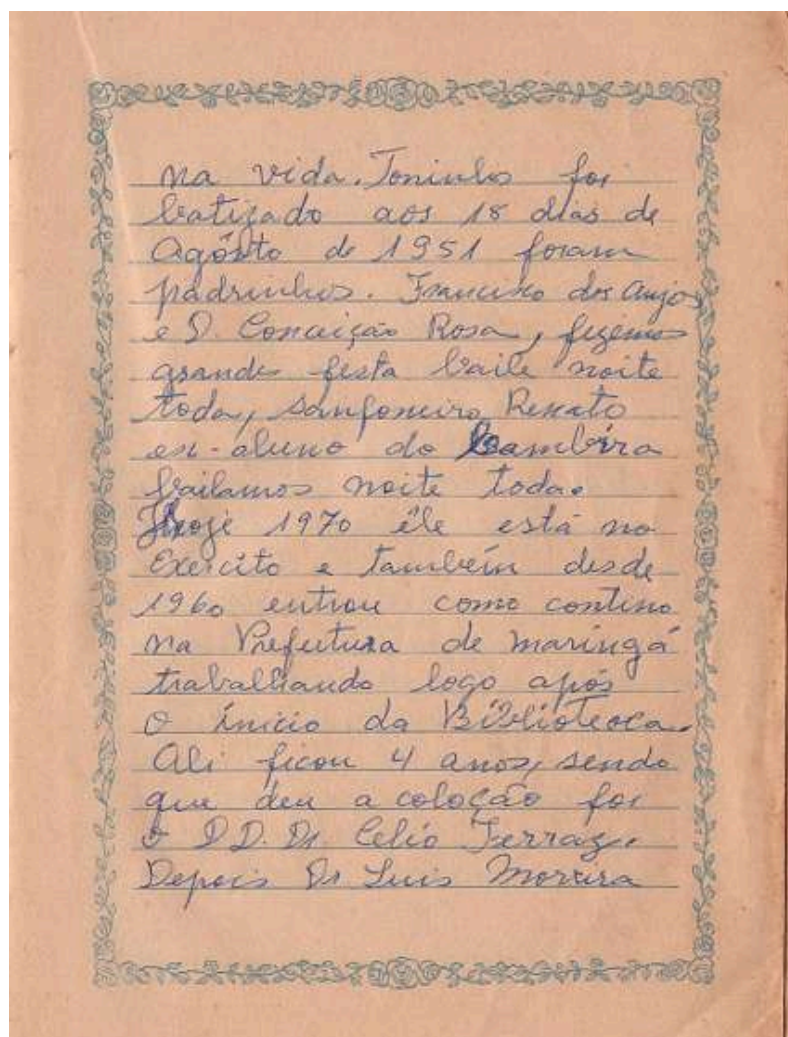
Fólio 6 - V



5	trabalhando, dedicando meus esforços aquelas crianças daquele lugar.
10	Passou um ano, aos 24 dias de novembro de 1949 foram feito exame da minha classe com o número aproximados de 40 alunos
15	no qual foram 20 alunos para o 2º ano e 8 alunos para o 3º ano e 12 alunos para o 4º ano. Não havia 4º ano em escolas Isoladas.
	No ano de 1950 consegui da mesma forma, 1951 nasce meu filho Toninho este foi breu com vódea, onde pode trabalhar com maior esperanças

	nasce meu filho Toninho este foi bem com vida, onde pude trabalhar com maior esperanças
--	--

Fólio 7 - R

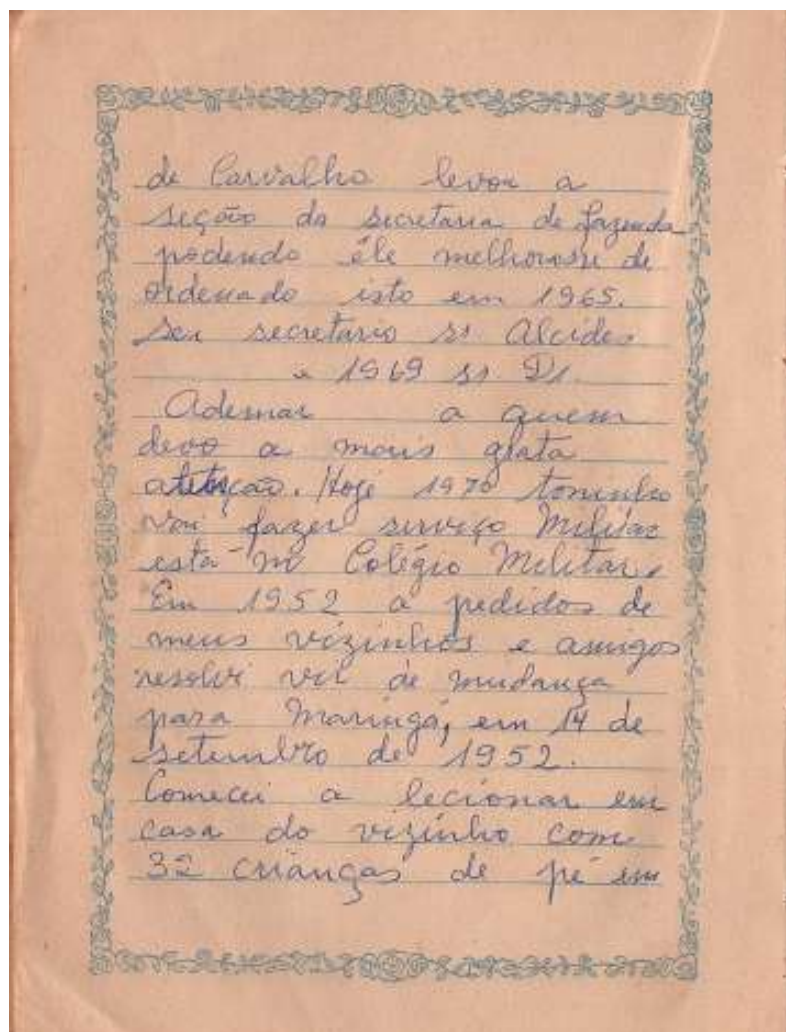


5	na vida. Toninho foi batizado aos 18 dias de Agosto de 1951 foram padrinhos, Francisco dos Anjos e Dona Conceição Rosa, fizemos grande festa baile noite toda, sanfoneiro Renato ex-aluno do [C]ambira bailamos noite toda.
10	[H]oje 1970 ele está no

15	Exercito e também desde 1960 entrou como contino na Prefeitura de Maringá trabalhando logo após o início da Biblioteca. Ali ficou 4 anos, sendo que deu a [colocação] foi O <i>Digníssimo</i>²¹ Doutor Celio Ferraz. Depois Doutor Luis Moreira
----	---

²¹ Abreviatura encontrada de acordo com Academia Brasileira de Letras (<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/reducoes>) e Manual de Redação da PUCRS (<http://www.pucrs.br/manualred/index.php>)

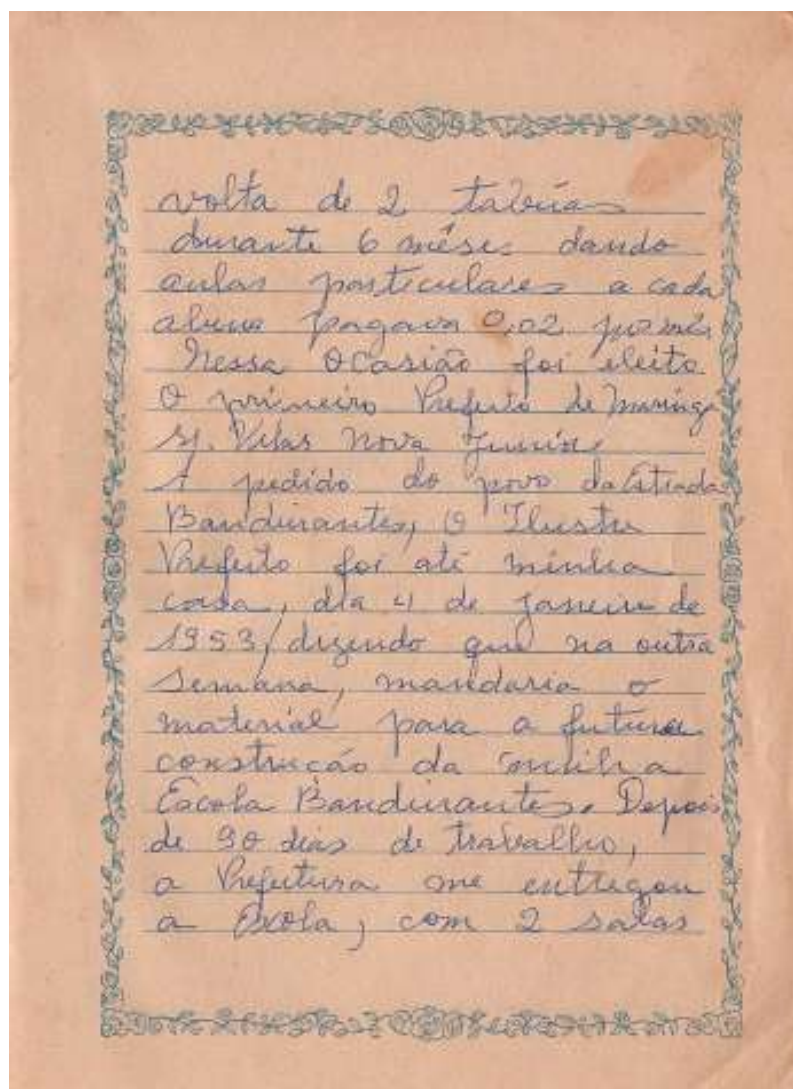
Fólio 7 - V



5	de Carvalho levou a seção da secretaria da fazenda podendo ele melhorasse de ordenado isto em 1965. Seu secretário Senhor Alcides e 1969 Senhor Doutor Ademar a quem
10	devo a mais grata atenção. Hoje 1970 toninho vai fazer serviço Militar está no Colégio Militar.
15	Em 1952 a pedidos de meus vizinhos e amigos resolvi vir de mudança para Maringá, em 14 de setembro de 1952. Comecei a lecionar em

	casa do vizinho com 32 crianças de pé em
--	---

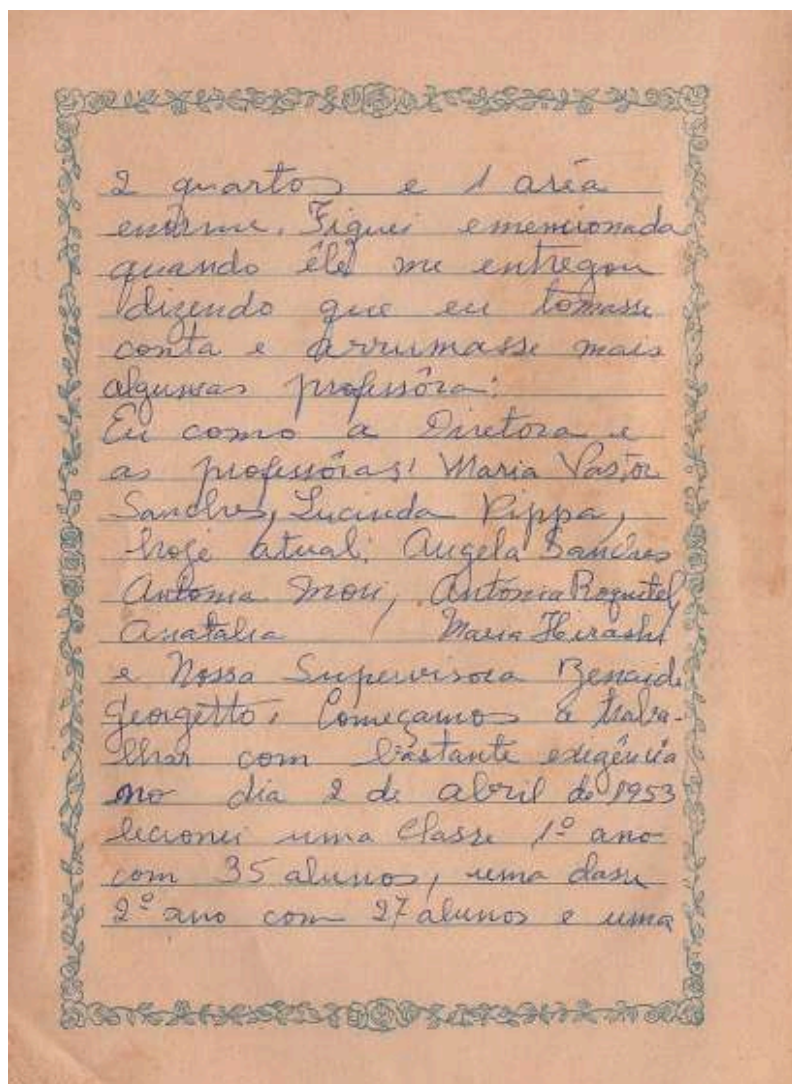
Fólio 8 - R



5	volta de 2 tabúas durante 6 meses dando aulas particulares a cada aluno pagava 0,02 por mês. Nessa ocasião foi eleito o primeiro Prefeito de Maringá Senhor Vilas Nova Junior.
10	A pedido do povo da Estrada Bandeirantes, O Ilustre Prefeito foi até minha

15	casa, dia 4 de janeiro de 1953, dizendo que na outra Semana, mandaria o material para a futur[a] construção da minha Escola Bandeirantes. Depois de 90 dias de trabalho, a Prefeitura me entregou a Escola, com 2 salas
----	--

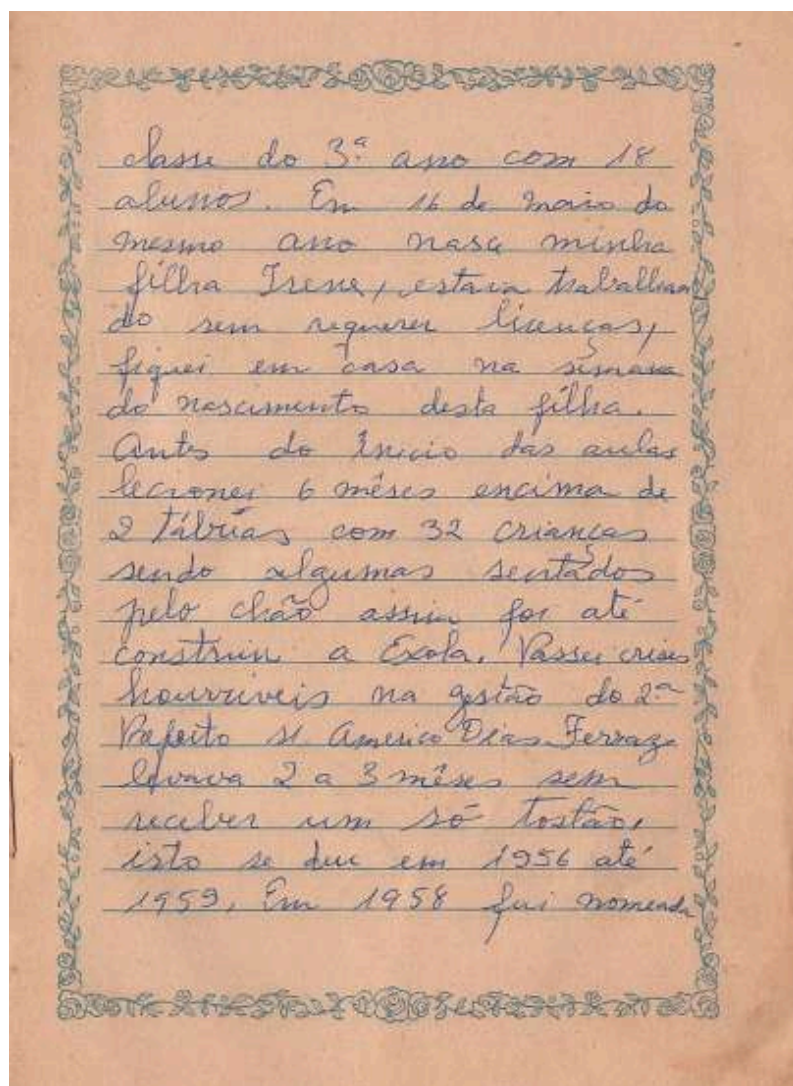
Fólio 8 - V



5	2 quartos e 1 área enorme. Fiquei emencionada quando êle me entregou dizendo que eu tomasse conta e arrumasse mais algumas professoras:
10	Eu como a Diretora e as professoras, Maria Pastor Sanches, Lucinda Pippa, hoje atual: Angela Sanches Antonia Mori, Antónia Roquetel, Anatalia, Maria Hirashi
15	e Nossa Supervisora Zenaide Georgetto. Começamos o traba- lho com bastante exigência

	[n]o dia 2 de abril de 1953 lecionei uma classe 1º ano com 35 alunos, uma classe 2º ano com 37 alunos e uma
--	--

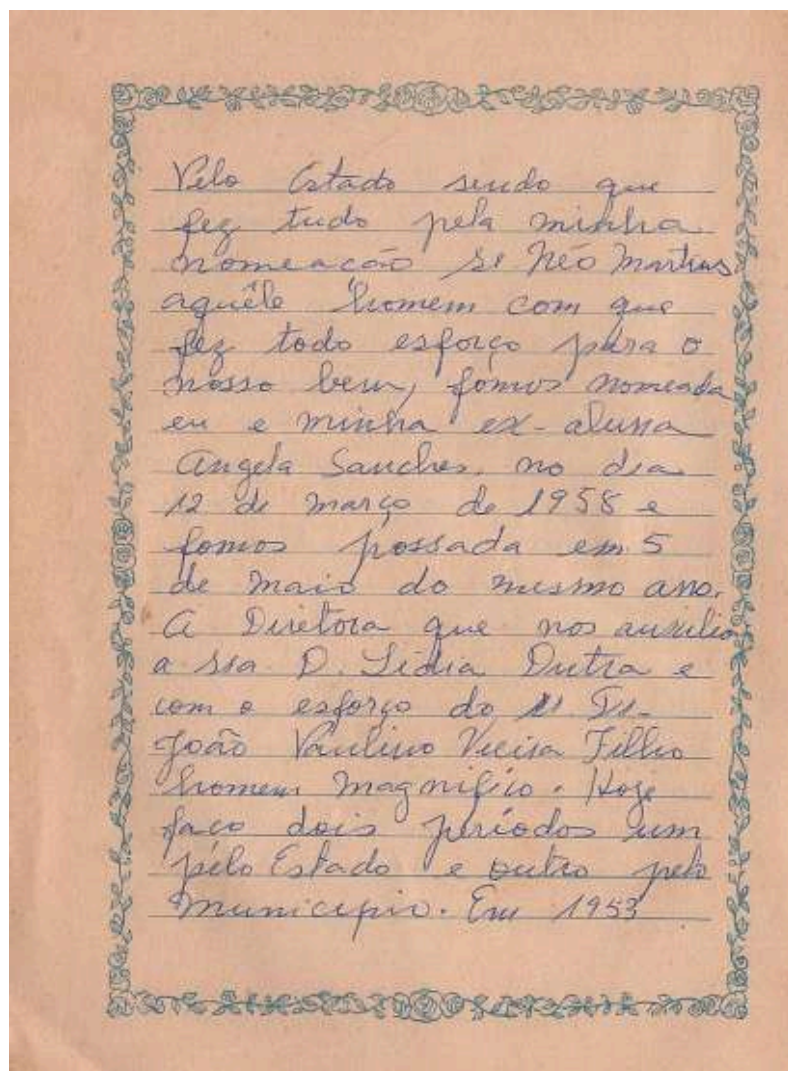
Fólio 9 - R



5	classe do 3º ano com 18 alunos. Em 16 de maio do mesmo ano nasce minha filha Irene, estava trabalhan- do sem requerer licenças, fiquei em casa na semana do nascimento desta filha.
10	Antes do início das aulas lecionei 6 meses encima de

15	2 tábuas com 32 crianças sendo algumas sentadas pelo chão assim foi até construir a Escola. Passei crises hourriveis na gestão do 2ª Prefeito Senhor Americo Dias Ferraz levava 2 a 3 meses sem receber um só tostão, isso se deu em 1956 até 1959. Em 1958 fui nomeada
----	--

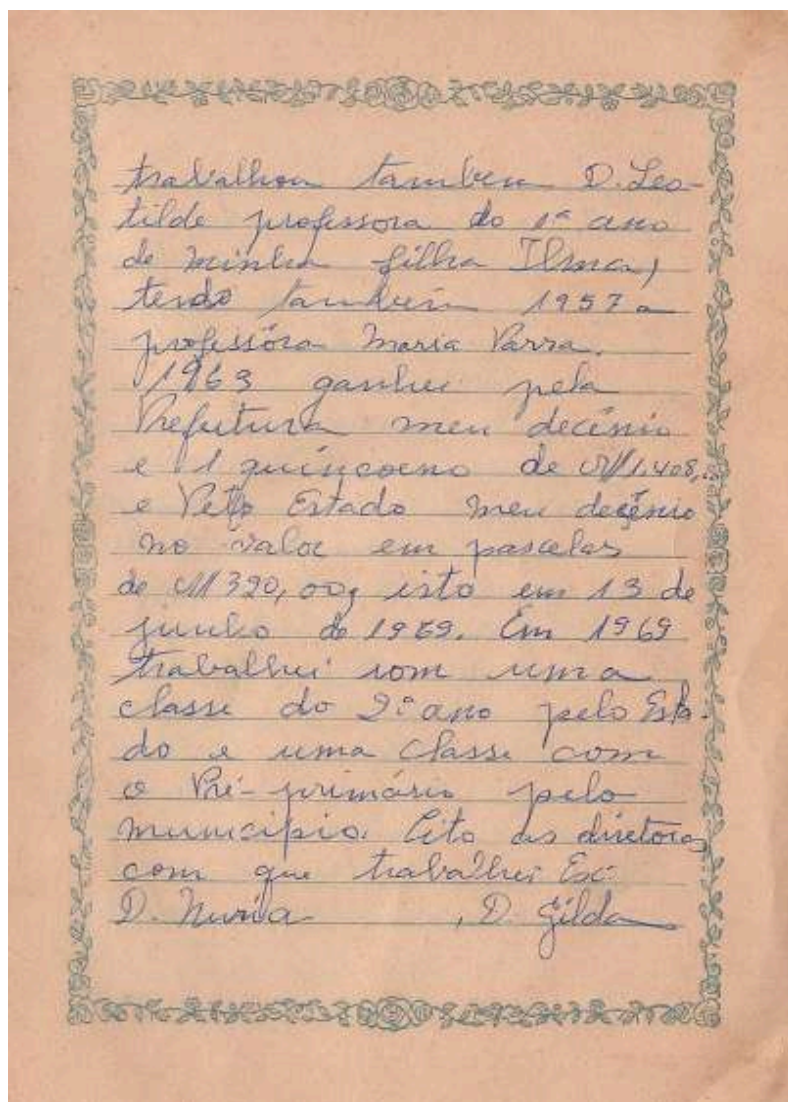
Fólio 9 - V



	Pelo Estado sendo que fez tudo pela minha
--	---

5	nomeação <i>Senhor</i> Néo Martins aquêê homem com que fez todo esforço para o nosso bem, fomos nomeada eu e minha ex-aluna
10	Angela Sanches, no dia 12 de março de 1958 e fomos possada em 5 de maio do mesmo ano.
15	A Diretora que nos auxiliou A <i>Senhora Dona</i> Lidia Dutra e com o esforço do <i>Senhor Doutor</i> João Paulino Vieira Filho homem Magnifico. Hoje faço dois períodos um pelo Estado e outro pelo Município. Em 1953

Fólio 10 - R

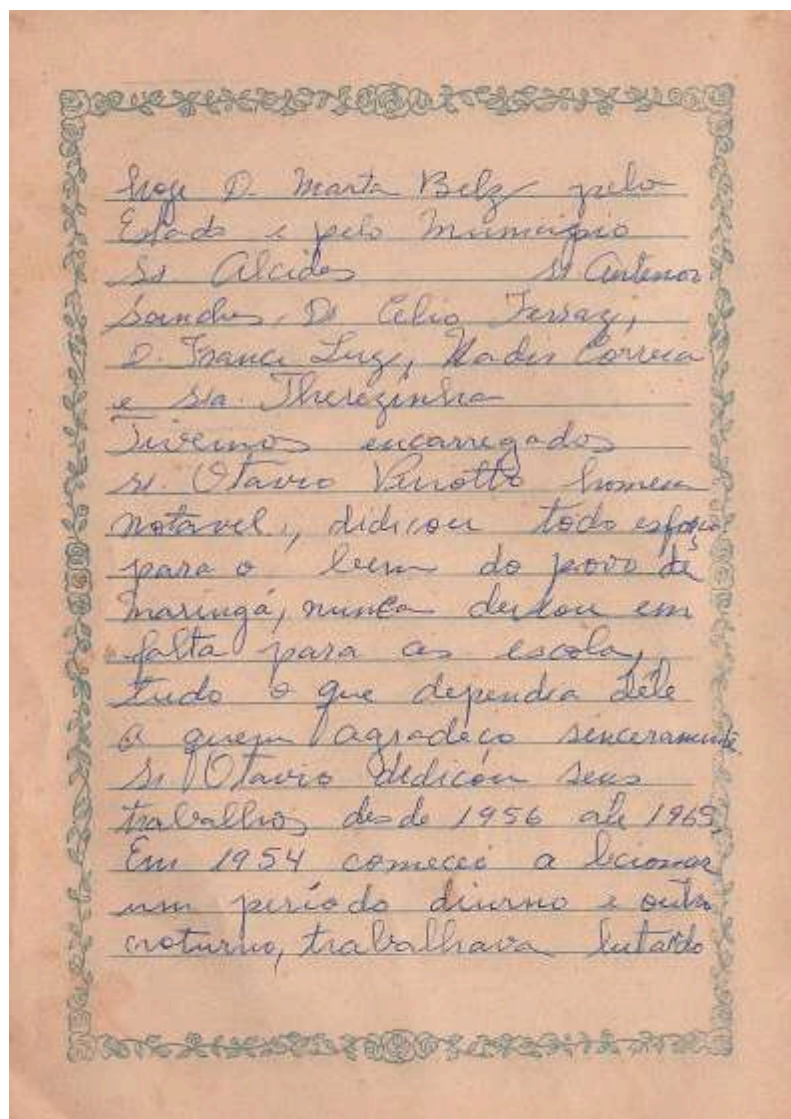


5	trabalhou também Dona Leo- tilde professora do 1º ano de minha filha Ilma, tenho também 1957 a professora Maria Parra.
10	1969 ganhei pela Prefeitura meu decênio e 1 quincênio de [NCr\$] ²² 1.408,00 e Pelo Estado meu de[c]ênio no valor em parcelas de NCr\$ 320,00, isto em 13 de junho de 1969. Em 1969
15	trabalhei com uma

²² Pelo ano, acredita-se que essa era a moeda brasileira

	classe do 2º ano pelo Estado e uma classe com o Pré-primário pelo Município. Cito as diretoras com que trabalhei <i>Exemplo:</i> Dona Nuria, Dona Gilda
--	--

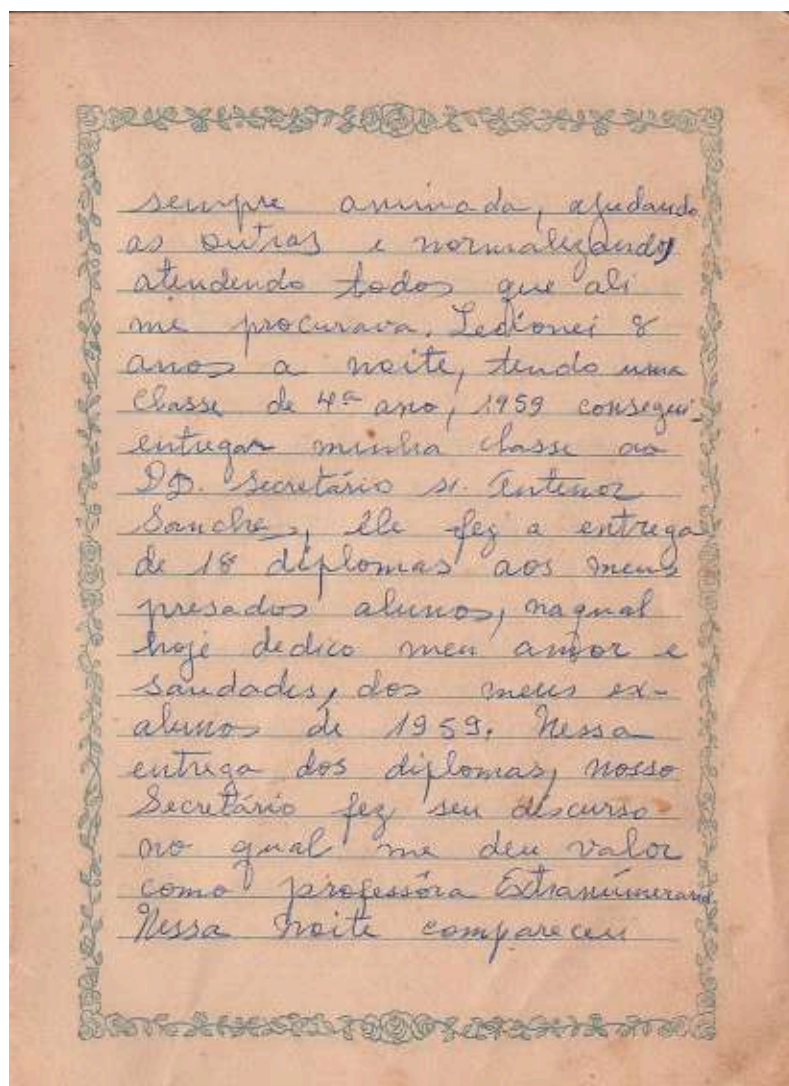
Fólio 10 - V



5	hoje Dona Marta Belz pelo Estado e Município Senhor Alcides Senhor Antenor Sanches, Doutor Celio Ferraz, Dona France Luz, [N]adir Correia
---	---

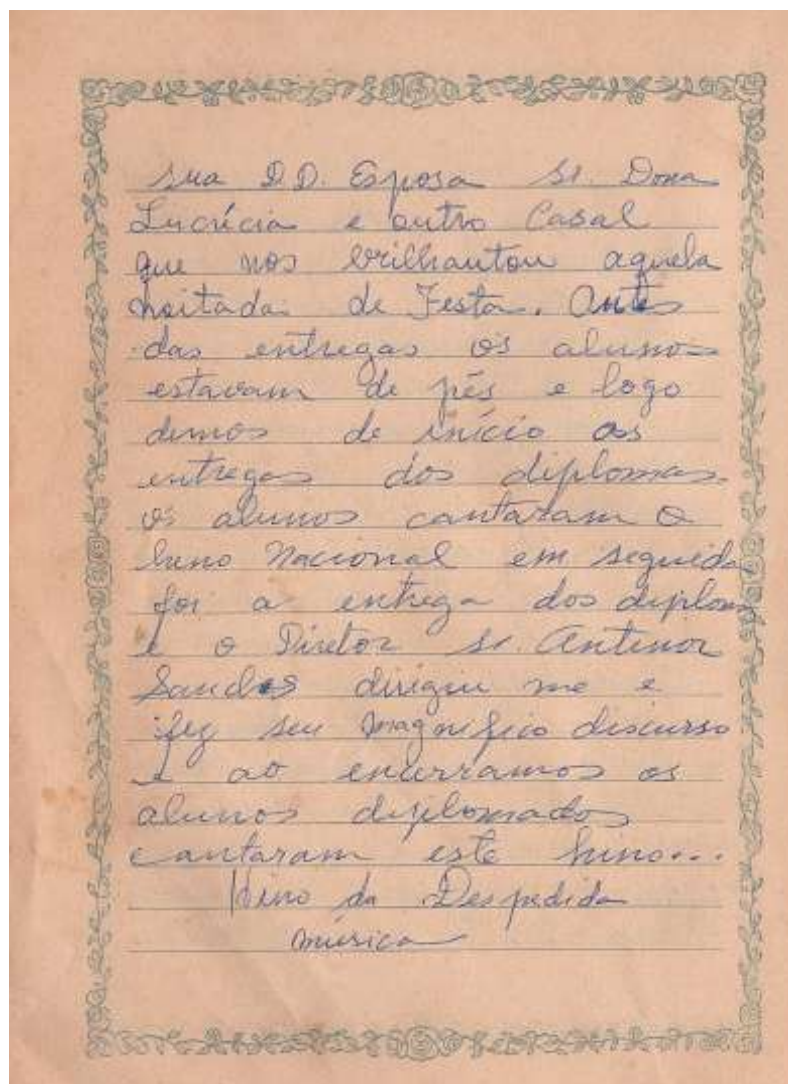
10	e Senhora Therezinha Tivemos encarregados Senhor Otávio Periotto homem notavel, dedicou todo esfo[r]ço para o bem do povo de Maringá, nunca deixou em falta para as escola,
15	tudo o que dependia dêle a quem agradeço sinceramente. Senhor Otavio dedicou seus trabalhos desde 1956 ate 1969. Em 1954 comecei a lecionar um período diurno e outro noturno, trabalhava luta<↑n>do

Fólio 11 - R



5	sempre animada, ajudando as outras e normalizando [.]
10	atendendo todos que ali me procurava. Lecionei 8 anos a noite, tendo uma classe de 4ª ano, 1959 consegui entregar minha classe ao <i>Digníssimo</i> Secretário Senhor Antenor Sanches, êle fez a entrega de 18 diplomas aos meus presados alunos, na qual hoje dedico meu amor e saudade, dos meus ex-alunos de 1959. Nessa entrega dos diplomas, nosso Secretário fez seu discurso no qual me deu valor como professora Extranúmerario. Nessa noite compareceu
15	

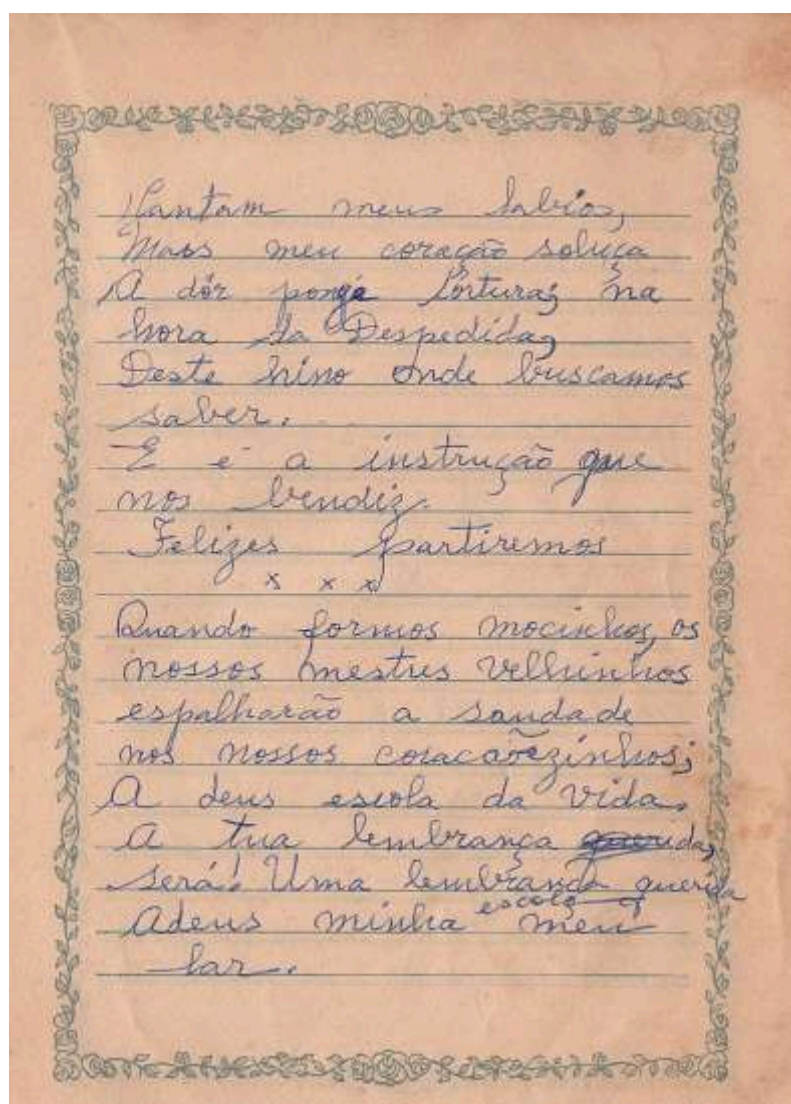
Fólio 11 - V



5	sua Digníssima Esposa Senhora Dona
	Lucrécia e outro Casal
	que nos brilhantou aquela
	noitada de Festa. A[n]t[e]s
	das entregas os alunos
	estavam de pés e logo
	demos de início [a]s
10	entregas dos diplomas.
	os alunos cantaram o
	hino Nacional em seguida
	foi a entrega dos diplomas
	e o Diretor Senhor Antenor
15	Sanch[e]s dirigiu me e
	fez seu Magnifico discurso
	e ao encerramos os

	alunos diplomados cantaram este hino... Hino da Despedida música
--	---

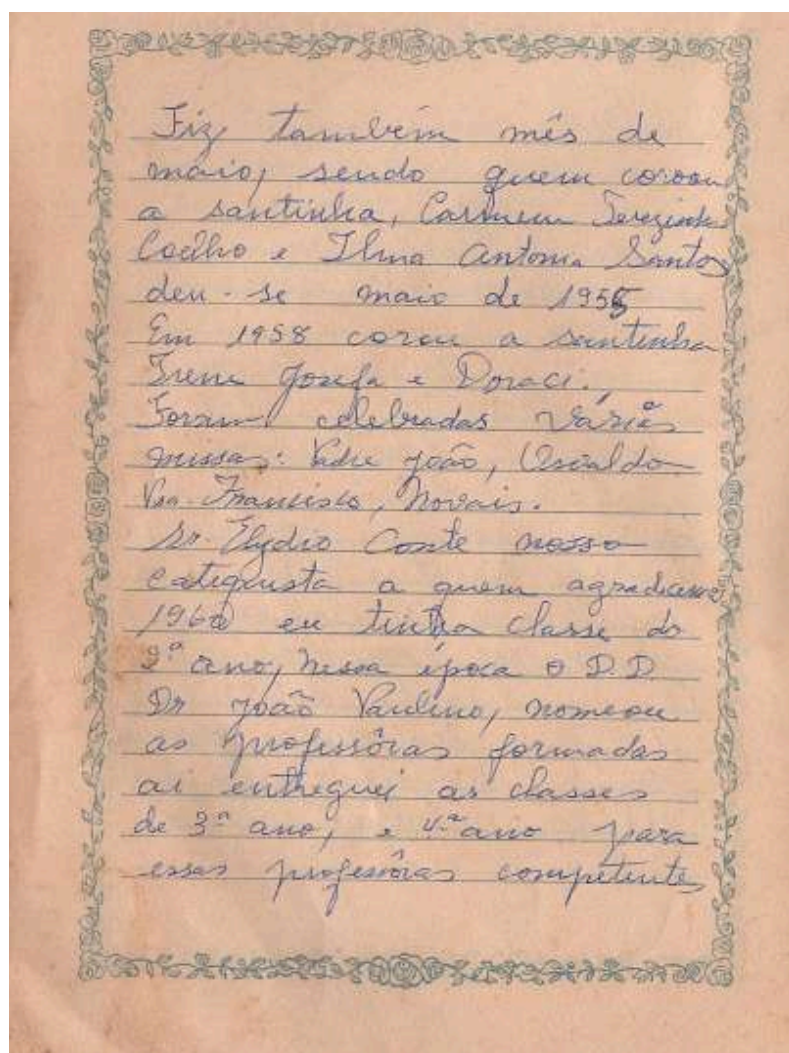
Fólio 12 - R



5	Cantam meus lábios, Mais meu coração soluça A dôr pon[ge] tortura; na hora da Despedida, Deste hino onde buscamos saber. E é a instrução [qu]e Nos bendiz.
---	---

10	Felizes partiremos X X X
15	Quando formos mocinhos, os nossos mestres velinhos espalharão a saudade nos nossos coraçõezinhos; A deus escola da vida. A tua lembrança querida , será! Uma lembrança querida Adeus minha <↑escola> meu lar.

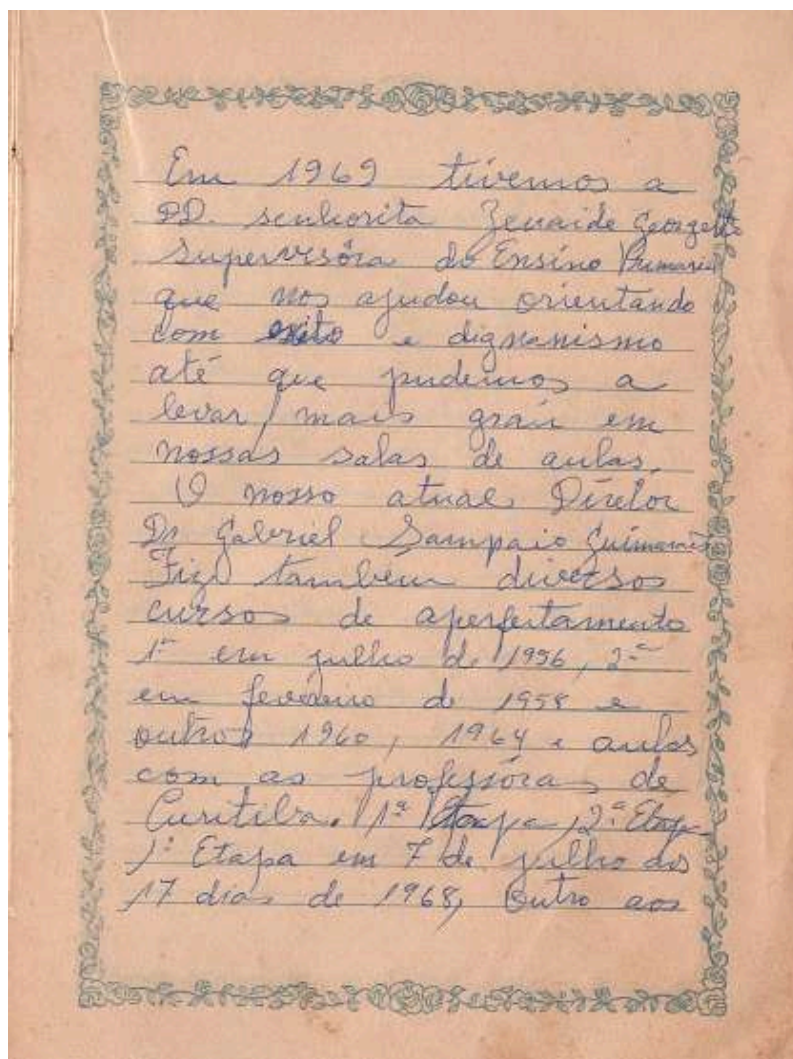
Fólio 12 - V



	Fiz também mês de maio, sendo quem coroou
--	--

5	a santinha, Carmem Terezinha Coelho e Ilma Antonia Santos deu-se maio de 195[5]
10	Em 1958 corou a santinha Irene Josefa e Doraci: Foram celebradas várias missas: Padre João, Osvaldo Vossa <i>Senhoria</i> Francisco, Novais. <i>Senhor</i> Elydio Conte nosso catequista a quem agradecemos.
15	1960 eu tinha classe do 2ª ano, nessa época o <i>Digníssimo</i> <i>Doutor</i> João Paulino, nomeou as professoras formadas ai entreguei as classes de 3ª ano, e 4ª ano para essas professoras competentes

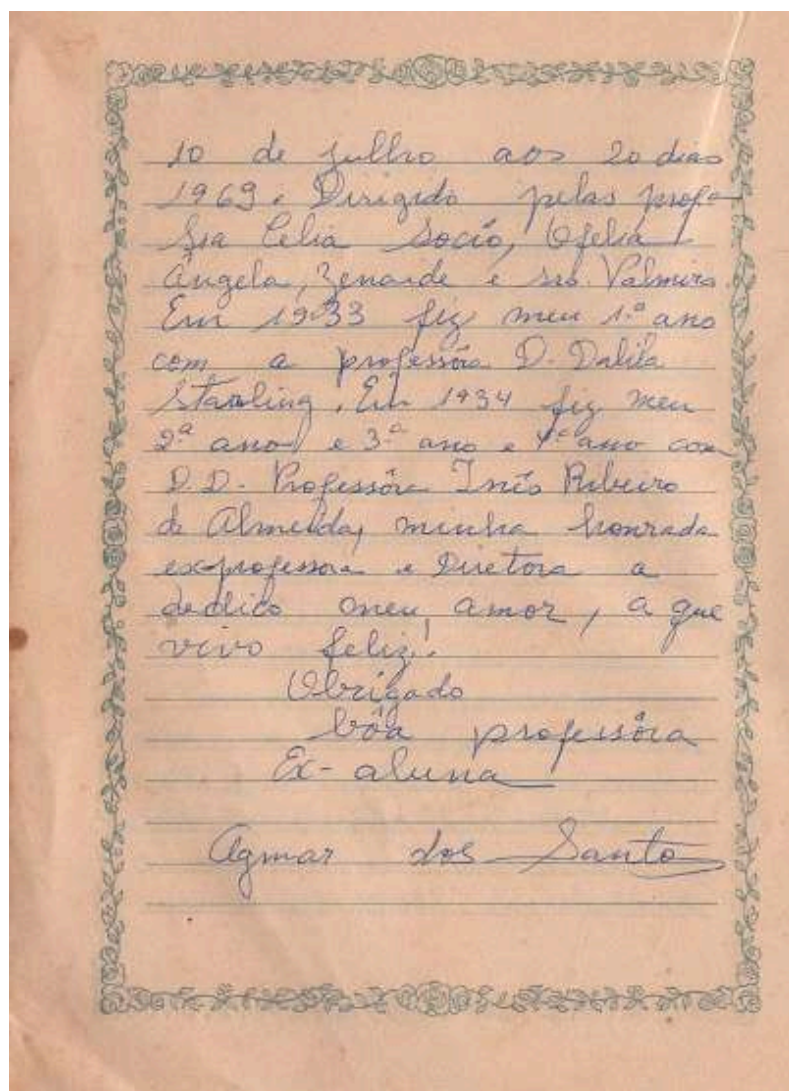
Fólio 13 - R



5	Em 1969 tivemos a
	Digníssima senhorita Zenaide Georgette
	supervisôra do Ensino Primario
	que nos ajudou orientando
	com [exito] e dignanismo
	até que pudemos a
	levar mais grau em
10	nossas salas de aulas.
	O nosso atual Diretor
	Doutor Gabriel Sampaio Guimarães.
	Fiz também diversos
	cursos de aperfeitamento
15	1ª em julho de 1956, 2ª
	em fevereiro de 1958 e
	outros 1960, 1964 e aulas
	com as professôras de

	Curitiba. 1ª E[ta]pa, 2ª Etapa. 1ª Etapa em 7 de julho aos 17 dias de 1968, outro aos
--	---

Fólio 13 - V

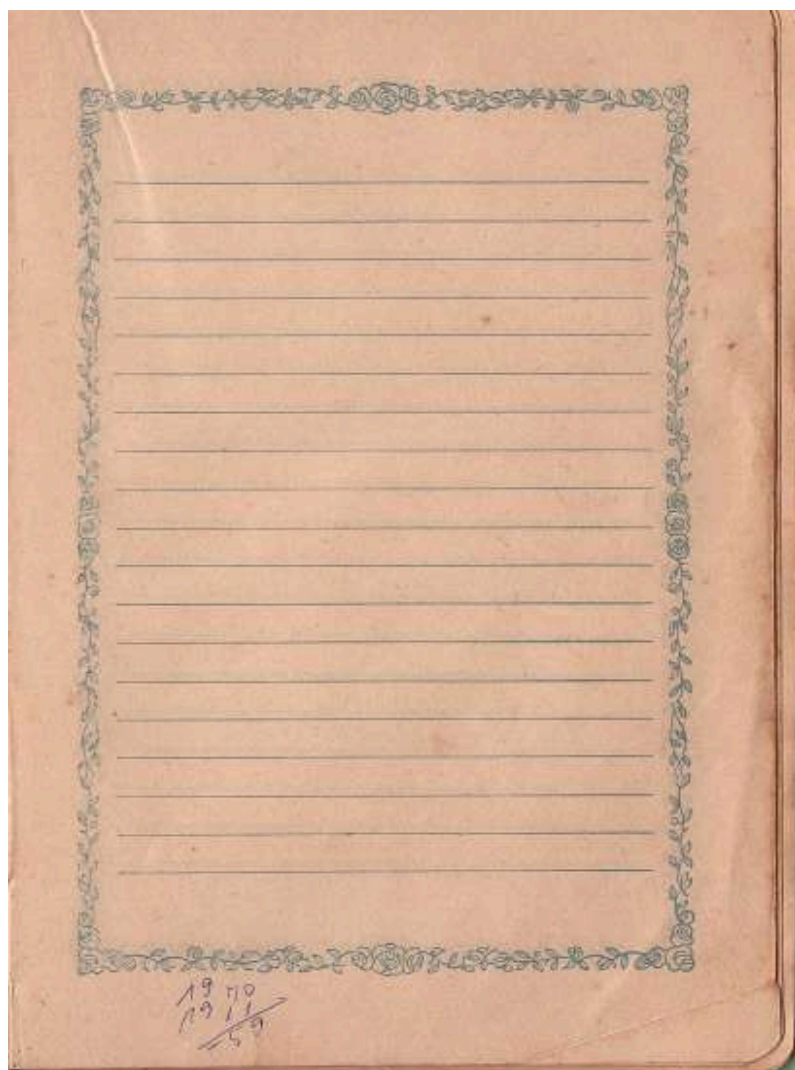


5	10 de julho aos 20 dias 1969. Dirigido pelas professoras Senhora Celia Socio, Ofelia Ângela, Zenaide e senhora Palmira. Em 1933 fiz meu 1ª ano com a professora Dona Dalila Sta[r]ling. Em 1934 fiz meu 2ª ano e 3ª ano e 4º ano com
10	Digníssima Professora Inês Ribeiro de Almeida, minha honrada

15	ex-professora e Diretora a dedico meu amor, a que vivo feliz! Obrigado bôa professôra Ex-aluna Agmar dos Santos
----	--

[7 fôlios em branco; do 14 ao 20]

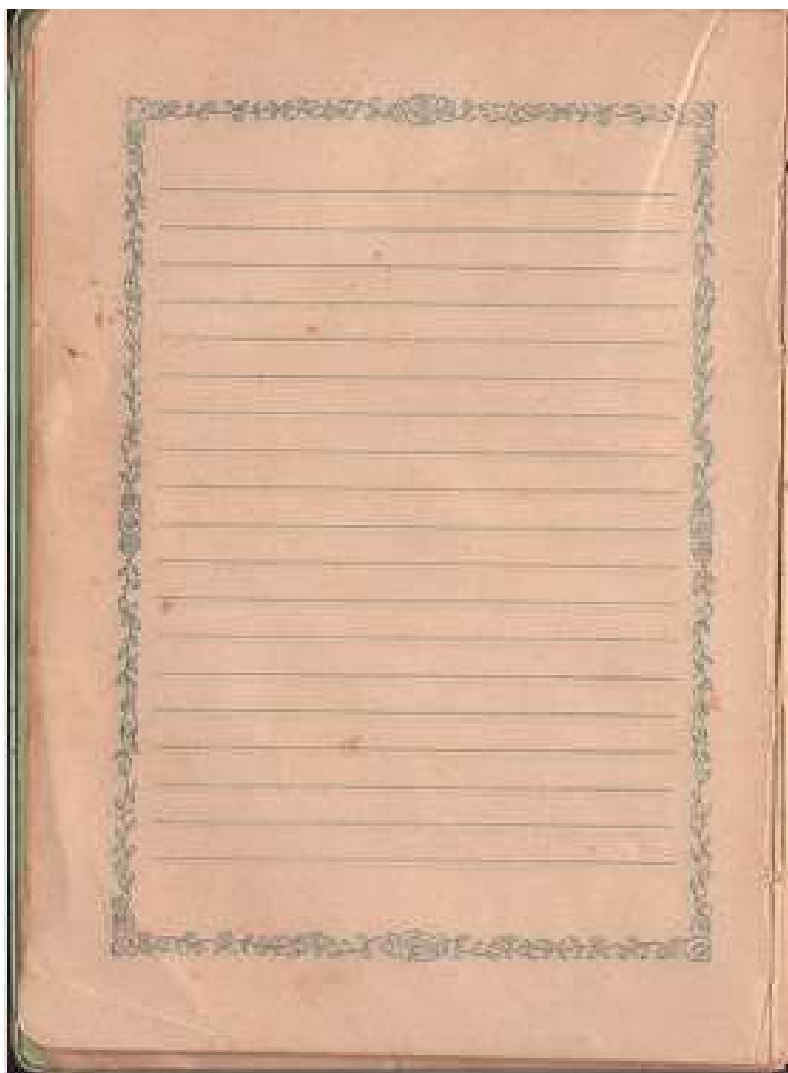
Fólio 21 - R



	1960 1911
--	----------------------

	- 59 ²³
--	--------------------------

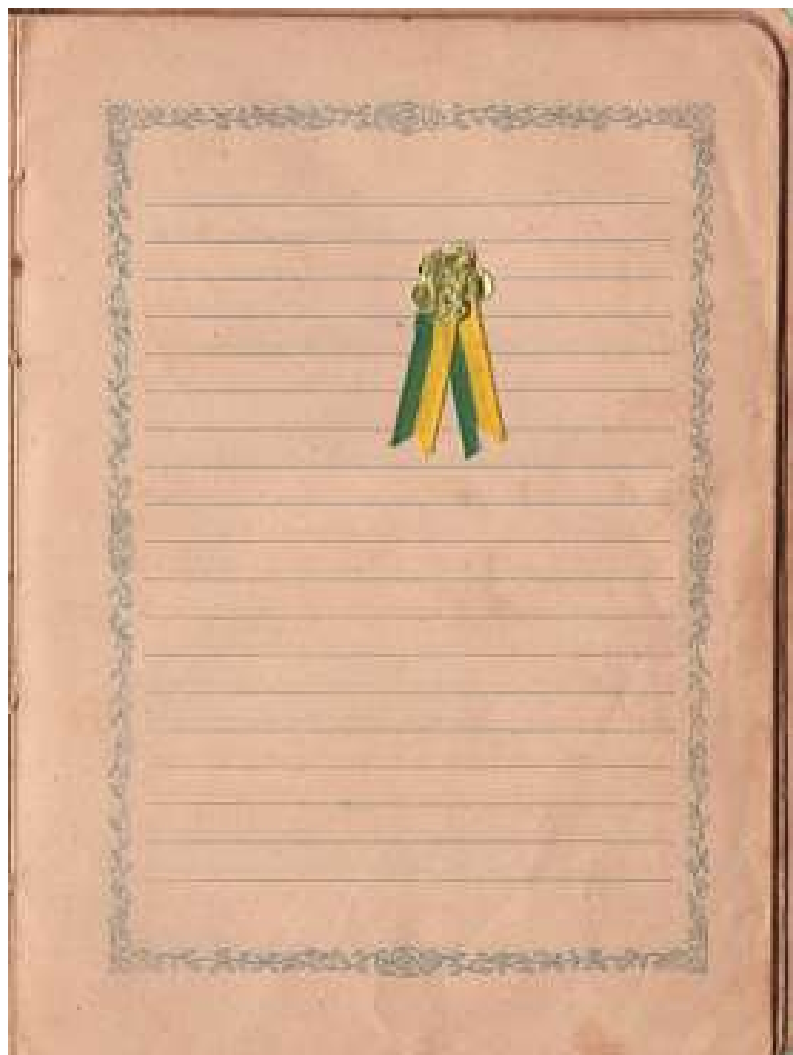
Fólio 21 - V



[8 fólhos em branco; do 22 ao f. 29]

²³ Anotação realizada no canto superior esquerdo da página

Fólio 30 - R



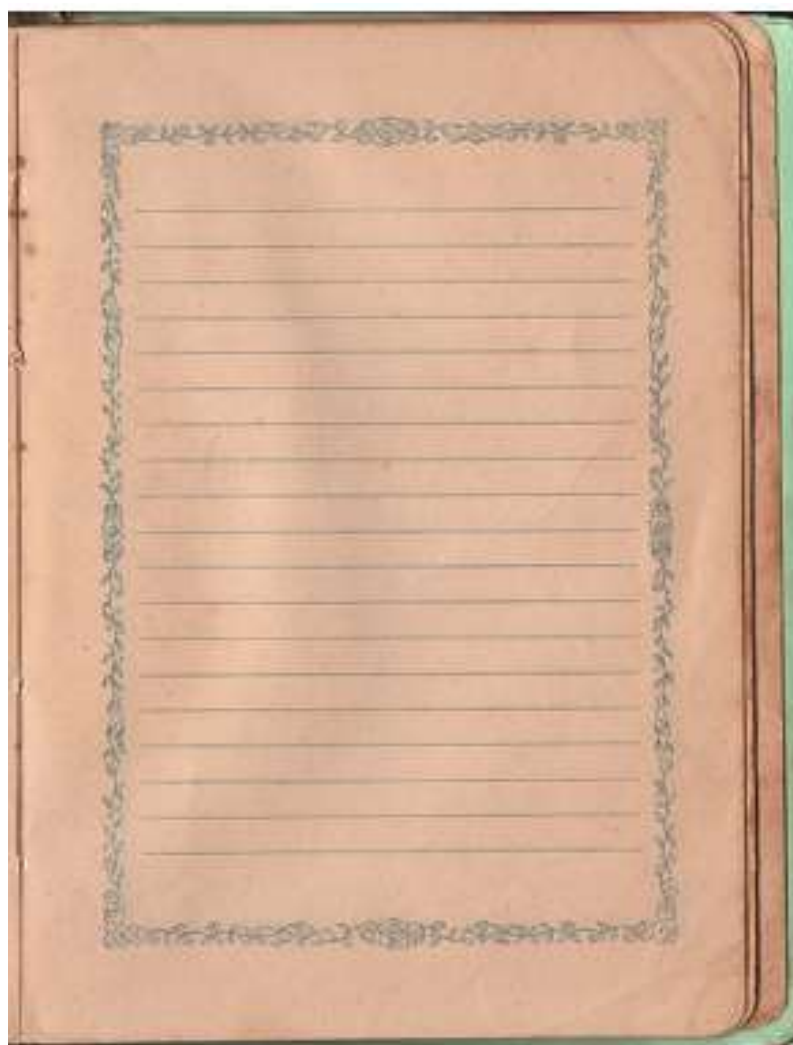
	[adorno feito de um laço verde e amarelo]
--	---

Fólio 30 - V

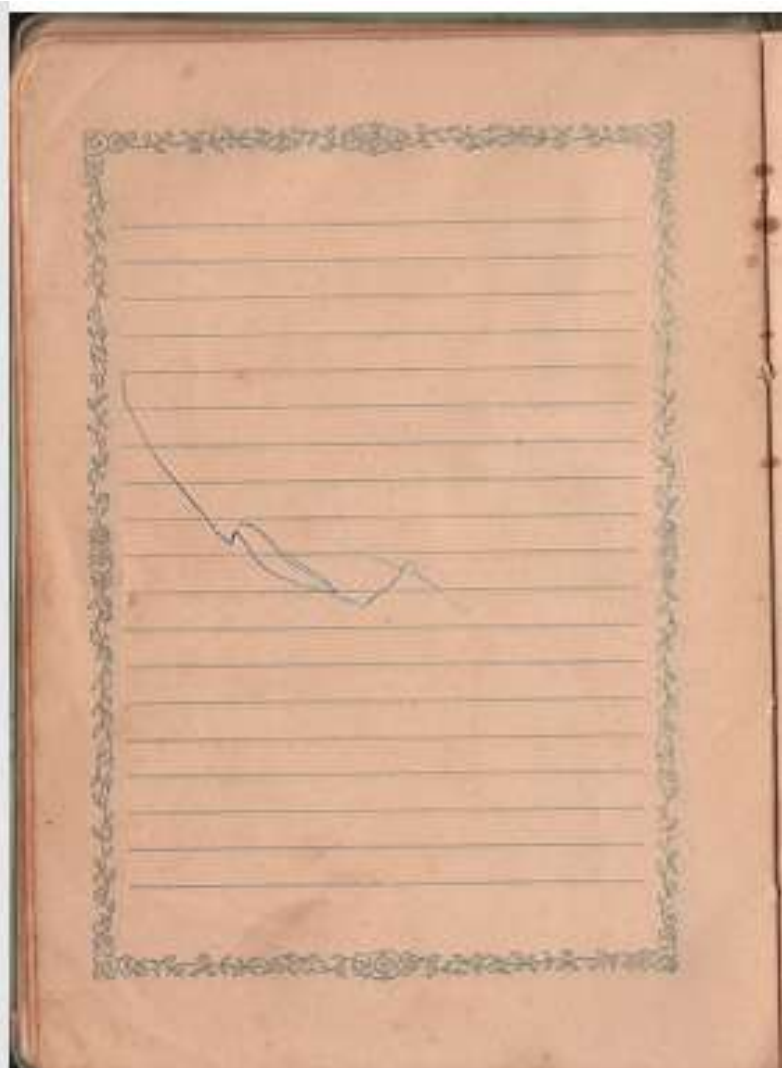


[6 fólhos em branco; do 31 ao 36]

Fólio 37 - R



Fólio 37 - V



	[Risco à caneta esferográfica]
--	--------------------------------

Fólio 38 - R



	[Colagem de recibo de depósito bancário de seu filho Paulo Aparecido dos Santos]
--	--

Fólio 38 - V



Fólio 39 - R



Fólio 39 - V

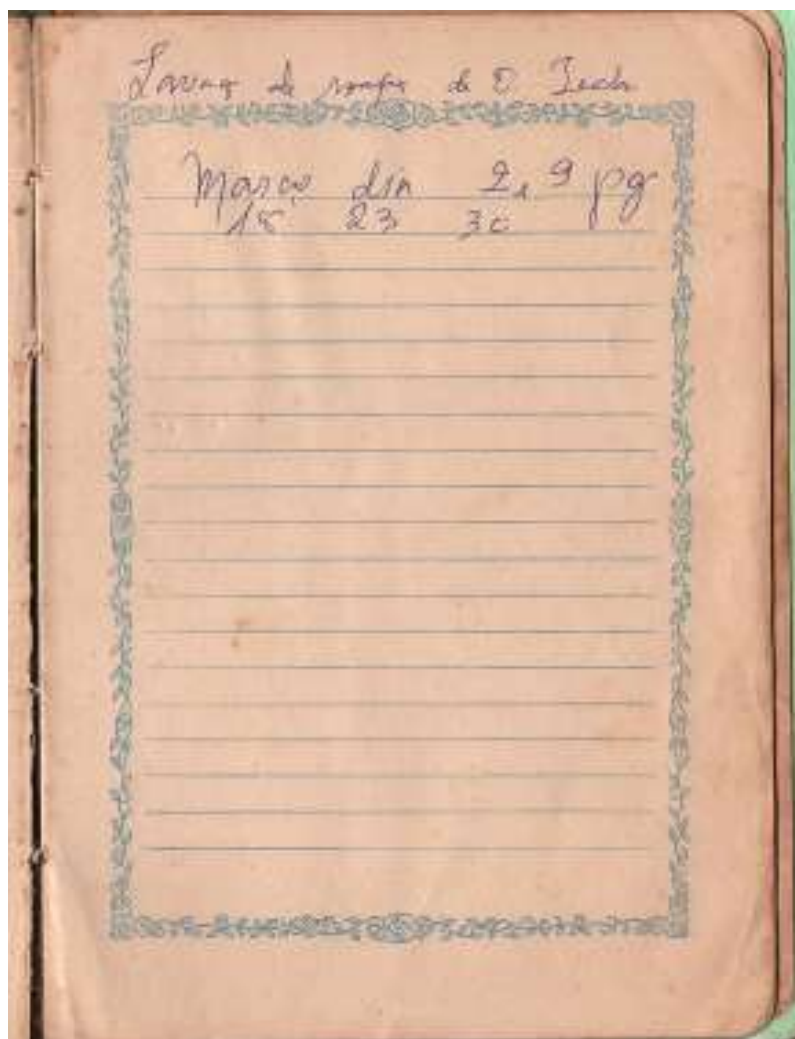


	[risco na margem] ²⁴
--	---------------------------------

[Fólio 40 em branco]

²⁴ Risco mal traçado à caneta

Fólio 41 - R

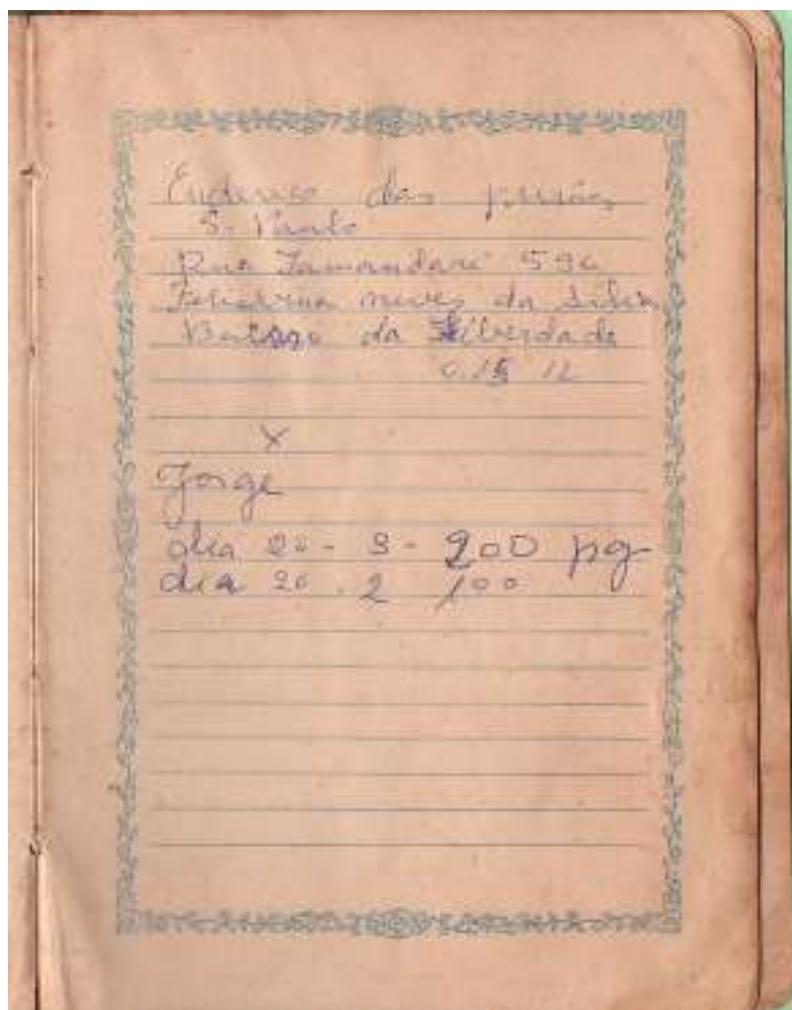


	Lavag de roupa Dona Ieda Março dia 2 e 9 pago 18 23 30
--	--

Fólio 41 - V

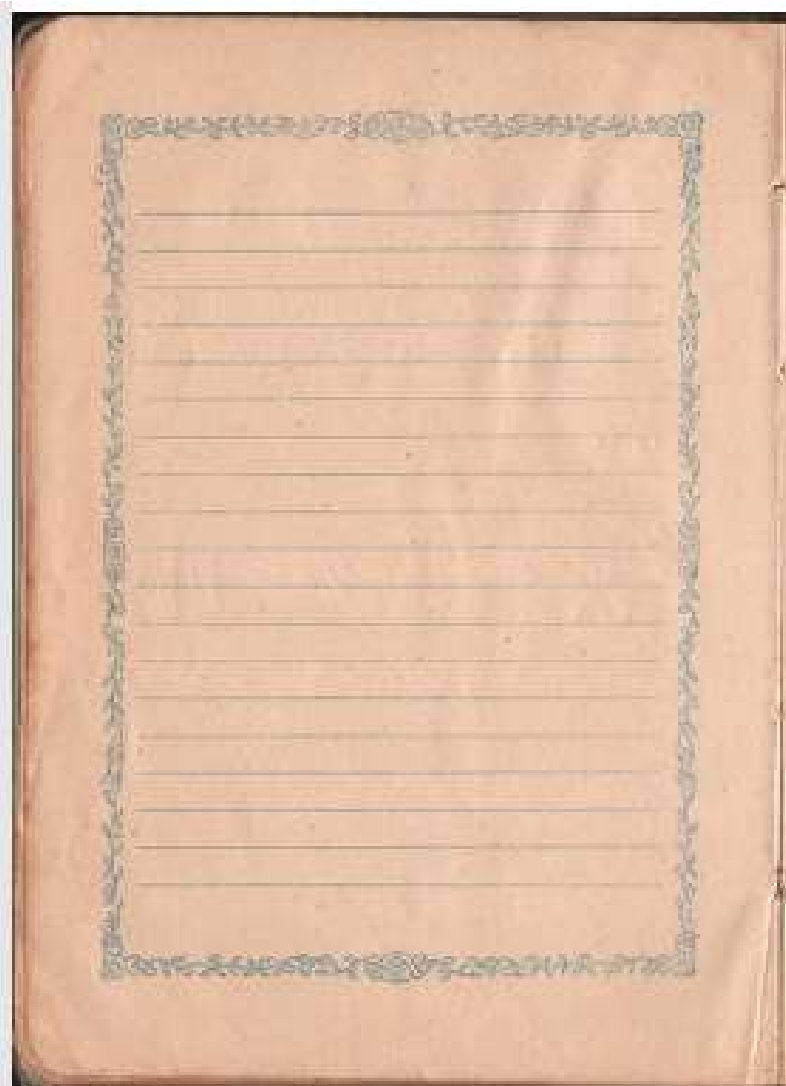


Fólio 42 - R

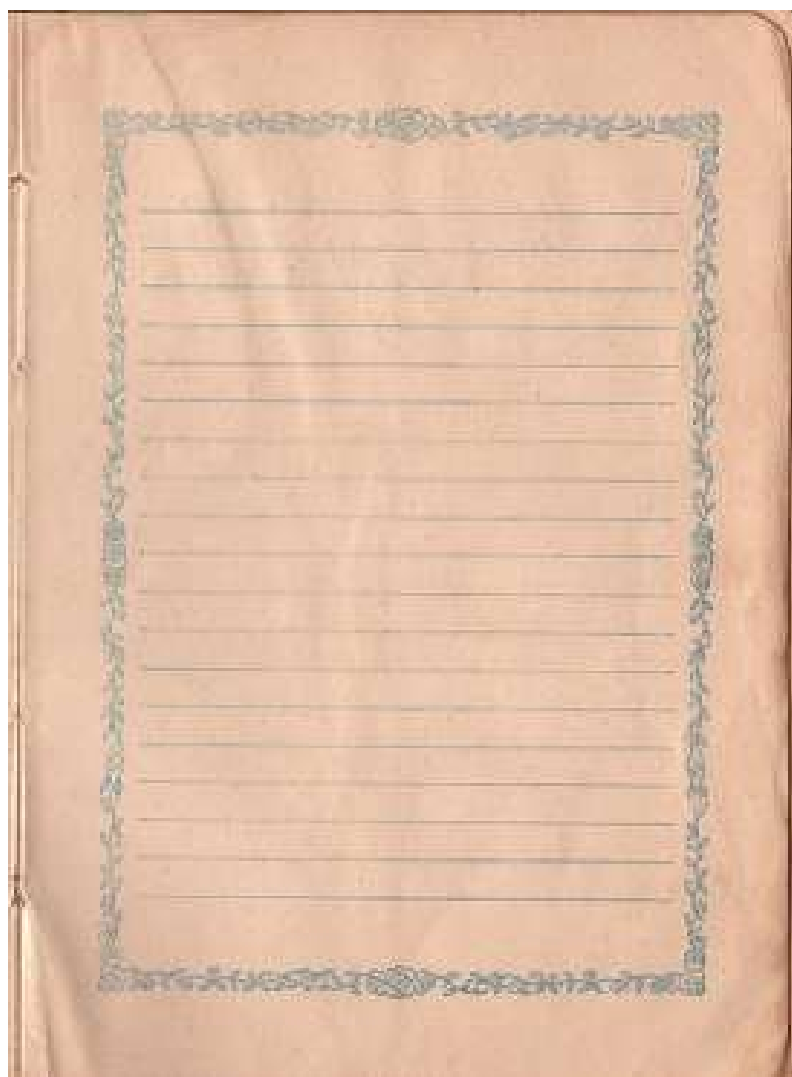


5	Endereço das primas São Paulo Rua Tamandaré 596 Felisbina Neves da Silva Bairro da Liberdade 0.15 12 X
10	Jorge dia 20 - 3 - 200 pago dia 20 - 2 100

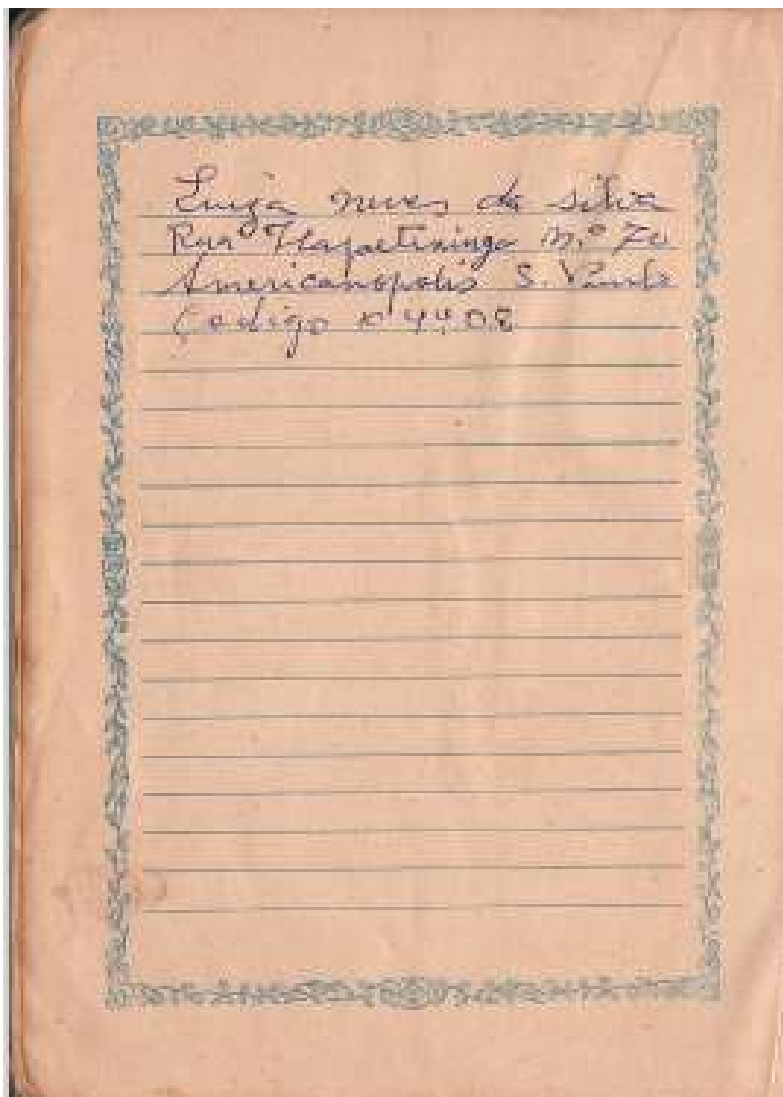
Fólio 42 - V



Fólio 43 - R



Fólio 43 - V

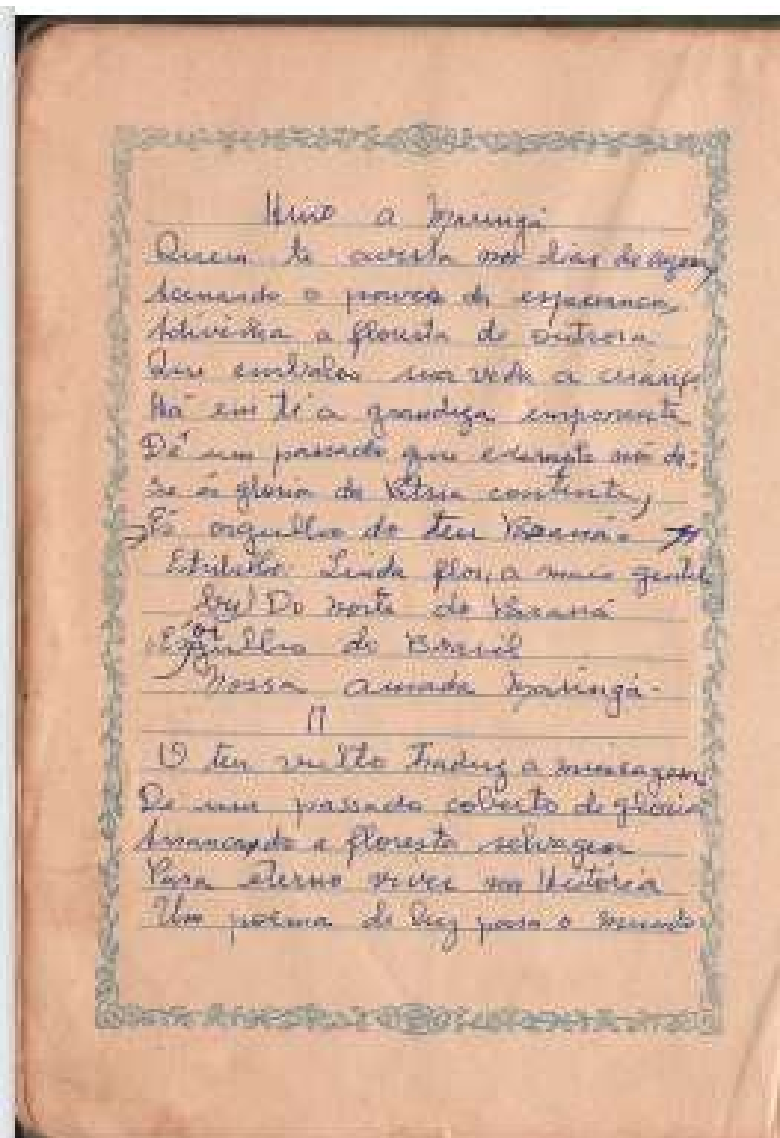


	Luiza Neves da Silva Rua Itapetininga número 70 Americanópolis São Paulo Codigo 0 4 4 0 8
--	--

Fólio 44 - R



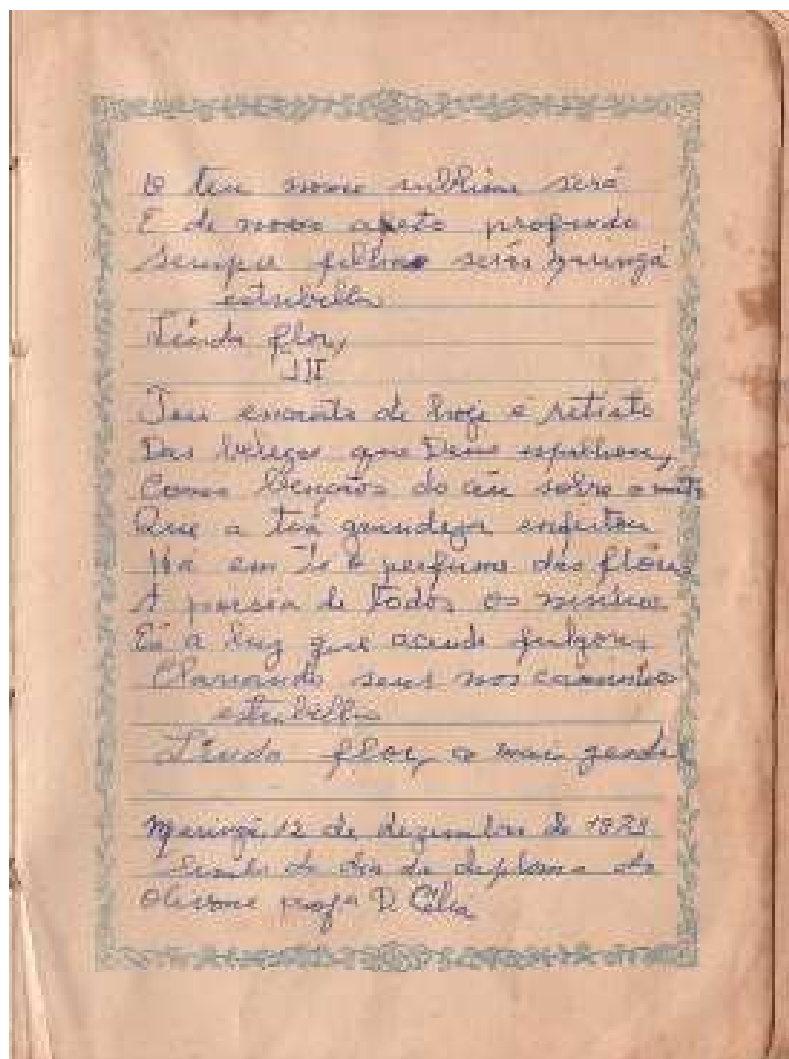
Fólio 44 - V



5	Hino a Maringá Quem te avista nos dias de agora, Acenando o porvir da esperança, Adivinha a floresta de outrora Que embalou sua vida a criança. Há em ti a grandeza imponente Dê um passado que exemplo nós da: Se és gloria da Pátria contente, És orgulho do teu Paraná. Estribilho: Linda flor, a mais gentil bis) Do norte do Paraná És <†or> gulho do Brasil Nossa Amada Maringá. II
---	---

	O teu vulto traduz a mensagem De um passado coberto de gloria Arranca[n]do a floresta selvagem Para eterno viver na História Um poema de luz para o mundo
--	--

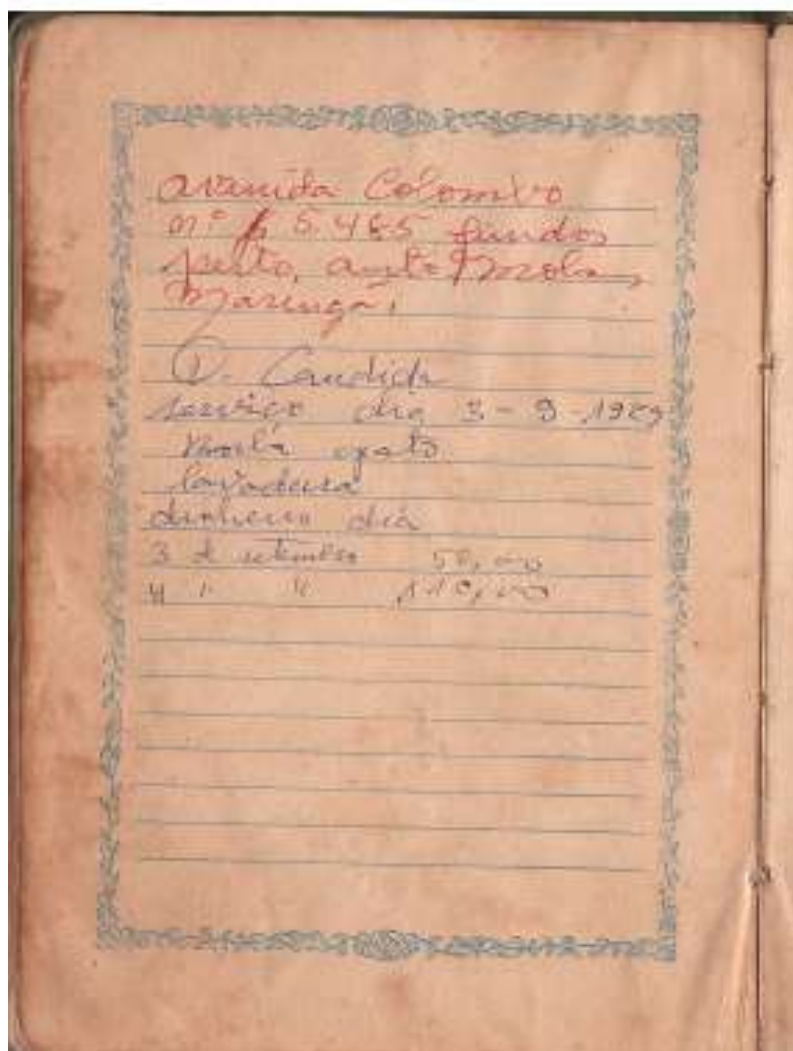
Fólio 45 - R



5	O teu nome sublime será E de nosso afeto profundo sempre filhas serás Maringá estribilho Linda flor, III Teu encanto de hoje é retrato
---	---

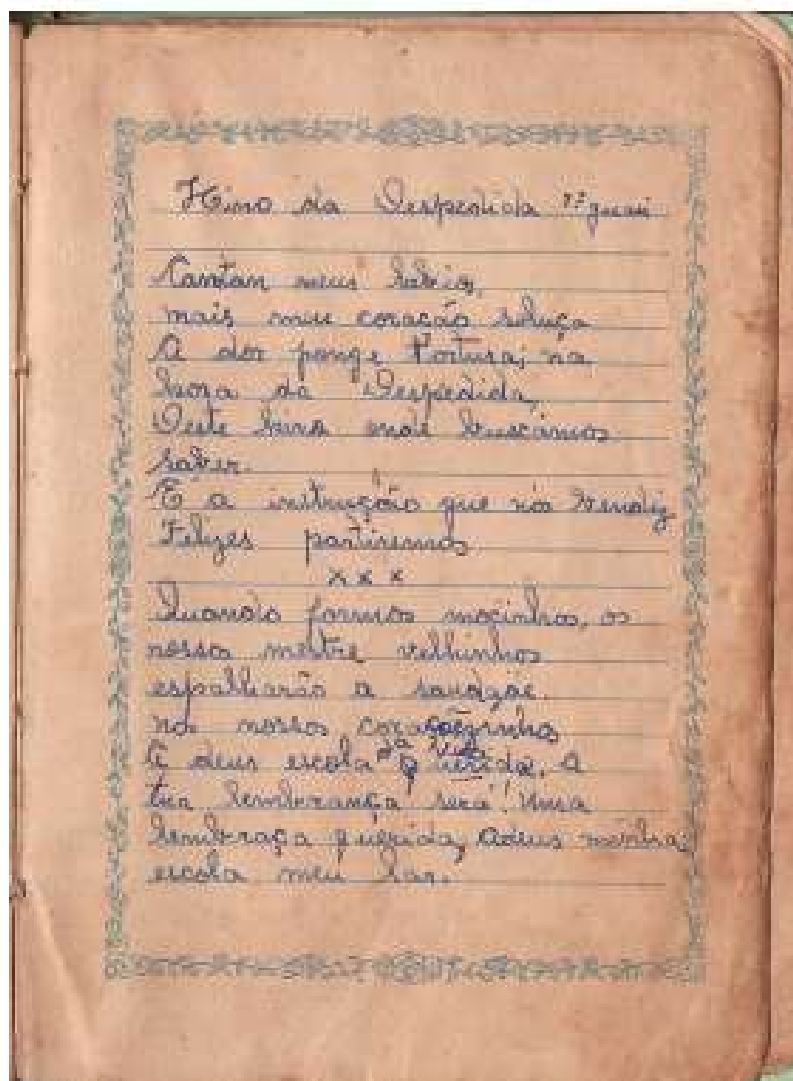
10	Das belezas que Deus espalhou, Como bençãos do céu sobre o mato Que a tua grandeza enfeitou Há em ti o perfume das flôres A poesia de todos os ninhos.
15	És a luz que acende fulgores Clareando seus nos caminhos. estribilho Linda flor a mais gentil [M]aringá, 12 de dezembro de 1973 [lembrei] do dia do diploma da [olivone] professora <i>Dona Célia</i>

Fólio 45 - V



5	Avenida Colombo número [ilegível - rasura] 5.485 fundos perto auto molas Maringá. Dona Candida serviço dia 3 - 9 - 1979 Borbá gato lavadeira dinheiro dia 3 de setembro 50,00 4 de setembro 110,00
---	--

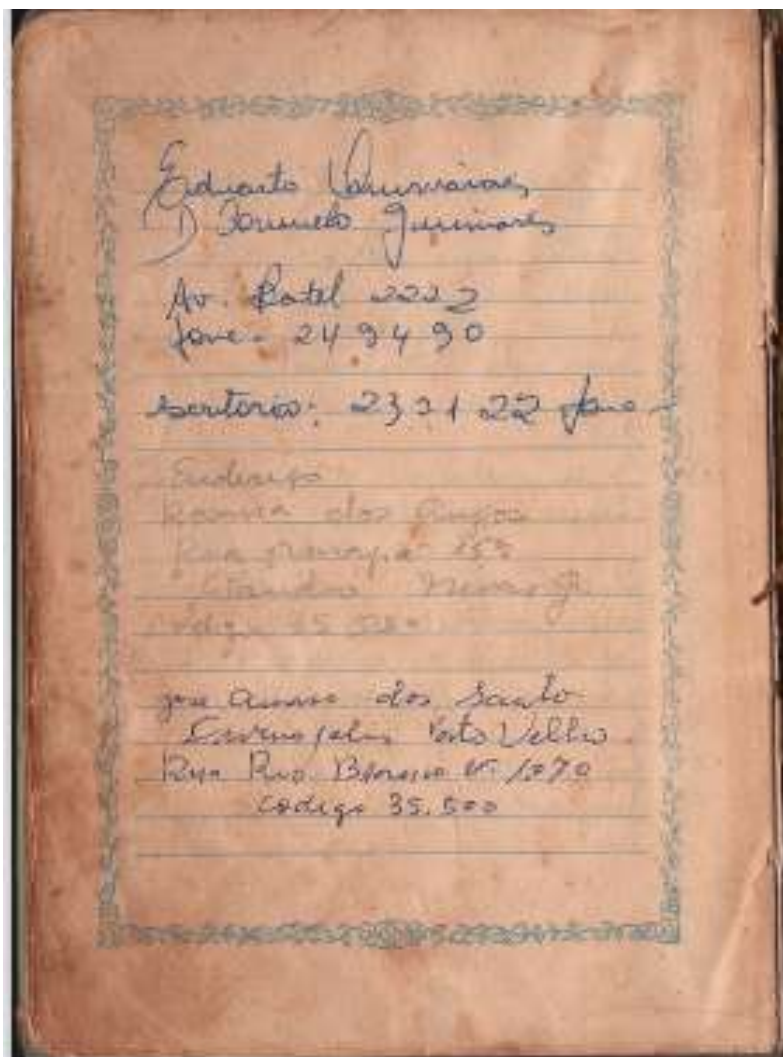
Fólio 46 - R



5	Hino da Despedida 4º grau Cantan meus labios, mais meu coração soluça A dor ponge tortura; na hora da Despedida, Deste hino onde buscamos saber.
10	É a instrução que nos bendiz Felizes partiremos XXX
15	Quando formos mocinhos, os nossos mestre velhinhos espalharão a saudade. nos nossos coraçõezinhos

	A deus escola <↑da> <↑vida> querida. A tua lembrança será! Uma lembrança querida, Adeus minha escola meu lar.
--	---

Fólio 46 - V



5	Eduardo Quimaraes Dona Consuelo Guimaraes Avenida Batel 2222 fone - 24 94 90 escritorio: 23 71 22 fone
10	²⁵ Endereço Rosana dos Anjos Rua Amapa 155

²⁵ Aqui o texto é a lápis

15	Claudio Ninas G. Código 35 530 ²⁶ José Amaro dos Santo Divinópolis Porto Velho Rua Rio Branco número 1.070 código 35.500
----	--

Fólio 47 - R



5	Cofasol xarope Pediátrico para lombrigas receita Doutor brausilio medico de criança ²⁸	²⁷ Sulfato ferroso Composto [L]afi Lafi Antianêmico
---	--	---

²⁶ Texto novamente escrito à caneta, azul

²⁷ Texto à caneta, preta

²⁸ Texto à caneta, em azul

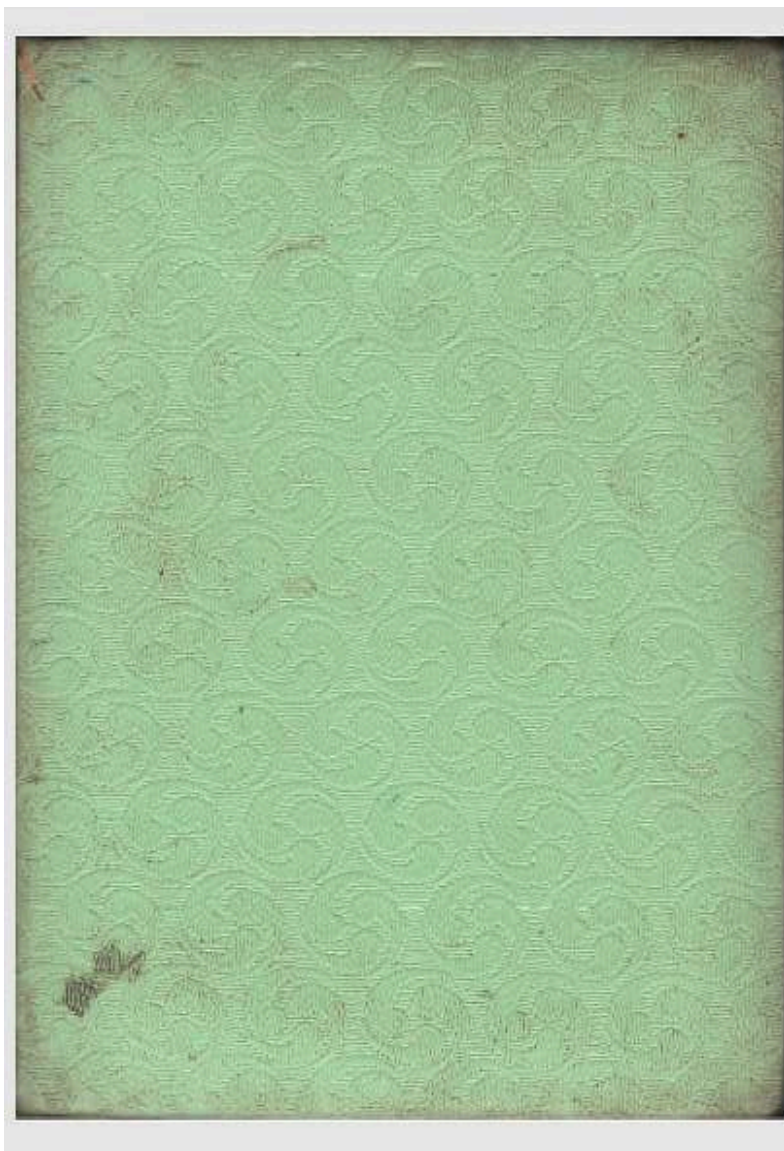
10	²⁹ Endereço da Ilma Visconde Guarapuava <i>número</i> 4455 Curitiba ³⁰	Igaipi[r]in para reumatismo
15	endereço do Geraldo São Paulo Avenida Conceição <i>número</i> 6.300 Diadema Caixa Postal 81 Irgapirin geigi para reumatismo ³¹	

²⁹ Texto a lápis

³⁰ Texto a lápis

³¹ Texto à caneta, azul

Fólio 47 - V



[capa em branco]

4.1.5 Os desvios revisados do *Caderninho de Memórias*

A partir da transcrição realizada na seção anterior, é possível observar que o *Caderninho de Memórias* apresenta vestígios de revisão e correção realizados por Agmar dos Santos durante a fase de escrita. Nesta seção, procederemos à análise dos desvios revisados do *Caderninho de Memórias*, com o objetivo de compreender as estratégias de correção empregadas pela autora.

Segundo a classificação de Blecua (1983), os erros típicos do processo de cópia (e de produção textual) ocorrem por omissão de elementos, por substituição de formas, por adição ou, por fim, por alteração de ordem. Considerando os desvios não corrigidos por Dona Agmar chegamos ao seguinte resultado, consolidado na Tabela 1, a seguir, com 35 ocorrências.

Tabela 1: Desvios revisados em *O Caderninho de Memórias*

Tipo	Qtd.	%
adição	3	8,57%
alteração	1	2,86%
omissão	13	34,14%
substituição	18	51,43%
Total geral	35	100,00%

Fonte: Autoria própria

Os resultados da nossa análise revelaram que os tipos de desvios mais comuns foram cometidos por substituição, sendo 51,43% do total — 18 casos. São casos como os exemplos abaixo:

(1) cambira -> [C]ambira (fólio 7- R)

(2) so dia 2 de abril -> [n]o dia 2 de abril (fólio 8 - V)

Ao olhar os exemplos acima, nota-se que em (1) a autora faz uma substituição de uma letra em sua forma minúscula por uma maiúscula, logo corrigida. A substituição realizada foi para corrigir a grafia do nome próprio de um município paranaense; daí a necessidade de uma adequação ortográfica. Em (2) houve uma substituição da letra *s* pela *n*, também de cunho ortográfico, uma contração da preposição *em* + o artigo *o*.

Identificamos 13 evidências de desvios por omissão corrigidos, o que representa 34,14% do total. A seguir listamos dois desses casos:

(3) “Adeus minha <↑escola> meu lar” - > Adeus minha escola meu lar (fólio 12- R)

(4) Arranca[n]do a floresta selvagem -> arrancando a floresta selvagem (fólio 44 - V)

Em (3), observa-se que a autora não incluiu a palavra *escola* no texto original. Porém, percebendo o erro, incluiu o vocábulo em área entre as linhas. Já em (4), há a ausência da letra *n* para a formação do gerúndio do verbo arrancar, afetando o morfema desinencial do verbo.

Nossa investigação mapeou ainda 3 desvios corrigidos que haviam sido gerados por adição, correspondendo a 8,57% do total. É o que podemos ver nas ocorrências (5) e (6):

(5) Fui em primeiro lugar pôr <terem> meus documentos suficientes -> Fui em primeiro lugar por ter meus documentos suficientes (fólio 5 - R)

(6) sempre filhas-serás Maringá - > sempre filha serás Maringá (fólio 45 - R)

O exemplo (5) exhibe uma adição indevida de duas letras flexionando o verbo *ter* para o plural. Esse uso se configura em problemas na concordância verbal requerida para o uso padrão da língua, uma vez que o sujeito oração é “eu”. A revisão realizada pela autora resolve a questão. Já em (6), a adição de *s*, impactando morfema de número do substantivo *filha*, vocábulo que tinha como referência “Maringá”.

Por fim, há 1 correção que evidencia um desvio gerado por alteração da ordem, refletindo 2,86% do total. É o caso da ocorrência (7), a seguir:

(7) A tua lembrança ~~querida~~, será! Uma lembrança querida -> a tua lembrança, será! Uma lembrança querida (fólio 12- R)

Nesse último caso, a motivação da revisão foi textual. Corta-se o vocábulo *querida* da primeira oração, para mantê-la apenas na última, optando-se por um alteração de ordem da palavra.

Para melhor ilustração, no Quadro 1, a seguir, é possível observar todos os levantamentos de dados encontrados em nossa análise.

Quadro 1: Desvios revisados - Caderninho de Memórias

Fólio	Contexto	Tipo de erro	Hipótese/observação	Fenômenos	Subsistema
5 - R	Fui em primeiro lugar pôr <terem> meus documentos suficientes	adição	adição de duas letras devido à concordância da oração, já que o sujeito é “eu”	adição de letras	ortográfico
5 - R	um pe[rio]do diurno	omissão	omissão do <i>i</i> na escrita inicial da palavra	ausência de letra	ortográfico
5 - R	0,[4]5	omissão	omissão de número	ausência de número	ortográfico
7- R	[C]ambira	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico
7- R	[H]oje	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico
7- V	a[ten]ção	omissão	omissão de letras para completude da palavra	ausência de letras	ortográfico
8- R	mandaria o material para a futur[a]	adição	adição de letra	adição de letra	ortográfico
8- V	[n]o dia 2 de abril	substituição	substituição da letra <i>s</i> pela <i>n</i>	substituição de uma letra por outra	ortográfico
10- R	de[c]ênio	substituição	substituição da letra <i>s</i> pela <i>c</i>	substituição de uma letra por outra	ortográfico
10- V	[N]adir	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico
10- V	esfo[r]ço	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
10- V	luta<↑n>do	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
11- V	A[n]t[e]s	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
11- V	[a]s	substituição	substituição de uma letra por outra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
12 - R	A tua lembrança querida, será! Uma lembrança querida	alteração	desvio por alteração de ordem, já que a autora risca a palavra e logo escreve-a mais adiante	alteração de ordem de palavra	textual

11- V	Sanch[e]s	substituição	substituição da letra o pela e	substituição de uma letra por outra	ortográfico
12- R	pon[ge]	substituição	substituição de uma letra por outra	substituição de uma letra por outra	ortográfico/ fonético
12- R	[qu]e	substituição	substituição de uma letra por outra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
12- R	Adeus minha <↑escola> meu lar	omissão	omissão de palavra	ausência de palavra	de textual
12- V	195[5]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
13- R	com [exito] e dignanismo	omissão	omissão de letras para completude da palavra	ausência de letras	ortográfico
13- R	E[ta]pa	omissão	omissão de letras para completude da palavra	ausência de letras	ortográfico
13- V	Sta[r]ling	substituição	substituição da letra n pela r	substituição de uma letra por outra	ortográfico
42 - R	Bai[rr]o	substituição	substituição de letras não identificadas	substituição de uma letra por outra	ortográfico
42 - R	[L]iberdade	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico
42 - R	0.1[5]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
42 - R	[2]00	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
44 - V	<↑or> gulho	omissão	omissão de letras para completude da palavra	ausência de letras	ortográfico
44 - V	Arranca[n]do a floresta selvagem	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	morfossintático
45 - R	sempre filhas—serás Maringá	adição	adição de letra	adição de letra	ortográfico
45 - R	[M]aringá	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico
46 - R	<↑da>	omissão	omissão de palavra	ausência de palavra	de textual
46 - R	<↑vida>	omissão	omissão de palavra	ausência de palavra	de textual
47 - R	[L]afi	substituição	substituição de letra em sua forma minúscula para a maiúscula	substituição de formato da letra	ortográfico

47 - R	Igaipi[r]in	substituição	substituição de uma letra não identificada	substituição de uma letra por outra	ortográfico
--------	-------------	--------------	---	--	-------------

Fonte: Dados da pesquisa

À vista disso, afirma-se que esse levantamento de dados contribui para a compreensão da gênese do manuscrito, ao revelar os mecanismos de correção empregados por Agmar dos Santos durante o processo de escrita do *Caderninho de Memórias*. As correções presentes nesse manuscrito indicam uma escrita, a princípio, espontânea, a qual a professora posteriormente ajusta para atender às normas da língua. É possível, assim, entender como a professora trabalhava seu texto, deixando a ver quais eram os seus desafios na escrita e como ela os superava. Isso nos fornece uma percepção sobre a criação do manuscrito e a intencionalidade de Agmar. Ainda, ajuda-nos a entender a relação da professora com a linguagem e a escrita.

4.1.6 Os desvios não revisados do *Caderninho de Memórias*

Nesta subseção, discutiremos a respeito dos usos não revisados, as variações que permaneceram durante o processo de escrita e não foram revisadas. O processo de escrita exige, muitas vezes, um trabalho de leitura e reescrita para adequação textual. Embora seja esperado que uma obra memorialística escrita, como a de Dona Agmar, seja reescrita e revisada para ser lida por outros, o manuscrito em questão não apresenta indícios de ter passado por um processo rigoroso de revisão.

Lançando mão mais uma vez da classificação proposta por Blecua (1983) chegamos ao que consolidamos na Tabela 2, adiante, com 46 casos de desvios não revisados.

Tabela 2: Desvios não revisados

Tipo	Qtd.	%
adição	8	17,4%
omissão	27	58,7%
Substituição	11	23,9%
Total geral	46	100,0%

Fonte: Autoria própria

Os resultados que obtivemos nesse ponto revelam que o texto se apresenta como uma versão inicial, isso porque fica constatado que não houve um processo acabado de revisão. Em conversa informal com a família de Dona Agmar, recolhemos a impressão de que o manuscrito não foi produzido com vistas a uma publicação. E, provavelmente, o gesto de correção do texto esteja compatível com essa finalidade.

O tipo de revisão não realizada de forma frequente no *Caderninho* são as omissões, que representam 58,7% dos dados, totalizando 27 ocorrências. Em (8) e (9) apresentaremos dois exemplos desse caso:

(8) Lavag -> lavagem (fólio 41 - R).

(9) e ao encerramos os alunos diplomados cantaram este hino -> e ao encerrarmos [...] (fólio 11- V).

Os exemplos (8) e (9) ilustram casos de desvios ortográficos. Em (8), a forma registrada apresenta uma inadequação ortográfica motivada pela influência da oralidade, especificamente pela omissão do sufixo nasal *-em*. Trata-se de um caso de redução fonética recorrente na fala, em que segmentos átonos finais são elididos e, por consequência, sua ausência acaba sendo transposta para a escrita. Já em (9), observa-se o uso da forma *encerramos* no lugar de *encerrarmos*, que seria a forma esperada na construção com *ao* + infinitivo flexionado, com valor temporal de anterioridade — equivalente a quando *encerrarmos*. Trata-se de um traço de natureza ortográfica, pois a forma pretendida é o infinitivo pessoal *encerrarmos*, e a omissão da consoante *r* resultou na grafia de uma forma verbal distinta (*encerramos*), que pertence ao presente do indicativo ou ao pretérito perfeito, modos inadequados nesse contexto. Embora a grafia equivocada ainda corresponda a uma forma verbal existente, ela não se encaixa morfossintaticamente na construção exigida. Assim, o erro é de ordem ortográfica, com efeitos sobre a marcação de tempo e modo verbal, uma vez que compromete a expressão correta da relação temporal pretendida.

A substituição de uma forma por outra aparece em muitos dos usos sem revisão no texto de Dona Agmar. Temos aí também 23,9% dos casos não revisados — 11 ocorrências. Para ilustrar melhor, apresentamos dois exemplos (10) e (11):

(10) aos meus presados alunos - > aos meus prezados alunos (fólio 11 - R)

(11) Cantan - > Cantam (fólio 46 - R).

Em (10), temos uma substituição da letra *z* pela letra *s*, troca bem comum em relação à pronúncia das letras, pois se trata do mesmo som, do mesmo fonema representado por letras distintas. É um desvio ortográfico por influência da oralidade, motivado pela semelhança sonora entre *s* e *z* em posição intervocálica. Já em (11), a substituição afetou o morfema do plural da 3ª pessoa presente do indicativo que deveria ter sido produzida com um *m* final. Esse desvio também é de caráter ortográfico, ocorrido pela proximidade se som e das letras *m* e *n*.

Com cerca de 17,4% das ocorrências (8 evidências), há desvios por adição de segmentos não previstos na norma ortográfica, motivados por interferências do padrão silábico do falante. É o que podemos ver nos exemplos (12) e (13):

(12) tome uma [capisula] -> tome uma cápsula (fólio 3 - V).

(13) cantam meus labios, mais meu coração soluça -> cantam meus lábios, mas meu coração soluça (fólio 22 - R).

No exemplo (12), *capisula* em vez de *cápsula*, observa-se a inserção da vogal *i* entre as consoantes *p* e *s*, caracterizando um caso de epêntese. A motivação está na tendência a evitar encontros consonantais pouco frequentes no português, como *ps* em início de sílaba, ajustando a grafia à estrutura silábica percebida como mais natural. Já em (13), observa-se a troca da conjunção adversativa *mas* pela forma *mais*, com a adição da vogal *i*, porém em sentido adversativo. Trata-se de um desvio ortográfico motivado por homofonia, já que ambas as palavras são pronunciadas da mesma forma ([*mais*]) na variedade brasileira do português. A confusão ocorre porque não há contraste fonológico entre *mas* e *mais*, e a distinção entre elas se dá apenas no plano morfosintático e semântico — ou seja, pelo papel que cada uma exerce na frase. Esse tipo de fenômeno evidencia a influência da oralidade sobre a escrita, especialmente em casos de homônimos perfeitos ou quase perfeitos, em que a forma sonora não fornece pistas suficientes para a grafia correta.

Posto isso, podemos listar os desvios não revisados que encontramos, os quais apresentamos adiante, no Quadro 2:

Quadro 2: Desvios não revisados - Caderninho de Memórias

Fólio	Contexto	Tipo de Erro	Hipótese/observação	Fenômenos	Subsistema
1 - V	toma	omissão	ausência da letra <i>r</i> para marcar o infinitivo do verbo [tomar]	ausência de marca de infinitivo	fonético
1 - V	3 medida no 1º dia	omissão	ausência do <i>s</i> para marcar o plural [medidas]	ausência de marca de plural	gramatical
1 - V	depois 2 medida	omissão	ausência do <i>s</i> para marcar o plural [medidas]	ausência de marca de plural	gramatical
2 - V	tome uma [cápsula]	adição	adição da letra <i>i</i> [cápsula]	adição de letra	fonético
5 - R	fui em [compania]	omissão	consideramos desvio por omissão devido à falta da letra <i>h</i> [companhia]	ausência de letra	ortográfico/ fonético
5 - R	á 4 anos	omissão	podemos dizer que houve ausência do <i>h</i> para marcar o verbo [há]	ausência de letra	ortográfico
5 - V	meus alunos aprendesse	omissão	ausência do <i>m</i> para marcar a concordância verbal [aprendessem]	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
5 - V	Dois meses foi	Substituição	Consideramos desvio por substituição por substituir/trocar o termo para o plural e mantê-lo no singular.	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
5 - V	Dois meses foi difícil	Substituição	Substituição de letra <i>L</i> por <i>es</i>	ausência de marca de concordância verbal e ausência de marca de plural	morfossintático
6 - R	me ofereceram melhora em ordenados	omissão	ausência do <i>s</i> para marcar o plural [melhoras]	ausência de marca de plural	gramatical
6 - R	na Escola do Bejuim	omissão + substituição	Consideramos desvio por omissão porque não se adicionou a letra <i>n</i> [Benjoin], no entanto também substituição por conta da fonética da palavra, uma vez que se pronuncia com <i>U</i> em vez de <i>O</i> e por conta do <i>M</i> em vez do <i>N</i> no final, visto que a maioria das palavras em língua portuguesa é finalizada com <i>m</i>	ausência de letra e substituição de letra	fonético
6 - R	no ano seguinte mudei-se	substituição	substituição de pronome oblíquo átono <i>me</i> para o <i>se</i>	substituição de posição de pronome oblíquo átono	morfossintático
6 - V	foram feito exame	omissão	ausência do <i>s</i> para marcar o plural [exames]	ausência de marca de plural	gramatical

6 - V	com o número aproximado s	omissão	ausência do s para marcar a concordância nominal [os números]	ausência de marca de plural	gramatical
6 - V	1951 nasce meu filho	omissão	ausência do u para marcar o tempo do verbo [nasceu]	ausência de marca de tempo verbal	morfossintático
6 - V	onde pude trabalhar com maior esperanças	omissão	ausência do s para marcar a concordância nominal [maiores]	ausência de marca de plural	gramatical
7 - R	sendo que deu a colocação foi	omissão	consideramos desvio por omissão pela hipótese de que a grafia correta seria [colocação]	ausência de sílaba na palavra	ortográfico
7 - V	Em 1952 a pedidos de meus vizinhos	adição	adição da letra s [pedidos]	adição de letra	gramatical
8 - V	algumas professora	omissão	ausência do s para marcar o plural [professoras]	ausência de marca de plural	gramatical
8 - V	fiquei emenciona da	substituição	substituição da letra o pelas letras en	substituição de duas letras	ortográfico
9 - R	Em 16 de maio do mesmo ano nasce minha filha	omissão	ausência do u para marcar o tempo do verbo [nasceu]	ausência de marca de tempo verbal	morfossintático
9 - R	Passei crises hourriveis	adição	adição da letra u [hourriveis]	adição de letra	fonético
9 - V	fomos nomeada	omissão	ausência do s para marcar o plural [nomeadas]	ausência de marca de plural	gramatical
9 - V	fomos possada	omissão	ausência do s para marcar o plural [possadas]	ausência de marca de plural	gramatical
10 - R	ganhei pela Prefeitura meu decênio e 1 quinceno	substituição	consideramos substituição devido à fonética da palavra original [quinquênio]	substituição de letra	fonético
10 - V	para as escola	omissão	ausência do s para marcar o plural [escolas]	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
11 - R	todos que ali me procurava	omissão	ausência do m para marcar o plural [procuravam]	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
11 - R	aos meus presados alunos	substituição	consideramos desvios por substituição pela troca da letra z pelo s, devido à fonética idêntica de ambas	substituição de letra	ortográfico
11 - V	nos brilhou aquela noite de	omissão	ausência do a [abrilhou]	ausência de letra	morfológico

	Festa				
11- V	e ao encerramos	omissão	ausência do <i>r</i> para marcar tempo e modo verbal [encerrarmos]	ausência de marca de tempo e modo verbal	ortográfico
12 - R	cantam meus lábios, mais meu coração soluça	adição	adição da letra <i>i</i> [mas]	adição de letra	fonético
12 - R	coraçõezi nhos	adição	adição da letra <i>a</i> [coraçõezinhos]	adição de letra	ortográfico
12- V	Em 1958 corou a santinha	omissão	ausência do <i>o</i> [coroou]	ausência de letra	ortográfico
13- R	dignanismo	adição	adição da letra <i>g</i> [dinanismo]	adição de letra	ortográfico
13- R	curros de aperfeitam ento	substituição	consideramos desvios por substituição por conta de palavra primitiva [aperfeiçoamento]	substituição de palavra	ortográfico
13- V	a que vivo feliz! Obrigado bôa professora Ex-aluna Agmar dos Santos	substituição	desvio por substituição de letra, uma vez que obrigado é masculino [obrigada]	substituição de letra	gramatical
41 - R	Lavag	omissão	ausência das letras <i>em</i> para completar a palavra [lavagem]	ausência de letra	fonético
44 - V	esperanca	substituição	substituição da letra <i>ç</i> pela <i>c</i> [esperança]	substituição de letra	ortográfico
45 - R	Clareando seus nos caminhos	omissão	omissão da sílaba <i>vo</i> [novos], sabemos porque é a canção da cidade de Maringá	omissão de sílaba	ortográfico
46 - R	Cantan	substituição	substituição da letra <i>m</i> pela <i>n</i> [cantam]	substituição de letra	ortográfico
46 - R	meus lábios, mais meu coração soluça	adição	adição da letra <i>i</i> [mas]	adição de letra	fonético
46 - R	nossos mestre velinhos	omissão	omissão da letra <i>s</i> para marcação de plural [mestres]	ausência de marca de plural	gramatical
46 - R	uma lembrança querida	omissão	omissão da letra <i>n</i> [lembrança]	ausência de letra	ortográfico
47 - R	Igaipirin	omissão + adição	considera-se desvio por omissão devido à falta da letra <i>r</i> , mas também por adição pela inclusão da	ausência de letra e adição de letra	fonético/ ortográfico

		letra / [irgapirin]		
--	--	---------------------	--	--

Fonte: Dados da pesquisa

Concluída essa análise, é preciso considerar que esses desvios podem ser atribuídos, em grande parte, à interferência dos processos fonéticos na grafia das palavras, refletindo a relação estreita entre a oralidade e a escrita presente neste manuscrito. Além disso, os dados nos mostram uma interferência natural da oralidade na escrita para um texto que não foi produzido para ser publicado em editora, visto que muitos dos fenômenos observados são comuns no Português Brasileiro e são de natureza fonética/oral. Isso nos mostra a influência da oralidade na escrita, como nos exemplos de desvios ortográficos por decorrência da pronúncia oral, substituição de letras por similaridade fonética e as variações na oralidade que são refletidas na escrita. E dada a natureza do manuscrito que aqui encontramos, é relevante destacar que o gênero textual deste material exemplifica o gênero relato e memória, que se aproximam dos gêneros orais.

E, nesse sentido, a escrita de Dona Agmar se aproxima de uma fala *rurbana*³², nos termos de Bortoni-Ricardo (2004, p.52). Nota-se que a professora mantém valores linguísticos híbridos em sua escrita, transitando entre a presença de marcas do português rural mescladas com traços do português urbano. Bortoni-Ricardo e Rocha (2014, p.45) também encontram o fenômeno na fala de professoras de língua portuguesa gravadas em sala de aula, mostrando que o fato não é incomum entre docentes da rede básica. Professores, ainda que de língua materna, mantêm usos desviantes na oralidade e na escrita.

Um outro ponto importante que devemos mencionar é que os desvios não revisados — 46 — são relativamente mais numerosos que os tratados pela professora — 35, que nos permite afirmar que o texto, de fato, não estava em estágio genético avançado. Ainda, este levantamento de dados nos permite compreender a fundo a gênese do texto, pois revela características do processo de escrita, evidenciando que o manuscrito é uma versão inicial e não passou por um processo de revisão. Um texto que não avançou muito em termos de fases genéticas, é natural que tais desvios tenham ocorrido e se mantido no manuscrito

³² Esse conceito descreve a língua de migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que são submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (Bortoni-Ricardo, 2004, p.52).

que chegou até nós, sem que isso possa depreciar a produção da primeira professora municipal de Maringá.

Portanto, embora a professora possuísse apenas a formação básica em ensino fundamental, é essencial reconhecer que tais limitações não ofuscam a relevância de sua atuação no contexto da educação maringaense.

4.1.7 As abreviaturas do *Caderninho de Memórias*

Nesta subseção, temos como objetivo realizar um levantamento de dados das abreviaturas empregadas pela professora no *Caderninho de Memórias*, com o intuito de identificar e analisar se há variações na forma de escrita das abreviaturas. Para tanto, apresentamos, na tabela 3, um resumo detalhado das abreviaturas, junto de sua palavra completa, a quantidade e o percentual correspondente dos dados, a fim de proporcionar uma visão mais precisa dos nossos dados.

Tabela 3: Frequência das abreviaturas encontradas no *Caderninho de Memórias*

Abreviatura	Qtd.	%
Av. - avenida	1	1,5%
D. - dona	13	19,7%
DD. - digníssima	3	4,5%
DD. - digníssimo	3	4,5%
Dr. - doutor	9	13,6%
Ex: - exemplo	1	1,5%
h - horas	5	7,6%
nº - número	5	7,6%
pg - pago	2	3,0%
profª - professoras	2	3,0%
S. - São	3	4,5%
sr. - senhor	14	21,2%
sra. - senhora	5	7,6%
Total geral	66	100,0%

Fonte: Autoria própria

Em nossa análise, encontramos no manuscrito *O Caderninho de Memórias* um total de 66 evidências de abreviaturas. Uma análise detalhada da tabela que a

professora lançou mão de uma padronização das abreviaturas, não havendo mais de uma forma para cada vocábulo.

As formas mais comuns de abreviatura dizem respeito aos pronomes de tratamento. Assim, as abreviaturas “sr” (por Senhor), “D” (por Dona) e Dr. (por Doutor) são as mais frequentes no *Caderninho de Memórias*. Termos abreviados de uso comum na rotina escolar como “h” (por horas), nº (por número) e “pg” (por “pago”), juntos formam um segundo grupo de vocábulos abreviados por Dona Agmar.

A análise das abreviaturas presentes no *Caderninho de Memórias* evidencia uma abordagem organizacional e padronizada empregada por Dona Agmar, o que sugere uma metodologia de escrita rigorosa e refletida. Além disso, a análise dessas abreviaturas fornece indícios significativos acerca do estilo de escrita e das preferências discursivas de Dona Agmar, possibilitando uma compreensão mais aprofundada da autoria e da intencionalidade subjacentes ao manuscrito.

Nesse sentido, a análise das abreviaturas constitui um instrumento importante para a compreensão da gênese do manuscrito, permitindo uma elucidação mais precisa da autoria, do estilo, da rotina e do contexto de produção. Ao iluminar esses aspectos, essa análise contribui substancialmente para uma interpretação mais densa e complexa do manuscrito, revelando nuances e particularidades que podem ser cruciais para a compreensão da obra em seu contexto histórico e cultural.

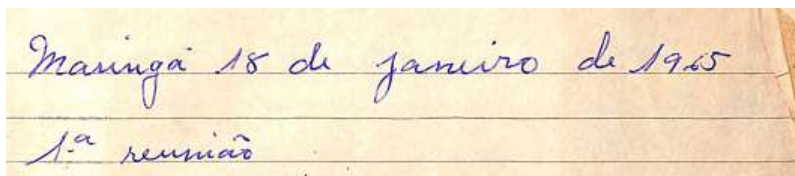
4.2 O Livro de Pontos e Reuniões

Para finalizar esse capítulo de análise, vamos nos debruçar sobre o *Livro de Pontos e Reuniões*, o outro manuscrito produzido por Dona Agmar do Santos. Esse manuscrito possui 31 fólios, contando a capa. Nas próximas subseções, mais uma vez seguiremos o mesmo roteiro usado anteriormente: investigaremos a questão da sua datação, os seus aspectos físicos, as temáticas do texto, os desvios revisados e os não corrigidos pela professora e a questão abreviaturas que encontramos no documento.

4.2.1 Questões de datação do Livro de Pontos e reuniões

Nos registros do Patrimônio que faz sua guarda, o documento teria sido produzido no ano de 1965. De fato, o primeiro registro encontrado no manuscrito é de um texto datado de 18 de janeiro de 1965, que apresentamos a seguir:

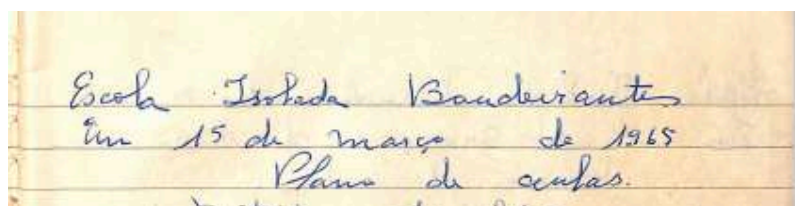
Figura 25: Recorte do fólio 3 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

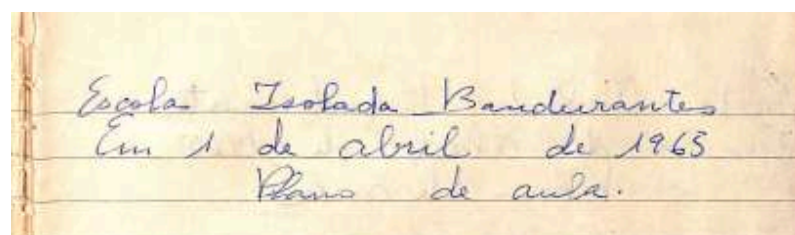
Os fólios subsequentes seguem preenchidos por textos datados de fevereiro desse mesmo ano, e, principalmente, de datas nos meses de março e abril, como evidenciamos nas Figuras 26 e 27.

Figura 26: Recorte do fólio 7 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

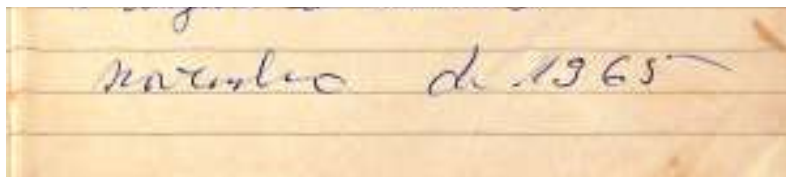
Figura 27: Recorte do fólio 11 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Há também o registro de um texto datado de novembro de 1965. Trata-se de um relato da formatura realizada ao final do ano - documento que exploraremos mais adiante. O trecho onde a data aparece expressa, apresentamos adiante na Figura 28.

Figura 28: Recorte do fôlio 25 do *Livro de Pontos e Reuniões* - datação de novembro de 1965



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Ao fim do manuscrito, há duas páginas com datas distintas sempre para o dia de 28 de janeiro. A primeira delas, que aparenta ser uma lista de chamada com nome, presença e idade de alunas e que apresentamos na Figura 29, contém, na sua segunda linha, a indicação do ano de 1965. Ao mesmo tempo, na última linha preenchida, constou o ano de 1964. No fôlio seguinte, deparamo-nos, por fim, o ano de 1968, como podemos verificar na Figura 30.

Figura 29: Fólio 28 do Livro de Pontos e Reuniões

nomes dos alunos 2.º ano

1 Odete Arcanjo	12 anos	28. 1.º 65
2 Maricelena	11	11 cccccccccccc
3 Janete de Oliveira	10	11 cccccccc
4 Rute	9	11 cccccccc
5 M.ª Benedita	12	11 cccccccc
6 Maria Traci	12	11 cccccccc
7 Jovana	12	cccccccccccc
8 Cely Targão	11	4 cccccccccccc
9 Maria José	13	11 cccccccccccc
10 Madalena	10	11 cccccccccccc
11 Antônia Kato	8	11 cccccccccccc

presença

120

12
10
120

ausência

faltas

Escola Isolada Bandeirantes

28 de janeiro de 1964

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Figura 30: Recorte do fólio 29 do Livro de Pontos e Reuniões

168

28 de janeiro de 1968

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Considerando que ambos os fólios trazem registros datados de 28 de janeiro, é possível supor a ocorrência de um equívoco na indicação do ano em um dos documentos. No entanto, diante da ausência de evidências que permitam verificar essa inconsistência, a hipótese não pode ser confirmada de forma conclusiva.

Por fim, observa-se que no *Livro de Pontos e Reuniões* há planejamentos de aulas com intervalo de 1, 2, 3 e até mais dias. Isso nos leva a suspeitar que tais planejamentos faziam parte da organização pessoal da professora, não sendo um processo padronizado e organizado exigido pela administração do sistema de ensino. Como vimos no Capítulo 3, dedicado à contextualização histórica, de fato, na década de 1960, não havia ainda uma organização central para registro de atividades escolares, cabendo a cada professor ou professora a organização de todas as etapas letivas.

4.2.2 Aspectos físicos e estruturais do *Livro de Pontos e Reuniões*

Em seu aspecto físico, o *Livro de Pontos e Reuniões* tem 23,5 cm de altura e 16 cm de largura e as capas são rijas, de papel. O tamanho da mancha gráfica do manuscrito apresenta diversas variações, pois há momentos em que a professora preenche todo o fólio com a escrita, enquanto em outros isso não ocorre. Ainda assim, de modo geral, a escrita ocupa, na maioria das vezes, entre 14 cm e 15 cm. Suas folhas estão bem desgastadas, devido ao tempo que possui, repletas de marcas, amareladas e até com alguns rasgos pequenos, além de estarem se desprendendo igualmente. Há uma variação das cores usadas para escrita, visto que se utilizou caneta de cor azul, lápis, caneta de cor preta e as anotações escritas na transversal são de caneta vermelha.

Em algumas páginas, a professora colou figuras que dão ao material um caráter mais atrativo, como pode-se observar na Figura 31. Em outras, nos planejamentos de aula, há ilustrações que enriquecem e ornamentam o que está sendo tematizado, como podemos ver na Figura 32.

Figura 31: Recorte do fôlio 4 do *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Figura 32: Recorte do fôlio 20 do *Livro de Pontos e Reuniões*

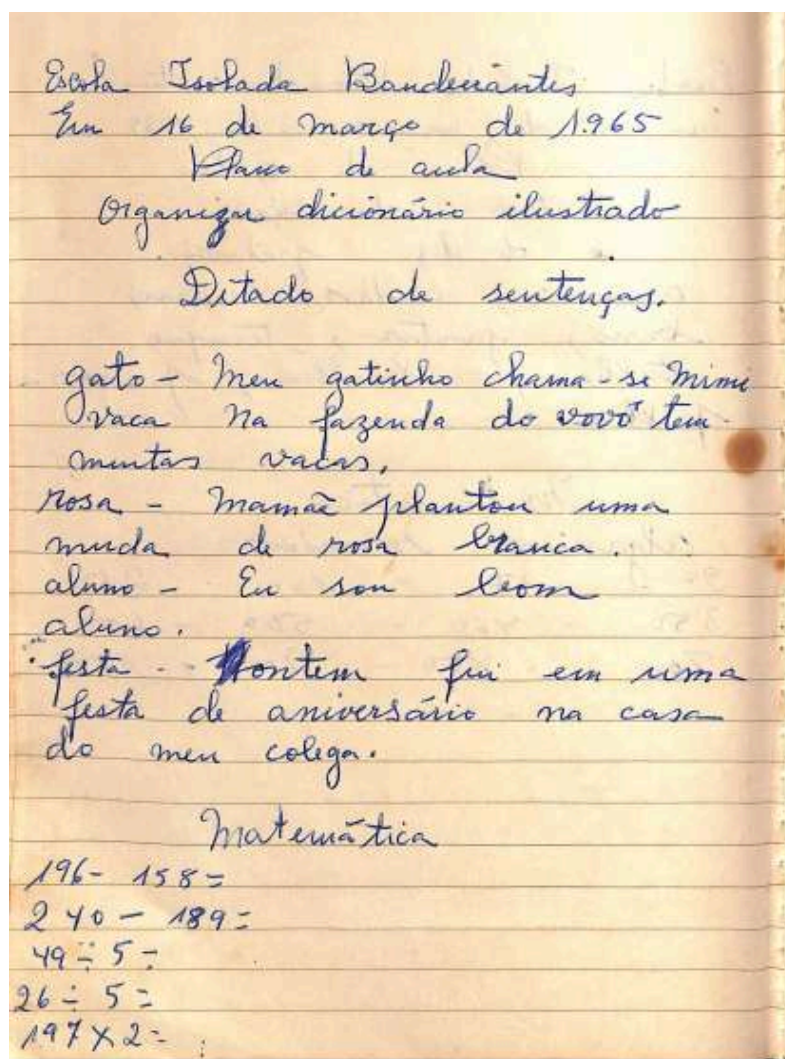


Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Em termos estruturais, o *Livro de Pontos e Reuniões* guarda textos de natureza pedagógicos, a exemplo dos planejamentos de aula, e diversos textos, de natureza discursiva distinta, como anotações de reuniões escolares, bilhetes de cunho pessoal e também anotações pessoais da professora. Grande parte dos seus fôlios foram utilizados para funcionar como planos de aula de diferentes campos do conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências etc.). Tais planos têm forma bastante simplificada, resumindo-se a descrever o conteúdo ou a atividade que seria ministrada pela professora. Cabe destacar que, apesar da simplicidade do planejamento, a professora demonstrou uma preocupação significativa com a organização didática, sobretudo considerando o contexto em que foi produzido. À época, a ausência quase total de orientação pedagógica oficial, decorrente do momento histórico e do estágio inicial de desenvolvimento da educação em Maringá,

torna ainda mais notável a atenção dedicada à estruturação do plano de ensino. É o que podemos ver na Figura 33, a seguir, evidenciando conteúdos de língua portuguesa e de matemática.

Figura 33: Fólio 7 - exemplo de plano de aula



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

O manuscrito ainda guarda um pequeno relato sobre a formatura realizada. É o que podemos ver na Figura 34, adiante, no fólio em que todas as etapas da cerimônia foram anotadas, apresentando assinatura ao final. Talvez o texto tenha sido a versão de uma comunicação enviada para dar conta à burocracia educacional dos municípios sobre a realização do evento:

Figura 34: Fólio 25 - exemplo de ata de reunião escolar

Escola Terhada Bandeirantes

As 9.30 h. as professoras
Agmar dos Santos e Angela
Sauchus Fernandes, iniciamos
a entrega dos Boletins.
Em primeiro lugar cantamos
o hino nacional em seguida
entregamos os boletins 1º o boletim
do 3º ano, depois o 2º ano
por ultimo os boletins de
1º ano sendo promovido
39 alunos para o 2º ano.
Distribuímos premios aqueles que
tiveram os 1º lugares 1º premio
2º e 3º. Finalmente encerramos
cantamos o hino da bandeira.

Prof.ª Agmar dos Santos
e Angela Sauchus F.

março de 1965

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Há também fólhos com o que aparentemente é o controle de presença dos alunos. Na Figura 35, mostramos uma dela:

Figura 35: Representação do fôlio 29 - exemplo de controle de presença de alunos

nomes dos alunos masc.

1	Idário de Souza	11 anos	cccccc
2	João Zanelli	9 anos	cccccc
3	Derival conte	8	" ccccccc
4	Yosi Cleto	9	" ccccccc
5	Carlos Bertrange	8	1 ccccccc
6	Luis Carlos g.	9	1 ccccccc
7	Antônio Vello	11	" ccccccc
8	Luis ap.	9	" ccccccc
9	Valter Varg	10	1 ccccccc
10	Mário Taguete	8	1 ccccccc
11	Luis Zugruda	9	1 ccccccc
12	Yaulo Kato	10	1 ccccccc
13	Mário Taguete	9	1 ccccccc
14	Messias Messia	11	
15	Germano Jonaiz	Presenças	168
14			masc.
12			falt.
28			
14			
168			

28 de janeiro de 1968

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Embora o *Livro de Pontos e Reuniões* contemple principalmente textos relacionados às atividades docentes de Dona Agmar — suas práticas em sala de aula e as funções administrativas que assumiu na Escola Bandeirantes — ela não se restringe a isso. Para além dessa dimensão, que podemos considerar principal do documento, há nele porções textuais acessórias. Assim como nos *Caderninhos de memória* analisados em 4.1, o material foi usado pela professora para outros fins, servindo de caderno de anotações pessoais e de rascunho de textos alheios à sua atuação profissional.

Um primeiro exemplo disso, pode ser visto no fôlio que apresentamos na Figura 36. Ali encontramos uma versão de uma carta de solicitação enviada por Dona Agmar ao Dr. Vitor — certamente uma figura importante na estrutura

administrativo-escolar de então — requisitando ajuda para que seu filho não fosse reprovado nos exames de admissão de segunda época.

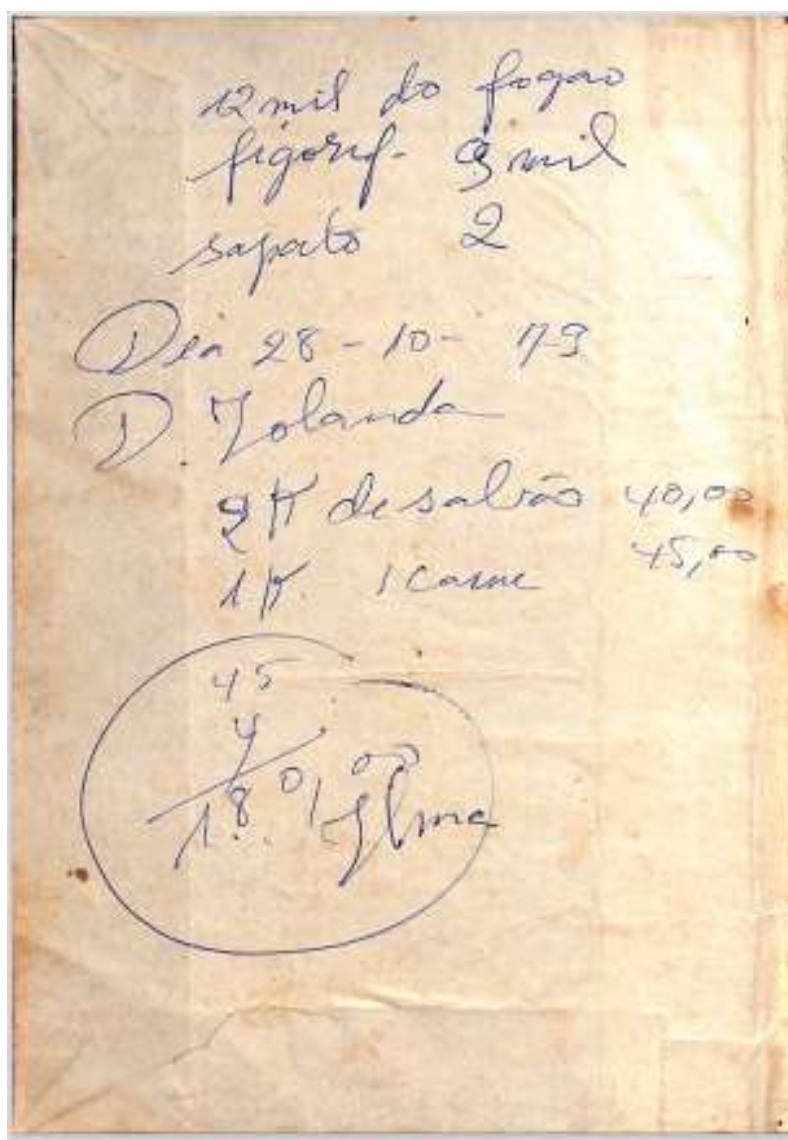
Figura 36: Representação do fólio 23 - solicitação de apoio para a não reprovação do filho de Dona Agmar

Dr. Vitor.
 Meu filho Antônio, fez
 exame de admissão na 2ª época
 e teve uma confusão ele fez
 uma matéria que havia pas-
 sado e ficou outra que ele
 precisava fazer e não fez.
 Peço o senhor um grande
 favor de telefonar ao ~~prof~~
 Diretor Chumbim pedindo
 a ele uma colaboração para
 o menino ele vai perder
 um ano de estudo por não
 não ter feito uma matéria
 ele passou em todas as
 outras e passaria nesta
 que ele não fez. Peço o
 senhor pelo amor de Deus
 dar um jeito para mim.
 Agradeço sinceramente
 Prof.^a Agmar dos S.

Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

No verso da capa, na Figura 37, observa-se um exemplo desse uso que se desvia ao escopo principal da atuação da autora como professora e diretora escolar. Ali, vemos anotações esparsas, que podem ser fruto de tomada de notas fortuitas, sem nenhuma relação com o campo da educação.

Figura 37: Representação do fólio 1 - exemplo de notas fragmentadas



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Feitas essas considerações, possamos passar a detalhar melhor os temas tratados na parte principal do *Livro de Pontos e Reuniões*, focando especialmente os planos de aula, parte central do material.

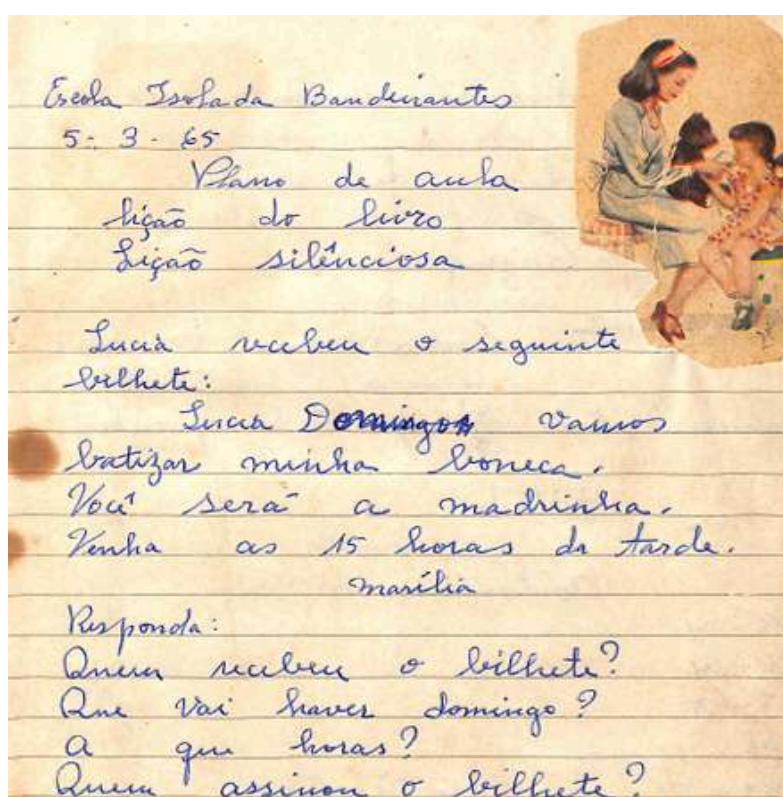
4.2.3 As temáticas abordadas em *O Livro de Pontos e Reuniões*

Nesta subseção, mapearemos os temas abordados especialmente nos planos de aula. Organizaremos nosso texto, em função do campo de conhecimento apontado pela professora nos seus registros.

Considerando os planos registrados por Dona Agmar, as aulas de Língua Portuguesa contemplavam as seguintes atividades: a compreensão de pequenos

textos produzidos pela própria professora; a prática da caligrafia; a transcrição de palavras, de frases e de pequenos textos nos chamados *ditados*; a criação de sentenças a partir de palavras isoladas ou de gravuras; exercícios de flexão de gênero e de número de palavras; a prática com o aumentativo e diminutivo; a descrição de objetos; a leitura de poemas; a proposição de atividade de leituras silenciosas e coletivas; e, a separação silábica; como podemos observar o planejamento a seguir:

Figura 38: Recorte do fôlio 4 - exemplo de Planejamento de Língua Portuguesa no *Livro de Pontos e Reuniões*



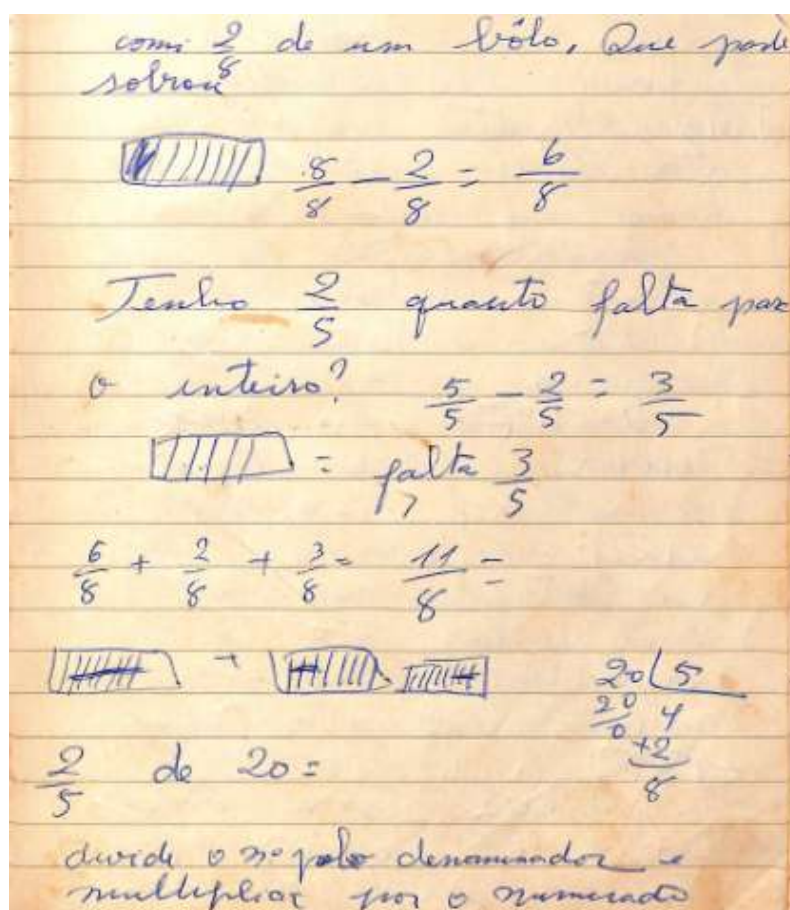
Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Posto isso, se observarmos o contexto do ensino desse período, sobretudo o ensino de Língua Portuguesa, é possível notar que as atividades que o *Livro de Pontos e Reuniões* apresenta sugerem uma abordagem tradicional e estruturalista de língua, que enfatizava a memorização de regras gramaticais e prática de exercícios estruturais. A ênfase nos planejamentos de Língua Portuguesa estava na habilidade de ler e escrever de uma maneira mais mecânica do que na compreensão e produção de textos significativos e autônomos. Cabe lembrar,

ainda, que as condições de trabalho enfrentadas pela professora eram precárias, o que, aliado ao modelo de ensino vigente, restringia o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais críticas e contextualizadas.

Em Matemática, os planejamentos são compostos por problemas de aritmética, por questões que propõe a realização de operações por matemáticas simples de soma, multiplicação, divisão e subtração; pela prática dos algarismos romanos; por atividades de ordenação de números; por ditado de números; por questões relativas às horas; e, por fim, por exercícios de frações. Abaixo, podemos ver um exemplo desses planejamentos de Matemática, na Figura 39:

Figura 39: Representação do fólio 22 - exemplo de planejamento de Matemática no Livro de Pontos e Reuniões

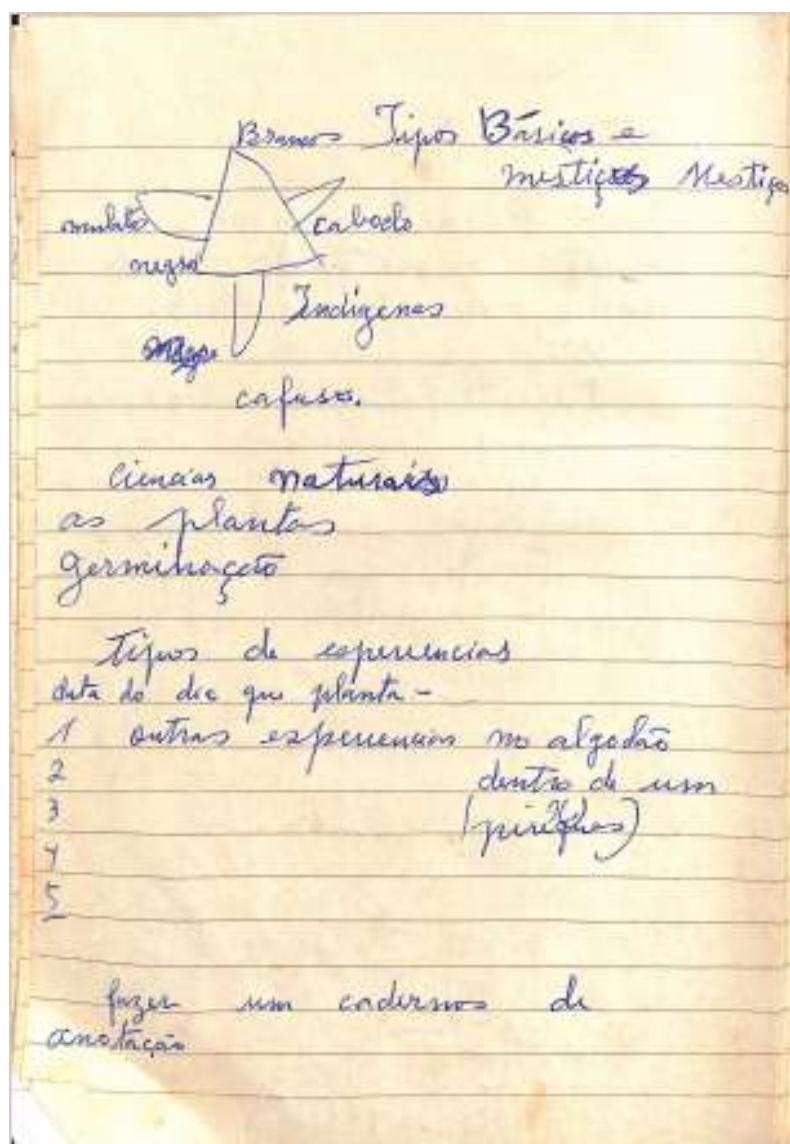


Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

No componente de Ciências Naturais, os planejamentos apresentados abrangem temas variados, como experiências com plantas, observações sobre animais, conteúdos ligados aos estudos sociais e, por fim, um estudo sobre as

diferentes raças humanas. Na Figura 40, podemos ver um exemplo dos planejamentos dessa área de estudos.

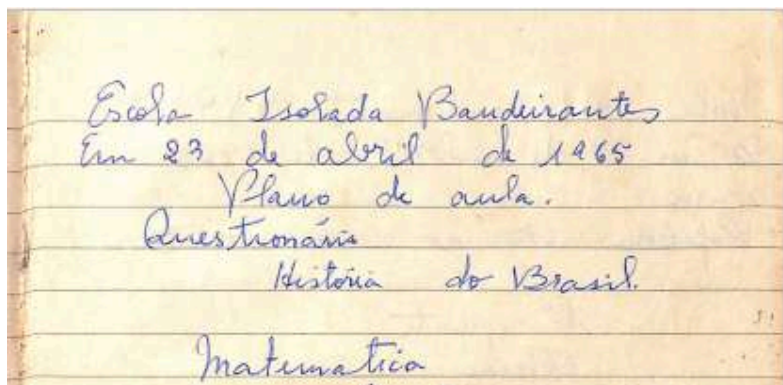
Figura 40: Representação do fólio 20 - exemplo de planejamento de Ciências Naturais



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Em relação ao ensino de História, há uma menção à História do Brasil, porém sem um detalhamento claro dos conteúdos que foram abordados efetivamente. O que se observa é apenas a aplicação de um questionário, sem explicações complementares sobre o contexto ou os temas trabalhados. É o que vemos na Figura 41.

Figura 41: Recorte do fólio 17 - exemplo de menção a planejamento de História do Brasil

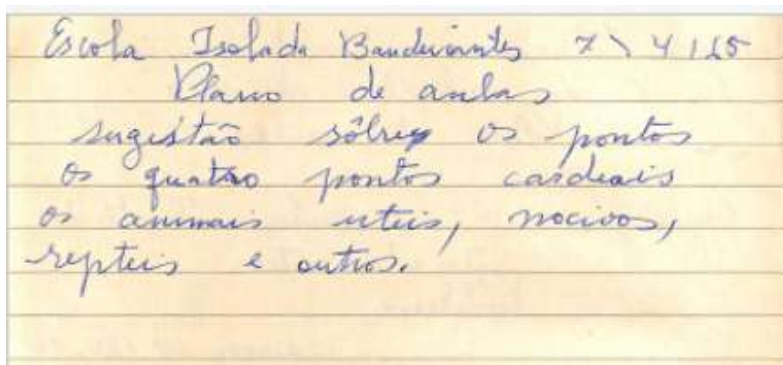


Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Ao observarmos o recorte do fólio 17, da Figura 41, é possível notar que a professora organiza conteúdos de diferentes disciplinas em um mesmo fólio, o que ajuda a entender sua prática pedagógica em um contexto de escassez de recursos e sobreposição de funções.

Da área de Geografia, há a previsão de aula focada nos quatro pontos cardeais. Não há um contexto ou um outro conteúdo, apenas esse. É o que podemos ver na próxima Figura 42:

Figura 42: Recorte do fólio 15 - exemplo de planejamento de Geografia no *Livro de Pontos e Reuniões*

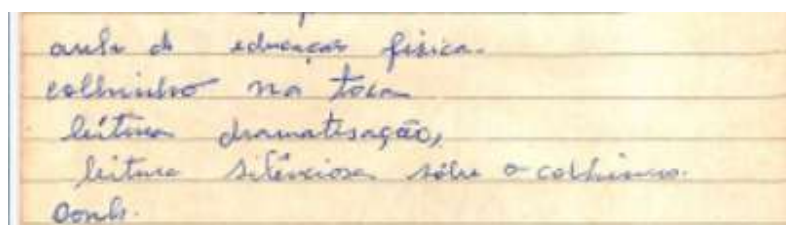


Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Além disso, foram registradas algumas atividades relacionadas a outras áreas. Em Educação Física, a professora mencionou a brincadeira “Coelhinho na Toca”. Já na área de Canto, foi anotada uma atividade envolvendo um coelhinho carregando ovos de Páscoa. Na aula de Desenho, consta apenas uma referência

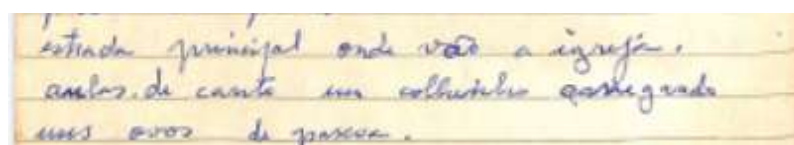
genérica à realização de desenho, sem especificação do conteúdo ou da proposta trabalhada. As figuras 43, 44 e 45 adiante ilustram isso:

Figura 43: Recorte do fólio 27 - menção à aula de Educação Física no *Livro de Pontos e Reuniões*



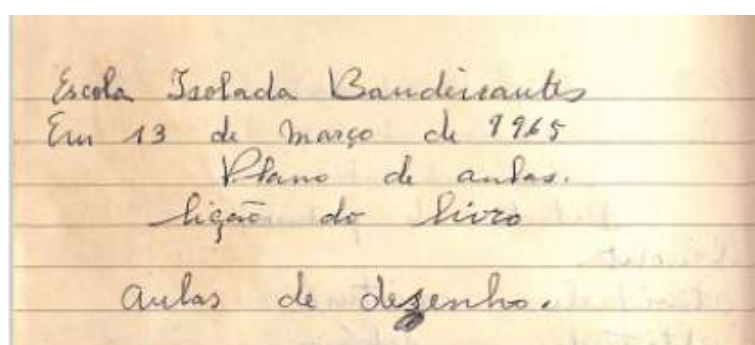
Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Figura 44: Recorte do fólio 27- menção à aula de Canto no *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Figura 45: Recorte do fólio 6 - menção à aula de Desenho no *Livro de Pontos e Reuniões*



Fonte: Reprodução digital produzida pelo Patrimônio Histórico de Maringá

Assim sendo, notamos que o conteúdo principal do *Livro de Pontos e Reuniões* é a abordagem de ensino, representando um caderno de organização escolar com planejamentos de aula diários de diferentes áreas do conhecimento, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Educação Física, Canto e Desenho. É evidente que mesmo sem uma orientação

pedagógica formal, a professora mantinha uma preocupação em trabalhar com uma variedade de temas e atividades diversas.

Ainda que o método de ensino fosse tradicional e estruturalista em alguns aspectos. Agmar dos Santos tinha uma visão abrangente da educação e buscava proporcionar uma formação integral aos seus alunos. Este manuscrito, *Livro de Pontos e Reuniões*, reforça a fundamental importância da organização e planejamento da professora em suas aulas, com

Finalizada essa compilação temática do *Livro de Pontos e Reuniões*, podemos passar à análise sobre desvios revisados e não revisados, o que faremos nas duas seções adiante.

4.1.4 A edição de *O Livro de Pontos e Reuniões*

A seguinte proposta de edição visa explorar a transcrição do *Livro de Pontos e Reuniões* da professora Agmar dos Santos. Optamos por uma edição vertical, considerando que o manuscrito não possui outras versões conhecidas. Trata-se de uma produção singular que foi preservada, permitindo-nos conhecer melhor a pioneira da educação maringaense.

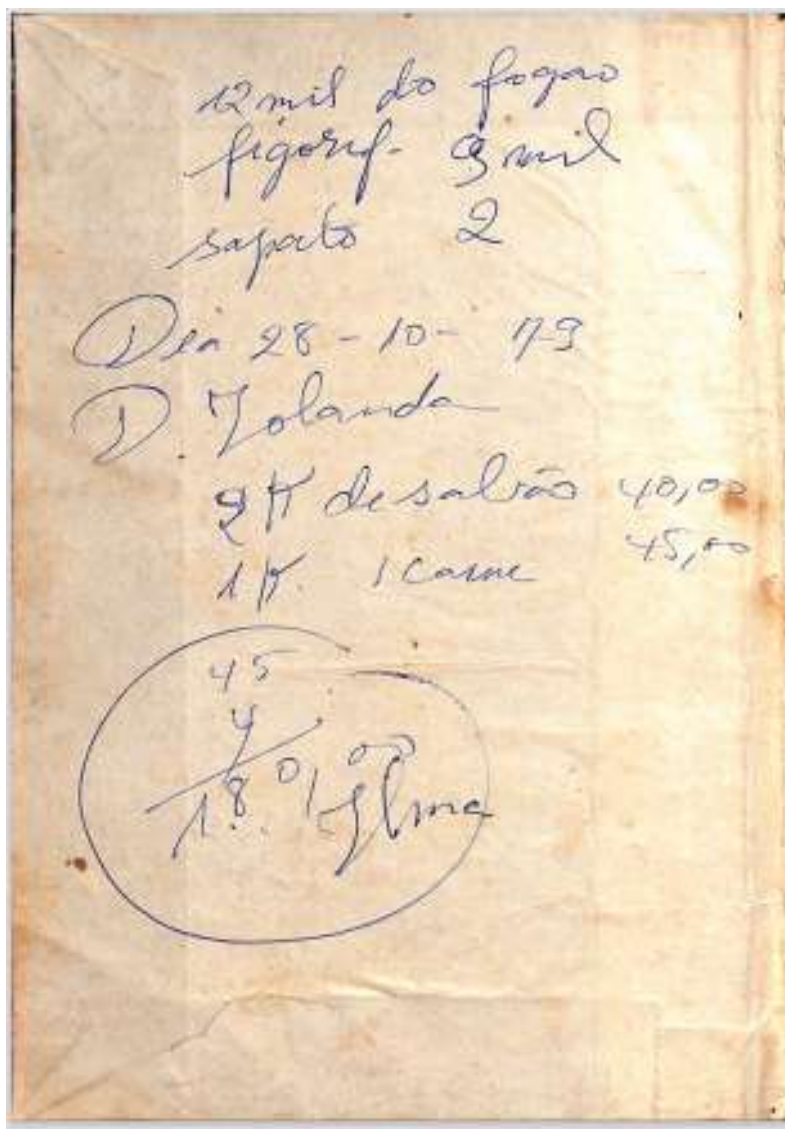
A transcrição realizada favorece uma edição genética, fundamentada nos critérios definidos para edições semidiplomáticas por Cambraia et. al. (2005). Dessa forma, adotaram-se as normas de transcrição apresentadas na metodologia, anteriormente.

Fólio 1 - R



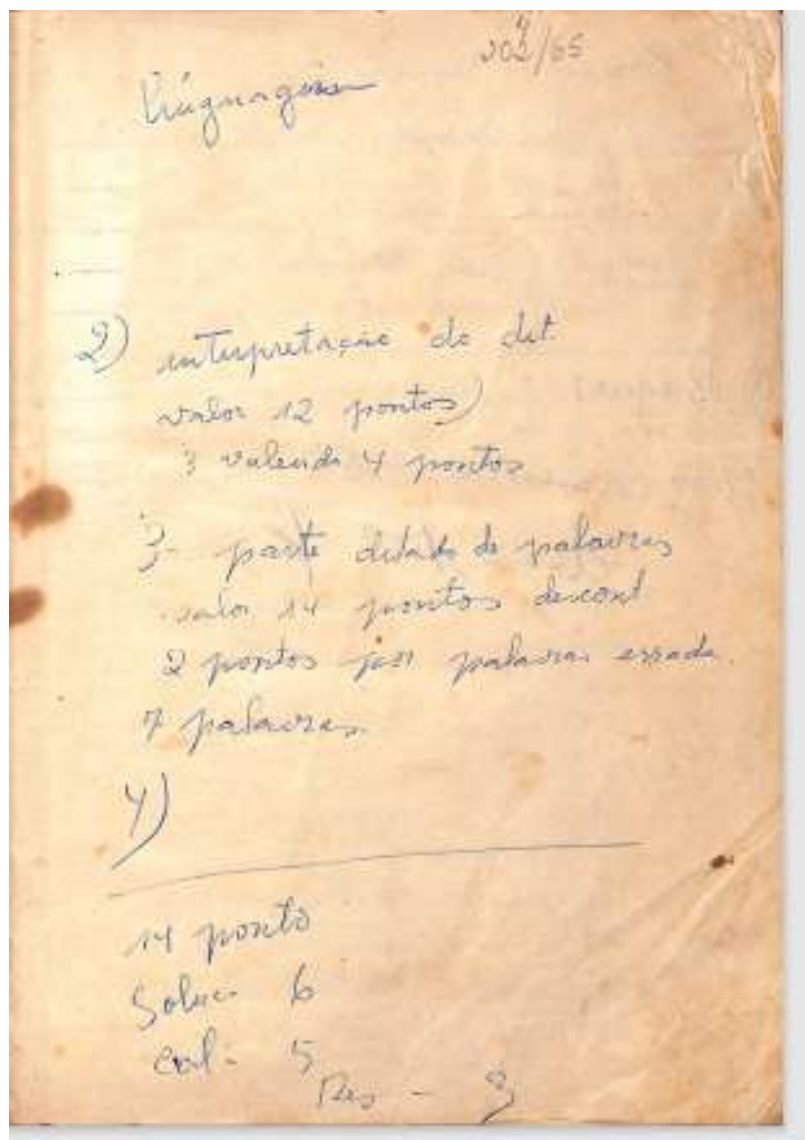
	[Livro] de Pontos reuniões / reuniões
--	--

Fólio 1 - V



5	12 mil do fogao frigorífico - 9 mil sapato 2 Dia 28 - 10 - 79 Dona lolanda 2 quilos de sabão 40,00 1 quilo 1 carne 45,00
10	45 4 — 180 Ilma
15	

Fólio 2 - R

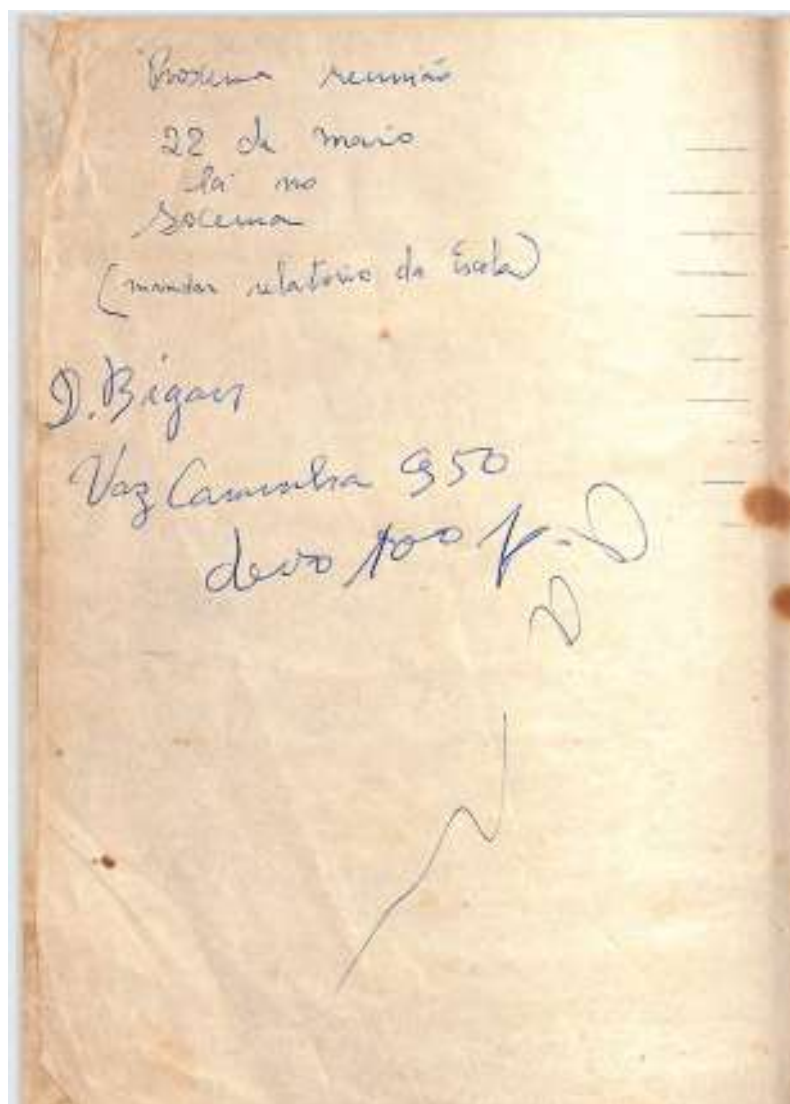


5	4 202 / 65³³ língua[ns] 2) interpretação do ditado valor 12 pontos) 3 valendo 4 pontos 3- parte ditado de palavras valor 14 pontos descontar 2 pontos por palavras errada. 7 palavras.
---	---

³³ Anotação no canto superior direito da página

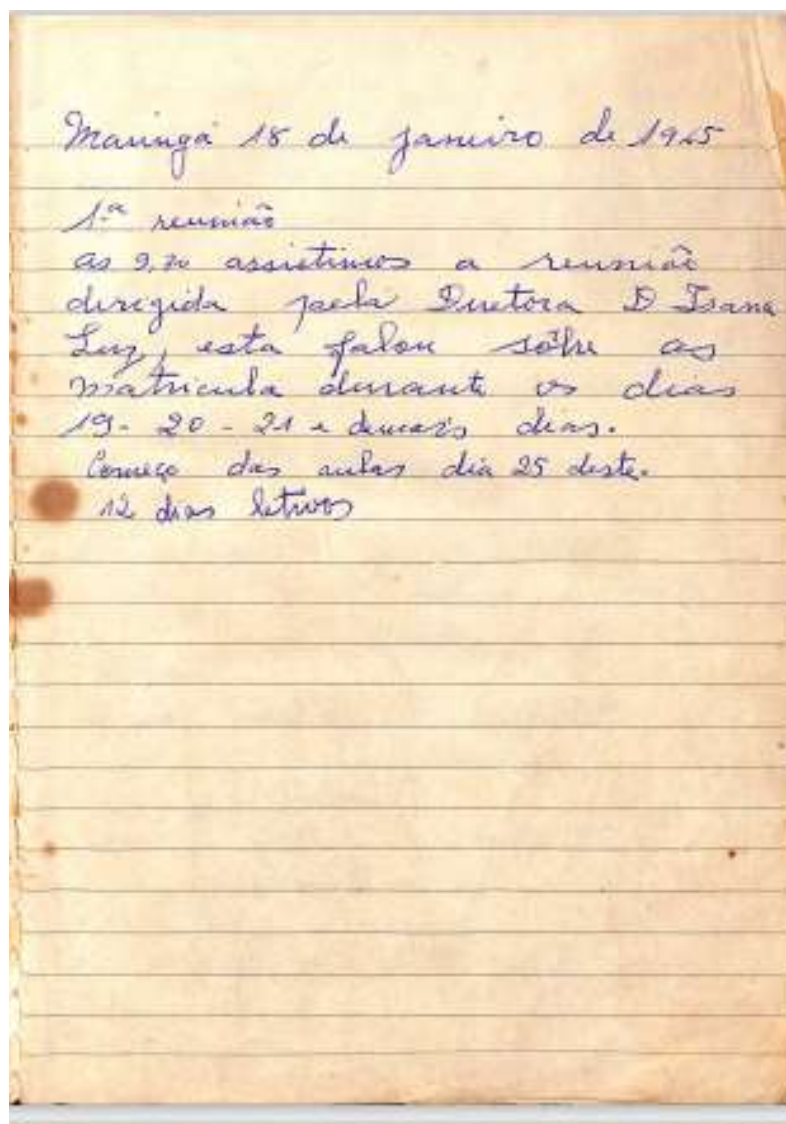
15	4)
20	14 ponto [Solução] 6 [Cálculo] - 5 [Resto] - 3

Fólio 2 - V



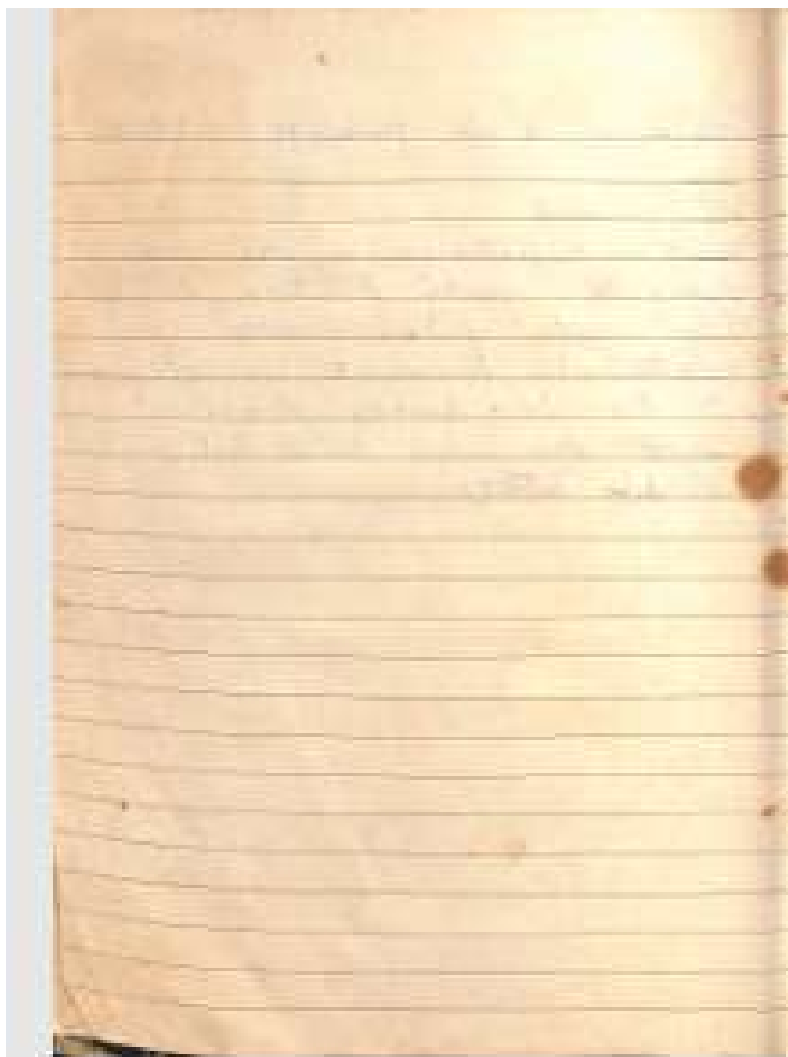
5	Proxima reunião 22 de maio lá no Socema (mandar relatório da Escola) Dona Bigan Vaz Caminha 950 devo 100 [N]	[anotação]
10		
15		

Fólio 3 - R

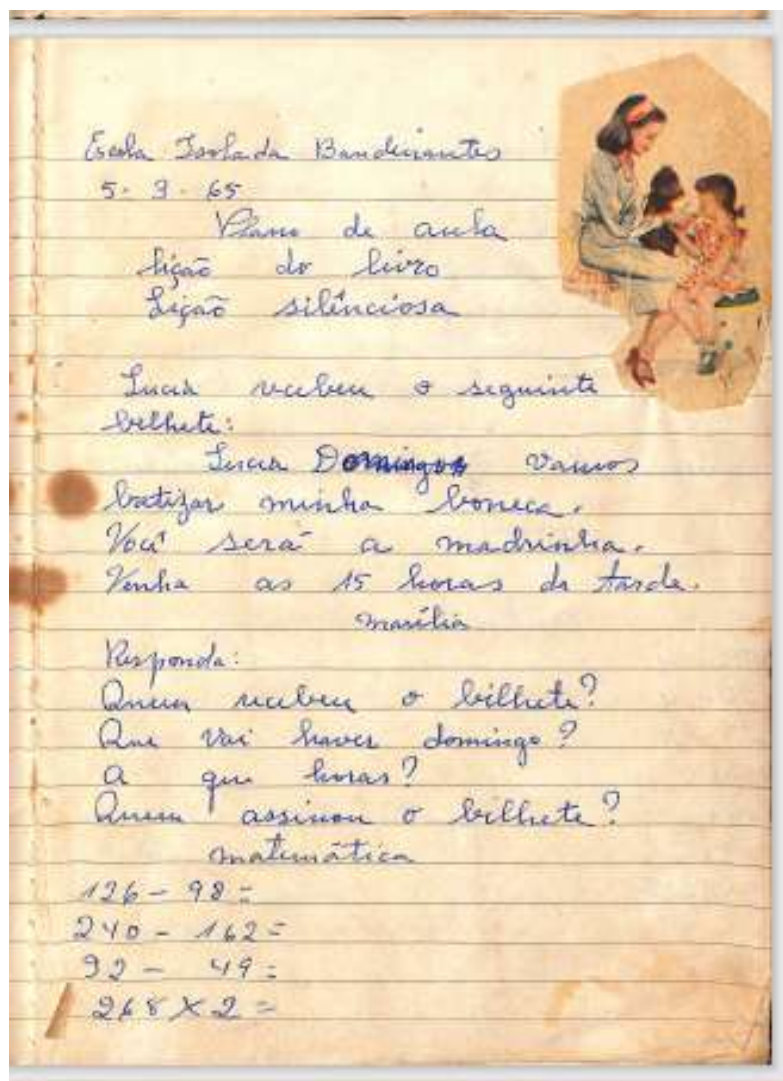


5	Maringá 18 de Janeiro de 1965 1ª reunião as 9:30 assistimos a reunião dirigida pela Diretora Dona Irene Luz, esta falou sobre as matricula durante os dias 19 - 20- 21 e duraria dias.
10	Começo das aulas dia 25 deste. 12 dias letivos

Fólio 3 - V



Fólio 4 - R

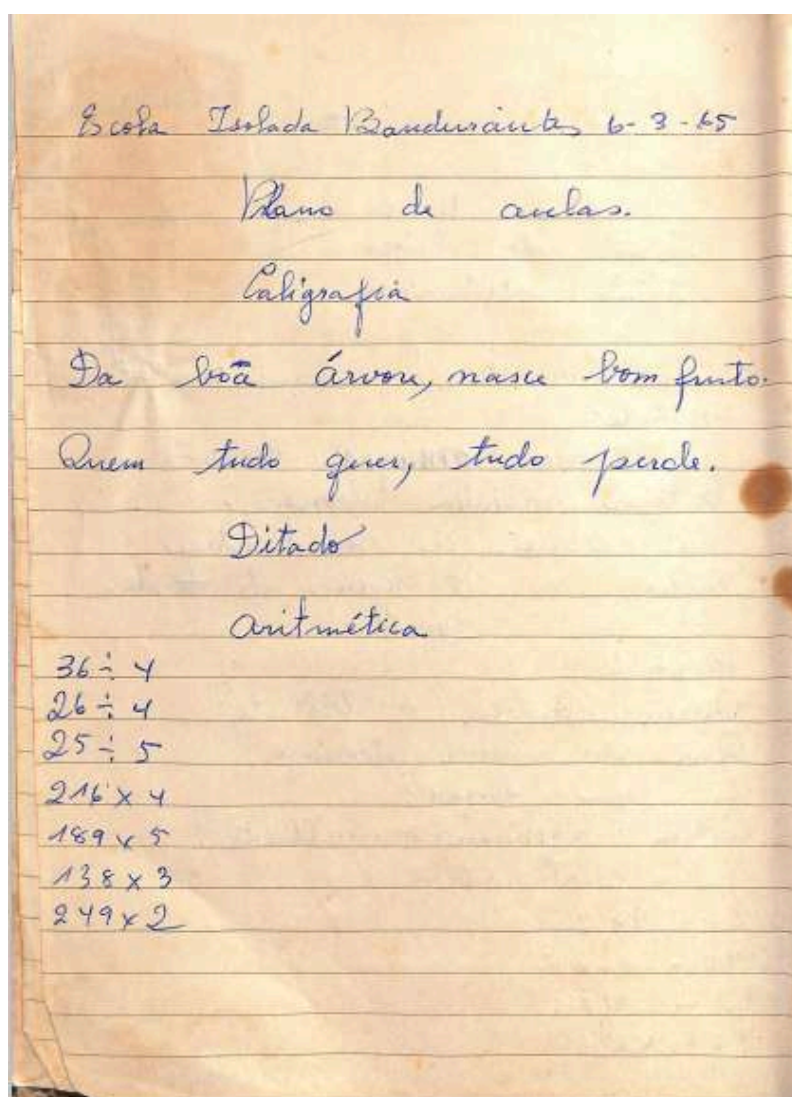


5	Escola Isolada Bandeirantes 5 - 3 - 65 Plano de aula lição do livro Lição silenciosa Lucia recebeu o seguinte bilhete: Lucia D[omingo] vamos batizar minha boneca. Você será a madrinha. Venha as 15 horas da tarde. Marília	[colagem] ³⁴
---	---	-------------------------

³⁴ Ao lado direito superior da folha há uma colagem de uma figura de uma mulher com uma menina, dando-lhe algo de beber

20	Responda: Quem recebeu o bilhete? Que vai haver domingo? A que horas? Quem assinou o bilhete? Matemática $126-98=$ $240-162=$
25	$92-49=$ $268 \times 2=$

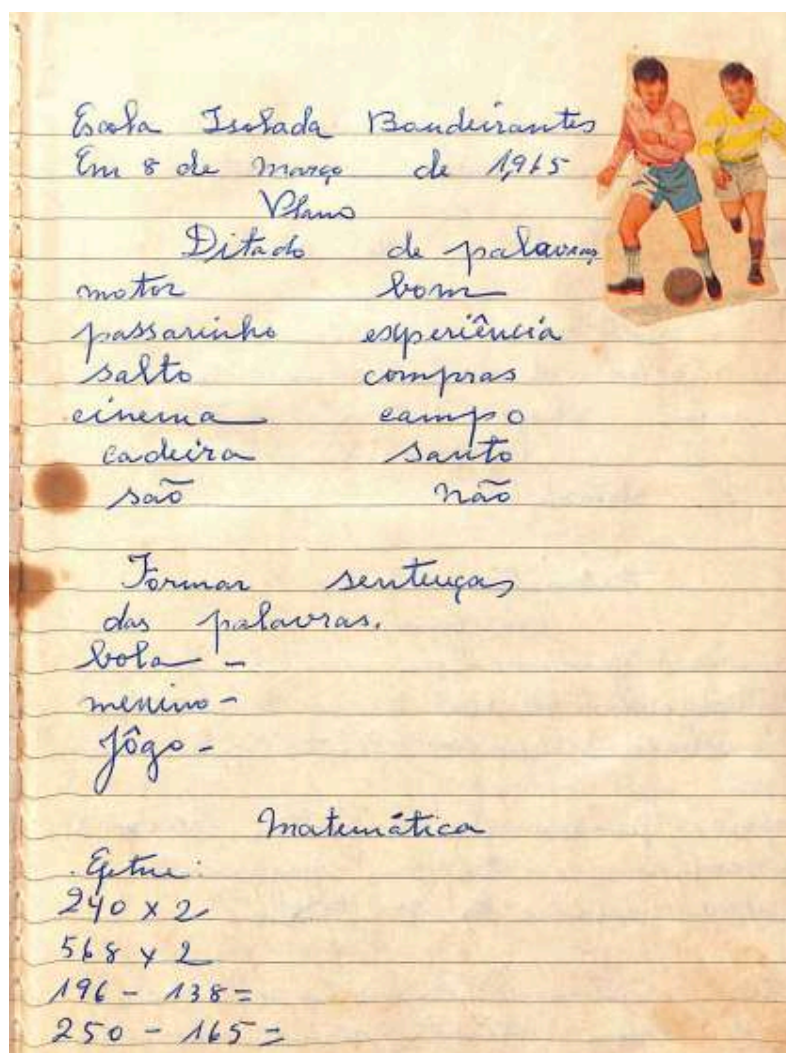
Fólio 4 - V



	Escola Isolada Bandeirantes 6 - 3 - 65 Plano de aulas. Caligrafia
--	---

5	Da boa árvore, nasce bom fruto. Quem tudo quer, tudo perde. Ditado Aritmética
10	$36 \div 4$ $26 \div 4$ $25 \div 5$ 216×4 189×5
15	138×3 249×2

Fólio 5 - R

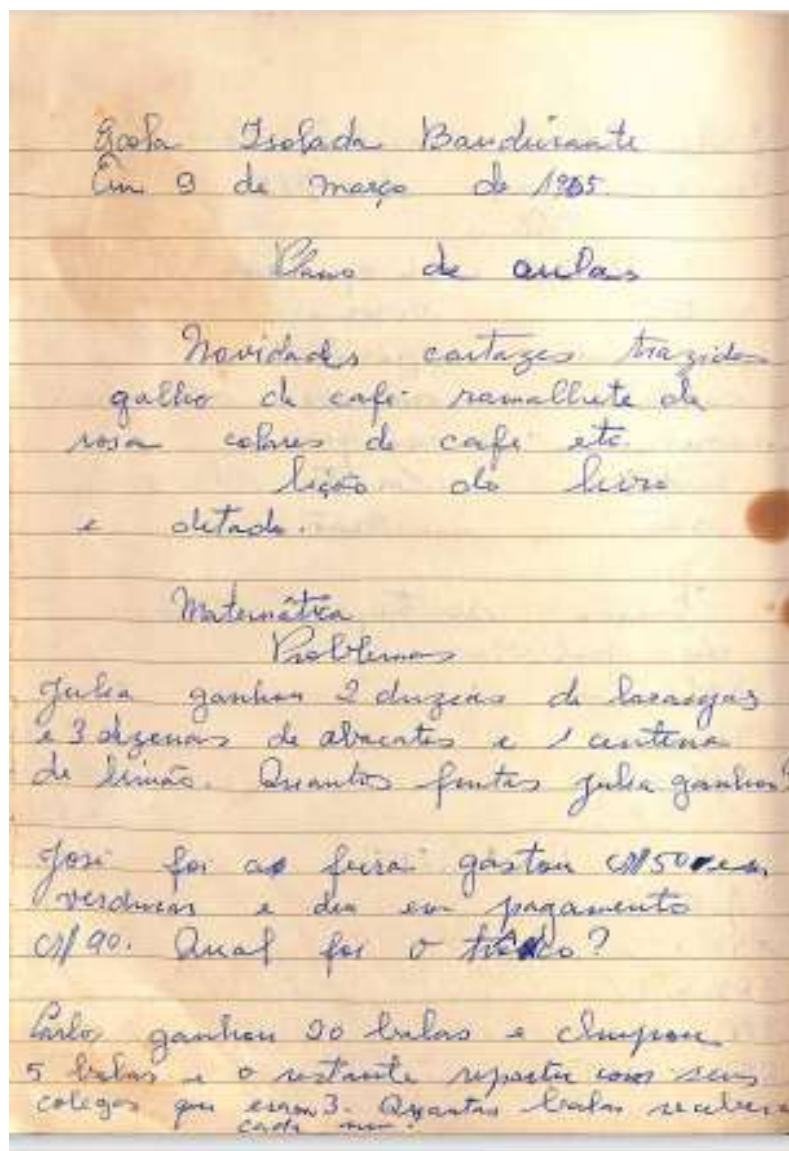


	Escola Isolada Bandeirantes	[colagem] ³⁵
--	-----------------------------	-------------------------

³⁵ Ao lado direito superior da folha há uma colagem de uma figura de dois meninos jogando bola

5	Em 8 de Março de 1965 Plano Ditado de palavras motor bom passarinho experiência salto compras
10	cinema campo cadeira Santo são não
15	Formar sentenças das palavras. bola- menino- jôgo-
20	Matemática Efetue: 240x2 568x2 196-138= 250-165=

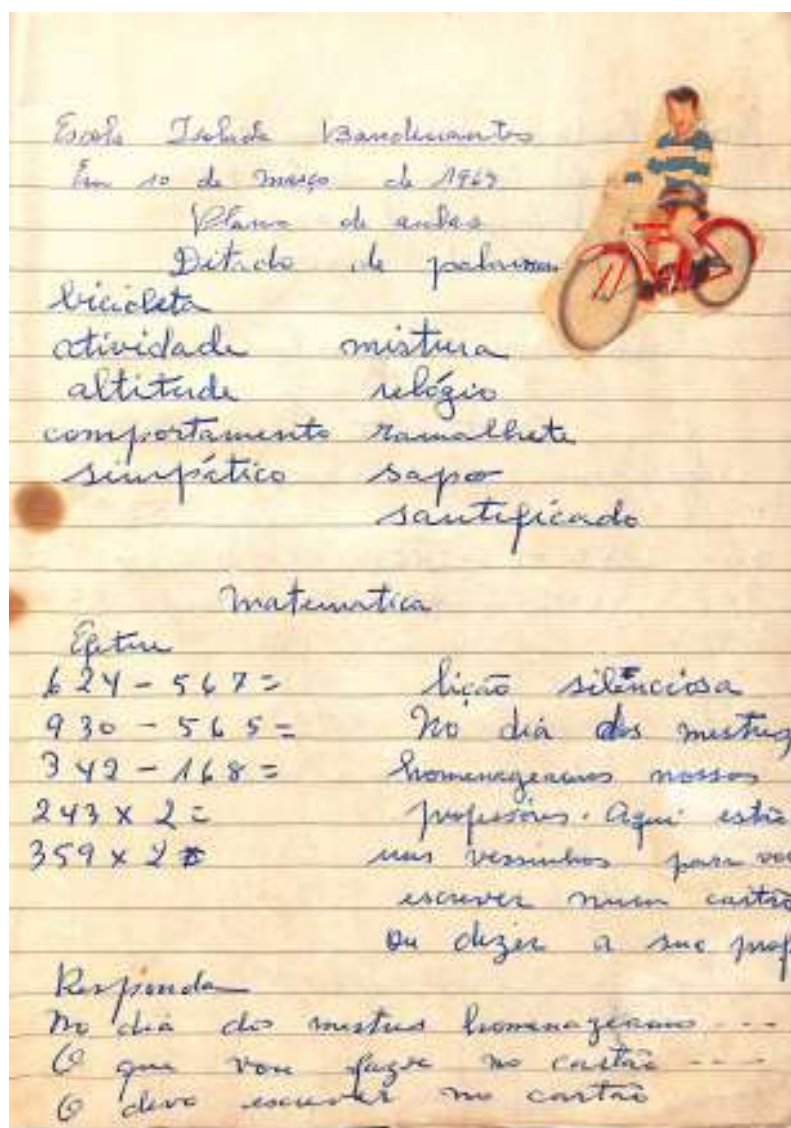
Fólio 5 - V



5	Escola Isolada Bandeirante Em 9 de Março de 19[6]5. Plano de aulas Novidades cartazes trazidos galho de café ramalhete de rosa colares de café etc. lição do livro e ditado.
10	Matemática Problemas
15	Julia ganhou 2 dúzias de laranjas e 3 dezenas de abacates e 1 centena de limão. Quantas frutas Julia ganhou?

20	José foi à feira gastou Cr\$ 500 em verduras e deu em pagamento Cr\$ 90. Qual foi o troco? Carlos ganhou 20 balas e chupou 5 balas e o restante repartiu com seus colegas que eram 3. Quantas balas receberá cada um?
----	---

Fólio 6 - R

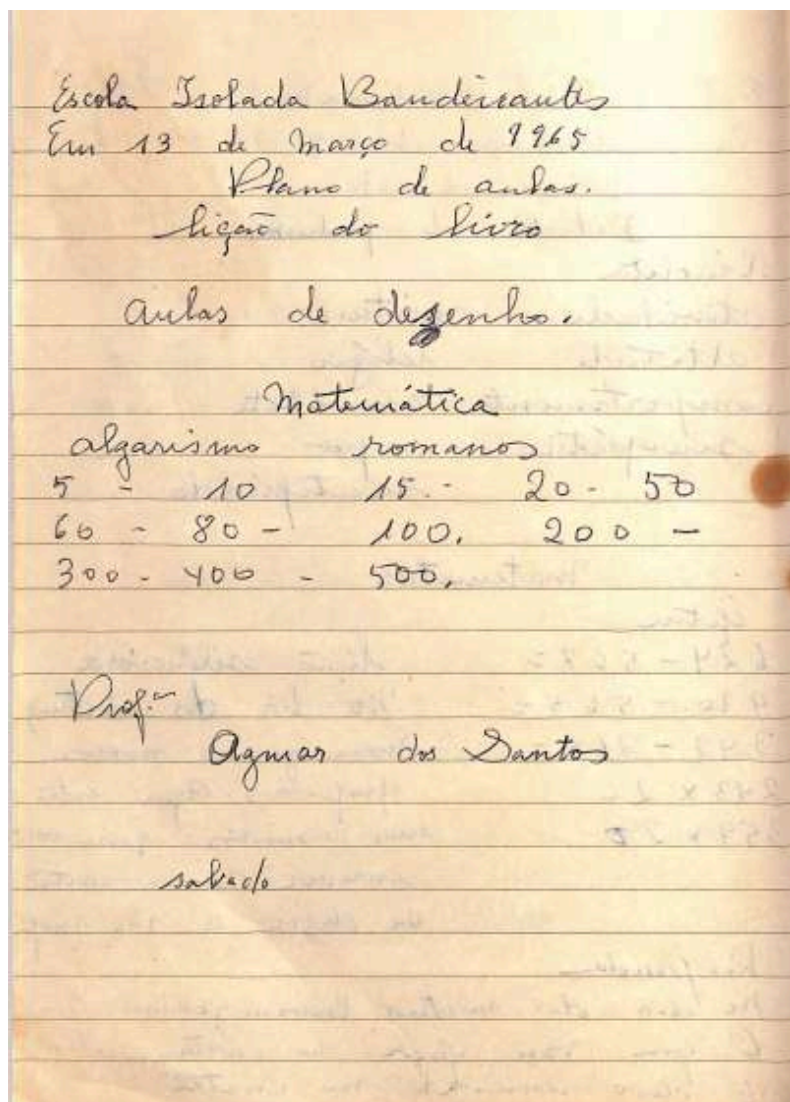


	Escola Isolada Bandeirantes Em 10 de Março de 1965 Plano de aulas.	[colagem] ³⁶
--	---	-------------------------

³⁶ Ao lado direito superior da folha há uma colagem de uma figura de um menino andando de bicicleta.

5	Ditado de palavras. bicicleta atividade mistura altitude relógio comportamento ramalhete 10 simpático sapo santificado
15	Matemática Efetue 624-567= 930-565= 342-168= 243x2= 20 359x2[ilegível]
	lição silenciosa No dia [d]os mestres, homenageamos nossos professôres. Aqui estão meus versinhos para voc escrever num cartão ou dizer a sua professora.
25	Responda No dia dos mestres homenageamos ... O que vou fazer no cartão ... O devo escrever no cartão

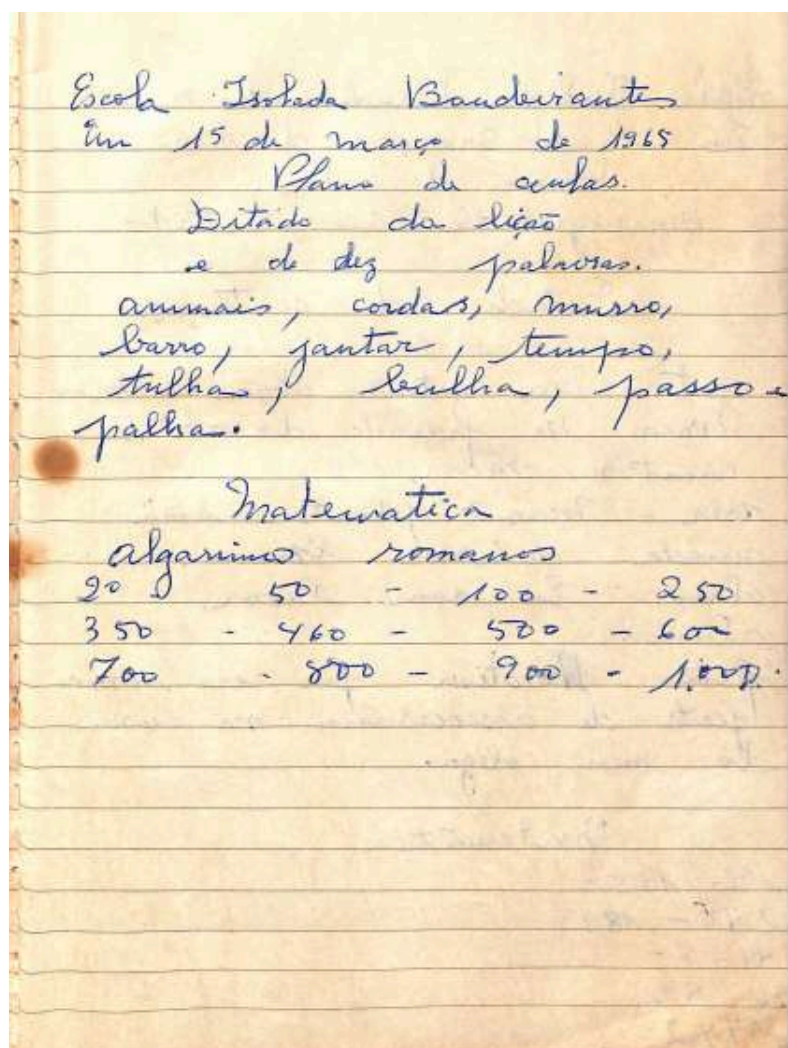
Fólio 6 - V



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 13 de Março de 1965 Plano de aulas. lição do livro Aulas de de[zs]enho. Matemática Algarismos romanos
10	5 - 10 - 15 - 20 - 50 60 - 80 - 100. 200 - 300 - 400 - 500.
15	Professora Agmar dos Santos sabado ³⁷

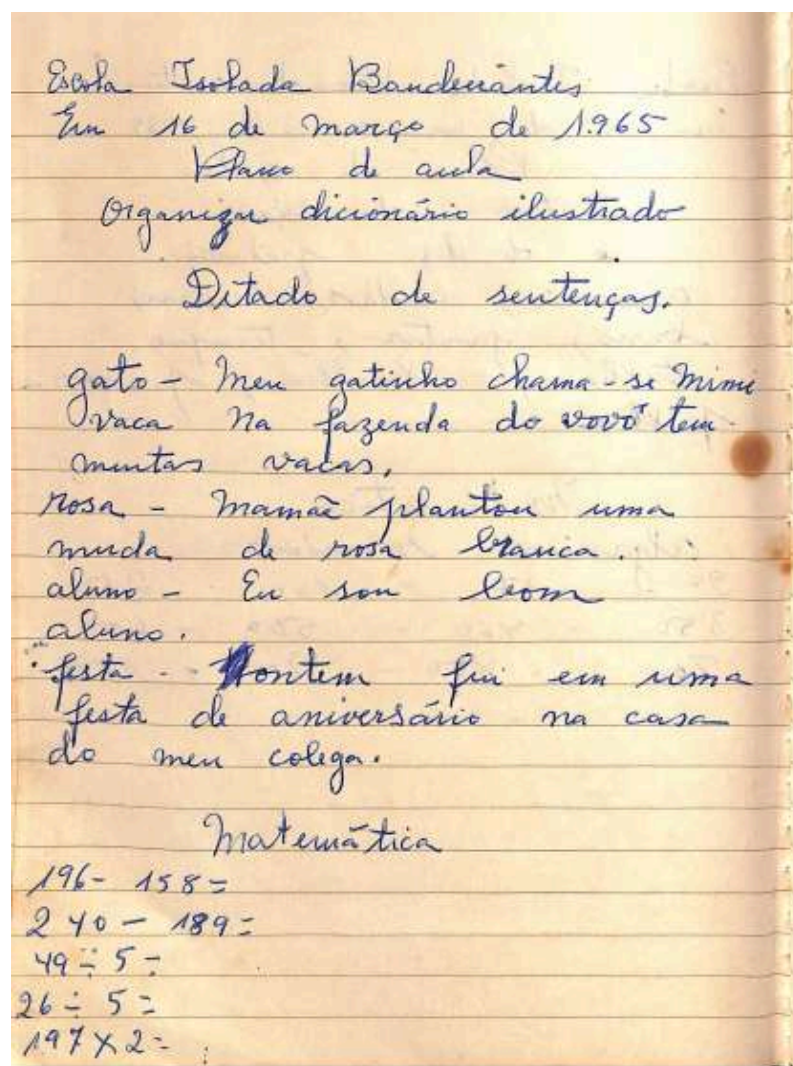
³⁷ Texto em caneta de cor preta

Fólio 7 - R



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 15 de Março de 1965 Plano de aulas. Ditado da lição e de dez palavras. Animais, cordas, murro, barro, jantar, tempo, tulha, bulha, passo e palha.
10	Matematica Algarismo romanos 20 - 50 - 100 - 250
15	350 - 460 - 580 - 600 700 - 800 - 900 - 1.000.

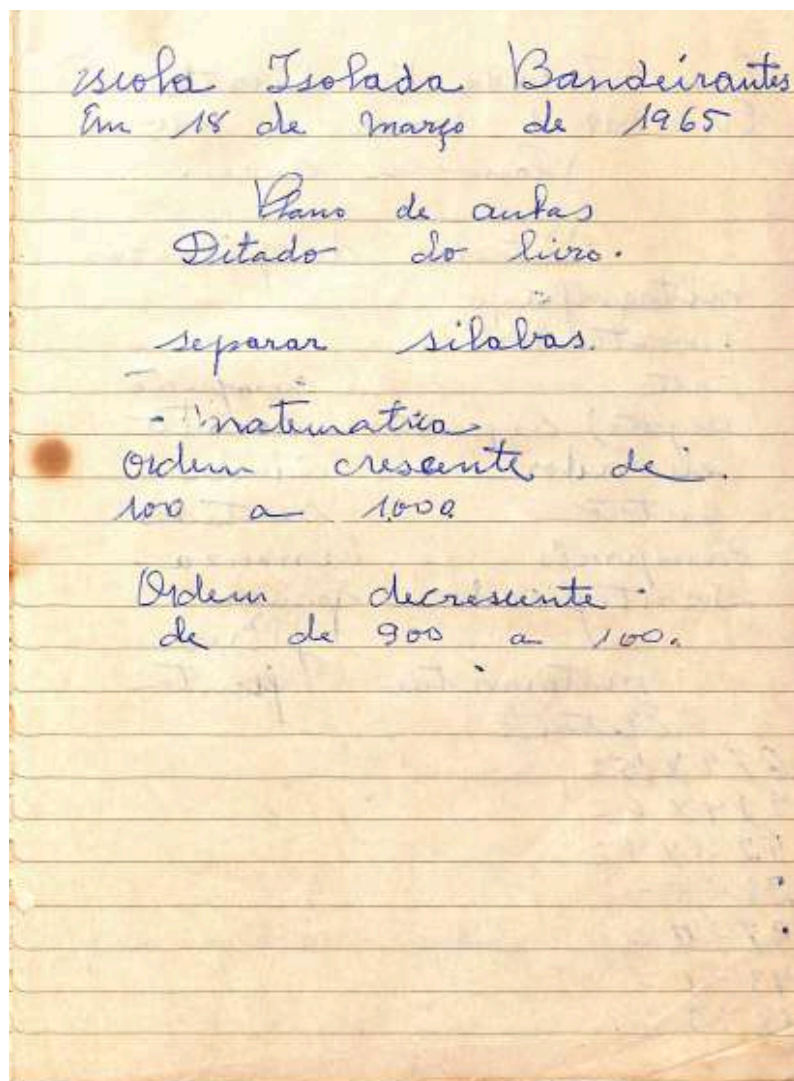
Fólio 7 - V



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 16 de Março de 1.965 Plano de aula Organi[z]ar dicionário ilustrado
10	Ditado de sentenças. Gato - Meu gatinho chama-se Mimi vaca Na fazenda do vovô tem muitas vacas. rosa - Mamãe plantou uma muda de rosa b[r]anca.
15	aluno - Eu sou bom aluno. festa - H ontem fui em uma festa de aniversário na casa

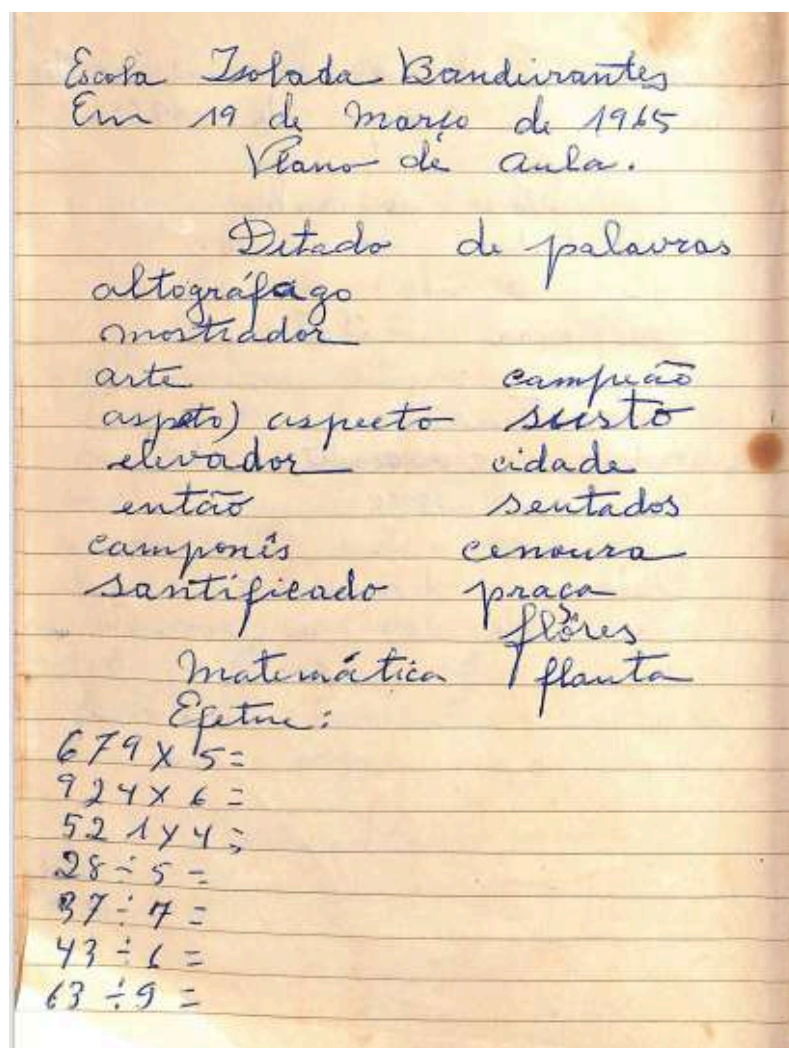
20	do meu colega. Matemática $196-158=$ $240-189=$ $49\div 5=$ $26\div 5=$ $197\times 2=$
----	--

Fólio 8 - R



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 18 de Março de 1965 Plano de aulas Ditado de livro. separar sílabas. Matemática ordem cres[c]ente de 100 a 1.000. Ordem decrescente de 900 a 100.
10	

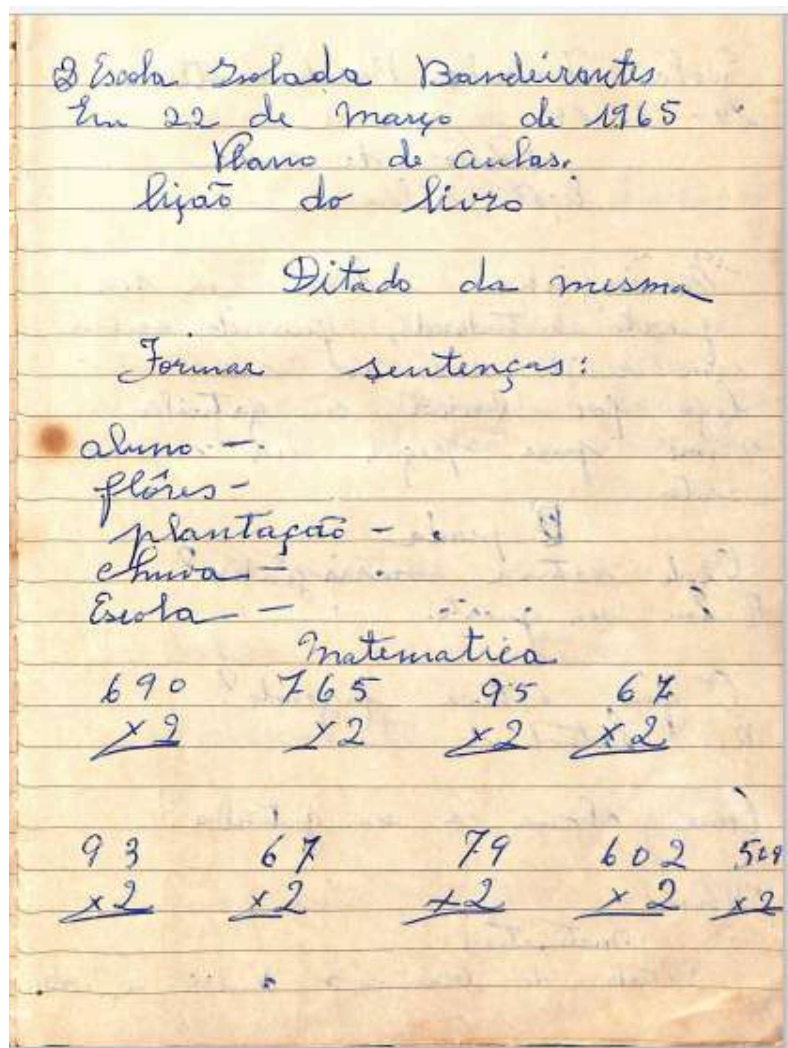
Fólio 8 - V



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 19 de Março de 1965 Plano de aula. Ditado de palavras
10	altogr[á]fo mostrador arte campeão asp[et]o) aspecto s[u]sto elevador cidade então sentados camponês cenoura santificado praça
15	flôres Matemática flauta Efetue: 679x5= 924x6=

20	521x4=
	28÷5=
	37÷7=
	43÷6=
25	63÷9=

Fólio 9 - R



5	(2) Escola Isolada Bandeirantes Em 22 de Março de 1965 Plano de aulas. lição do livro Ditado da mesma Formar sentenças:
10	aluno- flôres- plantação -

15	chuva-				
	Escola -				
	Matematica				
	690	765	95	67	
	x2	x2	x2	x2	
	_____	_____	_____	_____	
	93	67	79	602	509
	x2	x2	x2	x2	x2
	_____	_____	_____	_____	_____

Fólio 9 - V

Escola Isolada Bandeirantes
 24 - 3 - 65
 Plano de aula
 lição silenciosa

Mariazinha estava em seu quarto estudando, quando ouviu um ruído roc roc roc.
 logo foi buscar seu gatinho Mimi para pegar um enorme rato.

Resposta
 Onde estava Mariazinha?
 R. Em seu quarto.

O que estava fazendo?
 R.. Estudando

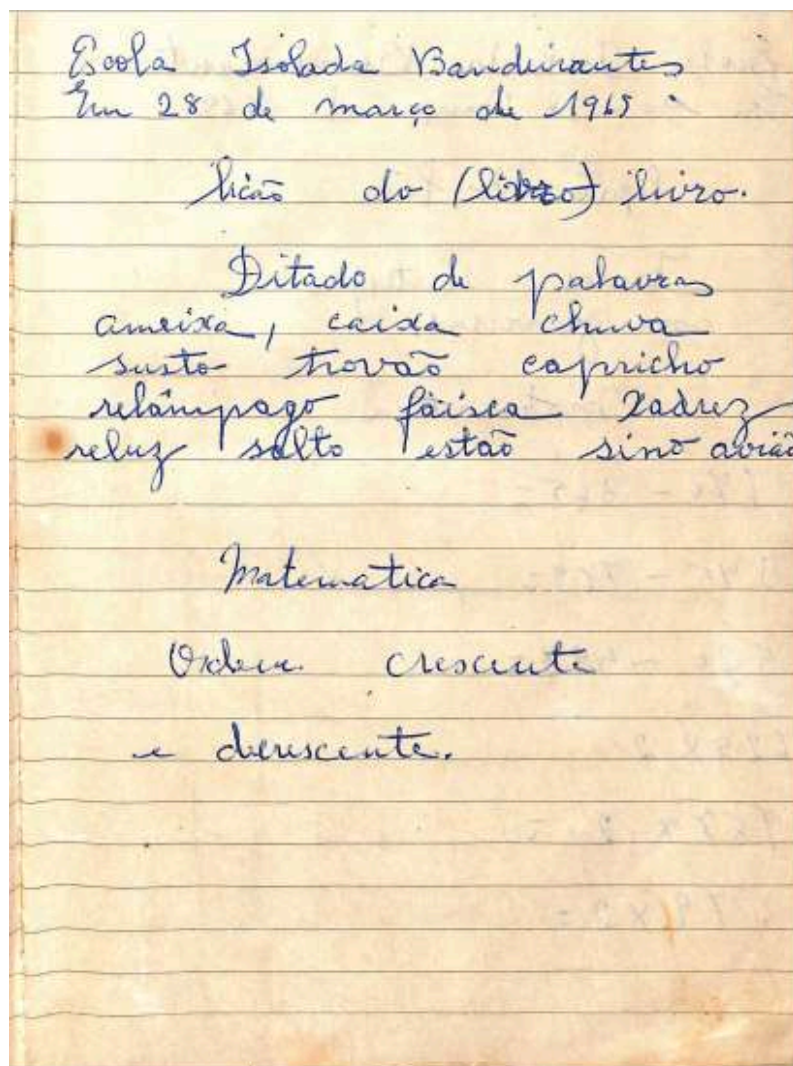
Como chama o seu gatinho?
 Mimi.

Matrante
 Ditado de Números de 1000 a 2.000.

5	Escola Isolada Bandeirantes 24 - 3 - 65 Plano de aula lição silenciosa
10	Mariazinha estava em seu quarto estudando, quando ouviu um ruído roc roc roc. logo foi buscar seu gatinho Mimi para pegar um enorme rato.
15	[R]esposta Onde estava Mariazinha? Resposta. [E]m seu quarto. O que estava fazendo? Resposta... [Es]tudando Como chama o seu gatinho? Mimi.

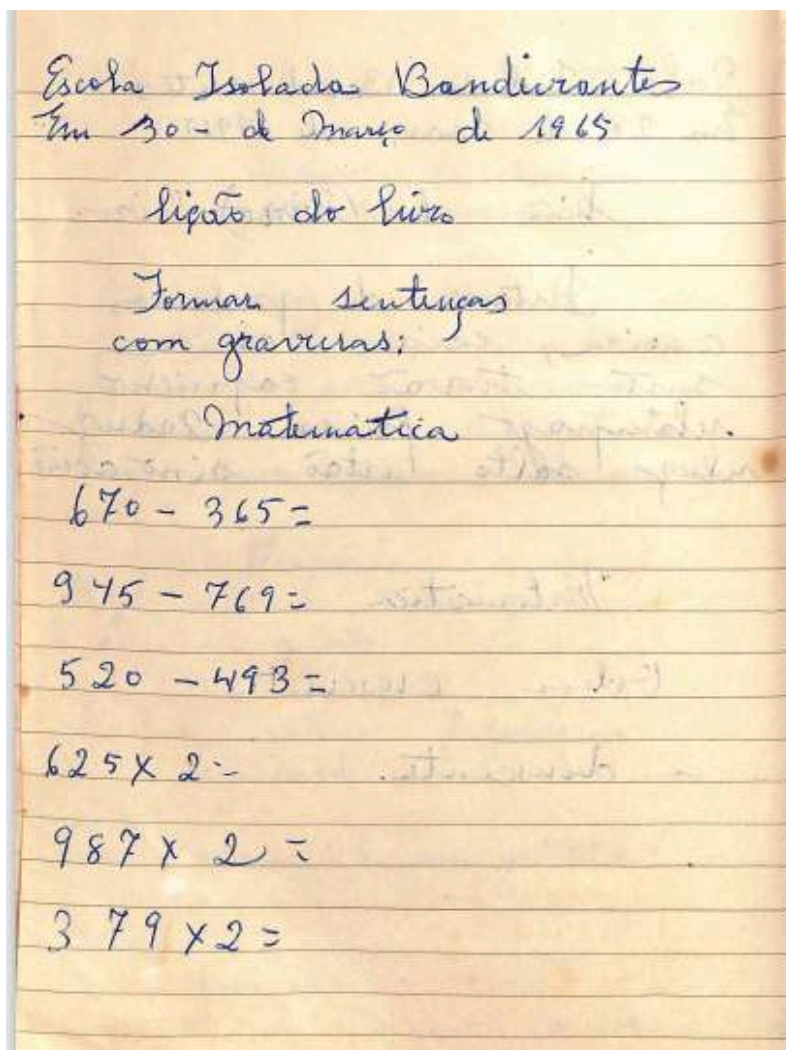
	Matematica Ditado de numeros de 1000 a 2.000.
--	--

Fólio 10 - R



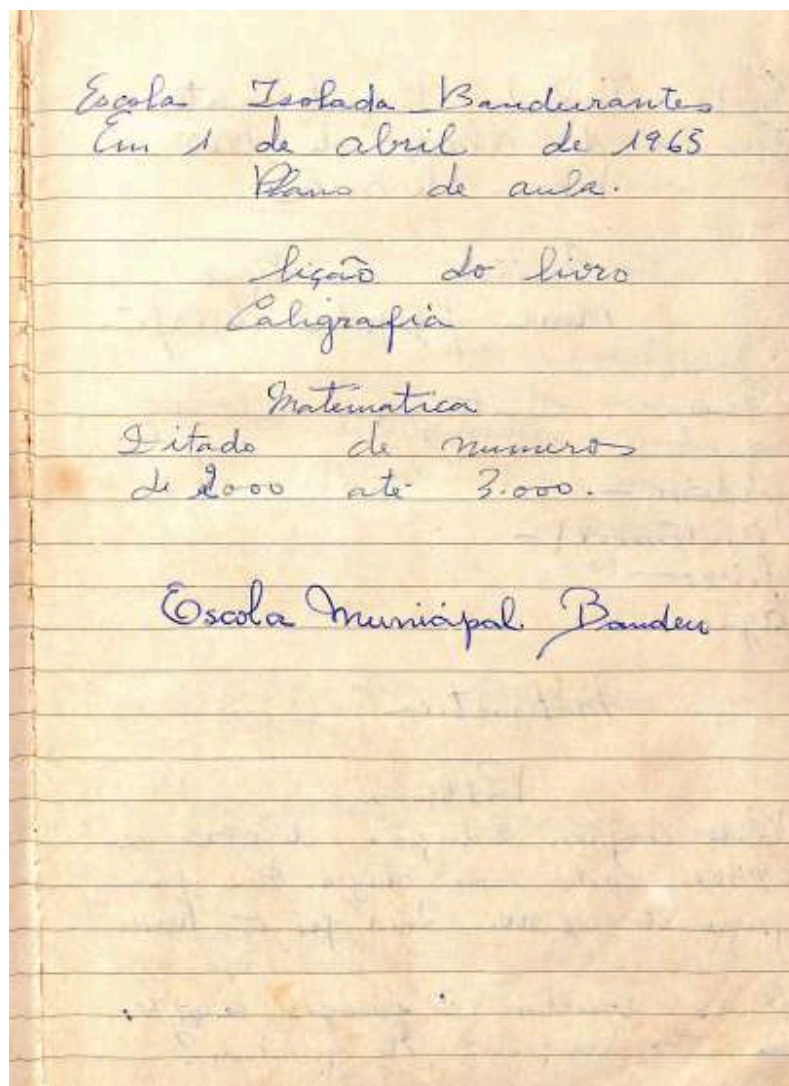
5	Escola Isolada Bandeirantes Em 28 de Março de 1965 lição do ([livro]) livro. Ditado de palavras ameixa, caixa chuva susto trovão capricho relâmpago faixa xadrez
10	reluz solto estão sino avião Matemática Ordem crescente e decrescente.

Fólio 10 - V



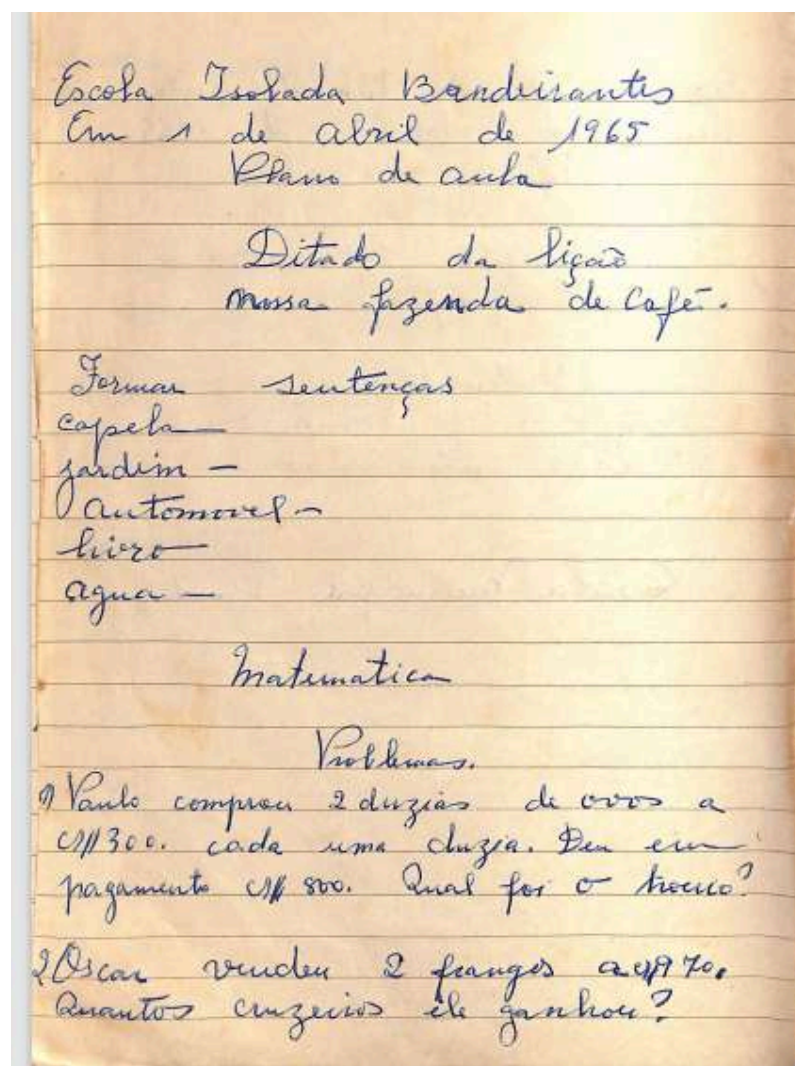
5	Escola Isolada Bandeirantes Em 30 - de Março de 1.965 lição do livro Formar sentenças com gravuras: Matemática
10	670-365= 945-769= 520-493= 625x2= 987x2= 379x2=
15	

Fólio 11 - R



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 1 de Abril de 1965 Plano de aula. lição do livro Caligrafia Matemática Ditado de numeros de 2000 até 3.000.
10	Escola Municipal Bandeir

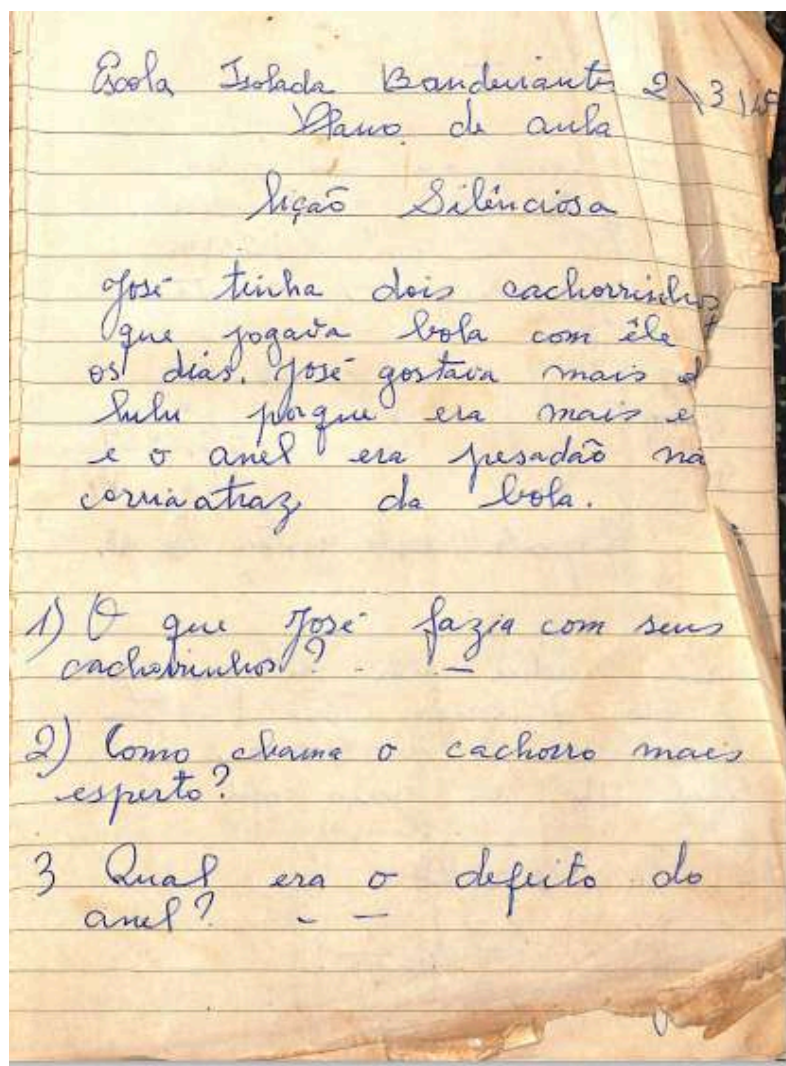
Fólio 11 - V



5	Escola Isolada Bandeirantes Em 1 de Abril de 1965 Plano de aula Ditado da lição [N]ossa faze[n]da de café. Formar sentenças capela jardim - automovel - livro Agua Matematica
10	Problemas,
15	1) Paulo comprou 2 dúzias de ovos a Cr\$ 300. cada uma dúzia. Deu em

	pagamento Cr\$ 800. Qual foi o trouco? 2 Oscar vendeu 2 frangos a Cr\$ 970. Quantos cruzeiros ele ganhou?
--	--

Fólio 12 - R

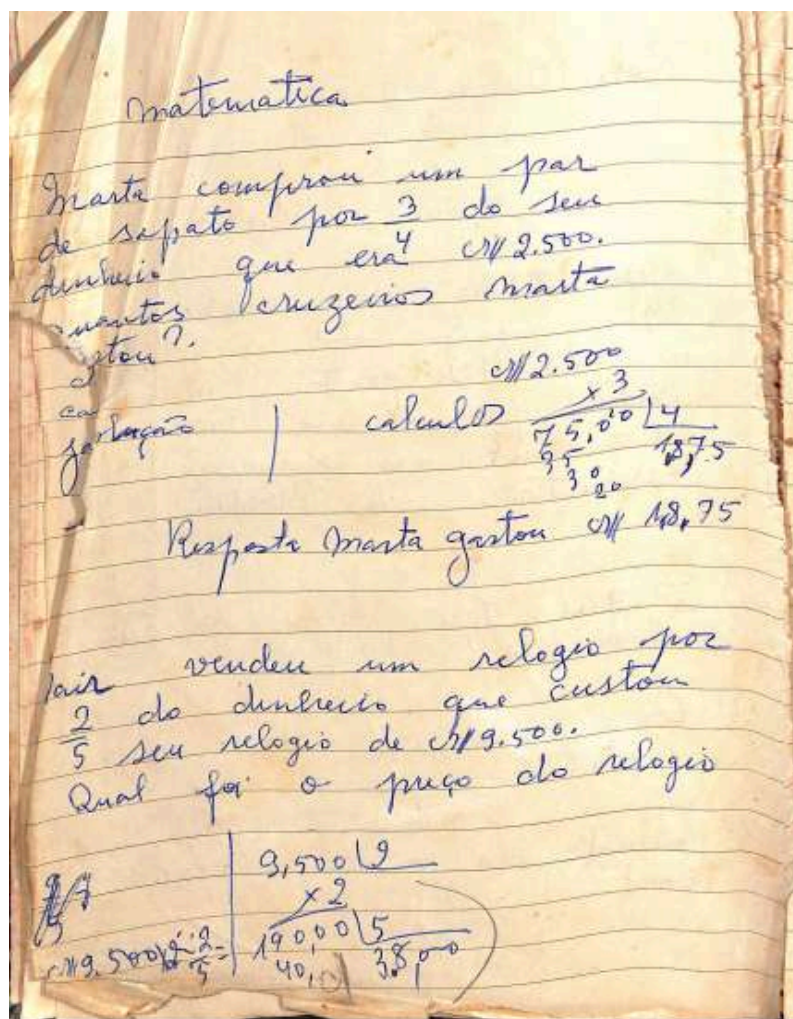


5	Escola Isolada Bandeirantes 2\3\ [65] Plano de aula lição silenciosa José tinha dois cachorrinhos que jogavam bola com êle t[ilegível³⁸] os dias. José gostava mais d[ilegível³⁹] lulu porque era mais e[ilegível⁴⁰]
---	--

³⁸ folha rasgada³⁹ folha rasgada⁴⁰ folha rasgada

10	e o anel era pesado na [ilegível] ⁴¹ corria atrás da bola. 1) O que José fazia com seus cachorrinhos? - - 2) Como chama o cachorro mais esperto?
15	3 Qual era o defeito do anel? - -

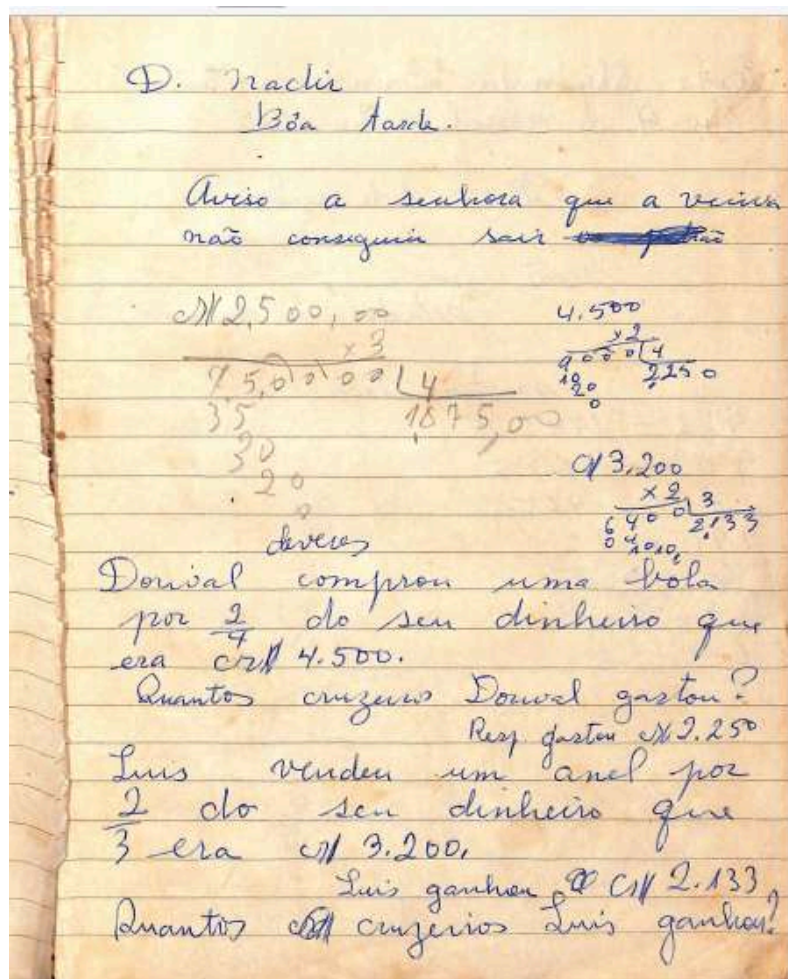
Fólio 12 - V



5	Matematica Marta comprou um par de sapato por $\frac{3}{4}$ do seu dinheiro que era Cr\$ 2.500. [Q]uantos cruzeiros Marta [ga]stou?
---	---

⁴¹ folha rasgada

Fólio 13 - R

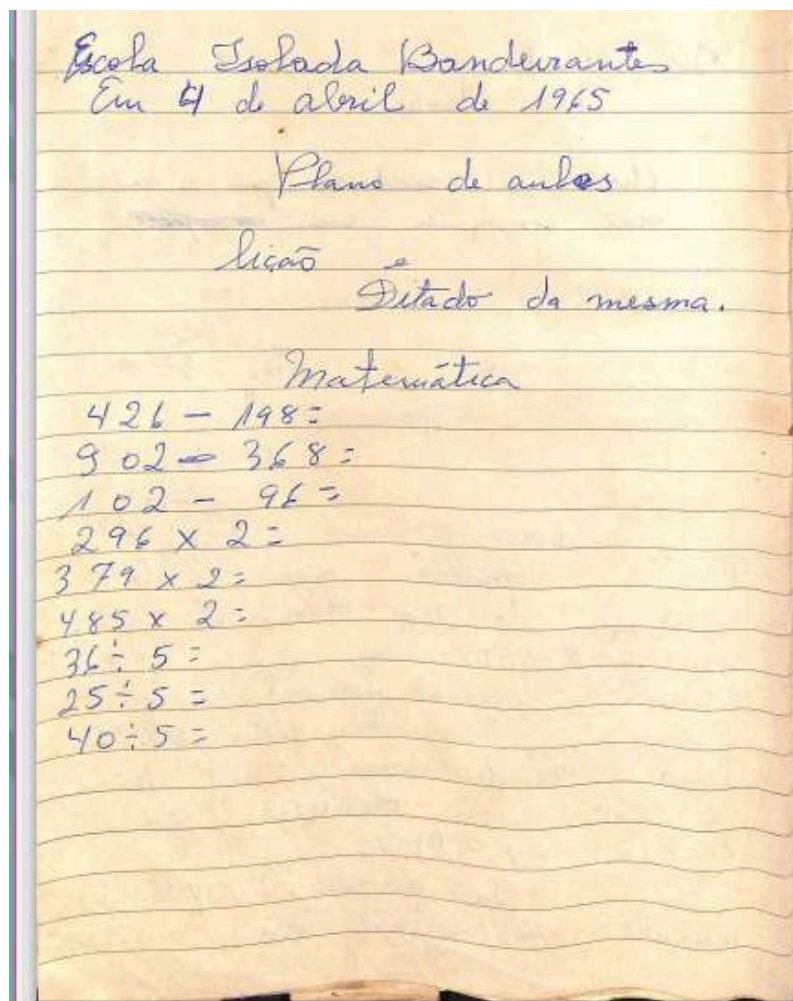


5	Dona Nadir Boa tarde. Aviso a senhora que a viúva não conseguiu sair [illegível] ⁴⁴ Cr\$ 2.500,00 x3	
10	$\begin{array}{r} 7.5,0000 [4 \\ 35 \\ 30 \\ 20 \\ 0 \\ \hline 1.875 \end{array}$	$\begin{array}{r} 4.500 \\ \times 2 \\ \hline 9000 [4 \\ 10 \\ 20 \\ 0 \\ \hline 2.250 \end{array}$
15		$\begin{array}{r} \text{Cr\$ } 3.200 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$

⁴⁴ Texto a lápis

20		6400 [3 04 _____ 10 2.133 10 0
25		
30	deveres Dorival comprou uma bola por $\frac{2}{4}$ do seu dinheiro que era Cr\$ 4.500. Quanto cruzeiros Dorival gastou? Resposta gastou Cr\$ 2.250	
35	Luis vendeu um anel por $\frac{2}{3}$ do seu dinheiro que era Cr\$ 3.200. Luis ganhou [ilegível] Cr\$ 2.133 Quanto [ilegível] cruzeiros Luis ganhou?	
40		

Fólio 13 - V



5	[E]scola Isolada Bandeirantes Em [4] de Abril de 1965 Plano de aul[a]s lição e Ditado da mesma.
10	Matemática $426 - 198 =$ $902 - 368 =$ $102 - 96 =$ $296 \times 2 =$ $379 \times 2 =$ $485 \times 2 =$
15	$36 \div 5 =$ $25 \div 5 =$ $40 \div 5 =$

Fólio 14 - R

Escola Isolada Bandeirantes
Em 5 \ abril \ 1965

Plano de aula
Questionário
de estudos sociais.

palestra sobre
mesmo assunto.

achar $\frac{2}{5}$ de Cr\$ 520.

$$\begin{array}{r} \text{Cr\$ } 520 : 5 \\ \underline{5} \\ 20 \\ \underline{10} \\ 20 \\ \underline{20} \\ 00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 30 \overline{) 3} \\ \underline{30} \\ 00 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 18 \overline{) 4} \\ \underline{18} \\ 00 \end{array}$$

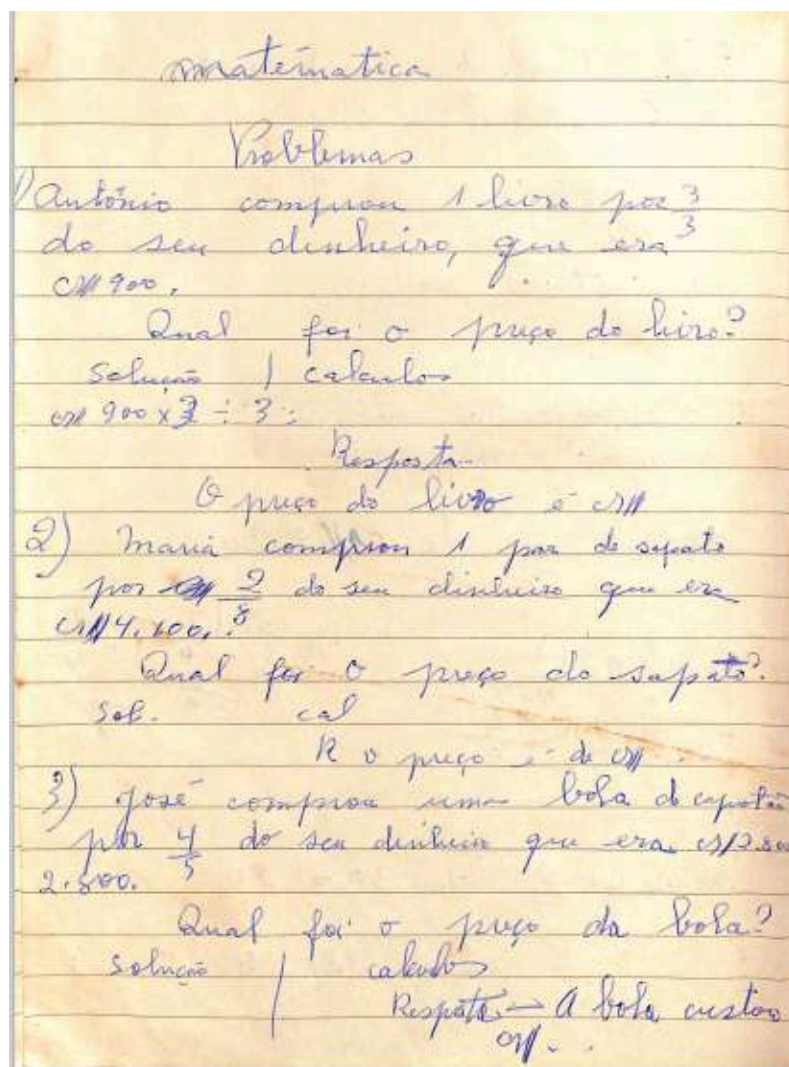
achar $\frac{2}{3}$ de 30 = 20

11 $\frac{2}{4}$ de 18 = 8

5	Escola Isolada Bandeirantes Em 5 \ abril \ 1965 Plano de aula Questionário de estudos sociais.
10	palestra sobre mesmo assunto. achar $\frac{2}{5}$ de Cr\$ 520.
15	$\begin{array}{r} \text{Cr\$ } 5[2]0 [5 \\ \underline{5} \\ 6 104 \\ 20 \times 2 \\ \underline{20} \\ \text{Cr\$}208 \end{array}$
20	$\begin{array}{r} 30 [3 \\ \underline{3} \\ 10 \\ 00 \times 2 \\ \underline{00} \\ 20 \end{array}$
	$\begin{array}{r} 18 [4 \\ \underline{2} \\ 4 \\ 2 \\ \underline{} \\ 8 \end{array}$

achar $\frac{2}{3}$ de 20=20
 achar $\frac{2}{4}$ de 18= 8

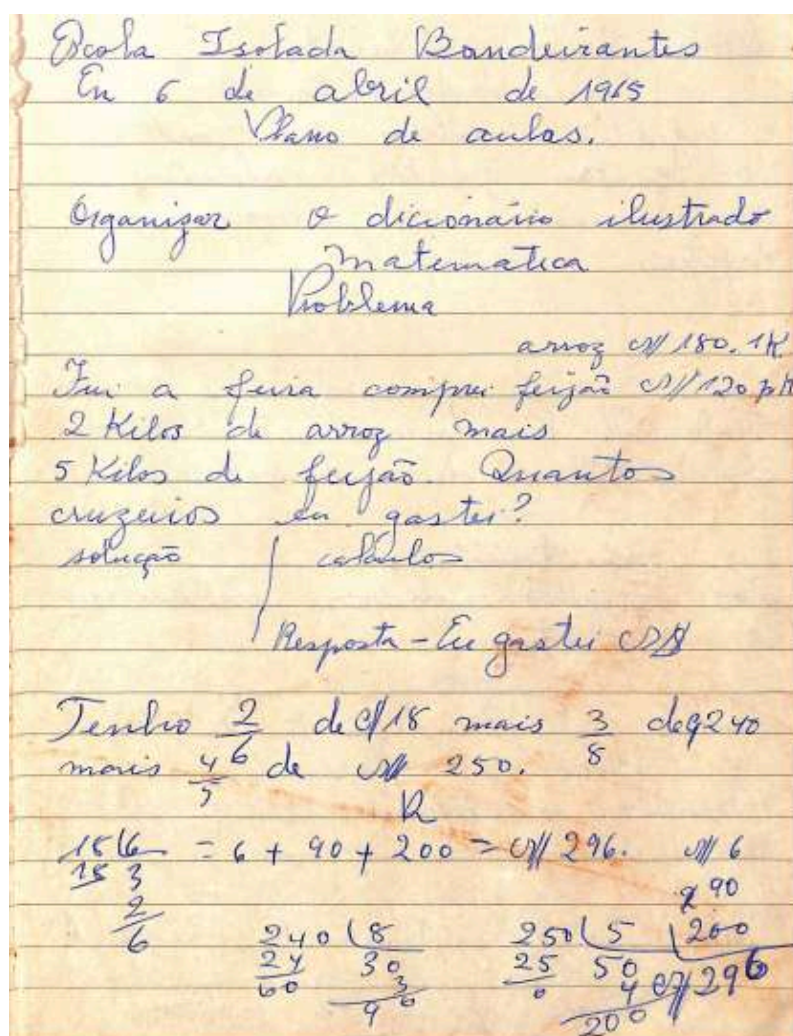
Fólio 14 - V



5	Matemática Problemas 1) Antônio comprou 1 livro por $\frac{3}{3}$ do seu dinheiro. que era Cr\$ 900. Qual foi o preço do livro? Solução calculos $\text{Cr\\$ } 900 \times [3] \div 3 =$ Resposta... O preço do liv[r]o é Cr\$ 2) Maria comprou 1 par de sapato
10	

15	por [ilegível] $\frac{2}{8}$ de seu dinheiro que era Cr\$ 4.600.. Qual foi o preço do sapato? Solução calculo Resposta o preço é de Cr\$...
20	3) José comprou uma bola de capitão por $\frac{4}{5}$ do seu dinheiro que era Cr\$ 2.800 2.800. Qual o preço da bola?
25	Solução Calculos Resposta - a bola custou Cr\$...

Fólio 15- R



Escola Isolada Bandeirantes

5	Em 6 de Abril de 1965 Plano de aulas. Organizar o dicionário ilustrado Matematica Problema arroz Cr\$ 180. 1 <i>kilo</i> . Fui a feira comprei feijão Cr\$ 120 <i>por kilo</i> .
10	2 kilos de arroz mais 5 kilos de feijão. Quantos cruzeiros eu gastei? Solução I calculos
15	Resposta - Eu gastei Cr\$ Tenho 2/6 de Cr\$ 18 mais 3/8 de Cr\$ 240 mais 4/5 de Cr\$ 250.
20	Resposta 18 [6 = 6 + 90 + 200 = Cr\$ 296. Cr\$6 18 — [+] 90 — 3 240 [8 250 [5 200 2 24 — 25 — — — 30 — 50 60 3 0 4 90 200
25	

Fólio 15 - V

Escola Isolada Bandeirantes 7/4/65
 Plano de aulas
 Sugestão sobre os pontos
 os quatro pontos cardinais
 os animais úteis, nocivos,
 reptéis e outros.

Escola E. Bandeirantes 8/4/65
 Plano de aulas

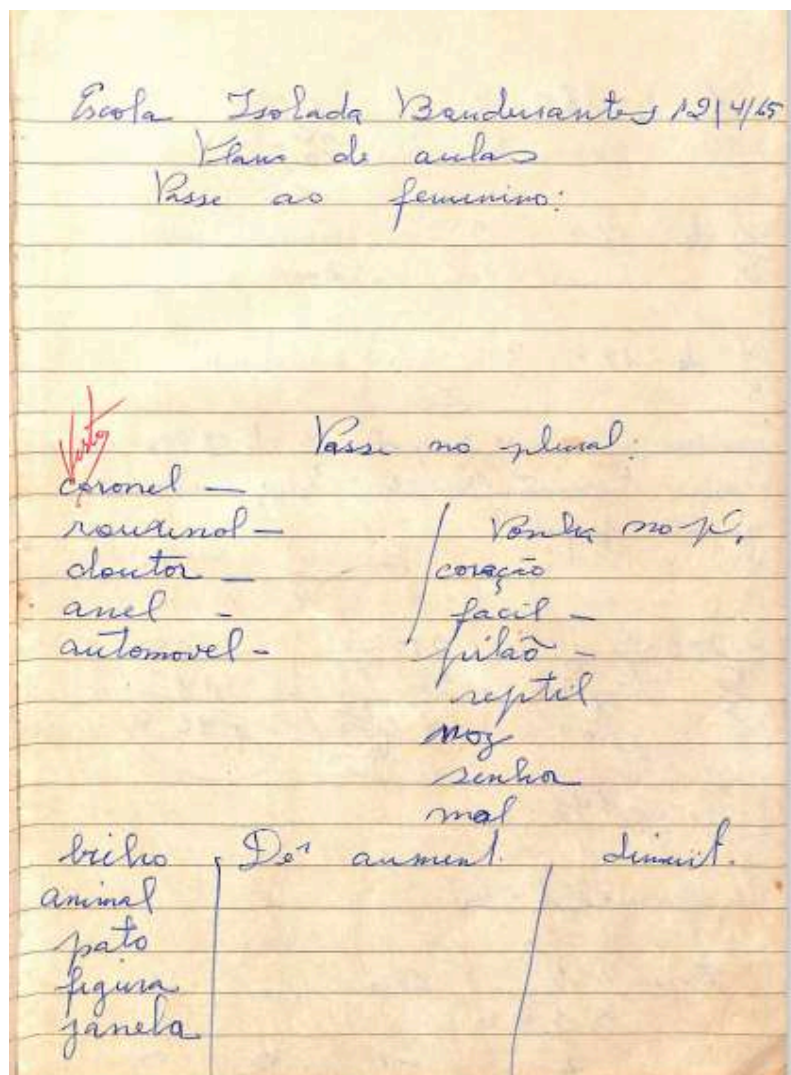
Questionários
 dos pontos dados em classe
 e palestras.

Escola J. Bandeirantes 9/4/65
 Plano de aulas
 Formar sentenças.
 Passar frases ao feminino plural

Escola J. Bandeirantes 10/4/65
 Plano de aulas
 palestras sobre os pontos

5	Escola Isolada Bandeirantes 7 \ 4 \ 65 Plano de aulas Sugestão sôbre[se] os pontos os quatro pontos cardeais os animais uteis, nocivos, repteis e outros.
10	Escola <i>Isolada</i> Bandeirantes 8 \ 4 \ 65 Plano de aulas Questionários dos pontos dados em classe e palestras..
15	Escola <i>Isolada</i> Bandeirantes 9 \ 4 \ 65 Plano de aul[as] Formar sentenças. Passe frases ao feminino plural
20	Escola <i>Isolada</i> Bandeirantes 10 \ 4 \ 65 Plano de aulas Palestra sôbre os pontos

Fólio 16 - R

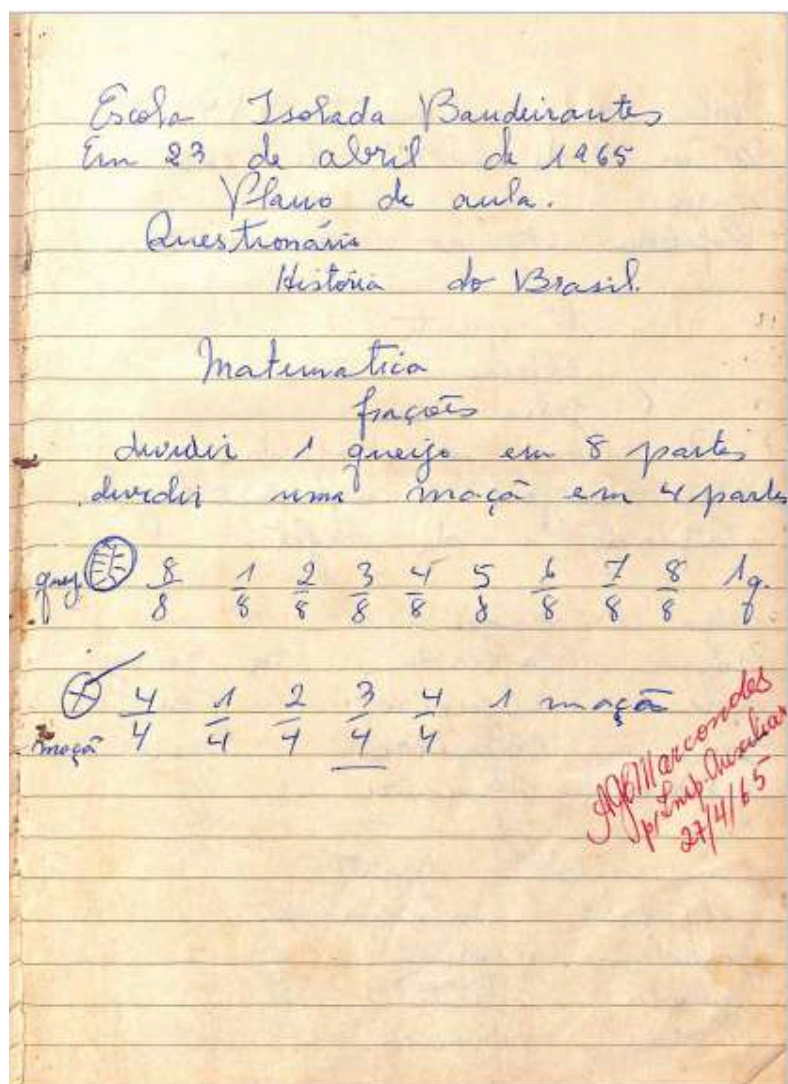


5	Escola Isolada Bandeirantes 12/4/65 Plano de aulas Passe ao feminino:	
10	P[a]sse no plural: <↑Visto ⁴⁵ >Coronel- rouxinol- doutor- anel- automovel-	ponha no plural coração facil - pilão - reptil
15		[n]oz senhor

⁴⁵ Palavra escrita a caneta de cor vermelha

10	ganhei 3/6 de 4.200, dei 2/3 de Cr\$ 210 a meu irmão. Quanto deu; e com quanto fiquei?		
	4.200 [6 42 — — 700 00 x3 — 2.100	210 [3 21 — 00 70 x2 — 140	2.100- 140 — 1.[9]60
15			
20	Dei Cr\$ 140 e fiquei com Cr\$ 1.960		
	quilômetro hectômetro decâmetro metro decímetro centímetro		
	63,00		
	2. 1 0 0		

Fólio 17 - R



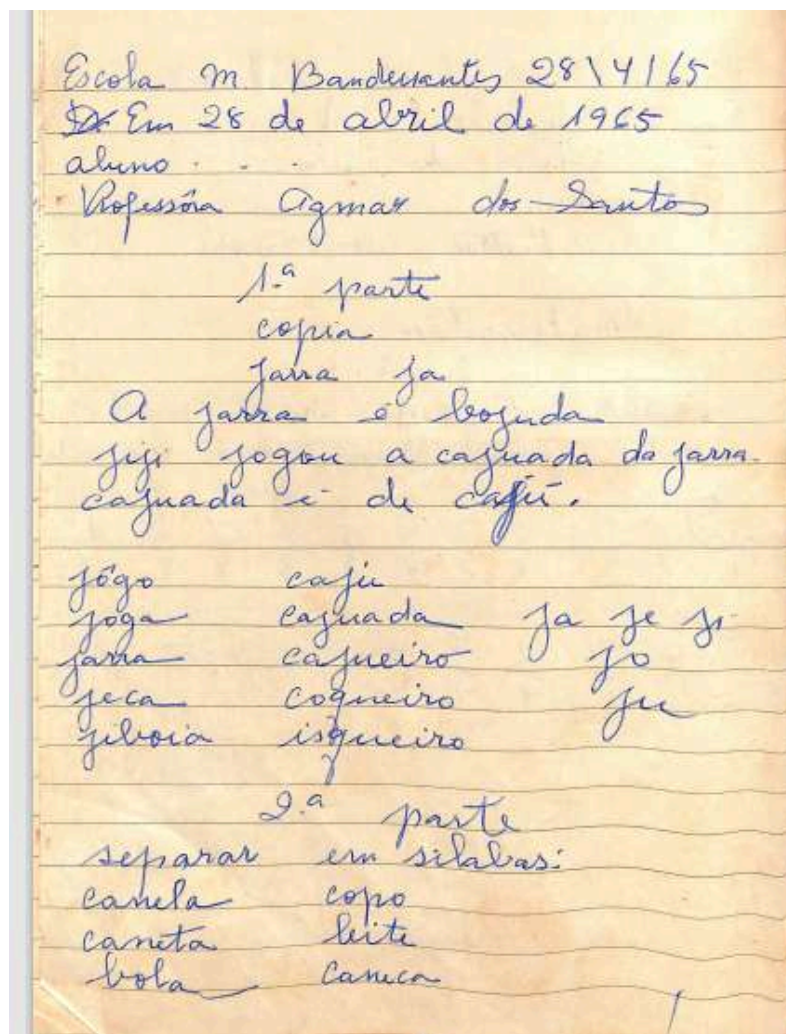
5	Escola Isolada Bandeirantes Em 23 de Abril de 1965 Plano de aula. Questionário História do Brasil. Matemática frações
10	dividir 1 queijo em 8 partes dividir uma maçã em 4 partes queijo [ilustração] ⁴⁶ 8 1 2 3 4 5 6 7 8 maçã [ilustração] ⁴⁷ 4 1 2 3 4
15	

⁴⁶ Há uma ilustração, um queijo dividido em 8 partes

⁴⁷ Há uma ilustração, uma maçã dividida em 4 partes

20	_ _ _ _ _ 4 4 4 4 4 1 ma[çã] ⁴⁸Agb Marcondes para Insp.auxiliar 27/4/65
----	--

Fólio 17 - V

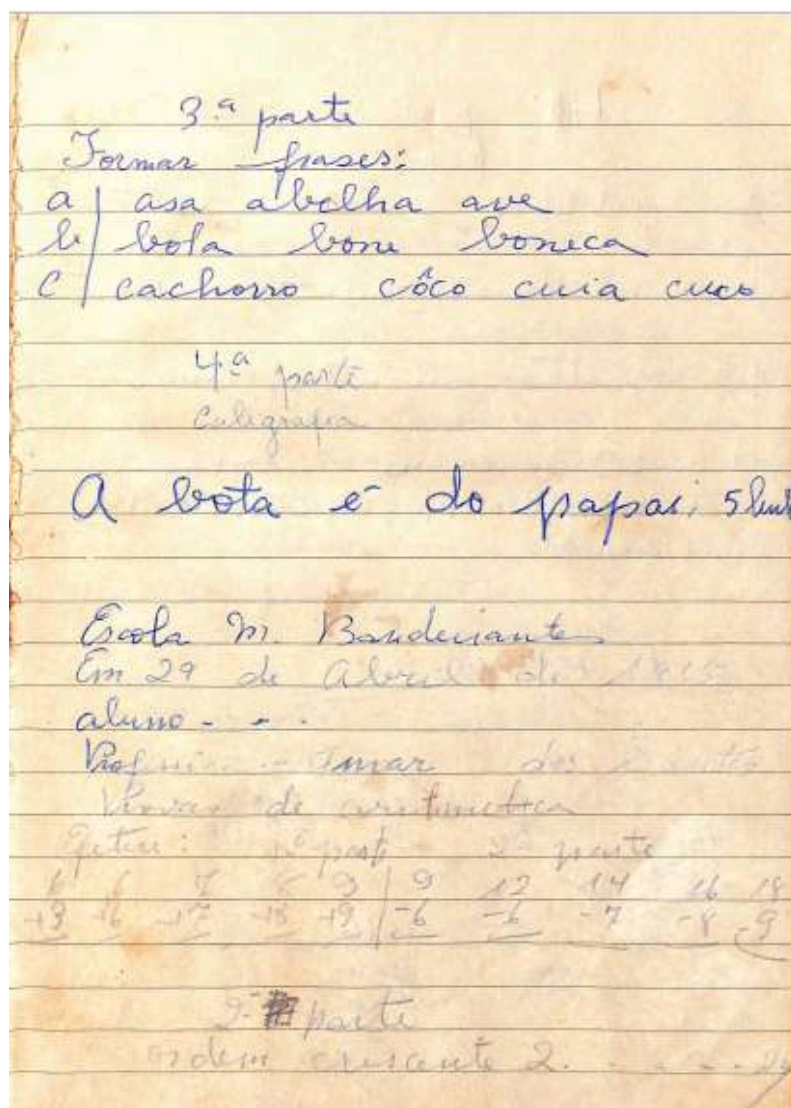


5	Escola Municipal Bandeirantes 28\ 4/ 65 Em Em 28 de Abril de 1965 aluno ... Professôra Agmar dos Santos 1^a parte copia
---	--

⁴⁸ Daqui até 65 em caneta de cor vermelha

10	jarra ja A jarra é bojuda Jiji jogou a cajuada da jarra. cajuada é de ca[j]jú. jôgo cajú
15	joga cajuada ja je ji jarra cajueiro jo jeca coqueiro ju jiboia isqueiro
20	2ª parte separar em sílabas: canela copo caneta leite bola caneca

Fólio 18 - R



5	3ª parte Formar frases: a) asa abelha ave b) bola bone boneca c) cachorro côco cuia cuca 4ª parte⁴⁹ caligrafia⁵⁰
10	A bola é do papai; 5 linha. Escola Municipal Bandeirantes⁵¹ Em 29 de Abril de 1965⁵² aluno ...⁵³

⁴⁹ A tinta caneta estava fraca nesta linha

⁵⁰ A tinta caneta estava fraca nesta linha

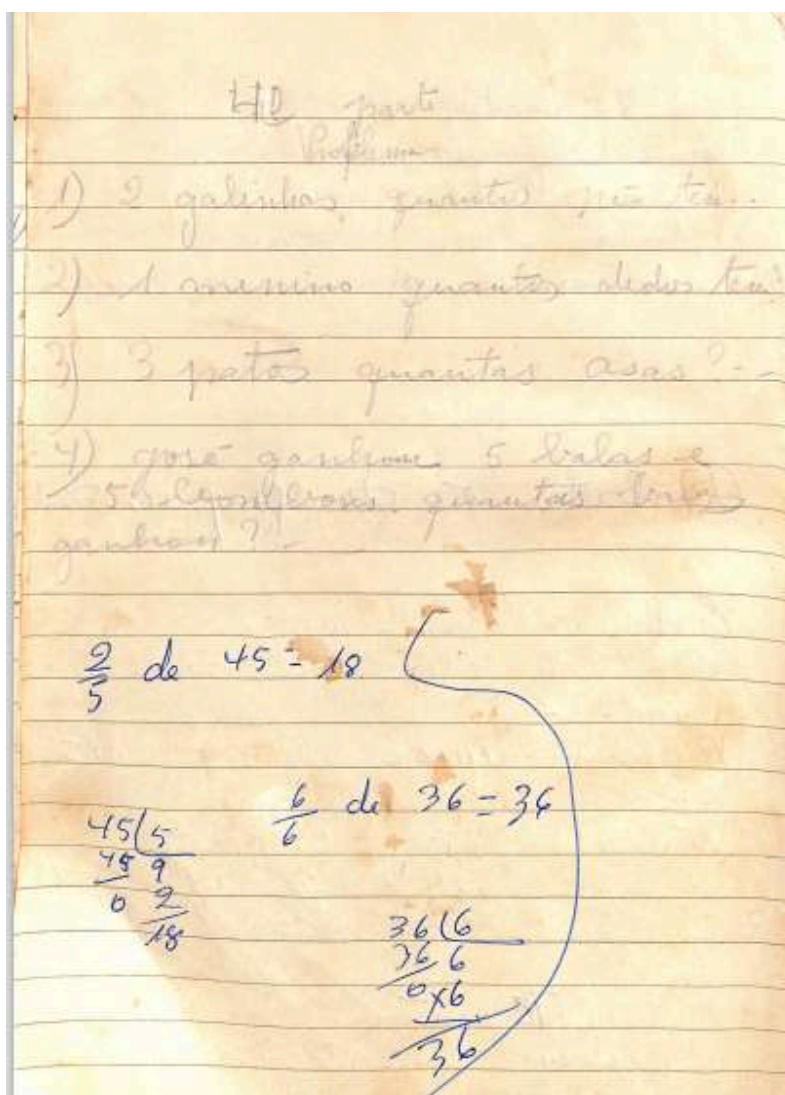
⁵¹ A tinta caneta estava fraca nesta linha

⁵² A tinta caneta estava fraca nesta linha

⁵³ A tinta caneta estava fraca nesta linha

15	Professôra Agmar dos Santos ⁵⁴
	⁵⁵ Prova de aritmetica
	Efetue:
	1ª parte
	6 6 7 8 9
20	+3 +6 +7 +8 +9
	— — — — —
	2ª parte
	9 12 14 16 18
	-6 -6 -7 -8 -9
	— — — — —
	2ª [ilegível] parte
	os demais crescente 2 2º

Fólio 18 - V



	[4] parte
	Pro[b]lema

⁵⁴ A tinta caneta estava fraca nesta linha

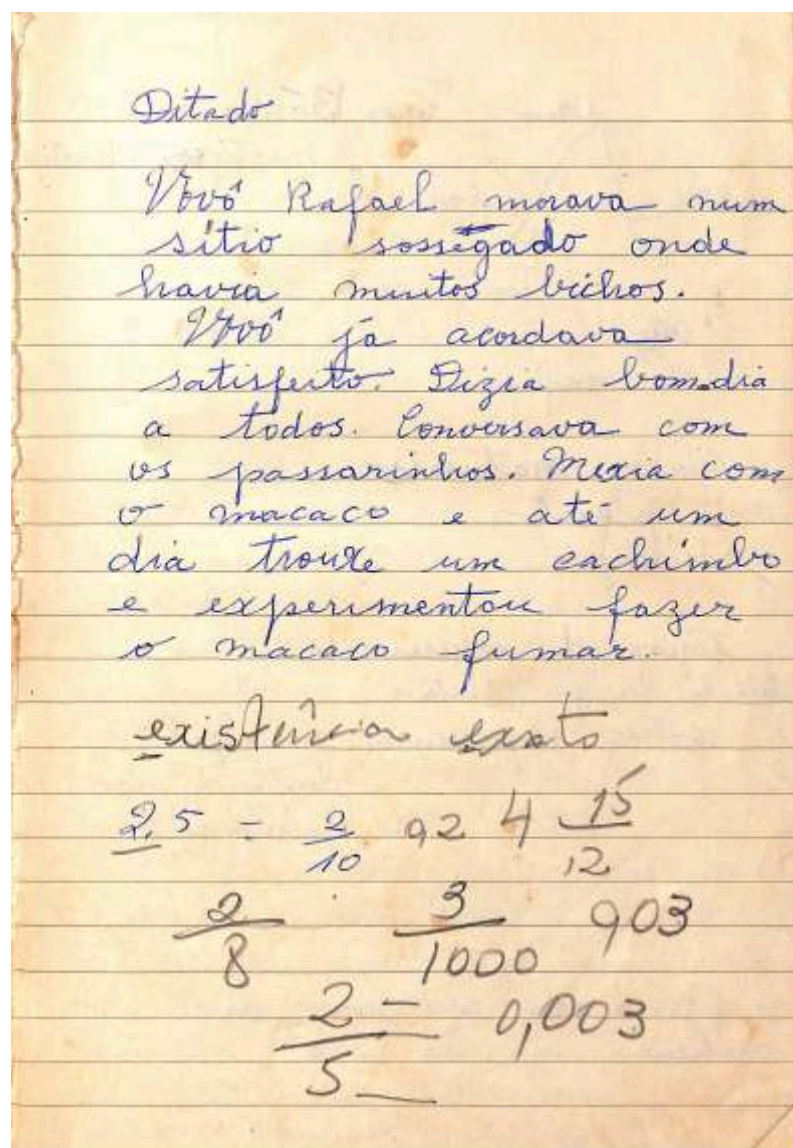
⁵⁵ Daqui em diante texto a lápis - nesta página

5	1) 2 galinhas quantas não tem... 2) A menina quantos dedos tem? 3) 3 patos quantas asas? ... 4) José ganhou 5 balas e 5 bombons. quantas balas ganhou? ... ⁵⁶	
10	⁵⁷ 2/5 de 45=18	6/6 de 36=36
15	45 [5 4[5]—— — 9 0 2 — 18	36 [6 36 — — 6 0 x6 — 36

⁵⁶ Do início até aqui, texto a lápis

⁵⁷ Daqui em diante, texto à caneta azul

Fólio 19 - R

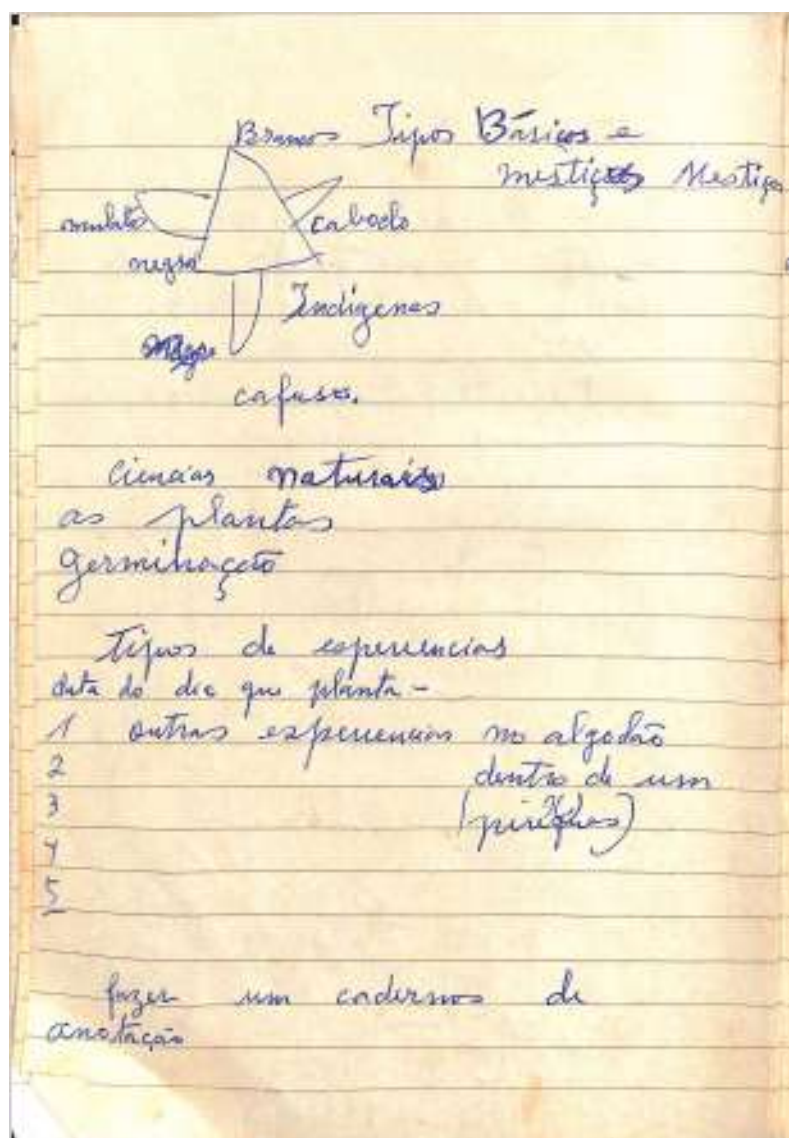


5	Ditado Vovô Rafael morava num sítio sossega[d]o onde havia muitos bichos. Vovô já acordava satisfeito. Dizia bom dia a todos. Conversava com os passarinhos. Mexia com o macaco e até um dia trouxe um cachimbo e experimentou fazer o macaco fumar.⁵⁸
10	

⁵⁸ Texto à caneta azul

15	existência exato ⁵⁹		
	$2.5 = 2/10^{60}$	⁶¹ 0,2	4 15
			, 2
20	2/8	3/1000	0,03
	2-5-	0,003	

Fólio 19 - V



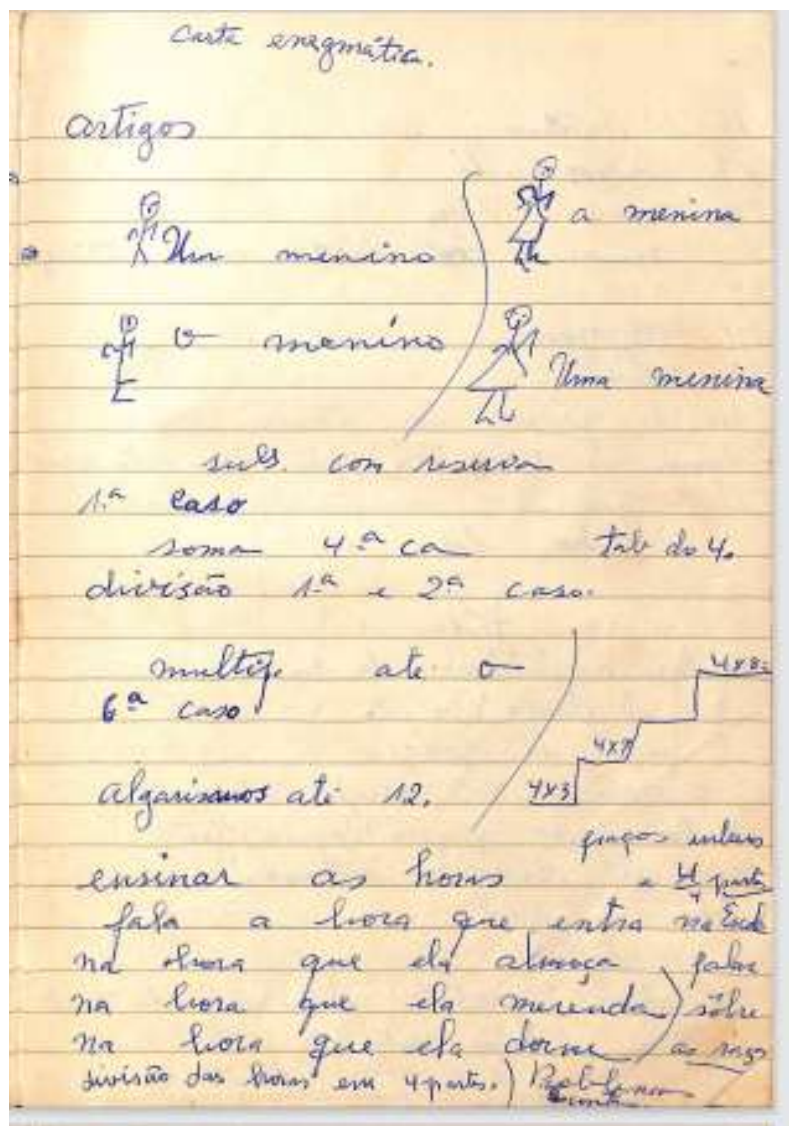
Tipos Básicos e

⁵⁹ Linha escrita a lápis⁶⁰ Escrita à caneta de cor azul⁶¹ Aqui em diante, texto escrito a lápis

5	Branços mestiç[os] Mestiças mulatos [ilustração]⁶² caboclo negros Indígenas Negro cafusos. Ciencias [naturais]
10	as plantas germinação Tipos de esperiencias data do dia que planta -
15	1 outras esperiencias no algodão 2 dentro de um 3 (peri<x>ques) 4 5 —
20	fazer um cadernos de anotação

⁶² Há uma ilustração no canto superior esquerdo da página

Fólio 20 - R



5	Carta enigmática. Artigos [ilustração]⁶³ Um menino [ilustração]⁶⁵ O menino Subtração com reserva 1ª [caso] Soma 4ª caso <i>tabuada</i> do 4.	[ilustração]⁶⁴ a menina [ilustração]⁶⁶ Uma menina
10	divisão 1ª e 2ª caso. multiplicação até o [6ª] cas[o]	4x8= 4x7

⁶³ Há uma ilustração de um menino

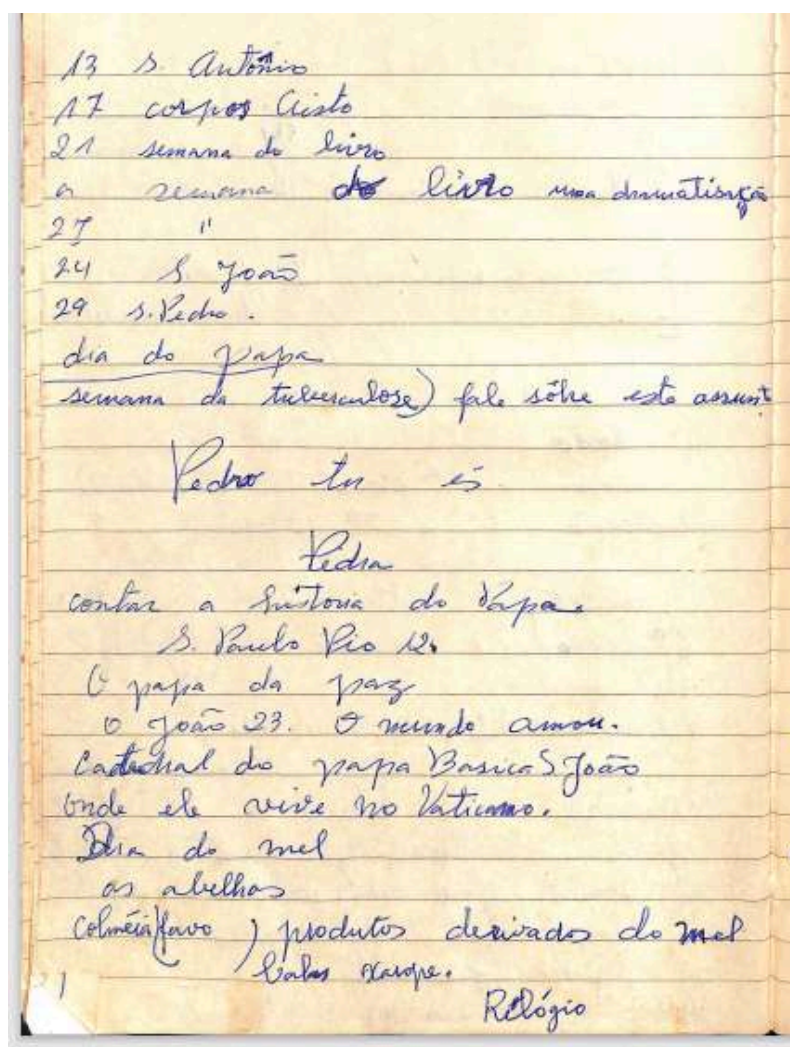
⁶⁴Há uma ilustração de uma menina

⁶⁵ Há uma ilustração de um menino

⁶⁶ Há uma ilustração de uma menina

15	Algaris[mo]s até 12. ensinar as horas fala a hora que entra na Escola na hora que ela almoça na hora que ela merenda na hora que ela dorme divisão das horas em 4 partes.	4x3 ⁶⁷ fraços inleiras e 4/4 partes falar sôbre as raças
20		Problemas [e] contas

Fólio 20 - V

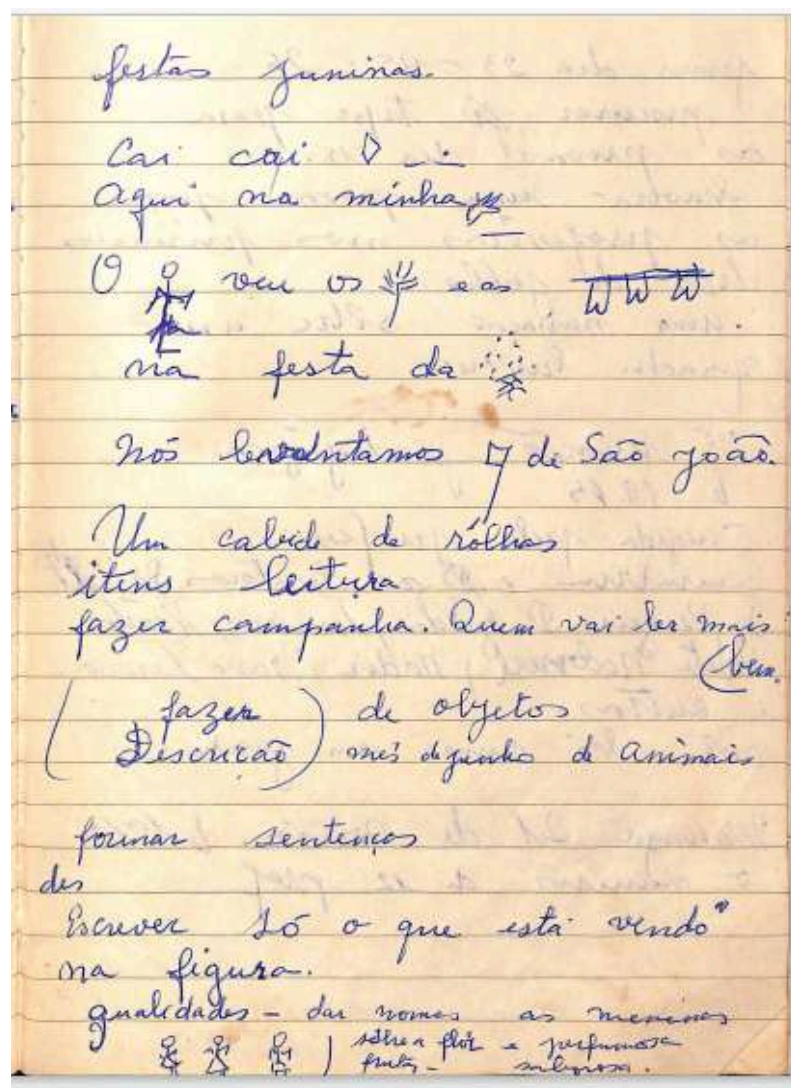


	13 Santo Antônio 17 corpo[s] Cristo 21 semana do livro
--	--

⁶⁷ As três operações estão como sobre uma escada

5	a semana do d[o] liv[r]o uma dramatiza[ç]ão 27 [semana do livro uma dramatização]
	24 São João
	29 São Pedro.
	<u>dia do Papa</u>
10	semana da tuberculose) fale sôbre este assunto Ped[ro] tu és Pedra
	contar a história do Papa.
	São Paulo Pio 12.
15	O papa da paz O João 23. O mundo amou.
	Ca[te]dral do papa Basica São João
	Onde ele vive no Vatica[n]o.
20	[D]ia do mel as abelhas colméia\favo) produtos de[r]ivados do [m]el bal[as] xarope.
25	Rélógio

Fólio 21 - R



5	festas juninas. Cai cai [ilustração] ⁶⁸ Aqui na minha [ilustração] ⁶⁹ O [[ilustração] ⁷⁰ viu as [ilustração] ⁷¹ e as [ilustração] ⁷² na festa da [ilustração] ⁷³ Nós le[va]ntamos [ilustração] ⁷⁴ de São João.
10	Um cabide de rólhas itens leitura fazer campanha. Quem vai ler mais (bem.

⁶⁸ Há uma ilustração de um bação

⁶⁹ Há uma ilustração de uma mão.

⁷⁰ Há uma ilustração identificável.

⁷¹ Há uma ilustração identificável

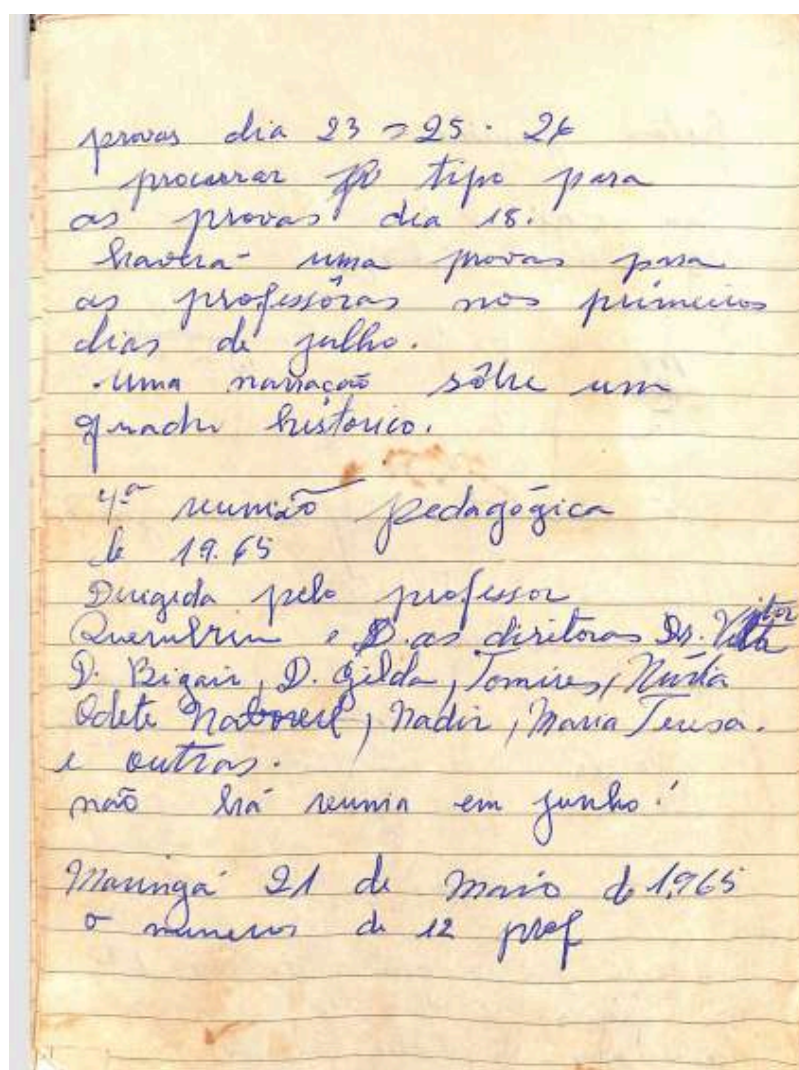
⁷² Há uma ilustração de bandeirinhas

⁷³ Há uma ilustração de uma fogueira, aparentemente.

⁷⁴ Há uma ilustração de uma bandeira.

15	(faz[er]) de objetos (Descrição) mês de junho de Animais formar sentenças des Escrever só o que está vendo na figura.
20	qualidades - dar nomes as meninas [ilustração] ⁷⁵ sobre a flor e perfumista frutas - saborosa.

Fólio 21 - V



	provas dia 23 = 25 - 26 procurar [ilegível] tipo para as provas dia 18.
--	---

⁷⁵ Há uma ilustração três meninas

5	haverá uma provas para as professôras nos primeiros dias de julho.
10	Uma narração sôbre um quadro historico. 4ª reunião pedagógica de 1965 Dirigida pelo professor Querubim e <i>Donas</i> as diretoras <i>Doutor V<↑itor></i>
15	<i>Dona</i> Bigail, <i>Dona</i> Gilda, Tamires, Núria Odete Naboreil, Nadir, Maria Teresa. e outras.
20	não há reunia em junho. Maringá 21 de maio de 1965 o numeros de 12 professoras.

Fólio 22 - R

Angelo Dorival Balisbol

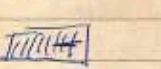
Sidnei Madi. 100 de
comi $\frac{2}{8}$ de um bolo. Que parte
sobrou

 $\frac{8}{8} - \frac{2}{8} = \frac{6}{8}$

Tenho $\frac{2}{5}$ quanto falta para
o inteiro? $\frac{5}{5} - \frac{2}{5} = \frac{3}{5}$

 = falta $\frac{3}{5}$

$\frac{6}{8} + \frac{2}{8} + \frac{3}{8} = \frac{11}{8} =$

 +  + 

$\frac{2}{5}$ de 20 =

divide o nº pelo denominador e
multiplica por o numerado

$$\begin{array}{r} 20 \overline{) 5} \\ 20 \underline{4} \\ 5 \underline{4} \\ 1 \end{array}$$

5	Angelo Dorival Balisbol 100 deve Sidnei Madi. 100 de ⁷⁶ ⁷⁷ comi $\frac{2}{8}$ de um bolo. Que parte sobrou [ilustração] ⁷⁸ $\frac{8}{8} - \frac{2}{8} = \frac{6}{8}$ Tenho $\frac{2}{5}$ quanto falta para o inteiro?
10	$\frac{5}{5} - \frac{2}{5} = \frac{3}{5}$ [IIII] = falta $\frac{3}{5}$ $\frac{6}{8} + \frac{2}{8} + \frac{3}{8} = \frac{11}{8} =$ [IIIIII] + [IIIIII] + [IIIIII]
15	20 [5 20 — — 4

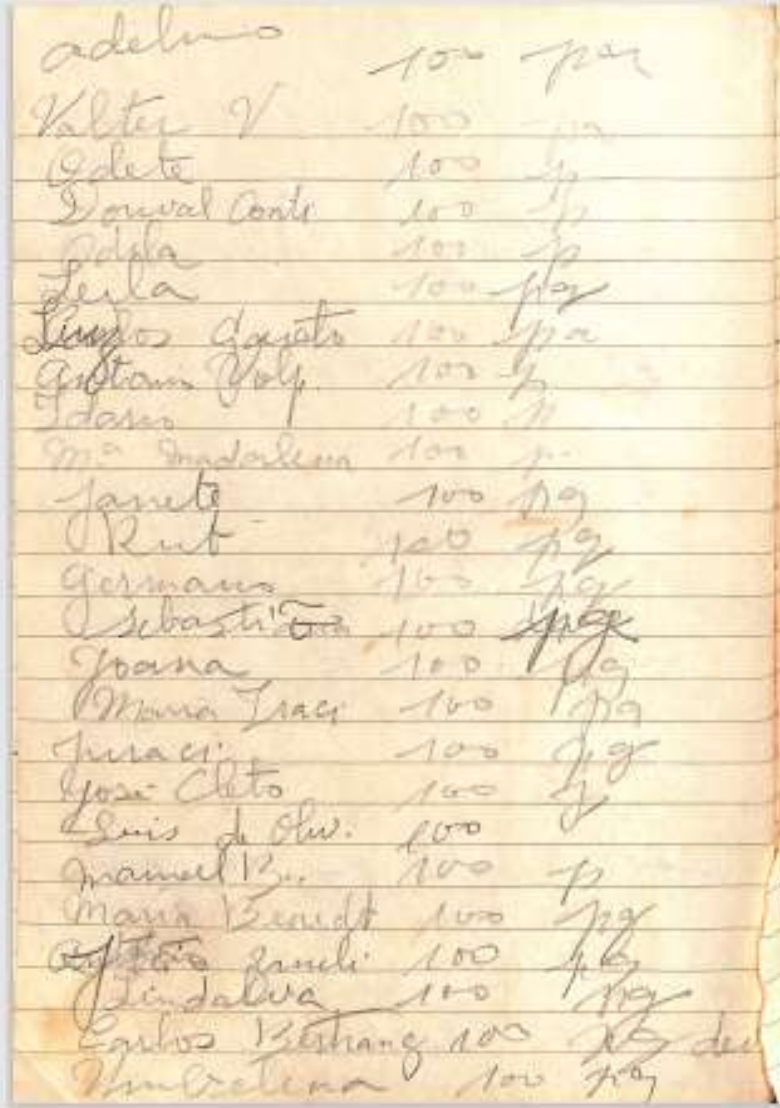
⁷⁶ Da primeira palavra até aqui a escrita está a lápis

⁷⁷ Daqui em diante, texto à caneta de cor azul

⁷⁸ Ilustração, provavelmente de um bolo retangular partido

20	$\begin{array}{r} 0 \times 2 \\ \hline 8 \end{array}$ 2/5 de 20= divide o 3º p[e]l[o] denominador e multiplica por o numerado
----	---

Fólio 22 - V



A handwritten list on lined paper, likely a ledger or account book. The entries consist of names followed by the number '100' and a word indicating payment, such as 'pago' or 'pag'. The names are written in cursive and include: Adelino, Valter V, Odete, Dorival Conti, Odila, Leila, Lúcio Augusto, Antônio Volp, Idemar, Sr. Madalena, Janete, Ruit, Germano, Sebastião, Joana, Maria Traci, Juraci, José Clito, Luis de Olv., Manoel B., Maria Benedit, Antônio Ameli, Lindalva, Carlos Kisthang, and Ambrósia.

5	Adelino 100 pago Valter V 100 pago Odete 100 pago Dorival Conti 100 pago Odila 100 pago Leila 100 pago
---	---

10	[Carlos Luiz] Garoto 100 pago
	Antonio Volp. 100 pago
	Idario 100 pago
	<i>Maria</i> Madalena 100 pago
	Janete 100 pago
15	Rut 100 pago
	Germano 100 pago
	Sebasti[ão] 100 [pago]
	Joana 100 <i>pago</i>
20	Maria Iraci 100 pago
	Juraci 100 pago
	José Cleto 100 <i>pago</i>
	Luis de Oliv. 100
	Manoel B. 100 <i>pago</i>
25	Maria Benedit 100 pago
	[João] Zaneli 100 pago
	Lindalva 100 pago
	Carlos Bertrang 100 pago deve
	Umbelina 100 pago ⁷⁹

⁷⁹ Página inteira escrita a lápis

Fólio 23 - R

Dr. Vitor
 Meu filho Antônio, fez
 exame de admissão na 2ª época
 e ouve uma confusão êle fez
 uma matéria que havia pas-
 sado e ficou outra que êle
 precisava fazer e não fez.
 Peço o senhor um grande
 favor de telefonar ao ~~Profes~~
 Diretor Cherubim pedindo
 a êle uma colaboração para
 o menino ele vai perder
 um ano de estudo por não
 não ter feito uma matéria
 ele passou em todas as
 outras e passaria nesta
 que êle não fez. Peço o
 senhor pelo nome de Deus
 dar um jeito para mim.
 Agradeço sinceramente
 Prof. Aguiar dos S.

5	Doutor Vitor Meu filho Antônio, fez exame de admissão na 2ª época e ouve uma confusão êle fez uma matéria que havia pas- sado e ficou outra que êle precisava fazer e não fez.
10	Peço o senhor um grande favor de telefonar ao Profes Diretor Cherubim pedindo a êle uma colaboração para
15	o menino ele vai perder um ano de estudo por não não ter feito uma matéria

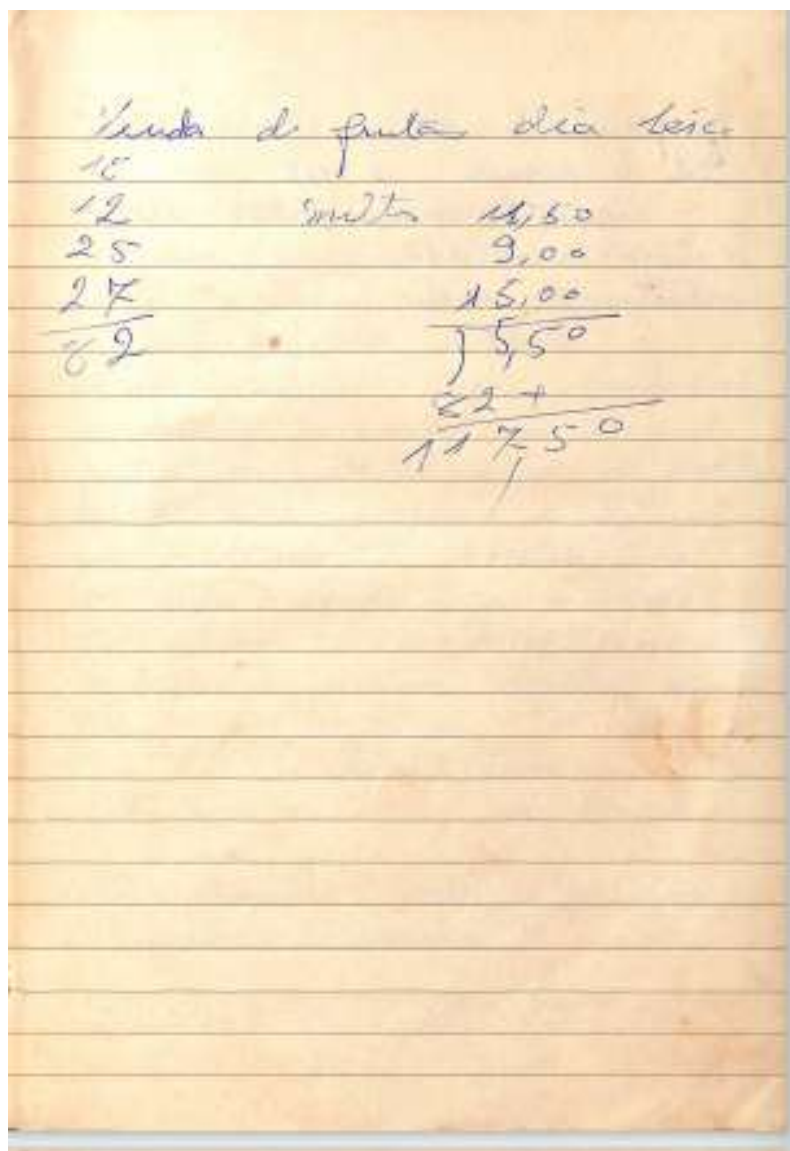
20	ele passou em todas as outras e passaria nesta que êle não fez. Peço o senhor pelo mor de Deus dar um geito para mim Agradeço sinceramente
25	<i>Professora Agmar dos Santos.</i>

Fólio 23 - V



[fólio em branco]

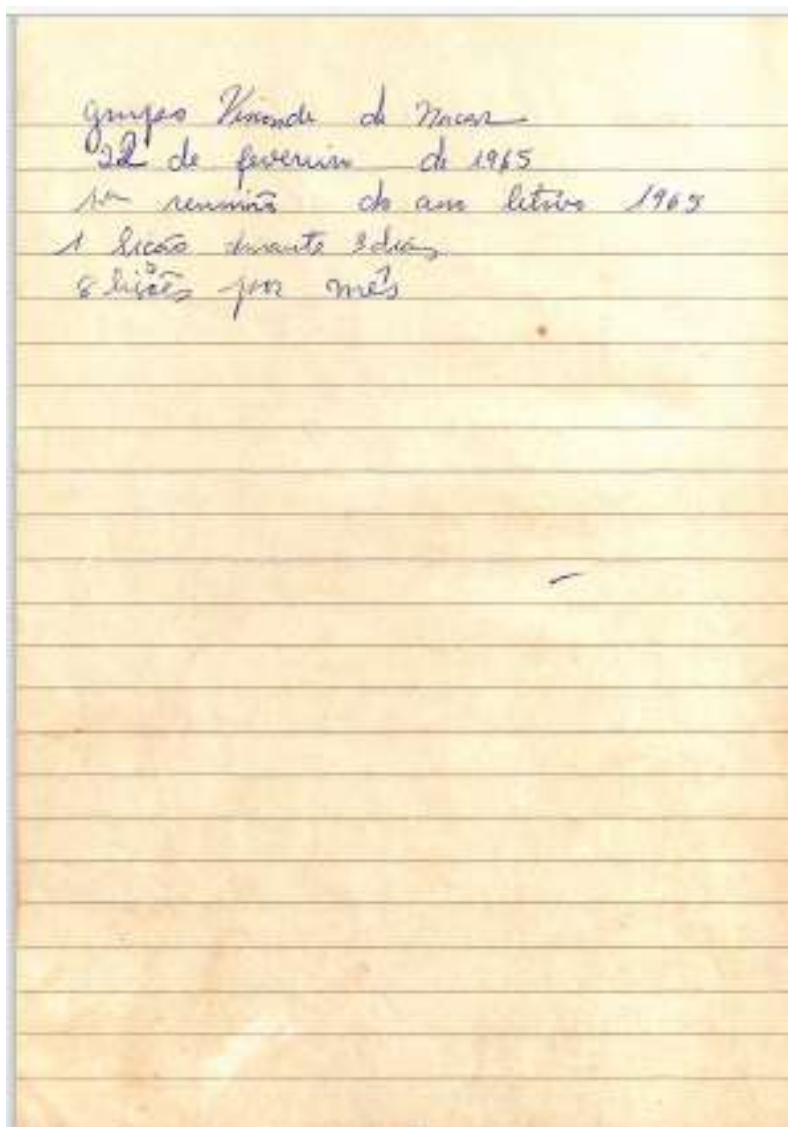
Fólio 24 - R



	Venda de frutas dia terça
	18
	12 multa ↓1 ⁸⁰ ↑1,50
	25 9,00
5	27 15,00
	—
	82 35,50
	82 +
10	—
	117,50

⁸⁰ Reserva da operação da adição

Fólio 24 - V



5	grupo Visconde de Nacar 2[2] de fevereiro de 1.965 1ª reunião do ano letivo 1965 1 lição durante 3 dias 8 lições por mês
---	--

Fólio 25 - R

Escola Isolada Bandeirantes

As 9.30 h As professoras
Agmar dos Santos e Angela
Sanches Fernandes iniciamos
a entrega dos Boletins:

Em primeiro lugar cantamos
o hino Nacional em seguida
entrei os boletins 1º o boletim
do 3º ano, depois os 2º ano
por ultimo os boletins de
1º ano sendo promovido
29 alunos para o 2º ano.

Distribui premios aqueles que
tiram os 1º lugares 1º premio
2º e 3º. Finalmente encerramos
cantamos o hino da Bandeira.

Prof.ª Agmar dos Santos
e Angela Sanches F.

Novembro de 1965

5	Escola Isolada Bandeirantes As 9.30 horas As professoras Agmar dos Santos Angela Sanches Fernandes iniciamos a entrega dos boletins:
10	Em primeiro lugar cantamos o hino Nacional em seguida entrei os boletins 1ª os boletins do 3ª ano, depois os 2ª ano por ultimo os boletins de 1ª ano sendo promovido 29 alunos para o 2ª ano.
15	Distribui premeios aqueles que tiram os 1ª lugares 1ª premio 2ª e 3ª. Finalmente encerramos

20	cantamos o hino da bandeira. Professora Agmar dos Santos e Angela Sanches Fernandes. Novembro de 1965
----	--

Fólio 25 - V



5	[A] página com a letr[a]’as
---	--

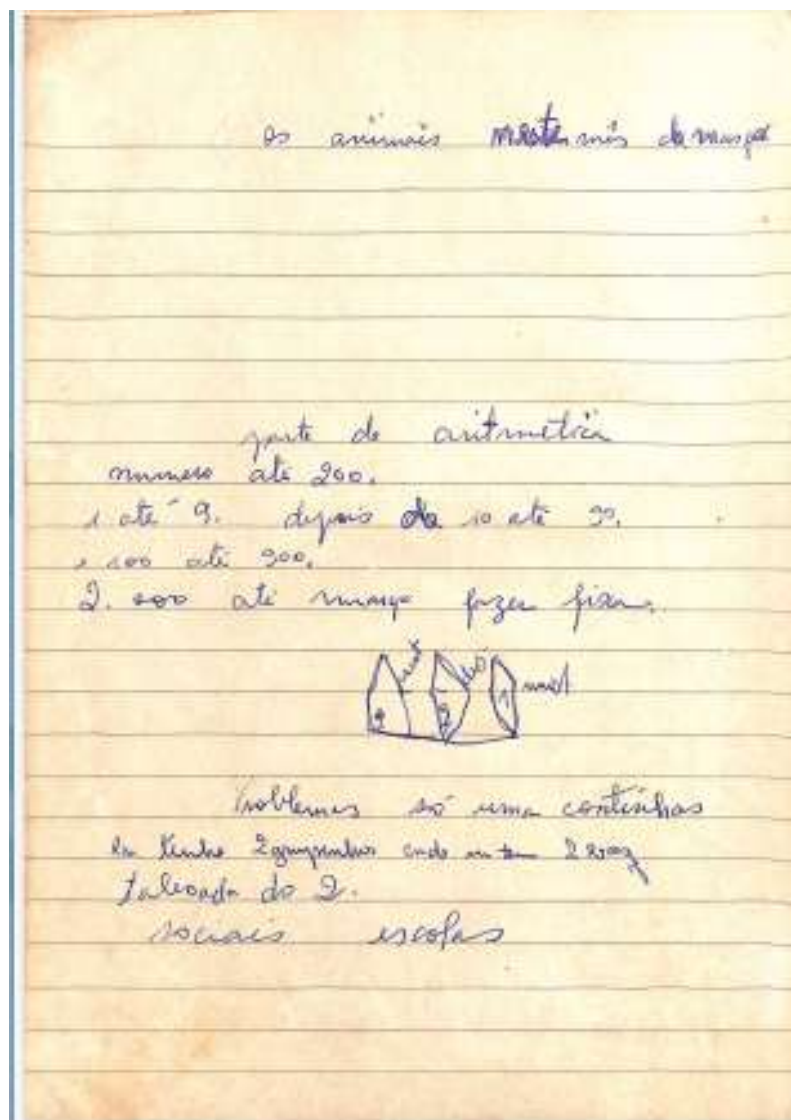
Fólio 26 - R



5	B balão [ilustração] ⁸¹
---	--

⁸¹ Ilustração de um balão

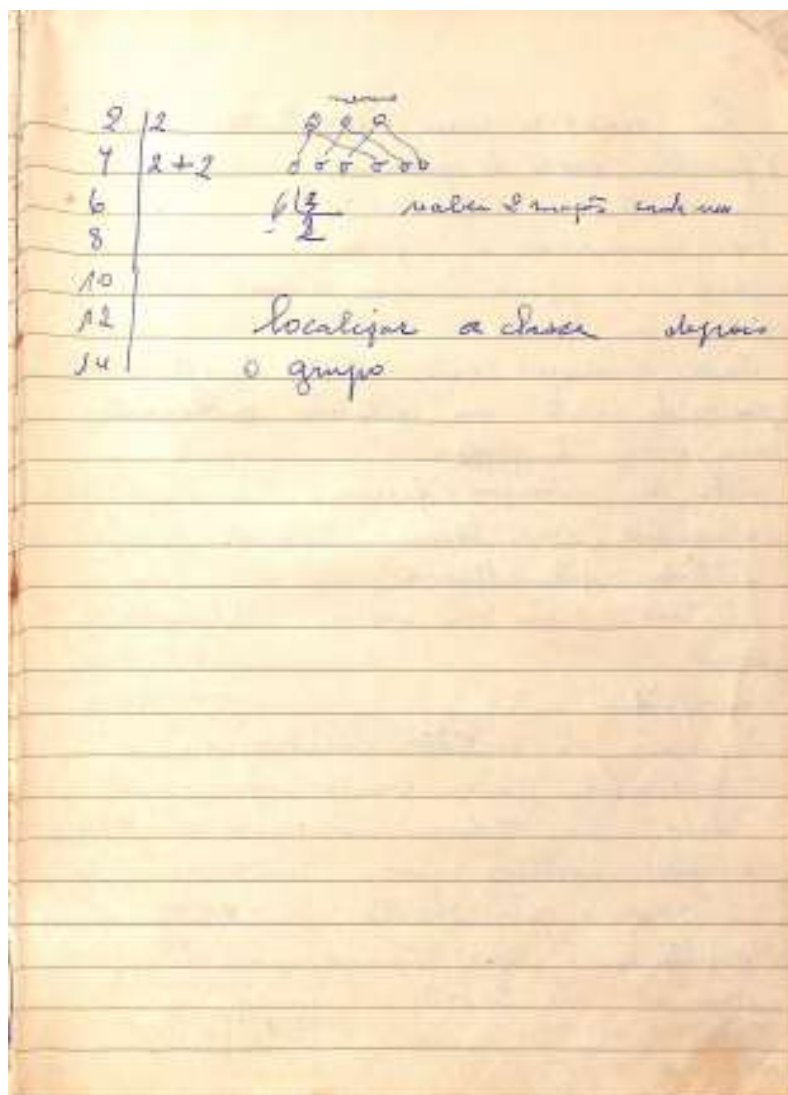
Fólio 26 - V



5	os animais [neste] mês d[e] [m]arç[o] parte de aritmética numero até 200. 1 até 9. dep[o]is [do] 10 até 90. e 100 até 900. 2.000 até março fazer fixa. 2 centenas 2 dezena 1 unidade ⁸²
10	Problemas só uma continhas eu tinha 2 grupinhos cada um tem 2 barquinhos taboada do 2. socials escolas

⁸² Numerações estão em meio a uma ilustração

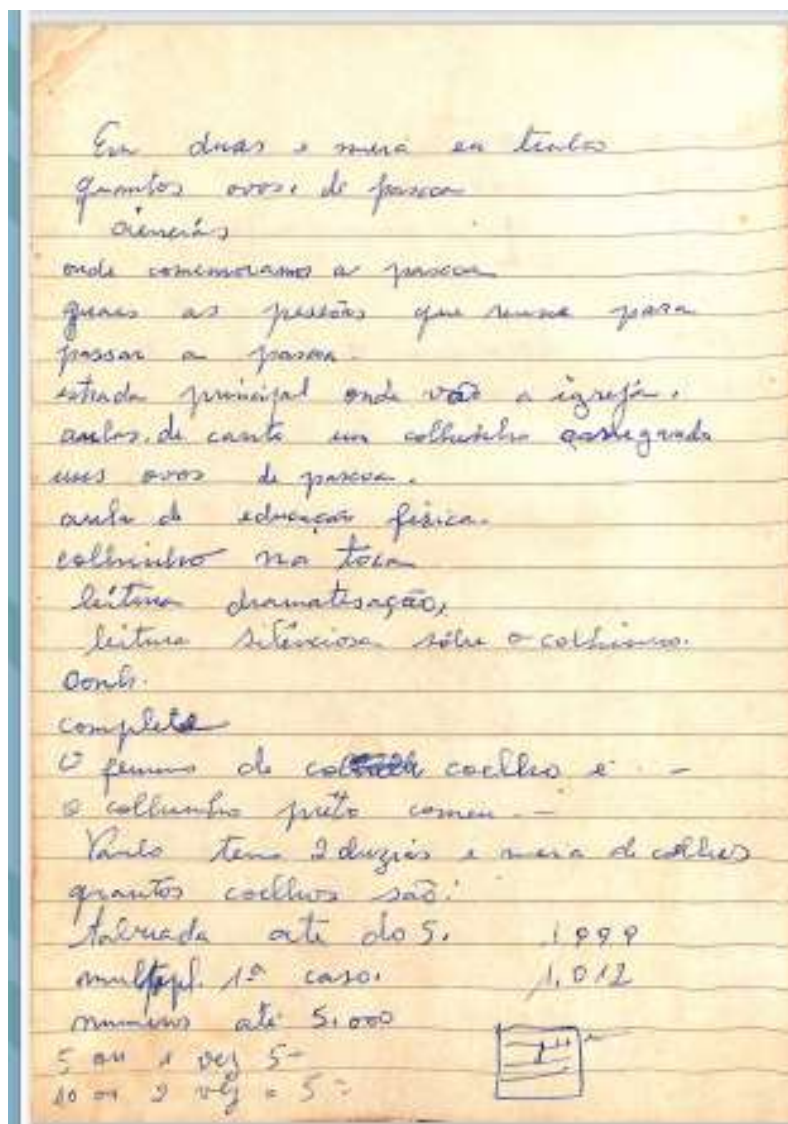
Fólio 27 - R



5	2 2	menino
	4 2+2	[ilustração] ⁸³
	6	6 [[3]
	8	- — sobrou 2 maçãs cada um
	10	[2]
	12	
	14	localizar [a] classe depois o grupo
10		

⁸³ Há uma ilustração ilegível aqui

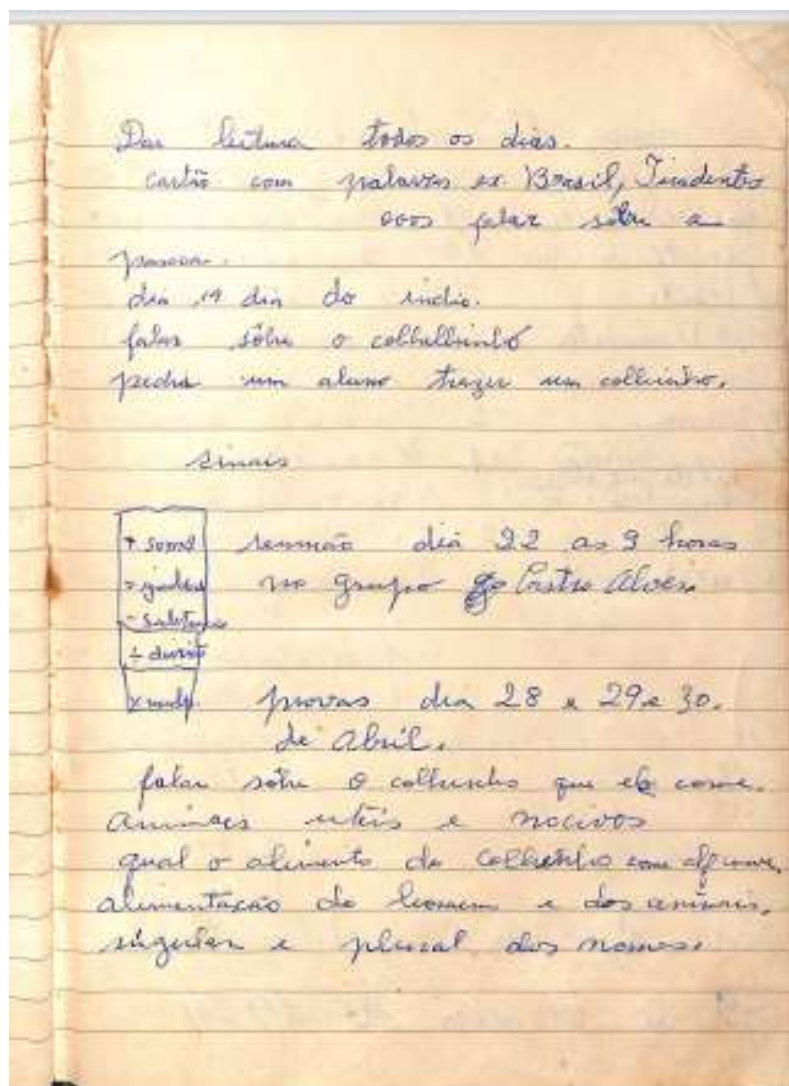
Fólio 27 - V



5	Em duas e meia eu tenho quantos ovos. de páscoa ciências
10	onde comemoramos a páscoa quais as pessoas que reune para passar a páscoa. entrada principal onde v[ã]o a igreja. a[u]las. de canto um colhinho ca[rr]egando uns ovos de páscoa.
15	aula de educação física. colhinho na toca leitura dramatização, leitura silenciosa sôbre o colhinho. conhecimento complet[e]

	O feminino de colhinh-coelho é... O colhinho preto comeu ... Paulo tem 2 duzias e meia de coelhos quantos coelhos são: tabuada até do 5. 1999 multiplicação 1ª caso. 1.012 números até 5. ovo 5 ou 1 vez 5= [ilustração]⁸⁴ 10 ou 2 vez o 5=
--	--

Fólio 28 - R



	Dar leitura todos os dias. Cartão com palavras exemplo Brasil, Tiradentes
--	---

⁸⁴ Há uma ilustração aqui de uma folha de caderno

5	ovos falar sô[br]e a pascoa. dia 19 dia do índio. falar sôbre o colhinho pedi[r] um aluno trazer um colhinho.
10	Sinais⁸⁵ + soma reunião dia 22 as 9 horas = igualdade no grupo ga-Castro Alves. - subtração ÷ divisão
15	x multiplicação provas dia 28 e 29 e 30. de Abril. falar sôbre o colhinho que eles come. animais uteis e nocivos
20	qual o alimento do colh[in]ho come <i>alface</i> couve. alimentação do homem e d[o]s animais. singular e plural dos nomes.

⁸⁵ Os sinais estão dentro de uma caixa desenhada à caneta de cor azul

Fólio 28 - V

nomes dos alunos 2. ^a ano		
1 Odete Arcanjo	12 anos	28. 1. ^o 65.
2 U[m]belina	11	1 ccccccccccc
3 Janete de Olu	10	1 ccccccccc
4 Rute	9	1 ccccccccc
5 M. ^a Benedita	12	1 ccccccccc
6 Maria Iraci	12	1 ccccccccc
7 Joana	12	cccccccccccc
8 Alej Jargão	11	4 ccccccccc
9 Maria José. <†Lindalva Alves B>	13	1 ccccccccccc
10 Madalena	10	1 ccccccccccc
11 Atônita Kato	8	1 ccccccccccc
presenças		
12	120	
10	presenças	
120	fim.	
falta —		
Escola Esolada Bandurantes		
28 de janeiro de 1964		

5	nomes dos alunos 2 ^a ano	
	1 Odete Arcanjo 12 anos 28 - 1 ^o 65.	
	2 U[m]belina 11 anos ccccccccccc	
	3 Janete de Oliveira 10 anos ccccccccc	
	4 Rute 9 anos ccccccccc	
10	5 Maria Benedita 12 anos ccccccccc	
	6 Maria Iracia 12 anos ccccccccc	
	7 Joana 12 anos ccccccccccccc	
	8 Alej Jargão 11 anos ccccccccccc	
	9 Maria José. <†Lindalva Alves B> 13 anos ccccccccccc	
15	10 Madalena 10 anos ccccccccccc	
	11 Atônita Kato 8 anos ccccccccccc	
		presenças
		120
		presenças

20	femininas falta _____
25	12 10 — 120 Escola [I]solada Bandeirantes 28 de Janeiro de 1964

Fólio 29 - R

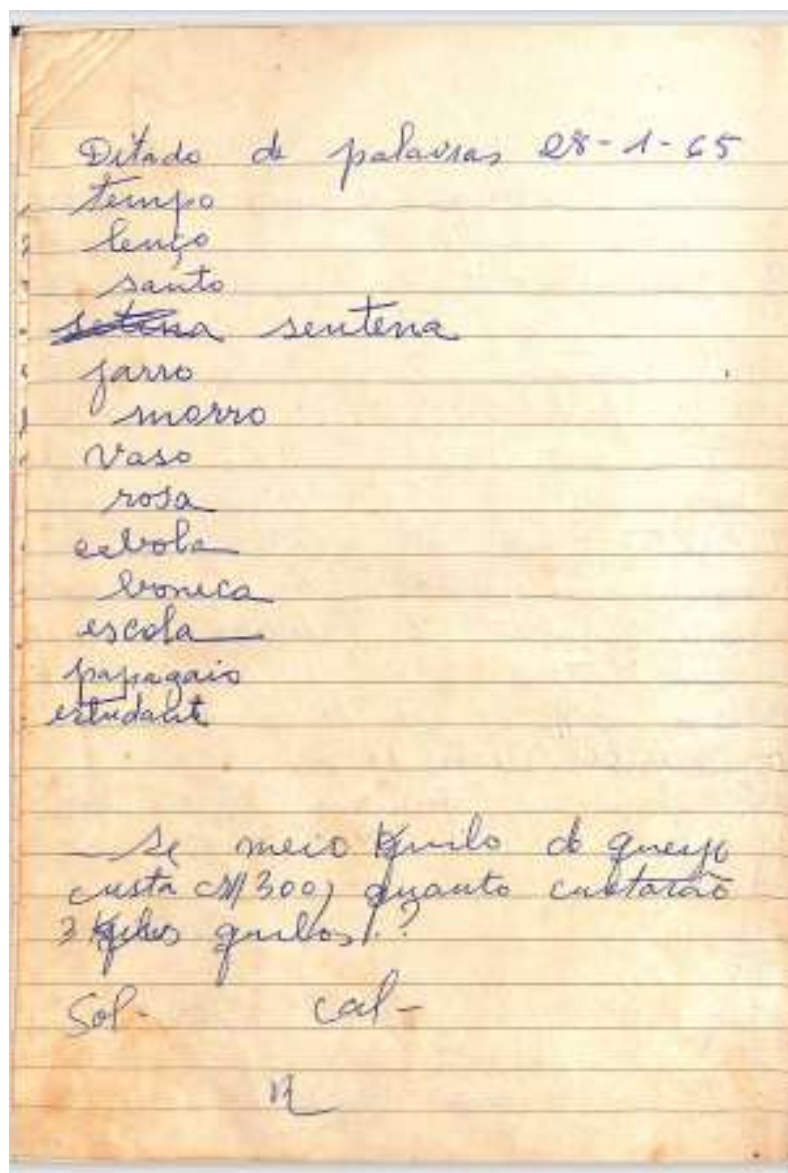


	nomes dos alunos masculinos 1 Idario de Souza 11 anos c c c c c c c 2 João Zanelli 9 ano c c c c c c c
--	--

5	3 Dorival conte 8 <i>anos</i> c c c c c c c c
	4 José Cleto 9 <i>anos</i> c c c c c c c c
	5 Carlos Bertrange 8 <i>anos</i> c c c c c c c c
	6 Luis Carlos G. 9 <i>anos</i> c c c c c c c c
	7 Antonio Volp. 11 <i>anos</i> c c c c c c c c
10	8 Luis Ap. 9 <i>anos</i> c c c c c c c c
	9 Valter Varg 10 <i>anos</i> c c c c c c c c
	10 Mario Taqueda 9 <i>anos</i> c c c c c c c c
	11 Luis Suquita [9] <i>anos</i> c c c c c c c c
	12 Varelo Kato 10 <i>anos</i> c c c c c c c c
15	1[3] Mario Yo[hi]da 9 ano <i>anos</i> c c c c c c c c
	[1]4 Ma[no]el Messia 11 <i>anos</i>
	15 Germano Tornarari
20	
25	14
	12
	—
	28
	14
	—
30	16[8]
	28 de Janeiro de 1968

presenças
168
masculinos
falta _____

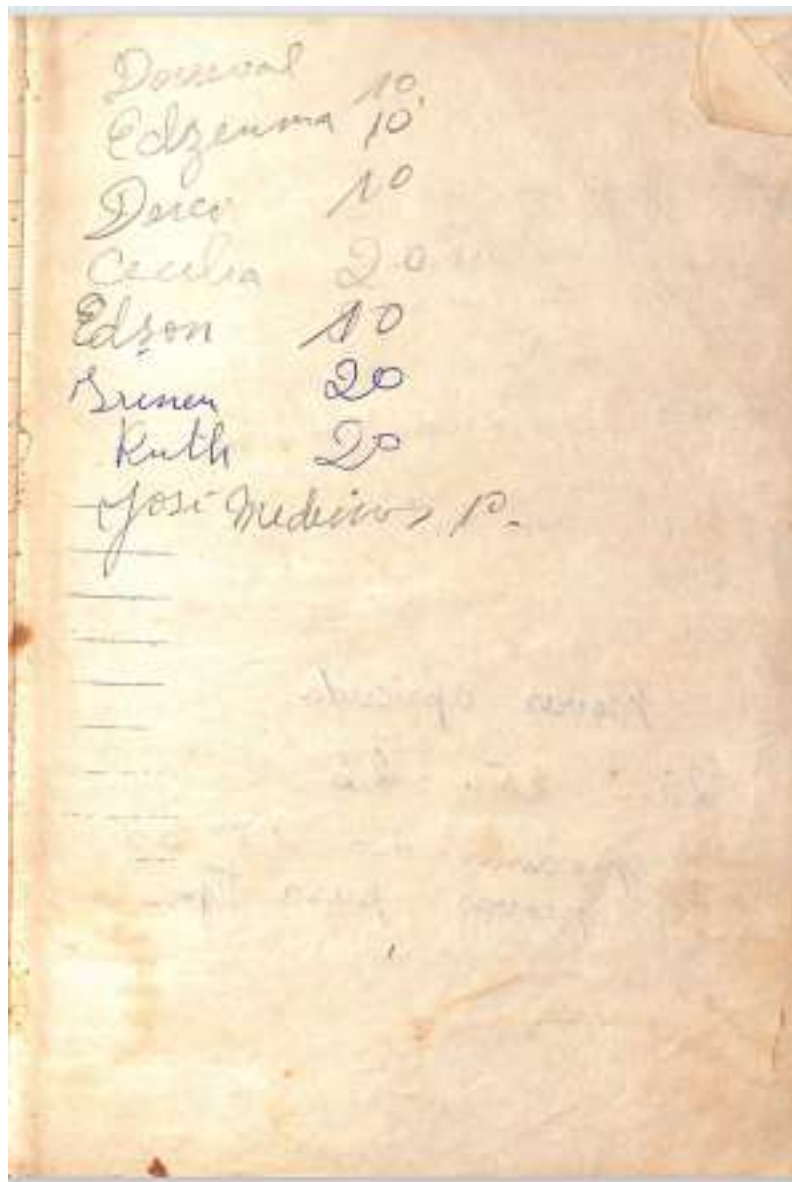
Fólio 29 - V



5	Ditado de palavras 28 - 1 - 65 tempo lenço santo setena sentena
10	jarro morro vaso rosa cebola boneca escola
15	papagaio

20	estudante se meio quilo de queijo custa Cr\$ 300, quanto custarão 3 kilo-quilos.? Solução Cálculo Resposta
----	---

Fólio 30 - R



5	Dorival Edzeuma 10. 10 Derci 10 Cecilia 20
---	---

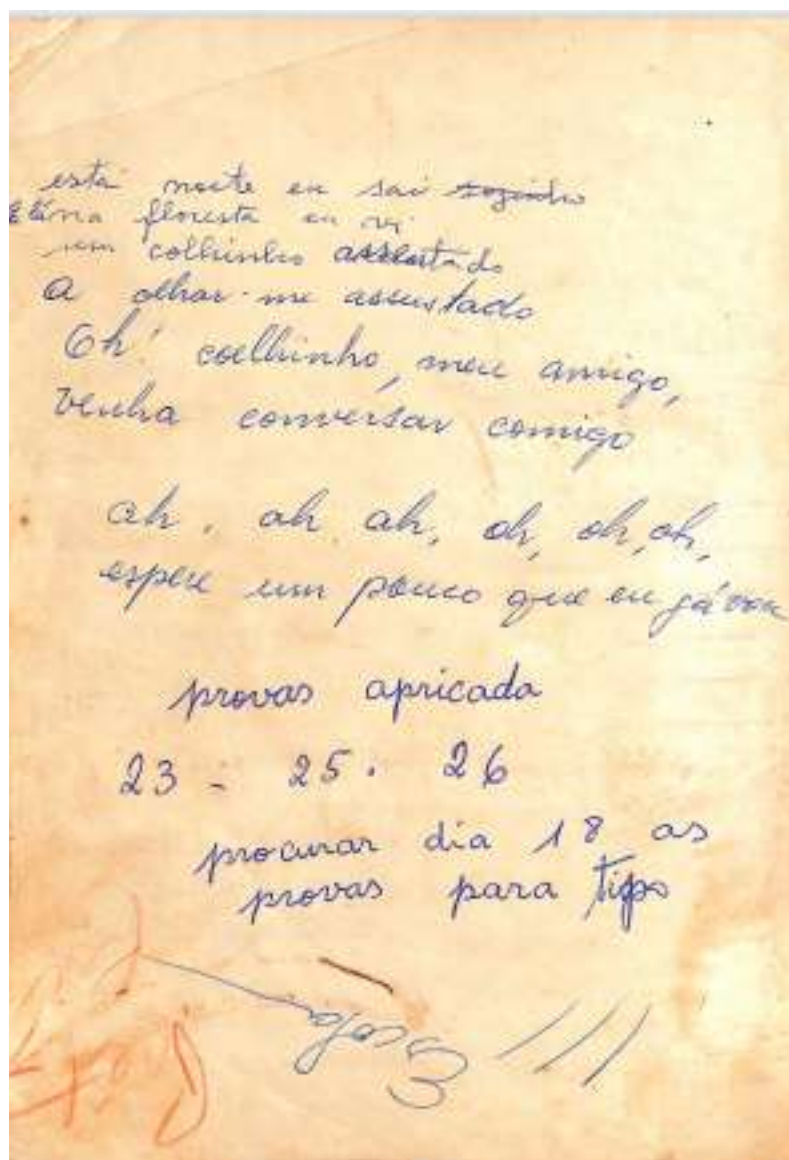
10	Edson [1]0 ⁸⁶ Irineu 20 Ruth 20 ⁸⁷ José Medeiros 10 ⁸⁸ .
----	--

⁸⁶ Até aqui, escrita a lápis

⁸⁷ De Irineu até aqui, escrita à caneta azul

⁸⁸ Linha escrita a lápis

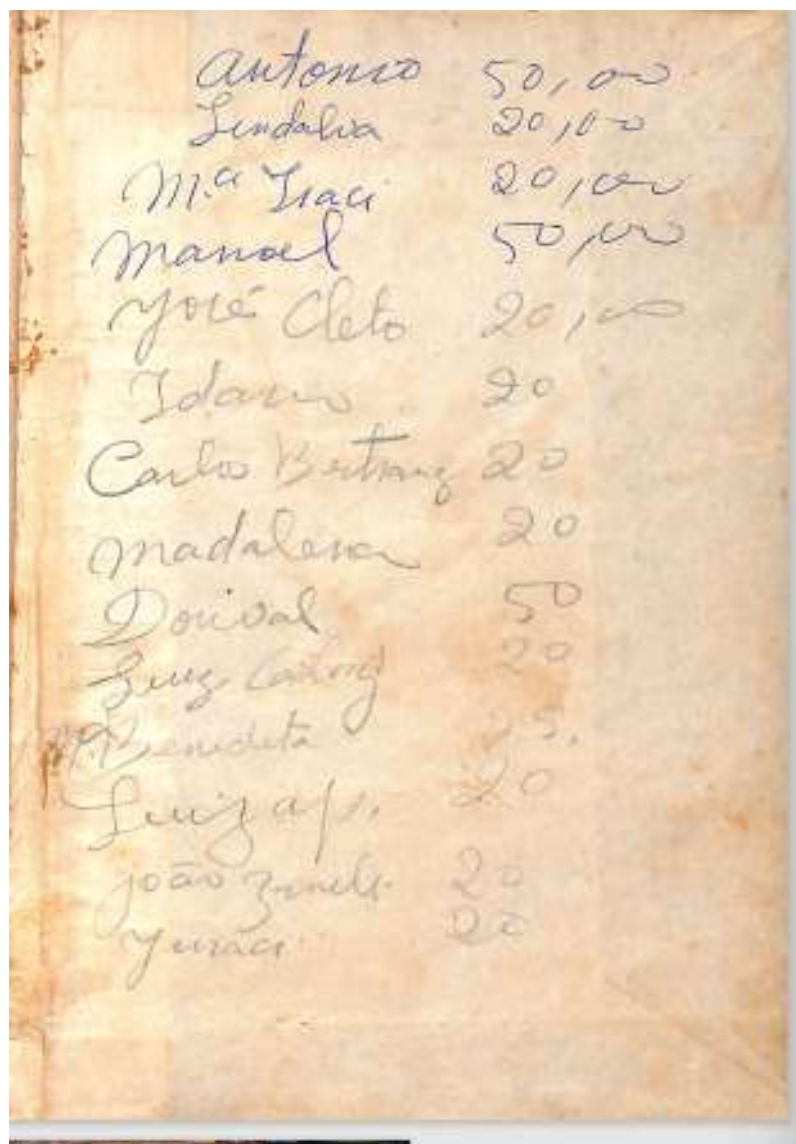
Fólio 30 - V



5	está noite eu sai sozinho E lá na floresta eu vi um colhinho assustado A olhar-me assustado Oh! coelhinho, meu amigo venha conversar comigo ah, ah, ah, oh, oh, oh, espere um pouco que eu já vou provas apicada 23 - 25 - 26 procurar dia 18 as provas para ti[p]o Escola⁸⁹
---	--

⁸⁹ Palavra escrita invertida

Fólio 31 - R



A photograph of a handwritten list on aged, yellowed paper. The list consists of names followed by numerical values, some with decimal points. The handwriting is in cursive. The entries are: Antonio 50,00; Lindalva 20,00; M.^a Iraci 20,00; Manoel 50,00; José Cleto 20,00; Idario 20; Carlos Bertrang 20; Madalena 20; Dorival 50; Luiz Carlos G. 20; Benedita 25; Luiz Ap. 20; João Zambeli 20; Yuraci 20.

Antonio	50,00
Lindalva	20,00
M. ^a Iraci	20,00
Manoel	50,00
José Cleto	20,00
Idario	20
Carlos Bertrang	20
Madalena	20
Dorival	50
Luiz Carlos G.	20
Benedita	25
Luiz Ap.	20
João Zambeli	20
Yuraci	20

5	Antonio 50,00
	Lindalva 20,00
	Maria Iraci 20,00
	Manoel 50,00 ⁹⁰
	⁹¹ José Cleto 20,00
10	Idario 20
	Carlos Bertrang 20
	Madalena 20
	Dorival 50
	Luiz Carlos G. 20
	Benedita 25.
	Luiz Ap. 20

⁹⁰ Até aqui, escrita à caneta azul

⁹¹ Daqui em diante, escrita a lápis

15	João Zaneli 20 Juraci 20
----	-----------------------------

Fólio 31 - V



4.2.5 Desvios revisados por Dona Agmar no *Livro de Pontos e Reuniões*

Nesta subseção, procederemos à análise dos desvios revisados por Dona Agmar no *Livro dos pontos e reuniões*. Essas correções foram efetuadas diretamente no texto, tornando-se testemunhas visíveis do movimento genético do texto. As revisões realizadas visavam aprimorar a qualidade do texto e seus aspectos estruturais, adequando a linguagem para o padrão e favorecendo a leitura e compreensão do material.

A análise dos desvios revisados revelou quatro categorias, considerando Blecua (1983): os desvios por adição, os por omissão, um por alteração e os por substituição. A consolidação dos resultados está apresentada na Tabela 4:

Tabela 4: Desvios revisados - Livro de Pontos e Reuniões

Tipo	Qtd.	%
adição	13	13%
omissão	9	9%
alteração	1	1%
substituição	77	77%
Total geral	100	100%

Fonte: Autoria própria

Os desvios provocados por substituições foram os mais comuns, respondendo por 77% do total. Nos exemplos (14) e (15) podemos observar duas dessas ocorrências:

(14) isolada -> [I]solada (fólio 28- V)

(15) 5[número não legível]0 -> 5[2]0 (fólio 14 - R)

Ao olhar os exemplos acima, nota-se que em (14) a professora faz uma substituição de uma letra em sua forma minúscula para a forma maiúscula, realizando a alteração sobre o texto inicial. Já em (15) ocorreu a troca de um número ilegível por outro por sobreposição, resultante de um deslize na escrita.

Além disso, também identificamos as correções realizadas em função da adição de elementos linguísticos supérfluos ou inadequados, que correspondem a 13% do total de revisões. Abaixo listamos dois exemplos desse tipo, em (16) e (17):

(16) sugestão sôbre[s] os pontos -> sugestão sobre os pontos (fólio 15 - V)

(17) está noite eu sai ~~sozinho~~ -> está noite eu sai sozinho (fólio 30- V)

É possível observar que em (16) ocorreu a exclusão de s da palavra, equivocadamente inserido. Essa emenda ortográfica restabeleceu a gramaticalidade da palavra, que é invariável e não poderia apresentar marca de número. Já no exemplo (17), a revisão resultou no corte da palavra sozinho, modificando o texto original.

Ainda, encontramos 9 casos (9% do total) de correções de desvios por omissão. Para ilustrar melhor, observamos em (18) e (19):

(18) Maria José. <†Lindalva Alves B> -> Maria José Lindalva Alves B (fólio 28 - V)

(19) liv[r]o -> livro (fólio 20 - V)

No exemplo (18), retirado de uma lista de nomes integrante do *Livro de Pontos e Reuniões*, observa-se uma omissão inicial de *Lindalva Alves B*, provavelmente por esquecimento da professora. Já a ocorrência (19) evidencia a omissão da letra *r* na grafia de *livro*, configurando-se uma correção de cunho ortográfica.

Por fim, foi identificada uma correção que aponta um desvio decorrente da alteração da ordem, representando 1% do total, com apenas 1 caso registrado. Podemos observar em (20):

(20) E lá na floresta eu vi um colhinho ~~assustado~~-A olhar-me assustado -> E lá na floresta eu vi um coelhinho A olhar-me assustado (fólio 30 - V).

No caso mencionado, percebe-se que a revisão realizada teve como motivação aspectos textuais. Optou-se pela supressão do termo *assustado* na primeira oração, mantendo-o somente na última, a fim de alterar sua ordem e evitar uma repetição. Ademais, identifica-se um erro na grafia da palavra *colhinho*, cuja

análise será abordada posteriormente na subseção referente aos desvios não revisados.

Feitas essas explicações podemos listar todas as revisões realizadas por Dona Agmar dos Santos.

Quadro 3: Desvios revisados do Livro de Pontos e Reuniões

Fólio	Contexto	Tipo de erro	Hipótese/observação	Fenômenos	Subsistema
2- R	línguag[ns]	substituição	substituição de letras não identificadas	substituição de uma letra por outra	ortográfico
4- R	D[omingo]	adição	adição de sobreposição de palavra	adição de palavra	textual
6 - R	[d]os	substituição	substituição de letras não identificadas	substituição de uma letra por outra	ortográfico
6- V	de[zs]enho	substituição	substituição de letra z por s	substituição de uma letra por outra	fonético/ ortográfico
7- V	Organi[z]ar	substituição	substituição da letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
8 - R	cres[c]ente	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
8- V	altográf[a]go	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
8- V	asp[e]to	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
8- V	s[u]sto	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
9- V	[R]esponda	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
9- V	[E]m	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
9- V	[Es]tudando	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
10 - R	((livro))	adição	adição de uma sobreposição de palavra	adição de palavra	textual
11- V	[N]ossa	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico

11- V	faze[n]da	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
12- V	2/5-4	adição	adição de operação matemática	adição de operação matemática	ortográfico
13- V	[E]scola	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
13- V	[4]	omissão	omissão de número	ausência de número	ortográfico
13- V	aul[a]s	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
14 - R	5[2]0	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
14- V	900x[3]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
14- V	liv[r]o	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
15- V	sôbre[9]	adição	adição de letra	adição de letra	ortográfico
15- V	aul[as]	omissão	omissão de letras para completude da palavra	ausência de letras	ortográfico
16 - R	P[a]sse	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
16 - R	[n]oz	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
16 - R	m[a]l	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
16 - R	<↑Visto>	omissão	omissão de palavra	ausência de palavra	textual
16- V	1[8]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
16- V	1.[9]60	substituição	substituição de número	substituição de número	ortográfico
17 - R	ma[çã]	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
17- V	Đ	adição	adição de letra	adição de letra	ortográfico
17- V	ca[i]jú	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
18- V	Pro[b]lema	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
19 - R	sossega[d]o	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico

19- V	mestiç[os]	substituição	substituição de letra	substituição de uma letra por outra	ortográfico
19- V	Negro	adição	adição de palavra	adição de palavra	ortográfico
19- V	[naturais]	substituição	substituição de palavra	substituição de palavra	ortográfico
19- V	(peri<x>ques)	omissão	omissão de letra	ausência de letra	fonético
20 - R	[caso]	substituição	substituição de palavra	substituição de palavra	ortográfico
20 - R	[6ª]	substituição	substituição de número e símbolo	substituição	ortográfico
20 - R	cas[o]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20 - R	Algaris[mo]s	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
20 - R	[e]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	corpo[s]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	d[o]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	liv[r]o	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
20- V	dramatisa[ç]ão	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	Ped[ro]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
20- V	Ca[te]dral	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
20- V	Vatica[n]o	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	[D]ia	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	de[r]ivados	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	[m]el	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
20- V	bal[as]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
21 - R	le[va]ntamos	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
21 - R	faz[er]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
21- V	V<↑itor>	substituição	substituição de palavra	substituição de palavra	ortográfico
22 - R	p[e]l[o]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico

22- V	[Carlos Luiz]	substituição	substituição de uma palavra pela outra	substituição de palavras	ortográfico
22- V	Sebasti[ão]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
22- V	[pago]	substituição	substituição de uma palavra pela outra	substituição de palavras	ortográfico
22- V	[João]	substituição	substituição de uma palavra pela outra	substituição de palavras	ortográfico
23 - R	Profes	adição	adição de palavra	adição de palavra	ortográfico
24- V	2[2]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
25- V	[A]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
25- V	letr[a]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
26- V	[neste]	substituição	substituição de palavra	substituição de palavra	ortográfico
26- V	d[e]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
26- V	[m]arç[o]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
26- V	dep[o]is	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
26- V	[do]	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
27 - R	[3]	substituição	substituição de número	substituição de número	ortográfico
27 - R	[2]	substituição	substituição de número	substituição de número	ortográfico
27 - R	[a]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
27- V	v[ã]o	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
27- V	a[u]las	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
27- V	ca[rr]egando	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
27- V	complet[e]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
27- V	colh	adição	adição de palavra	adição de palavra	ortográfico
28 - R	sô[br]e	omissão	omissão de letra para completude da palavra	ausência de letra	ortográfico
28 - R	pedi[r]	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
28 - R	ga	adição	adição de letras	adição de letras	ortográfico
28 - R	colh[in]ho	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico

28 - R	d[o]s	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
28- V	U[m]belina	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
28- V	<↑Lindalva Alves B>	omissão	omissão de palavras	ausência de palavras	textual
28- V	[l]solada	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico
29- R	[9]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
29- R	1[3]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
29- R	Yo[hi]da	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
29- R	[1]4	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
29- R	Ma[no]el	substituição	substituição de letras	substituição de letras	ortográfico
29- R	16[8]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
29- V	setena	adição	adição de palavra	adição de palavra extra	fonético
29- V	kquilo	adição	adição de letra	adição de letra	fonético
29- V	kqiles	adição	adição de palavra que logo foi substituída por outra forma de escrita	adição de palavra extra	fonético
30- R	[1]	substituição	substituição de um número por outro	substituição de número	ortográfico
30- V	está noite eu sai sozinho	adição	adição de palavra	adição de palavra	textual
30- V	E lá na floresta eu vi um colinho assustado A olhar-me assustado	alteração	desvio por alteração de ordem, já que a autora risca a palavra e logo escreve-a mais adiante	alteração de ordem de palavra	textual
30- V	ti[p]o	substituição	substituição de letra	substituição de letra	ortográfico

Fonte: Dados da pesquisa

Analisar os dados apresentados nos permite concluir que as correções evidenciam o processo de modificação e aprimoramento do texto. O fato de grande parte das alterações terem sido substituições nos revela que a gênese deste texto envolveu a reformulação de unidades já existentes, o qual a autora visou corrigir pequenos deslizes ou até mesmo aperfeiçoar a escrita, sem uma alteração drástica de conteúdo.

Posto isso, é evidente que a natureza das correções nos indica que o processo da gênese foi ortográfico e de aprimoramento da clareza textual, pois há poucas evidências de reestruturação e reorganização textual, havendo uma correção formal permeada por um polimento linguístico.

Se esses são os desvios que receberam um tratamento de revisão por parte da professora, resta-nos agora avaliar os não corrigidos no *Livro de Pontos e Reuniões*. É o que faremos na próxima subseção.

4.2.6 Desvios não revisados do *Livro de Pontos e Reuniões*

Nesta subseção, analisaremos os desvios não revisados por Dona Agmar no *Livro de Pontos e Reuniões*. Como mostramos na subseção dedicada a analisar esse mesmo ponto no *Caderninho de Memórias*. A tabela 5 nos permite apresentar os dados dos desvios não revisados do *Livro de Pontos e Reuniões*, que totalizaram 67.

Tabela 5: Desvios não revisados - *Livro de Pontos e Reuniões*

Tipo	Qtd.	%
adição	24	35,8%
omissão	27	40,3%
substituição	16	23,9%
Total geral	67	100,0%

Fonte: Autoria própria

A Tabela 5 revela que o tipo de desvio mais recorrente, com 27 incidências (40,3% do total), foi o que se explica por omissão. Vemos exemplos desse caso a seguir:

(21) frutas - saborosa -> frutas saborosas (fólio 21 - R)

(22) trazer um colhinho -> trazer um coelhinho (fólio 28- R)

Em (21), há uma ausência de *s* para marca de plural em *saborosas*. Essa concordância nominal variável, certamente fruto da influência dos usos da oralidade na escrita. No exemplo (22), observa-se a forma *colhinho* em lugar de *coelhinho*, o que sugere a omissão da vogal /e/. Embora seja possível que se trate de um lapso

decorrente de desatenção, não se pode descartar a influência da oralidade ou de variantes fonéticas do português falado à época, fatores que podem ter repercutido na realização gráfica da palavra.

Com 24 evidências (35,8% dos usos não revisados), aparecem os desvios por adição. Evidenciamos dois usos a seguir:

(23) Qual foi o trouco? -> Qual o troco? (fólio 11 - V)

(24) premeios -> prêmios (fólio 25 - R)

Nos exemplos (23) e (24), os desvios observados nas formas *trouco* e *premeios* devem ser interpretados como erros de natureza ortográfica, não decorrentes da influência da oralidade. Em (23), a grafia *trouco*, em lugar de *troco*, apresenta o acréscimo espúrio da letra *u*, resultando na sequência *ou*, ausente na forma padrão. Esse acréscimo não corresponde a qualquer traço fonético da palavra e parece ser motivado por analogia gráfica com formas como *trouxe* ou *pouco*, nas quais *ou* é regular e frequente. Trata-se, portanto, de um caso de projeção indevida de padrões ortográficos internalizados. Em (24), a forma *premeios* por *prêmios* envolve a inserção de uma vogal medial *e*, caracterizando um caso de epêntese vocálica, comum entre escreventes em fase de consolidação da norma escrita, sobretudo diante de encontros consonantais como */pr/*, de difícil segmentação. A omissão do acento gráfico agrava o desvio, mas ambos os fenômenos apontam mais para insegurança na codificação da forma padrão do que para variações fonético-fonológicas legitimadas pela oralidade.

Os desvios por substituição ocorreram em 16 casos (23,9% do total). Percebe-se que eles são trocas realizadas que não afetam o texto em si, mas sua estrutura. Para ilustrar melhor, apresentamos dois exemplos (25) e (26):

(25) taboada do 2 -> tabuada do 2 (fólio 26 - V)

(26) corria atraz da bola -> corria atrás da bola (fólio 12 - R)

No dado (25), podemos inferir que é um exemplo de um fenômeno linguístico fonológico, pois envolve a alternância vocálica, com a substituição da vogal */u/* e de */o/*, na mesma posição silábica. Esse tipo de alternância, embora não sistemático na língua, pode ocorrer por proximidade articulatória entre */u/* e */o/* — ambas vogais

posteriores e arredondadas — ou por analogia lexical com palavras de terminação semelhante, como *feijoada* ou *ensaboada*, mais frequentes no repertório escrito e oral. Em (26), a forma *atrás*, em lugar de *atrás*, constitui um erro ortográfico decorrente da substituição do grafema *s* por *z* em posição final. Embora essa troca seja relativamente comum na escrita, especialmente em contextos de aquisição da norma, ela não encontra respaldo fonológico, já que o som final da palavra é inequivocamente o fonema /s/, e não /z/. O desvio reflete uma insegurança ortográfica ligada à proximidade articulatória e à homofonia parcial entre *s* e *z* em outras posições do vocábulo, mas, neste caso específico, trata-se de um uso graficamente inadequado, sem motivação fonética ou variacional legítima.

A relação completa de desvios não revisados pode ser acessada no Quadro 4 que dispomos a seguir:

Quadro 4: Desvios não revisados do Livro de Pontos e Reuniões

Fólio	Contexto	Tipo de Erro	Hipótese/observação	Fenômenos	Subsistema
2 - R	2 pontos por palavras errada	adição	adição da letra <i>s</i> [palavra]	adição de letra	fonético
2 - R	14 ponto	omissão	omissão do <i>s</i> para marca de plural [pontos]	ausência de marca de plural	gramatical
3 - R	sobre as matricula durante	omissão	omissão do <i>s</i> para marca de plural [matriculas]	ausência de marca de plural	gramatical
4 - V	Pslano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
4 - V	Pslano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [Pslano]	adição de letra	ortográfico
5 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
6 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
6 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
7 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
8 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra <i>s</i> [aula]	adição de letra	fonético
8 - R	Scola	omissão	omissão da letra <i>e</i> para completude de [escola]	omissão de letra	ortográfico
8 - R	ordem decrescente de de	adição	adição e repetição da preposição <i>de</i>	repetição de palavra	ortográfico
8 - V	altográfago	adição + substituição	desvio por adição devido ao acréscimo da sílaba <i>fa</i> , entretanto por substituição pela troca de <i>u</i> por <i>l</i> , provavelmente	adição de sílaba e substituição de letra	ortográfico/morfossintático

			pela fonética da palavra [autógrafo]		
9 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
11 - V	Qual foi o trouco?	adição	adição da letra u [troco]	adição de letra	ortográfico
12 - R	corria atrás da bola	substituição	substituição da letra s pela z [atrás]	substituição de letra	ortográfico
13 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
14 - R	Questionário	omissão	omissão da letra e [questionário]	ausência de letra	ortográfico
15 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
15 - R	2 kilos de arroz	substituição	substituição de qu por k, provavelmente pela fonética da palavra [quilos]	substituição de letra	ortográfico
15 - R	5 kilos de feijão	substituição	substituição de qu por k, provavelmente pela fonética da palavra [quilos]	substituição de letra	ortográfico
15 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
15 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
15 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
15 - V	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
16 - R	Plano de aulas	adição	adição da letra s [aula]	adição de letra	fonético
16 - V	dei 2/3 de Cr\$ 210 a meu irmão	omissão	omissão do o na preposição [ao]	ausência de letra	gramatical
19 - V	cafusos	substituição	substituição da letra z pela s [cafuzos]	substituição de letra	ortográfico
19 - V	Tipos de experiencias	substituição	substituição da letra x pela s [experiências]	substituição de letra	ortográfico
19 - V	outras experiencias no algodão	substituição	substituição da letra x pela s [experiências]	substituição de letra	ortográfico
19 - V	fazer um cadernos	adição	adição da letra s [caderno]	adição de letra	ortográfico
20 - R	Carta enigmática	substituição	substituição da letra i pela e [enigmática]	substituição de letra	fonético
20 - R	fraços	omissão	ausência da letra e para completar a palavra [frações]	ausência de letra	ortográfico
20 - R	inleiras	substituição	substituição da letra t pela l, possivelmente pelo esquecimento de fazer o traço no T [inteiras]	substituição de letra	ortográfico
20 - R	fala a hora que entra	omissão	ausência da letra r para marcar o infinitivo do verbo [falar]	ausência de marca de infinitivo	gramatical

20 - V	dramatização	substituição	substituição da letra z pela s [dramatização]	substituição de letra	ortográfico
20 - V	papa Basica São João	omissão + substituição	desvio por omissão já que falta uma sílaba /i/, entretanto poe substituição pela troca do a pelo o [basílica]	ausência de sílaba na palavra e substituição de letra	ortográfico
21 - R	frutas - saborosa	omissão	omissão do s para marca de plural [saborosas]	ausência de marca de plural	gramatical
21 - V	haverá uma provas	adição	adição do s [prova]	adição de letra	ortográfico
21 - V	não há reunia em junho	omissão	omissão da letra o para completar a palavra [reunião]	ausência de letra	ortográfico
21 - V	o numeros de 12	omissão	omissão da letra s para marcação de plural do artigo [os]	ausência de marca de plural	gramatical
23 - R	e ouve uma confusão	omissão	omissão da letra o para a completude do verbo [houve]	ausência de letra	ortográfico
23 - R	Peço o senhor	omissão	omissão do a na preposição [ao]	ausência de letra	ortográfico
23 - R	Peço o senhor	omissão	omissão do a na preposição [ao]	ausência de letra	ortográfico
23 - R	pelo mor de Deus	omissão	omissão da letra a [amor]	ausência de letra	ortográfico
23 - R	dar um geito	substituição	substituição da letra j pela letra g, provavelmente pela fonética da palavra [jeito]	substituição de letra	ortográfico
25 - R	premeios	adição	adição da letra e [prêmios]	adição de letra	ortográfico
26 - V	só uma continhas	adição	adição do s [continha]	adição de letra	gramatical
26 - V	taboada do 2	substituição	substituição da letra u pela o [tabuada]	substituição de letra	fonético
27 - V	quais as pessoas que reúne	omissão	ausência do m para marcar a concordância verbal [reunem]	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
27 - V	um colhinho carregando	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
27 - V	colhinho na toca	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
27 - V	leitura dramatização	substituição	substituição da letra z pela s [dramatização]	substituição de letra	ortográfico
27 - V	o colhinho	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
27 - V	O colhinho	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
28 - R	colhelhinho	omissão+adição	omissão da letra e, contudo adição da sílaba /hi [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
28 - R	trazer um colhinho	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
28 - R	o colhinho	omissão	omissão da letra e [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico

28 - R	que eles come	omissão	ausência do <i>m</i> para marcar a concordância verbal [comem]	ausência de marca de concordância verbal	morfossintático
28 - R	o alimento do colhinho	omissão	omissão da letra <i>e</i> [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
29 - V	sentena	substituição	substituição da letra <i>c</i> pela <i>s</i> [centena]	substituição de letra	ortográfico
30 - V	um colhinho	omissão	omissão da letra <i>e</i> [coelhinho]	ausência de letra	ortográfico
30 - V	provas apricada	substituição + omissão	substituição do <i>/</i> pelo <i>r</i> , bem como omissão do <i>s</i> para marcação de plural [aplicadas]	substituição de letra e ausência de marca de plural	fonético

Fonte: Dados da pesquisa

Mais uma vez é preciso fazer considerações sobre as interferências da fala na escrita, observadas no *Livro de Pontos e Reuniões* da professora Agmar dos Santos. Tais usos têm relação com a variedade *rurbana* que certamente ela utilizava corriqueiramente. Sobre isso, vale a pena reservarmos aqui um espaço para a comparação dos resultados gerais que obtivemos na análise dos desvios dos dois manuscritos de Dona Agmar. Nosso mapeamento encontrou, no *Livro de Pontos e Reuniões*, 67 usos que mereceriam correções, frente às 100 ocorrências revisadas pela professora, as revisões não realizadas representam 38% do total. Comparando esse dado ao do *Caderninho de Memórias*, no qual os desvios não revisados atingiram um percentual de 55% frente ao total, somos obrigados a concluir que Dona Agmar exerceu no *Livro* um maior cuidado e controle sobre a sua linguagem. O resultado não chega a surpreender, uma vez que a natureza dos materiais é completamente dissemelhante, a evidenciar também os distintos papéis sociais da autora durante a escrita: se um deles se configura como instrumento de trabalho de docência, podendo inclusive ser visto — e avaliado — por alunos e colegas da escola, o outro é uma produção carregada de emoção e memórias com uma circulação que não pretendia ultrapassar as paredes de sua própria casa.

Realizada essa observação, podemos ir para a última subseção deste capítulo, avaliando as abreviaturas constantes no *Livro*, o que faremos adiante.

4.2.7 As abreviaturas do Livro de Pontos e Reuniões

Nesta subseção, temos como objetivo principal realizar um levantamento sistemático das abreviaturas empregadas pela professora Agmar dos Santos no

Livro de Pontos e Reuniões. Para isso, apresentamos, na Tabela 6, a frequência desse procedimento.

Tabela 6: Frequência das abreviaturas encontradas no *Livro de Pontos e Reuniões*

Abreviatura	Qtd.	%
alf.- alface	1	1,0%
aument. - aumentativo	1	1,0%
barq. - barquinhos	1	1,0%
ca- caso	1	1,0%
cal - cálculo	4	3,8%
cent. - centena	1	1,0%
cm-centímetro	1	1,0%
conh. - conhecimento	1	1,0%
D. - dona	7	6,7%
dam- decâmetro	1	1,0%
dem. - demais	1	1,0%
descont - descontar	1	1,0%
dez. - dezena	1	1,0%
diminut.- diminutivo	1	1,0%
dit. - ditado	1	1,0%
dm-decímetro	1	1,0%
Dr. - Doutor	2	1,9%
ex. - exemplo	1	1,0%
F. - Fernandes	1	1,0%
fem. - femininas	1	1,0%
frigorif - frigorífico	1	1,0%
h. - horas	1	1,0%
hm-hectômetro	1	1,0%
I. - Isolada	2	1,9%
k - quilo	4	3,8%
km. - quilômetro	1	1,0%
m-metro	1	1,0%
M. - municipal	2	1,9%
M ^a - Maria	3	2,9%
masc. - masculinos	1	1,0%
mulp. - multiplicação	1	1,0%
multip.- multiplicação	1	1,0%
multipl. - multiplicação	1	1,0%

Oliv. - Oliveira	1	1,0%
p. - plural	1	1,0%
p/ - para	1	1,0%
pg. - pago	24	23,1%
prof. - professoras	1	1,0%
prof ^a - professora	4	3,8%
q. - queijo	1	1,0%
queij.- queijo	1	1,0%
R. - resposta	6	5,8%
res - resto	1	1,0%
Resp. - resposta	1	1,0%
S. - Santo	1	1,0%
S. - São	4	3,8%
sol. - solução	3	2,9%
soluc. - solução	1	1,0%
subs.- subtração	1	1,0%
tab.- tabuada	1	1,0%
unid. - unidade	1	1,0%
Total geral	104	100,0%

Fonte: Autoria própria

A lista acima mostra uma grande diversidade de abreviaturas. A mais comum delas, atingindo 23%, é “Pg” por “pago”, explicado pelo fato de que o manuscrito possui muitas listas de nomes com controle de pagamento. Além dessa, aparece o pronome de tratamento “D.”, com quase 7% do total. O uso de “R.” ou por “Resp.” por “resposta” — procedimento comum em ambiente escolar — vem na sequência.

Outro ponto a observar é que as abreviaturas foram utilizadas, seja para poupar espaço e tempo da escrita, seja por questões de aquisição, uma vez que essa foi a forma adquirida, e foi assim que ela as reproduziu, ainda que não lançasse mão de uma forma padrão. Por exemplo, usa-se “k” ao invés de “kg”. Também se usa “prof.” ou “prof^a” como pronome de tratamento feminino.

Encontramos casos de variações de abreviaturas para indicar uma mesma palavra, como é o caso do uso de “mulp.”, “multip.” ou “multipl.” por “multiplicação; de

“q.” e “queij.” por “queijo”; ou ainda, “sol.” e “soluc.” por “solução”.

E há, claro, abreviaturas que seguem o padrão estabelecido. É o caso de “cm” por “centímetro”; de “dam” por “decâmetro”; “Dr.” por “Doutor”, “hm” por “hectômetro”; “km” por “quilômetro”; “m” por “metro” e “M^a” por “Maria”.

Esse levantamento revela complexidade e diversidade significativa, refletindo tanto a necessidade de economia de espaço e tempo quanto a falta de padronização na escrita. As características presentes nas abreviaturas são fundamentais para compreender a gênese do manuscrito, pois refletem aspectos de escrita da autora, como seu estilo e o contexto de produção. Dessa forma, a análise das abreviaturas se revela uma ferramenta essencial para entender a prática de escrita e o processo de criação do manuscrito. Ao examinar esses elementos, podemos aprofundar nossa compreensão da escrita da professora, alcançando assim uma visão mais detalhada da origem e do significado do manuscrito.

Realizada essa descrição, podemos finalmente ir para as Considerações finais, em que o leitor terá acesso aos manuscritos aqui estudados em imagem fac-símile e por meio de nossa transcrição.

Considerações finais

Ampliar os olhares para a história da educação, é dar a ver quem a fez tão importante, é tornar visível uma experiência concreta de luta e de criação de sentido por parte de uma mulher negra, professora, pioneira em um espaço ainda em formação. O objetivo desta pesquisa foi buscar reconstruir o processo de escrita dos dois manuscritos inéditos da professora Agmar dos Santos, o *Caderninho de Memórias* e o *Livro de Pontos e Reuniões*, com base em vestígios materiais, por meio de estudos teóricos da Crítica genética. Assim, procuramos dar luz aos primeiros dados da autora e de seu material inacabado, que foi iniciado em 1970 e se faz presente no acervo do Patrimônio Histórico de Maringá.

Notamos que a escrita do *Caderninho de Memórias* foi primordial e serviu, como relatado pelos familiares, de um legado extraordinário para que filhas e netas seguissem a carreira docente e pudessem continuar o trabalho de Dona Agmar com amor e excelência. Esse carinho pela profissão perpassa a sala de aula, uma vez que, notado nas entrevistas, a professora sentia-se extremamente orgulhosa por sua profissão e por tudo que pôde fazer pela educação maringaense, além de ter sido conhecida como a primeira professora da zona rural do município de Maringá. Ademais, percebe-se que sua preocupação não se restringia ao ensino em sala de aula, mas se estendia ao cuidado extraescolar com os alunos. O *Caderninho de Memórias* registra nomes de remédios e suas finalidades, o que, aliado ao relato da professora em sua entrevista audiovisual, indica uma atenção concreta à saúde dos estudantes.

As análises das variantes encontradas nos manuscritos nos fornecem embasamento para entender o processo da gênese dos documentos, sem fins de avaliação positiva ou negativa, já que a língua passa por mudanças constantes e as variantes são comuns em nossas falas e escritas. A Análise dos 35 *desvios revisados* no *Caderninho de Memórias* evidencia que Dona Agmar partiu de uma escrita espontânea, de um mesmo modo que as correções revelam tanto seus desafios com a escrita quanto suas estratégias de superação, a fim de compreender aspectos relevantes da gênese textual e da intencionalidade que guiava sua relação com a linguagem. Já os 46 *desvios não revisados* no *Caderninho* indicam uma forte influência da oralidade na escrita, refletindo diversos fenômenos do português brasileiro falado. Cabe ressaltar que a natureza do material, voltado à memória e ao

relato, aproxima-se de gêneros orais e explicita a linguagem híbrida utilizada no manuscrito. Quando se estuda o *Livro de Pontos e Reuniões*, encontram-se 100 dados de *desvios revisados*, que nos apontam para um processo mais avançado de refinamento textual, focando na correção ortográfica e clareza do texto. As revisões realizadas indicam um esforço consciente de lapidação textual, sem profundas alterações no conteúdo, de forma a reforçar que é um texto mais amadurecido em termos de forma e gênese. Os *desvios não revisados* do mesmo manuscrito, 67, reiteram a presença de marcas da oralidade e variedade rurbana utilizada pela professora. Entretanto revela um maior cuidado em sua revisão do que no *Caderninho* — se compararmos que a proporção que houve foi de 38% de *desvios não revisados* no *Livro de Pontos e Reuniões* e 55% de *desvios não revisados* no *Caderninho*. Essa diferença pode ser atribuída aos distintos contextos de produção, enquanto o *Livro de Pontos e Reuniões* exercia função pedagógica, o *Caderninho* guardava um caráter íntimo e memorialístico.

De um mesmo modo, evidencia-se que, como os materiais não tinham a intenção de serem publicados ou divulgados ao público, não passaram por um processo de revisão e também não passaram por uma releitura feita pela professora. Em função disso, são permeados de formas variáveis típicas do rurbano, visando a posição social que a professora ocupava: moradora da zona rural.

No ato de redigir o *Caderninho de Memórias*, percebe-se que a professora tinha o firme propósito de compartilhar suas motivações e seu envolvimento com a educação em Maringá. Nisso, vemos a importância e o zelo da professora em mostrar como foi importante sua carreira, mesmo com as dificuldades que enfrentou. Já na redação do *Livro de Pontos e Reuniões*, nota-se o seu empenho na elaboração dos planejamentos e da rotina escolar, em tempos em que a organização burocrática da educação municipal estava em período inicial. Ainda assim, a professora revelou indícios de que participava de um processo formativo, mesmo na ausência de qualquer orientação pedagógica e direcionamento centralizado à época de escrita do manuscrito, demonstrando iniciativa na preparação das aulas com base em sua própria definição de conteúdos. Mesmo diante das adversidades, a professora demonstrava iniciativa e compromisso com a docência, traços relevantes de sua trajetória profissional.

Embora os manuscritos não tenham sido estudados em vida, cabe à Crítica genética, enquanto campo de investigação, analisar os vestígios do processo de

escrita neles presentes. A nós, pesquisadores, cabe também o papel de tornar esse material acessível e significativo, contribuindo para a valorização da história da educação maringaense.

Com este trabalho, buscamos atribuir uma nova finalidade aos manuscritos, produzidos há cerca de meio século. Nesse sentido, assumimos aqui o compromisso de reconstruir a história dessa importante figura para os primórdios da cidade de Maringá, tão relevante para a História da educação maringaense: a primeira professora municipal, Agmar dos Santos, a quem esperamos aqui ter dado voz.

Referências

ACADEMIA Brasileira de Letras. **Nossa língua: reduções**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/reducoes>. Acesso em 21 mar. 2025.

AMARO, Hudson Siqueira; RODRIGUES, Isabel Cristina. Educação municipal em Maringá: uma história em meio século. In: **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Org. Reginaldo Benedito Dias, José Henrique Rollo Gonçalves. Maringá: EDUEM, 1999.

BIASI, Pierre-Marc de. **A genética dos textos**. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madri: Castália, 1983.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; ROCHA, Maria do Rosário. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Sílvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Org.) **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A contribuição da análise de redes ao ensino da língua materna. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola e agora? Sociolinguística e Educação**. São Paulo, 2005 (p. 83-102)

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004 (p. 51-70)

CAETANO, Loide. **Dirce de Aguiar Maia: uma mulher à frente do seu tempo**. Maringá: A. R. Publisher, 2021. 218 p. ISBN 978-65-861-7073-3.

CALIL, Eduardo. Cadernos de histórias: o que se repete em manuscritos de uma criança de 6 anos?. In: BLAS, Verónica Sierra (ed.). **Mis primeros pasos. Alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)**, Gijón: TREA, 2008.

CAMARGO, Ana Maria de Oliveira. **Arquivos pessoais são arquivos**. Belo Horizonte: Revista do Arquivo Público Mineiro, 2009 (p. 26-39).

CAMBRAIA, Cesar Nardelli; OLIVEIRA, Gilvan Müller de; MEGALE, Heitor; MODOLO, Marcelo; FERREIRA, Permínio Souza; TOLEDO NETO, Sílvia de Almeida; LOBO, Tania; KLAMT, Valdemir. Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil. In: MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvia Almeida (Orgs.) **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2005.

CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça; HORTA, Bruno Defillipo. Bidialetalismo na escola pública. In: CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. **Dos dialetos populares às variedades cultas: a Sociolinguística na escola**. 2. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014 (p. 189-204)

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de Crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994].

KUBASKI, Derek. **A professora que educou o Paraná**: Leonor Lezan. Gazeta do Povo. Curitiba. Sem página. 28 ago. 2012. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/falecimentos/a-professora-que-educou-o-parana-2gb1zpjlm4mo874jbwy64rccu/>. Acesso em 20 mar. 2025.

LUZ, France. A migração através dos dados dos registros de casamentos dos cartórios da microrregião norte novo de Maringá. In: **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Org. Reginaldo Benedito Dias, José Henrique Rollo Gonçalves. Maringá: EDUEM, 1999.

LUZ, France. Maringá: a fase de implementação. In: **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Org. Reginaldo Benedito Dias, José Henrique Rollo Gonçalves. Maringá: EDUEM, 1999.

MARINGÁ. Prefeitura do Município. Secretaria de Cultura. Gerência de Patrimônio Histórico. **Depoimento de Professoras Pioneiras de Maringá - Maringá**: Mondrian, 2018. (p. 13-37)

MARINGÁ. Prefeitura do Município. Secretaria de Cultura. Gerência de Patrimônio Histórico. **Arquivo Histórico do Município de Maringá. Coleções Particulares. Agmar dos Santos**. Pasta 6 “A”. Ficha 037. 2024.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução à Crítica genética**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PONTIFÍCIA Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Manual de redação da PUCRS**. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/manualred/index.php>. Acesso em 21 mar. 2025.

REIS, Osvaldo. **1947-2004 - Maringá - A História em Conta-gotas**. Maringá: Gráfica Primavera, 2004.

SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3ª ed. revista. São Paulo: EDUC, 2008.

SANCHES, Antenor. **Maringá, outrora e agora**. Maringá: Bertoni - Gráfica e Editora, 2006.

TAIT, Tania Fatima Calvi. As excluídas da história: o olhar feminino sobre a formação de Maringá. In: **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Org. Reginaldo Benedito Dias, José Henrique Rollo Gonçalves. Maringá: EDUEM, 1999.